UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

A TRAJETÓRIA "MÃE BILINA" DE LARANJEIRAS (1879-1974): "NASCI PRA SER A DONA DAS COLÔNIAS DE SANTA BÁRBARA".

Maria da Conceição Bezerra dos Santos Sobrinha

São Cristóvão
Sergipe – Brasil
2023

Maria da Conceição Bezerra dos Santos Sobrinha

A TRAJETÓRIA "MÃE BILINA" DE LARANJEIRAS (1879-1974): "NASCI PRA SER A DONA DAS COLÔNIAS DE SANTA BÁRBARA".

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestra em História, na área de concentração Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Petrônio José Domingues.

São Cristóvão
Sergipe – Brasil
2023

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Santos Sobrinha, Maria da Conceição Bezerra dos
S237t A trajetória "Mãe Bilina" de Laranjeiras (1879-1974) : "Nasci pra ser a dona das colônias de Santa Bárbara" / Maria da Conceição Bezerra dos Santos Sobrinha ; orientador Petrônio José Domingues. – São Cristóvão, SE, 2023.
237 f. : il.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, 2023.

1. História - Laranjeiras (SE). 2. Folclore 3. Taieira. 4. Cultura brasileira. 5. Cultura popular. 6.Araújo, Belina, 1879-1974. 7. Mulheres, negras I. Domingues, Petrônio José orient. II. Título.

CDU 94:008(813.7)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA-PROHIS

Ata de Defesa da Dissertação de Mestrado da aluna MARIA DA CONCEIÇÃO BEZERRA DOS SANTOS SOBRINHA em 14 de abril de 2023.

Aos quatorze dias do mês de abril de dois mil e vinte e três, às nove horas, realizou-se, por meio plataforma virtual Google Meet, nos termos da Portaria nº 413 de 27/05/2020, a sessão de defesa de Dissertação: **A trajetória "Mãe Bilina" de Laranjeiras (1879-1974): "nasci pra ser a dona das Colônias de Santa Bárbara"** apresentada pela aluna **MARIA DA CONCEIÇÃO BEZERRA DOS SANTOS SOBRINHA**, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de **MESTRE EM HISTÓRIA**, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Augusto da Silva, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe. A Banca Examinadora foi composta pelo Prof. Dr. Petrônio José Domingues (PROHIS/UFS), orientador da candidata e Presidente da Banca Examinadora, Prof. Dra. Camila Barreto Santos Avelino Dornelles (PROHIS/UFS), Examinadora Interna, e Prof. Dra. Yérsia Souza de Assis (UFRB), Examinadora Externa. A participação dos examinadores ocorreu a distância, por meio de webconferência. Declarada aberta a sessão, o Presidente concedeu a palavra a candidata para que fizesse a apresentação de sua Dissertação. Ao término da apresentação, o presidente passou a palavra aos membros da Banca Examinadora que iniciaram a arguição. Ao término de cada arguição, o Presidente da Banca Examinadora concedeu a palavra a candidata para que respondesse a arguição feita pelos membros da Banca Examinadora. Encerrados os trabalhos de arguição, o Senhor Presidente, juntamente com os membros da Banca Examinadora e na ausência da candidata, deu início à avaliação e redação do parecer final, tendo sido atribuída a candidata a seguinte menção: ( ) APROVADA ou ( ) REPROVADA. Em seguida, a banca emitiu um breve parecer sobre a avaliação geral do trabalho da aluna **MARIA DA CONCEIÇÃO BEZERRA DOS SANTOS SOBRINHA**, a saber:

_____.

O Presidente da banca examinadora proclamou o resultado a candidata **MARIA DA CONCEIÇÃO BEZERRA DOS SANTOS SOBRINHA**, **MESTRE EM HISTÓRIA**. Não havendo mais nada, o Presidente encerrou a sessão, cujos trabalhos são objetos desta ata, lavrada por mim, Augusto da Silva, secretário *ad hoc* do PROHIS, a qual assino juntamente com os membros da Banca Examinadora. Cidade Universitária "Prof. José Aloísio de Campos", 14 de abril de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA-PROHIS

_____
Augusto da Silva
Secretário *ad hoc* do PROHIS

_____
Prof. Dr. Petrônio José Domingues
Presidente da Banca Examinadora

_____
Profa. Dra. Camila Barreto Santos Avelino Dornelles
Examinadora Interna

_____
Profa. Dra. Yérsia Souza de Assis
Examinadora Externa

_____
Maria da Conceição Bezerra dos Santos Sobrinha
Mestranda

[...] Ora pois, quando fomos amarradas e lançadas na fornalha
Em sua mais alta temperatura
Por não nos dobrarmos diante do trono de nenhum senhor
Foi que Deize se revelou a nós
Nascemos em manjedouras
E depois de crucificadas, ressuscitamos
Deize são as Yabás falando ao pé do meu ouvido
Juntas em unção
Fizemos da cruz, encruzilhada
Nos levantamos do vale de ossos secos
Transformamos pranto em festa [...]
Conhecemos os mistérios por com eles andar
Não mais calvário
Arrebatamos das mãos do senhor
As chaves de nossas cadeias
Dancemos engenhosas e aprendamos a voar
Para respirarmos submersas em águas vivas
Superabundantes
Em Kalunga
Somos eternais.

(Eu não vou morrer – Ventura Profana)

Dedico esta dissertação às minhas queridas ancestrais Dona Deolinda e Tia Nega (in memoriam). Gratidão por todos os ensinamentos.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um exercício às vezes difícil, mas com certeza necessário. Difícil pela possibilidade de esquecimento de alguém, que mesmo minimamente, tenha ajudado na feitura deste trabalho, e talvez não receba o devido reconhecimento. Desde já, agradeço aos esquecidos.

Agradeço aos professores do Curso Preparatório para Alunes Negres (GETEQ), na pessoa da professora Tereza Martins, que me auxiliaram a chegar neste momento no qual eu me encontro. A minha gratidão aos senhores será eterna, especialmente por serem referências nas quais eu posso me inspirar.

O meu muito obrigada a Thaís e Luisa, queridas amigas que o ofício de historiadora me proporcionou. Seguimos juntas no bem querer mútuo. Gratidão pelos momentos de desabafo e presença sempre reconfortante e amiga.

Agradeço aos meus querides amigues, malungues, do Coletivo Beatriz Nascimento (CNBN), com os quais tenho amadurecido e crescido desde o ano de 2018. Hall, Nathaly, e Carol, muito obrigada por me ensinarem o significado do que é ser quilombo.

A Hiago e Edwyn, pelo companheirismo e irmandade em um ambiente muitas vezes tão inóspito para nós, como é a academia. Vocês sempre me fizeram sentir em casa, mesmo que eu não estivesse, por isso sou grata e vibro com cada um de vocês.

Às pessoas que me concederam entrevistas, Adelaide Ribeiro, Severo D'Acelino, Frei Florêncio e Beatriz Góis Dantas. À professora Beatriz, agradeço pela ajuda desmedida e contribuição com indicações de fontes e de referências bibliográficas. Seu amor por Mãe Bilina me ensina muito. Muito obrigada!

Aos profissionais do Arquivo Judiciário de Sergipe, na pessoa de Matos, que tanto me ajudou e me acolheu. E aos profissionais do Arquivo Público do Estado de Sergipe.

Aos professores do PROHIS, de modo especial ao Professor Carlos Malaquias, sob a orientação do qual participei do primeiro projeto de iniciação científica, no qual aprendi entrei em contato com a leitura paleográfica, que tanto utilizei ao longo desta pesquisa. Muito, muito obrigada, professor! Ao professor Augusto, sempre tão querido e acolhedor. Muito obrigada pela ajuda na construção desta dissertação e por todos os ensinamentos com afabilidade e leveza ao longo da graduação e do mestrado.

Ao professor Petrônio, pela orientação e paciência.

À professora Camila Avelino, pelas contribuições dadas a esta dissertação.

À professora Yérsia Assis, por tudo que fez e têm feito por mim, pelo CNBN e por nossa sociedade. Seus cansaços e esforços nos fortalecem e glorificam os nossos ancestrais. Muito obrigada por ter aceitado participar deste trabalho. Para mim foi uma honra ter contado com as suas colaborações.

A todos aqueles que rezaram por mim e torceram pelo restabelecimento de minha saúde. Sem os quais não teria tido a força necessária para me recuperar.

A Selton, pelo nosso encontro e pela sua paciência com relação à realização desta pesquisa. Nos encontramos pela primeira vez, quando fui comprar um livro sobre Mãe Bilina e espero que assim como ela, você me acompanhe pelo resto dos meus dias aqui na terra. Muito obrigada querido.

À minha família, pelo amor e cuidados desmedidos para comigo. Aos meus irmãos Agda e Felipe, por terem me acompanhado até aqui, auxiliando mainha nos cuidados dirigidos a mim. À minha madrinha Ceça, por ter me assumido junto com a minha mãe, meu coração é extremamente grato.

À mainha, pela superação de todas as dificuldades e por continuar me amando em minhas fragilidades, em meio a tantas tristezas e abandonos, espero que este seja um momento de alegria para a senhora.

À minha avó Tereza, que tem uma história tão parecida com Mãe Bilina. Vó, muito obrigada, por não ter se deixado abater pela sua vida que foi tão difícil e ter sido sempre uma pessoa muito boa, carinhosa e preocupada. Se a família Bezerra é o que é, devemos muito à senhora, que nos deu a nossa, fé, o nosso amor, a nossa união, eu te amo do fundo do meu coração. E espero que um dia a senhora sinta por mim 1% do orgulho que eu sinto por ser sua neta. Muito, muito, muito obrigada.

Aos nagôs de Laranjeiras, pessoas excepcionais, que me acolheram tão bem. Sergipe ainda não tem plena consciência da importância dos senhores e de como são imprescindíveis para a nossa história e cultura. O meu agradecimento especial à lôxa Dona Barbara Cristina, à Dona Cisa e ao patrão Júnior. À família do antigo patrão, Seu Zé Maria, de modo especial à

minha querida Dona Deolinda (*in memoriam*) e à sua irmã Marizete. À Dona Aparecida e a Damásio, o meu muito, muito obrigada.

À minha amada Mãe Bilina. Por ter me escolhido, junto com o Pai da Costa, para realizar este trabalho. A senhora revolucionou a minha vida. E eu amo, a amo, a amo. Espero que este trabalho ajude as pessoas a te conhecerem, a te reconhecerem, a te respeitarem e a propagarem o seu legado.

A Deus e aos orixás da Costa, de modo especial ao Pai da Costa, por terem me sustentado até aqui. Uma nagô uma vez me ensinou que era necessário ter muita fé e eu tenho. Gratidão por terem me sustentado em minha enfermidade, me dando a graça de vivenciar este momento de alegria, de vitória.

RESUMO

Esta dissertação se dedica a estudar a trajetória de Umbelina Araújo, “Mãe Bilina” de Laranjeiras. Primeira *aloxa* da Irmandade de Santa Bárbara Virgem e liderança das taieiras de Laranjeiras. Nascida em 21 de agosto de 1879, descendia de dois negros egressos do cativeiro, sendo neta de quatro africanos, dos quais herdou o seu amor e respeito ela cultura africana. Umbelina faleceu na madrugada do dia 27 de setembro de 1974, aos 95 anos de idade, cheia de arrependimentos por não ter ido conhecer a África. Mas ao longo da sua longeva vida, buscou construir a sua emancipação e a da sua comunidade nagô. Ao longo das próximas páginas, buscaremos compreender como se dera as primeiras décadas do pós-abolição na cidade de Laranjeiras-SE, por meio da trajetória de Dona Umbelina.

Palavras-chaves: Pós-abolição; Laranjeiras-Sergipe; Umbelina Araujo.

LISTA DE ABREVIATURAS

AGJES – Arquivo Geral do Judiciário do Estado de Sergipe

APES – Arquivo Público do Estado de Sergipe

BPED – Biblioteca Pública Epifânio Dórea

UFS – Universidade Federal de Sergipe

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-Antonio Henriques dos Santos. 76

Figura 2- Dr. Pedro Garcia Moreno. 81

Figura 3: As taierias em 1972. 129

Figura 4- Dona Lourdes Santos em 2002..... 133

Figura 5 - A Chegança Almirante Tamandaré na procissão fluvial de Bom Jesus dos Navegantes na década de 1970. 134

Figura 6 - Imagem das antigas latadas realizadas em frete a casa das lôxa. 135

Figura 7 – Registro das antigas latadas em frente ao Terreiro de Santa Bárbara Virgem. 135

Figura 8 - A Chegança Almirante Tamandaré trajada em uniforme azul 137

Figura 9 - Registro da Chegança na década de 1970. 138

Figura 10 - Registro de Mestre Oscar, quando já não mais liderava a Chegança.. 138

Figura 11 - Genealogia Umbiliniana. Ascendência e Descendência de Umbelina Araújo. 145

Figura 12 - Otás doados pelo Terreiro Filhos de Obá, para o Museu de Cultura Afro-brasileiro de Laranjeiras. 158

Figura 13 - Beatriz Góis Dantas e Umbelina Araújo. 162

Figura 14 - Linha do Tempo da Trajetória de Mãe Bilina 165

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Orixás Cultuados pelos nagôs em 1972..... 97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 17

O campo do pós-abolição na historiografia brasileira: o rompimento da narrativa do negro como um eterno escravo. 23

O campo do pós-abolição na historiografia sergipana. 28

As mulheres negras na historiografia sergipana. 31

Fontes & Capítulos. 34

CAPÍTULO 1: CAROLINA, CAROLINDA, CALU: ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA E SOBREVIVÊNCIA NEGRAS NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DA ESCRAVIDÃO. 37

1.1 - A Laranjeiras de Calu. 38

1.2 - Avertani, Birunqué & Carolina. 45

1.3 - Carolina, a mãe dos araújos. 49

1.4 - Mamãe. 59

CAPÍTULO 2: A JOVEM LÔXA: A LUTA PELO EXÓ, EUGENIA E PERSEGUIÇÃO POLICIAL. 60

2.1 - "O TEMPO CHEGADO". 62

2.2 – ASSUMINDO O TERREIRO DE SANTA BÁRBARA VIRGEM DEBAIXO DE "BARULHO": A LUTA PELO EXÓ. 64

2.2.1 - A Questão do Matriarcado a partir de Mãe Bilina. 67

2.3 – LIDERANÇAS AFRO-LARANJEIRENSES NO TEMPO DA JOVEM LÔXA. 70

2.3.1 – Vitorino Carlos da Costa: senhor de meio sol, meia lua e meio mundo. 71

2.3.2 - Antonio Henriques dos Santos: Argos Negro. 77

2.3.2. 1 - *Integralismo e Comunismo em terras Laranjeirenses.* 78

2.3.2.2 - *Raça e Racismo na trajetória de Antonio Henriques dos Santos* 80

CAPÍTULO 3: AS COLÔNIAS DE SANTA BÁRBARA VIRGEM 94

3.1 - AS FESTAS DAS COLÔNIAS DE SANTA BÁRBARA VIRGEM 98

3.1.1 – Os santos de Birunqué & Henrique: ruas do Cangaleixo & Cacimba. 100

3.1.2 – Marias Deolindas de Jesus e seus dois Xangôs: Divina Pastora, Comandaroba e o Quitalé de Cima 103

3.1.3 - Tercila e Chico Louceiro: Tramandraí e Quitalé de Baixo. 110

3.1.4 – As meninas de Papai Ojo: Comendaroba 110

3.1.6 - A Casa da Insã: rua do clube social. 115

CAPÍTULO 4: "MÃE BILINA" DE LARANJEIRAS: "QUEM MANDA NA RUA DA CACIMBA SOU EU". 117

4.1 – A JOVEM PROFESSORA. 119
4.1.1 – "O Meu Brinquedo Transformado num Livro." 119
4.1.2 – O Encontro de Beatriz e Bilina. 124
4.1.3 – "Quer estudar o nagô?" 125
4.3 – PASTORA, ALAÍDE E LOURDES. 129
4.3.1 – Pastora: o braço direito de Bilina. 129
4.3.2 – Alaíde dos Santos: Anaíde. 130
4.3.3 – Dona Lourdes: a filha de Bilina. 132
4.4 – Oscar Ribeiro: malungo, amigo, irmão. 134
5. EPÍLOGO: INESQUECÍVEL HUMBELINA 140
5.1 – A Lôxa e sua Madrinha: "ela pôs a cabeça só no Santo". 141
5.2 – O Arquivo Afro-sergipano: "eu considero Umbelina uma entidade". 146
5.3 – A Afilhada. 150
5.4 – Dió: "Eu nunca esqueci de Bilina". 154
5.5 – A professora Beatriz. 158
CONCLUSÃO 162
REFERÊNCIAS 166
ANEXOS 174

INTRODUÇÃO

Começo esta caminhada pedindo licença à "Mãe Bilina", querida ancestral, e às mais de trinta e três divindades[1] cultuadas no terreiro de Santa Bárbara Virgem, de maneira especial, ao Pai da Costa, divindade maior desta comunidade, que é a matriz do culto ancestral africano em terras sergipanas.

Era um dia de domingo na cidade de Laranjeiras. Carolina e seu antigo senhor, Manoel Joaquim de Araújo, saíram de casa, na rua do Sagrado Coração, número 14, e se dirigiram à Igreja Matriz, a Primogênita do Coração de Jesus, para batizar a pequena Umbelina. Preta. Nascida em 21 de agosto de 1879. Filha de Carolina, liberta, que foi escravizada de Manoel Joaquim de Araújo. O único pai que Umbelina teve na vida. Foi batizada pelo vigário Eliezério de Menezes e apadrinhada por Jovino da Costa [2]. Esta história, é sobre Umbelina e sua família biológica, sua família senhorial, sua família nagô. Umbelina e os seus contemporâneos. Em sua cidade, no Brasil, Umbelina e o seu pós-abolição, a sua emancipação e a da sua comunidade, que está sendo construída até hoje.

Umbelina herdou o sobrenome Araújo do seu pai putativo, o senhor de sua mãe. De sua mãe herdou a cor, o estigma, o ofício de trabalhadora doméstica, a função ancestral de mãe, o nagô, muito amado por Umbelina, muito amado por sua comunidade e transmitido a mim, que por minha vez, ao longo destas páginas, o transmitirei a vocês.

Mas quem foi Umbelina Araújo? Umbelina Araujo, Umbelina, Bilina, Mãe Bilina, lôxa, são formas de nos referirmos a ela que é uma das sujeitas de maior proeminência no pós-abolição em Sergipe. A sua mãe, Carolina, era uma crioula, ama-de-leite, que lançando mão de estratégias de resistência, por sua própria conta e agência, conquistou a sua liberdade antes do nascimento de Bilina.

---

[1] DANTAS, 1988, p. 100.

[2] **Registro de Batismo de Umbelina Araujo.** Brasil, Sergipe, Registros da Igreja Católica, 1785-1994, índice e imagens: FamilySearch. Batistério da Freguesia do Sagrado Coração (1877-1882). Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-899T-VXZX?i=63&wc=M5NJ-T3K%3A371846201%2C371846202%2C371855501&cc=2177298. Acessado em 23.08.2022.

Carolina era filha de dois africanos, Avertani e Birunqué, que passaram pela experiência do cativeiro na Fazenda do Tanque do Moura, atualmente localizado na cidade de Riachuelo, pertencente então, ao Capitão Felipe de Fato Motta, primeiro senhor de Carolina.

Birunqué, rebatizada no cativeiro de Esméria, era uma nagô que teria sido traficada para o Brasil depois da Lei Eusébio de Queiroz (1850), que proibia o comércio de escravizados da África para o Brasil, por isto, teria então sido transportada clandestinamente em barris, tendo sido vendida para a Fazenda do Tanque do Moura, onde se casou com Avertani e teve Carolina (DANTAS, 1988). A travessia de Birunqué, foi realizada ao lado de um outro nagô, de nome Henrique. Mais conhecido pela historiografia como Ti Henrique, primeiro *beg* da Irmandade de Santa Bárbara Virgem, que por sua vez é a primeira comunidade de culto afro-*brasileiro* em Sergipe.

O nagô é uma comunidade de culto doméstico, fundada por Ti Henrique, sua esposa Bernarda, Birunqué e outros africanos, mais ou menos a partir da segunda metade do século XIX (AGUIAR, 2002). É uma comunidade "cultuadora" dos orixás da Costa. Que possui por fundamento, uma organização familiar formada por descendentes dos africanos fundadores da comunidade. A estas famílias, eles chamam de colônias, estas colônias-famílias, possuem cada uma, suas próprias divindades, os seus orixás, [3]que moram em "pedras" chamadas *otás*.

Cada colônia-família possui os zeladores dos santos, que são responsáveis por cuidar deles, mantendo-os sempre iluminados e com recipientes com água próximos de seus pegês[4]. Para além das divindades de cada família nagô, eles têm uma divindade maior chamada "Pai da Costa", o qual governa o destino da irmandade, e intervém sobre ela os orientando, especialmente escolhendo as suas lideranças.

Henrique foi sucedido na chefia da irmandade por Herculano, de nome Herculano da Costa Madureira, também conhecido como Herculano da Costa (como ele mesmo se autodenominava), Herculano da Comendaroba ou o meu modo preferido de chamá-lo: "Papai Ojô"[5]. O mais afamado nagô laranjeirense. Herculano e Henrique se conheceram antes do falecimento de Henrique, eles tiveram casas de culto aos seus santos paralelamente[6]. Mas Ti Henrique foi o primeiro a construir uma casa para os santos da costa em Laranjeiras. Nessa

[3] Que os nagôs laranjeirenses também chamam de santo.
[4] Espécie de altar onde estão assentados os orixás da Costa.
[5] Forma com a qual os nagôs carinhosamente se referem a Ti Herculano. É o seu nome "Pela África".
[6] Informação socializada por Maria do Espírito Santo (Dona Cisa), em entrevista concedida no dia 15/11/2021.

casa, morou com sua esposa, seus filhos e Birunqué. Que era sua malunga e com ele compartilhava também, as suas divindades.

Ti Henrique faleceu antes do nascimento de Mãe Bilina, ou seja, antes do ano de 1879[7]. Tendo sido escolhido para o suceder, Ti Herculano. Ti Herculano fora o responsável por organizar o nagô laranjeirense, o espalhando pelo Vale do Cotinguiba [8]e estabelecendo um calendário religioso em comum, para as "colônias nagôs" espalhadas pelo território Sergipano. Herculano Barbosa de Madureira faleceu em 1907, sendo sucedido por Umbelina Araújo [9].

"Mãe Bilina", assumindo a liderança do nagô, inaugurou um novo tempo, pois além de ser a primeira mulher, foi também a primeira brasileira a assumir a liderança da casa de culto afro-brasileiro. Se autodenominava neta de quatro africanos, filha de dona Carolina e "Bastião", [10]cujo qual não possuímos muitas informações. Entretanto, é apontado como um dançante da Chegança de Maxim, da qual os seus irmãos paternos, Mané Preto e Augusto, também participaram (DANTAS, 2013).

Avertani, avô de Mãe Bilina, foi assassinado pisoteado pelo cavalo do feitor, no Tanque do Moura. Mediante o óbito do seu marido, Birunqué conquistou a sua liberdade e se mudou para a cidade de Laranjeiras, para a casa de Ti Henrique, na rua do Cangaleixo, casa primaz dos nagôs em Laranjeiras. Segundo Umbelina, sua avó teria vivido com Bernarda, esposa de Ti Henrique, por 35 anos (DANTAS, 1988).

Entre os anos de 1871 e 1873, a posse de Carolina foi transferida para a família Araújo. O tabelião Manoel Joaquim e a Sr.ª. Amélia Araújo possuíam dois filhos pequenos, que receberam os cuidados de Carolina, que os serviu como ama de leite, exercendo a função materna na vida deles.

Segundo depoimentos de Dona Umbelina para Beatriz Góis Dantas, ela e seus irmãos possuíam uma relação verdadeiramente filial. Sua mãe ocupava a função de ama de leite de aluguel, com o qual reuniu o pecúlio para se "alforrear" bem como comprar duas casas na rua da Cacimba (DANTAS, 1988).

---

[7] Aqui no contrapomos à historiadora Sharyse Piroupo do Amaral, afirmando que o Luiz Henrique Dantas, cuidador da africana liberta Bibiana, relatado em um "Pé Calçado e outro no chão", possivelmente não é Ti Henrique. Em 1885 este já havia falecido.
[8] As Colônias Nagôs, no século XIX, estavam espalhadas pelas cidades de Nossa Senhora do Socorro, Laranjeiras, Riachuelo e Maruim (DANTAS, 1988).
[9] AGUIAR, 2002, p. 113.
[10] Liberto e pai biológico de Mãe Bilina.

No entanto, a imagem benfeitora do tabelião Joaquim Araújo é turvada quando Dona Umbelina revela que sua mãe tivera o primeiro filho ainda na fazenda do "Tanque do Moura", o mesmo era mulato e fruto do intercurso sexual, forçado ou não, entre Dona Calu e seu primeiro "senhor". Cincinato, irmão mais velho de Dona Bilina, foi vendido por Joaquim Araújo, com a justificativa de necessitar do dinheiro para o pagar as despesas com o enterro de sua esposa, a senhora Amélia de Araújo Bastos, falecida em janeiro 1879 (DANTAS, 1988).

Com o crioulo Bastião, a mãe de Dona Umbelina tivera outros quatro filhos (DANTAS, 1982, p. 52). Este, não se fizera presente na educação das crianças, eles foram educados e amparados pelo "Papai Branco" que custeava a subsistência e educação formal dos irmãos de Dona Bilina.

Mediante a morte do tabelião Joaquim Araújo, Dona Bilina, que contava então com 12 anos de idade, se mudou com toda a sua família para a rua da Cacimba, pois a sua mãe rompeu relações com a prole do tabelião. Visto que os mesmos não cumpriram com a promessa de Joaquim de Araújo, de doar a ela um sítio.

> Então os filhos do antigo senhor teriam considerado sem validade tal doação e a negra Calu ressentida com os descendentes do tabelião abandona a casa, negando-se a concordar que um dos filhos aí permaneça como empregado doméstico, e se muda com todos eles para a rua da Cacimba, localizada na periferia da cidade (DANTAS, 1882, p. 53).

A partir de então, Dona Umbelina fora iniciada no mundo do trabalho. Primeiramente exercendo a função de cuidadora de crianças, e posteriormente como cozinheira. Trabalhou em Laranjeiras, Aracaju e no Rio de Janeiro, onde exerceu o seu ofício em casa de famílias até os 32 anos, quando recebeu o indicativo de que deveria retornar à Laranjeiras pois, o "Pai da Costa" a escolhera para assumir o seu posto como líder da Irmandade de Santa Bárbara, no lugar de Ti Herculano.

Mãe Bilina liderou o terreiro de Santa Bárbara Virgem entre os anos de 1911 ou 1912 a 1974, bem como as taieiras, legado recebido de sua mãe Calu. Como líder das taieiras, "Mãe Bilina" assegurou as mudanças necessárias para a manutenção da tradição da Taieira na cidade de Laranjeiras, concomitante ao seu declínio em outras cidades, a exemplo de Lagarto e São Cristóvão, que segundo Beatriz Góis Dantas (1982), inicialmente perdem seu valor religioso, e em um segundo momento, tem seus grupos desintegrados, mediante o processo de romanização

tardia da Igreja Católica em Sergipe que ocorrera com o início do século XX, com a criação da Diocese de Aracaju.

"Mãe Bilina", era uma sujeita popular, possuía relações de influência, estratégias de resistência e de manutenção da sua cultura, cujas quais não se furtava de utilizar, para manter o legado africano dentro da sua comunidade. Respeitada pelos seus congêneres, falecera "repentinamente", em setembro de 1974, no final de semana de festas dedicadas aos Ibejís[11]. Em respeito ao seu legado, vários terreiros de culto afro-brasileiro interromperam as suas comemorações, guardando luto em sua homenagem.

Mãe Bilina, o nagô e eu.

Conheci Umbelina Araujo em 2018, quando estava realizando a minha segunda pesquisa de Iniciação Científica, que se dedicou a estudar o Patrimônio Negro em Laranjeiras, bojo no qual estão inseridos a Taieira e a Irmandade de Santa Bárbara Virgem. De imediato, me surpreendeu a matrilinearidade presente no Terreiro. Quis estudá-la. Me senti atraída por compreender a trajetória destas mulheres, que como vamos aprender, devem abrir mão se casarem e constituírem família, pois devem se manter virgens. Mas depois me esqueci dessa história e acabei escolhendo outros sujeitos para estudar em minha monografia.

Passado o tempo, próximo do final da graduação, em 2020, decidi ingressar no mestrado. Quando estando no curso preparatório para pessoas negras, organizado pelo GETEQ, me veio novamente a ideia de pesquisar estas mulheres negras do nagô de Laranjeiras. Mais especificamente, Mãe Bilina. Eu já havia lido a "Taieira" (1972) e "Vovó Nagô e Papai Branco" (1988). Obras produzidas pela imprescindível Beatriz Góis Dantas.

Entretanto, ouso dizer que me sentia injustiçada. É que Mãe Bilina se parece tanto com a minha avó e com sua irmã. E tantas outras mulheres negras anciãs. A sua história, marcada sim, por muitos direitos negados, mas também de uma força transcendental e de uma sabedoria ancestral. Estas mulheres, muitas vezes não assumidas, essas mulheres que muitas vezes são escondidas, precisam ser assumidas também pela historiografia.

[11] Jornal da Cidade, n. 762, 31.09.1974, p. 2.

E você pode me perguntar, mas por que escrever sobre ela? Por que uma mulher de cultura ágrafa, de uma cidade "decadente", mereceria uma biografia? Uma dissertação inteirinha para ela? Com o passar destas páginas, caso você tenha paciência, vai compreender que as "Taieiras" (1972) e "Vovó Nagô e Papai Branco" (1988) são dois livros muito importantes para a intelectualidade sergipana. Clássicos, me atrevo a dizer. Basilares para os estudos culturais em Sergipe, imprescindíveis para os estudos no campo do Pós-Abolição. E a principal fonte dessas duas obras é Umbelina Araujo.

A professora Beatriz Góis Dantas, teve o seu trabalho merecidamente reconhecido por estas obras, e muitas outras que realizou e que tem realizado em nosso meio. E Mãe Bilina? Nem mesmo uma pobre e simples biografia. Os textos biográficos de maior relevância escritos até hoje, foram feitos por sua amiga Beatriz Góis Dantas. Os outros pesquisadores, de modo especial os historiadores, sobre Mãe Bilina e os nagôs laranjeirenses, fizeram copiá-la, parafraseá-la. Serei a primeira a trazer algo novo sobre trajetória de Mãe Bilina. E talvez sobre o nagô.

O sentimento de injustiça transbordou em mim, ao ver minha semelhante sendo excluída da narrativa historiográfica. E me fiz diversas perguntas sobre o porquê de ela não ter sido considerada "digna", se a sua trajetória de superação, primazia e protagonismo é surpreendente. Todas as respostas desaguaram na mesma conclusão, assertivamente ensinada por Beatriz Nascimento, "o grande drama... é o reconhecimento da pessoa do homem negro que nunca foi reconhecido no Brasil" (NASCIMENTO, 2018).

Aprendi com os nagôs a acreditar em predestinação. A acreditar que no momento certo os ancestrais africanos vêm e fazem. Por isso, apesar da minha indignação diante do alijamento de Mãe Bilina, acredito que este momento, aqui, agora, da forma que pode ser feito, é como tinha que acontecer. Da forma com a qual eles escolherem que acontecesse. Então eu, uma pobre menina, nascida no dia de Santa Bárbara, na cidade de Aracaju, a cidade de Beatriz Nascimento, me sinto feliz por ter sido escolhida para realizar este trabalho.

E o farei pela versatilidade de Mãe Bilina. O farei pela sua capacidade de diálogo e negociação com as classes dominantes; o farei porque de certo modo, a própria Mãe Bilina dentro da comunidade nagô, ocupava um lugar de poder; o farei porque a sua mãe foi uma estrategista extraordinária; o farei acima de tudo, porque Mãe Bilina é a grande matriarca da Irmandade Nagô de Sergipe com suas qualidades, defeitos e contradições. Com a sua

humanidade. A maior, mais respeitada e aquela que legou a organização hoje encontrada na nossa primeira comunidade de culto afro-brasileiro.

De certo modo, podemos chamar esta dissertação de um fruto das Ações Afirmativas, na trilha da reparação pelos danos gerados no Brasil, a nós, descendentes de africanos. Espero vivamente com este trabalho, dar a minha humilde contribuição à historiografia brasileira, no campo do Pós-Abolição, sobre o qual tratarei mais à frente.

Temos por intenção, ao longo das próximas páginas, oferecer uma síntese da trajetória de Mãe Bilina. De modo mais específico em contar a sua experiência e da sua comunidade nagô no Pós-Abolição, suas estratégias de sobrevivência, manutenção e de resistência primeiro dentro do sistema escravista, posteriormente dentro de uma sociedade republicana que lhe negou o direito de serem reconhecidos como sujeitos da História.

Este problema é transpassado, pela trajetória de outros sujeitos africanos e afro-brasileiros de fora da comunidade nagô; pela construção da identidade nagô baseada na contraposição com outros grupos étnico-religiosos e também pelo protagonismo feminino dentro desta comunidade e como é natural dos processos históricos, está conectado com o contexto social do Brasil e do mundo. Mas primeiro, vamos entender um pouco mais sobre a História da cidade de Laranjeiras no período do Pós-Abolição.

O campo do pós-abolição na historiografia brasileira: o rompimento da narrativa do negro como um eterno escravo.

O campo do Pós-Abolição ganhou espaço na historigrafia brasileira, a partir da década de 1990. Até então, estava em voga no Brasil, estudos que tangenciavam o pós-abolição, ao se referirem às ações das classes dominantes, com relação ao povo brasileiro. Basicamente, foi como se para a historiografia brasileira, os escravizados tivessem "saído das senzalas e da história" (RIOS; MATTOS, 2004, p. 170).

A partir da década de 1990, surgiu no Brasil um campo historiográfico interessado em estudar o pós-abolição por uma perspectiva um tanto diferente. Ao invés de impor aos escravizados e seus descendentes uma visão senhorial, passou-se a analisá-lo pela perspectiva dos africanos e seus descendentes. Alguns diriam que os historiadores enveredaram por este caminho influenciados pelos pressupostos de E. P. Thompson, ou seja, da Nova História Social,

preocupada em oferecer uma historiografia que dê protagonismo aos “debaixo”. Eu não definiria assim, como “debaixo”. Pois só pode estar em baixo, alguém visto por quem está em cima. O que pode ser interpretado como uma inferiorização desses grupos/povos denominados como “debaixo”.

O fato é que a mudança de perspectiva sobre o pós-abolição, tem rendido frutos à historiografia brasileira e afro-diaspórica rompendo diretamente com a “eterna narrativa do negro como escravo” ao desnudar o protagonismo dos africanos e seus descendentes, por meio das numerosas estratégias de resistência e conquista da liberdade, construídas ao longo de mais ou menos 300 anos de escravidão no Brasil.

Os pressupostos erigidos por E. P. Thompson e mais tarde, as contribuições ofertadas pela Nova História Cultural, legaram aos historiadores do pós-abolição um arcabouço teórico-metodológico que promoveu uma redescoberta de fontes até então, ora não exploradas pela historiografia (como no caso da nossa pesquisa), ora interpretadas de outros modos que não os específicos por nós no campo do pós-abolição.

Este campo é marcado firmemente por fontes judiciárias, como podemos observar em “Visões da Liberdade”, em “Um pé Calçado, outro no chão”, “Em Saindo das Senzalas mas não da História” e em tantos outros trabalhos historiográficos que constroem a historiografia do pós-abolição no Brasil, no qual incluímos este trabalho. O pós-abolição, portanto, é um campo historiográfico no qual o cotidiano do historiador, é marcado pela análise de documentos como inventários, processos criminais, testamentos, obituários, batistérios, certidões de perfilhação, entre outros documentos. Nós historiadores pós-abolicionistas nos acostumamos a frequentar arquivos, inclusive os virtuais, os quais nos serviram bastante ao longo desta pesquisa. Esses tipos de fontes, são bastante trabalhosas pela sua antiguidade, o que demanda de cada um de nós o desenvolvimento da habilidade paleográfica.

Thompson e os novos culturalistas ofertaram à historiografia um novo modo de se olhar para as fontes. Vejamos, quem nunca ouviu dizer por aí, de algum departamento empoeirado, da boca de algum professor retrógrado e racista, que negros e indígenas nunca deixaram fontes e que por isso é necessário que as disciplinas de história colonial e correlatas, sejam dadas segundo a perspectiva do colonizador? Sabemos que é antiga a postura racista, escondida sob esta assertiva.

Thompson, como podemos descobrir em uma breve pesquisa na internet, era britânico, e estava preocupado em pesquisar a classe trabalhadora, a classe operária, no Reino Unido, mas sofreu algo similar, ao que nós que pesquisamos a história dos africanos e seus descendentes no Brasil, costumávamos sofrer, antes do desenvolvimento do campo do pós-abolição. Foi atingido pela narrativa de que não existiam fontes sobre os trabalhadores. Diante deste desafio, tomou a seguinte medida, buscar nas fontes das classes "dominantes", nas entrelinhas, no que estava posto da leitura "dominante" sobre os "dominados", fontes que falassem, acerca dos trabalhadores.

Ou seja, passou a pegar um jornal, por exemplo, que estivesse a tratar de trabalhadores como desordeiros, criminosos e passar a dizer, "olha, os trabalhadores estava protestando, em tal lugar, em tal ano, isso e aquilo outro". Por quê? O dominador vai tecer um comentário, produzindo um documento, com a intenção de produzir uma verdade, de produzir uma narrativa sobre um determinado fato, que pode e com certeza é contado de outra forma, com outras nuances por aqueles que não têm o poder de produzir fontes com o status de "oficiais", pois não possuem o poder do Estado, do reino, do governo vigente.

Diante desta nova forma de fazer história, com a liberdade de se escolher sujeitos até então relegados à marginalidade dentro da narrativa historiográfica, é que se passou a poder utilizar novos sujeitos, problemas, fontes. Dando uma primazia também, ao campo da cultura popular. Tomando-a como lugar de narrativas que também podem ser utilizadas como fontes (LIMA, 2003) .

Esta proposição na busca por novas fontes, pela busca de uma nova historiografia, que dá primazia à cultura popular, às narrativas de pessoas colocadas à margem, de modo especial dos significados dados ao mundo, aos fatos históricos, às organizações sociais, foi aprofundado pelos historiadores, da Nova História Cultural, principalmente na Itália. Entre os quais podemos citar Carlo Ginzburg e Geovani Levi.

Eles construíram algo muito interessante. Um tipo de dispositivo historiográfico denominado Micro-História, por meio do qual se conta determinados fatos/processos históricos, por meio de contextos locais (LEVI, 1992). Bom, é o que tencionamos realizar aqui e o que os pós-abolicionistas têm feito em seus trabalhos. Nunca uma história geral, completa. Nunca, nunca essa tentativa. Mas sim, a feitura de trabalhos que versam sobre o processo histórico do Pós-Abolição, por meio de casos específicos, geograficamente e temporalmente bem demarcados.

A minha obra preferida do Carlo Ginzburg é “O Queijo e os Vermes” (2006) . O primeiro historiador europeu que eu li, e que me fez sentir de fato os sujeitos históricos como homens e mulheres de carne e osso. De fato, um dos pressupostos da Nova História Cultural é aproximar a narrativa historiográfica da narrativa literária, envolvendo o leitor, na trama historiográfica disposta. Com Ginzburg, isso não é uma promessa, ou mera palavra morta em um texto teórico-metodológico. É realidade.

Por meio de sua narrativa, eu, assim como desconfio que outros também, me afeiçoei a Menochio, moleiro da pequena *Montreale*. Obviamente, me indignei, chorei, torci por ele, contra as injustiças de um tempo em que a liberdade, diversidade e autonomia de pensamento não eram uma possibilidade. Mas fui fortalecida, e porque não dizer empoderada por Menochio, em sua coragem, bravura de proferir, ao menos a partir de determinado momento, aquilo em que acreditava, sem titubear, sem renunciar às suas convicções consideradas heréticas.

Mas ao longo do caminho para chegarmos ao desfecho dessa história, podemos observar como Ginzburg, constrói a sua obra, ou seja, o seu método. De um ínfimo detalhe, faz conexões que desvendam, que desenrolam e explicam o contexto histórico, os processos históricos. Isto porque Carlo Ginzburg, traduziu para a historiografia um método, denominado Método Indiciário, proveniente em suma, da medicina e utilizado por três médicos em suas práticas de trabalho. Moreli, Freud e Conan Doyle. Tal Método prega que, se busque no caso da medicina, descobrir as doenças por meio de sinais, vestígios, de pequenas pistas. De detalhes que poderiam ser esquecidos, mas que são de suma importância para um diagnóstico acertado ou, como no caso das pesquisas historiográficas, para conclusões, para sínteses historiográficas mais próximas da realidade (GINZBURG, 2003).

Por exemplo, em “O Queijo e os Vermes” (2006), Ginzburg, por meio de uma lista feita pela Inquisição, teve acesso à bibliografia lida por Menochio, o que o historiador utilizou na investigação sobre de onde teriam saído as ideias defendidas pelo moleiro de Montreale. Pode ser algo natural para algum de nós que bibliotecas sejam tomadas como objetos de pesquisa, mas não o era antes destas proposições destes historiadores. Passa a se tornar uma possibilidade a partir deles. Do mesmo modo, as relações nominativas. O que seriam? “Fulano, que está ligado a ciclano, que está ligado a beltrano”. A busca do nome de cada sujeito em arquivos judiciários, públicos, entre outros. Tecendo-se assim uma rede de sociabilidades. Que nos dá oportunidade de compreendermos em que tipo de grupos, com que tipo de pessoas os sujeitos históricos estão a se relacionar.

Para nós do pós-abolição, que também somos Historiadores Sociais e Culturalistas, é importante saber e dizer que Esméria foi lavradora, morou em Riachuelo, depois em Laranjeiras e depois foi amiga de Henrique. Repito, esta pormenorização só é possível de ser bem realizada, com a diminuição a escala proposta pela Micro-História. Deste modo, as religiosidades, o cotidiano, as coisas simples da vida, tornaram-se importantes para os historiadores que se tornaram investigadores, no maior estilo Sherlock Holmes. Em busca dos pequenos vestígios, que podem nos ofertar fontes, conclusões, sínteses que provocam reviravoltas surpreendentes.

A História de Vida (GUÉRIOS, 2011) concerne no esforço teórico-metodológico de pesquisadores das ciências sociais provenientes da Escola de Chicago, entre as décadas de 1920 e 1940, entrou em desuso e foi retomada por volta de 1970. Este método, privilegia os relatos biográficos, dando protagonismo aos sujeitos e seus relatos orais.

Bordieu, em 1986, realizou uma crítica ao modo de se fazer biografias, atentando para o fato destas, muitas vezes, se tornarem ilusórias, quando relatos orais ou autobiográficos, não são cotejados com fontes de outra natureza e não são explicados como frutos de uma conjuntura social. Em outras palavras, para Bordieu (1998), as trajetórias dos sujeitos históricos, as biografias, devem ser um modo de contar determinado período histórico por meio da sistematização histórica da vida do sujeito.

Me preocupei com as assertivas de Bordieu (1998), acerca das lacunas, deixadas pelos relatos orais, mas também pela documentação, que nem sempre cobre toda a vida dos sujeitos estudados. Por isso, mesclar fontes é imprescindível para os estudos sobre uma trajetória. Deste modo, quando me dediquei a interpretar as fontes documentais, utilizando o método indiciário.

O campo do pós-abolição, conta como alguns dos historiadores como referências teóricas Sidney Chalhoub, Maria Helena Pereira Toledo Machado, Walter Fraga, Mary Del Priory, Hebe Mattos, Martha Abreu, Flavio Gomes, João José Reis e José Petrônio Domingues, os quais cada um com a sua especificidade nas áreas da História Social e da História Cultural, têm dado a sua contribuição à Historiografia Brasileira, furando a bolha e alcançado público fora do espaço acadêmico.

Alguns destes historiadores, não são especificamente pós-abolicionistas ou somente pós-abolicionistas, mas também estudam e produzem conhecimento historiográfico no campo da Escravidão e da Liberdade.

Entretanto, vale ressaltar que ainda são poucos os trabalhos que fazem uma intersecção entre Escravidão, Liberdade e Gênero. Caminho pelo qual enveredamos. Felizmente, contamos com os esforços de pesquisadoras e pesquisadores, que têm se dedicado a pesquisar as experiências de mulheres negras em busca da liberdade e no pós-abolição. A obra "Mulheres Negras: no Brasil escravista e no pós-emancipação" (2012) é fruto destes esforços, que vêm dirimindo esta lacuna historiográfica.

O campo do pós-abolição na historiografia sergipana.

Escolher algumas obras/historiadores referenciais sobre alguns assuntos é uma tarefa árdua, admito. Sempre se torna sacrificante escolhermos entre A, B, C ou D. Considero que as escolhas nem sempre trazem de fato, os melhores trabalhos sobre o assunto, elas são uma escolha íntima, subjetiva do pesquisador. Por isto, não tenho a intenção de apresentar neste tópico, os melhores trabalhos do campo do pós-abolição em Sergipe. Trago somente aqueles que considero mais importantes para esta pesquisa, aqueles que li e se tornaram referenciais para a construção desta narrativa historiográfica sobre a trajetória de Mãe Bilina.

Uma das principais referências sobre o Pós-Abolição em Sergipe, é a da historiadora Sharyse Piroupo do Amaral "Um pé Calçado, outro no Chão" (2012), fruto de sua tese de doutorado, entregue à UFBA, versa sobre as últimas décadas da escravidão no Vale do Cotinguiba. Sendo uma do campo da Escravidão e Liberdade, se alicerça bastante nos pressupostos/metodologias de Sidney Chalhoub, ou seja, é uma pesquisa que busca investigar as experiências de libertação por meio do campo judicial. Mas conseguiu ter acesso também à oralidade, por meio de Mãe Bilina e Beatriz Góis Dantas.

Sinto-me à vontade para não recorrer a obras mais antigas do que aquelas que de fato pertencem ao campo do pós-abolição e seguem as suas metodologias hegemônicas. Por isto, optarei por tratar somente das obras mais antigas importantes para os principais historiadores no campo do pós-abolição. Isto porque estou me referindo ao campo, e não ao período. O que quero dizer é que, por exemplo, nem Téthis Nunes nem Maria Nely dos Santos são abolicionistas, apesar de se referirem ao período do pós-abolição em Sergipe.

Entretanto, tais historiadoras, com suas obras, "A Cabana do Pai Tomás" e " Sergipe Provincial II", auxiliaram pesquisadores como Sharyse Piroupo do Amaral, Petrônio Domingues, Edvaldo Alves Souza Neto, que são os pesquisadores que tem um papel central na compreensão do pós-abolição neste trabalho. Alguns historiadores teceram críticas ao trabalho

realizado por Maria Nely Santos. Um trabalho antigo, da década de 1997, que por sinal, possui somente uma edição. Sei que a crítica é fundamental no ofício dos historiadores, mas eis que houve uma cobrança à professora Maria Nely, enquanto mulher negra, por ter heroicizado Francisco José Alves, ao tê-lo colocado como o único abolicionista da Província de Sergipe.

De fato, um exagero. Importante a ressalva de que Francisco José Alves era um homem branco e que lucrou representando os interesses dos escravizados junto ao judiciário, entretanto, cobrar de alguém que fez um trabalho pioneiro acerca do pós-abolição sergipano, a consciência e o debate racial de quem têm Chalhoub, Hebe Mattos, Petronio Domingues, Sharyse Piroupo do Amaral e contundentemente Edvaldo Alves, como referências, é cruel. Anacrônico. E por que não, de certo modo e até certo ponto, racista para com uma senhora que é negra. Mais especificamente a primeira professora negra do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe. Honestamente digamos "Dai a César o que é de César", Maria Nely em "A Sociedade Libertadora: a cabana do Pai Thomaz", praticamente inventou a roda em Sergipe. Inclusive sendo referência para Téthis Nunes, em "Sergipe Provincial II" que é publicamente muito mais celebrada do que Maria Nely dos Santos, por mera coincidência ou não, uma é branca e a outra é preta.

Mas prossigamos em nossa revisão historiográfica acerca do campo do Pós-Abolição em Sergipe. Sem sombra de dúvidas, Petrônio Domingues é um historiador importantíssimo para o campo em Sergipe, tendo escrito sobre conflitos no candomblé sergipano; sobre eugenia em Sergipe; sobre as primeiras décadas da abolição em nosso território e sobre a trajetória de algumas mulheres no período da escravidão e pós-abolição em Sergipe. De notoriedade nacional e internacional, Petrônio Domingues tem realizado em território um trabalho hercúleo, que pode ser traduzido como uma andorinha negra, fazendo "solitariamente" o milagre do verão acontecer. Até o presente momento, é o único professor da graduação e da pós-graduação em História que pesquisa e orienta sobre o campo do Pós-Abolição na UFS.

Tanto Amaral quanto Domingues, trazem em seus trabalhos contribuições de Mãe Bilina por meio das obras de Beatriz Góis Dantas. Faço uma crítica contundente, fruto talvez do meu partidarismo, visto que os senhores já sabem que sou a primeira biografa de Mãe Bilina. Nem Bilina, nem o nagô receberam os devidos agradecimentos, nem reconhecimentos, por terem ofertado aos pós-abolicionistas e à historiografia sergipana, tudo o que eles legaram. De

conhecimentos sobre a sua cultura específica, ao conhecimento sobre malês e a entrada da cultura evangélica entre os descendentes de africanos em Sergipe[12].

Os historiadores relegaram Umbelina ao limbo do esquecimento ou da repetição de informações orais sem a busca de outras fontes com as quais fosse possível realizar o cotejamento até o presente momento. Deixando de fazer um exercício imprescindível ensinado por Beatriz Nascimento, o de revisar a historiografia tradicional construída sobre os negros no Brasil. De modo que, para muitos pesquisadores, atrai mais pesquisar e problematizar o tabu da virgindade exigida das lôxas, do que pesquisar a origem, a data de nascimento de Mãe Bilina.

Ao redescobrirmos o ano exato em que Mãe Bilina nasceu, devolvemos a ela, o direito humano, que lhe foi negado de ao menos saber a data exata de seu nascimento. Enquanto para mim, a sua escolha de se manter virgem, nunca foi um problema, pois foi e continua sendo fruto do exercício de liberdade de cada lôxa, que não estão à serviço dos caprichos e *frissons* acadêmicos.

Por fim, Edvaldo Alves, em sua dissertação oferece um trabalho pioneiro sobre o pós-abolição sergipano, de modo especial, na cidade de Aracaju. Em síntese, com a transferência da capital, em 1855, muitos africanos e descendentes seus migraram para a nascitura capital, processo que se intensificou com a abolição da escravatura. Muitos dos sujeitos e sujeitas de cor, que migraram para Aracaju, eram libertos, e se empregaram em atividades autônomas, como vendedores de feira, e em serviços como transporte de carga. Na busca da construção de suas emancipações, esses homens e mulheres expandiram a cidade de Aracaju, que com seus códigos comportamentais, empurraram a população negra e pobre para as suas margens, como o caso do surgimento da Jabotiana.

As principais obras do campo do Pós-Abolição em Sergipe, são alicerçadas ainda, em processos e sujeitos que foram judicializados. Isto se dá porque a maior parte das fontes sobre o período estão salvaguardadas no Arquivo Judiciário de Sergipe. Entretanto, pesquisas como a de Sharyse Amaral e Petrônio Domingues, conseguem superar as fontes judiciárias e jornalísticas ao trabalhar com a oralidade umbeliniana, por meio das obras de Beatriz Góis Dantas. Ou seja, quando os historiadores pós-abolicionistas buscam fontes orais acerca do pós-abolição, quase sempre acabam passando por Mãe Bilina de Laranjeiras.

[12] Trabalho ainda por ser feito. Um recorte de raça dentro da primeira experiência protestante em Sergipe que foi em Laranjeiras, em uma congregação presbiteriana.

AS MULHERES NEGRAS NA HISTORIOGRAFIA SERGIPANA.

A Historiografia Sergipana conta com algumas obras que se dedicaram a estudar trajetórias de mulheres negras, ainda escassos no território sergipano. Mais adiante, falaremos um pouco sobre as obras que consideramos as principais para este estudo, pedindo desculpas se porventura algum trabalho essencial tenha ficado de fora deste apanhado, reitero, é um recorte feito dentro das minhas possibilidades, as quais são limitadas, como são as de todo ser humano.

De antemão, quero ressaltar que dentro dos já escassos trabalhos, na historiografia sergipana, que versem sobre mulheres negras, se tornam mais escassos ainda, os trabalhos realizados por mulheres. Ou seja, as mulheres negras na historiografia sergipana, têm tido as suas trajetórias contadas por homens. Longe de me estacionar em um essencialismo, quero esclarecer que a minha assertiva não se refere a um desejo meu, ou a defesa de que mulheres negras só sejam estudadas por outras mulheres negras ou por outras mulheres. De maneira alguma. Quero esclarecer que a minha assertiva quer ressaltar que temos sido "faladas". E tanto o esforço de Selma Silva dos Santos quanto o meu, se referem ao esforço de exercitarmos a fala, traduzida em escrita por meio das nossas dissertações. Nossas falas grafadas, não são mais nem menos legítimas sobre quaisquer outras. No entanto, partem de um lugar específico, como todas as falas e a riqueza do nosso ato de falar, está justamente em sermos mulheres negras contando a nossa própria História.

Fernando Aguiar, em sua dissertação de mestrado "'Em tempo de Solidão Forçada': Epidemia de Varíola, Revolta Popular e Fé em Sergipe Novecentista" (2002), retrata a trajetória de Ta Joaquina, primeira lôxa nagô em Laranjeiras. Ela era uma sacerdotisa de Xapanã e faleceu de varíola, no surto epidêmico que se dera entre os anos de 1911 e 1912. Moradora da rua do Porto dos Oiteiros, também foi a Mãe adotiva do babá Alexandre, grande líder do Terreiro Filhos de Obá, reconhecido como a primeira comunidade de candomblé em Sergipe (AGUIAR, 2002).

Este trabalho se destaca por ofertar uma narrativa que retrata os acontecimentos dos fatos por meio da visão religiosa dos sujeitos que a vivenciaram. Sem julgamento de valor, Aguiar nos transmite, assim como Joaquina viveu e sentiu, que a varíola era foi um castigo de Xapanã, que se enraiveceu ao não receber dos laranjeirenses, a deferência necessária. O primor realizado nas conexões entre a África e o Brasil, é um exemplo para as pesquisas sobre os

africanos e sua diáspora, instigando a nós, pesquisadores da área, que nos dediquemos a estudarmos e compreendermos melhor a cultura, os territórios e os povos africanos.

Petrônio Domingues é o responsável pela feitura de dois artigos sobre a trajetória de mulheres negras sergipanas, o primeiro, "*Zizinha Guimarães*: entre a história e a memória" (2012) e o segundo, "Jacintha Clotildes: de escravizada à "sinhá preta" (2021). O primeiro se refere sobre a trajetória da professora Zizinha Guimarães, laranjeirense fruto de um relacionamento entre um homem branco e uma mulher negra. Zizinha é uma sujeita renomada, tendo sido a mestra de homens e mulheres oriundos das classes abastadas de Laranjeiras. Era uma entusiasta da cultura, sobre a qual, Umbelina faz questão de dizer que tinha o seu brinquedo, a Taieira, reconhecido por ela.

Neste artigo, publicado no esforço coletivo de publicação de trabalhos sobre as trajetórias e vivências das mulheres negras no período da escravidão e do pós-emancipação, Professor Petrônio Domingues versa sobre a violência da sociedade escravista em Laranjeiras, bem como os desafios e preconceitos enfrentados por Eufrozina Amélia Guimarães, como mulher negra em uma sociedade marcada pelo preconceito racial. Ao final do texto, ficamos com a sensação de que Zizinha Guimarães superou o estigma da cor, mas que o teria conseguido, ao se afastar dos elementos da cultura negra, incorporando aquilo que seria bem-visto pela sociedade, ser católica, erudita e favor dos bons costumes e da moral.

Considero este artigo fundamental para a historiografia sergipana, ao demonstrar a pluralidade das experiências negras no pós-abolição. Entretanto, o artigo que se dedica estudar a memória sobre Mãe Bilina, não possui entre as suas fontes o Jornal Alavanca, que traz informações sobre as comemorações do centenário do nascimento de Dona Zizinha Guimarães. Além do fato de ignorar alguém que salta nas fontes provenientes do Jornal Vida Laranjeirense, Antonio Henriques dos Santos[13], dono do jornal e primeiro tabelião negro, ao menos que se tenha notícia, no território sergipano.

Jacintha Clotildes do Amor Divino, foi uma liberta nascida na cidade de Estância por volta do ano de 1811. Diferente das outras sujeitas retratadas na historiografia sergipana, Jacintha viveu no período escravista e têm a sua memória marcada por ter sido esposa de um cônego e mãe de um herói da Guerra do Paraguai, Francisco Camerino. Jacintha tem a sua trajetória contada por Hiago Feitosa da Silva e Petrônio Domingues no artigo "Jacintha

[13] Sobre o qual falarei um pouco no capítulo 2.

Clotildes do Amor Divino: de escravizada à sinhá preta" (2021). O artigo foi fruto de uma provocação realizada por Severo D'Acelino, que propagou a memória de Jacintha como uma liderança antiescravista, uma liderança quilombola. Fato que Silva e Domingues contrapõem com as fontes achadas por eles ao longo da sua pesquisa.

Para Silva e Domingues Jacintha teria sido uma "Sinhá preta", uma negra que ascendeu socialmente por meio do casamento com Antônio Luiz de Azevedo, filho do seu antigo senhor. Jacintha era socialmente reconhecida como esposa do cônego e com o falecimento deste, passou a ser a tutora dos filhos menores de idade. Com isso, passou a administrar propriedades legadas pelo esposo e cerca de 20 escravizados. Com a sua morte, Jacintha que angariou bens, deixara cerca de 3 escravizadas como herança para seus filhos, o que para os autores a configura como uma sinhá preta.

Considero Jacintha Clotildes do Amor Divino como uma figura emblemática, do tipo que não podemos elaborar juízos com facilidade. Em dado momento os autores insinuam que ela poderia ter mantido o relacionamento com o cônego, visando a sua liberdade e a de seus filhos. Entretanto, não levantam, também, a possibilidade de os dois terem tido um relacionamento verdadeiramente afetivo. Nem mesmo ressaltam o fato de que Antônio Luiz Azevedo, reconheceu publicamente Jacintha, tornando-a a mãe de seus filhos e uma senhora respeitada na sociedade estanciana. No mínimo este homem gostava bastante dela. Entre as figuras da sinhá preta e da quilombola, eu fico com a de mulher negra, a qual, com certeza Jacintha foi e está distante de qualquer apropriação feita sobre a sua trajetória e o seu legado.

"Entre Panelas e Batuques: Arqueologia da Diáspora e Relações de Gênero e Poder em Laranjeiras/SE (século XX)" (2013), é uma monografia apresentada para a conclusão da graduação em Arqueologia por João Mouzart. Fruto de um estudo sobre a casa de uma descendente de libertos, Mouzart parte desta casa para as reflexões sobre os africanos e sua diáspora, mais especificamente sobre as experiências destes sujeitos na cidade de Laranjeiras.

A casa pertence à D. Maria Josefa de Jesus, filha de uma africana, nascida no começo do século XX (MOUZART, 2013), de cultura ágrafa, gostava bastante da cultura popular e de beber. Carinhosamente chamada de Dona Zefinha, gostava de beber cachaça e de ir à missa na Igreja de São Benedito[14], pois na Igreja Matriz a missa era rezada em latim. Teria falecido com 92 anos, e foi descrita por seu neto como uma mulher de sabedoria ancestral.

[14] Espaço tradicional dos descendentes dos africanos em Laranjeiras.

> Mesmo sem ela ir pro colégio, ela era uma pessoa inteligente, porque como eu já disse dos costumes que ela vinha trazendo da mãe antigamente. Por exemplo, quando eu tava com dor de barriga, não tinha farmácia não! Remédio aqui era do quintal, era cidreira, chá de cidreira, folha de mamão seca, capim santo, era sempre assim. As coisas aqui... a gente foi criado desse modo, a gente não tinha muita regalia, aí tudo foi criado desse jeito ela era uma pessoa esperta até no modo de plantar, ela oi: você plante, faça assim, assado. Ela dizia que tinha que ter mão boa se a pessoa não tivesse a mão boa também não prestava. Então tudo isso aí era do modo dela, que já foi desde o ensinamento da mãe dela que passou isso aí, que até hoje a gente foi criado assim". [15]

Em "Mulheres Negras nas Comarcas Sergipanas (1848-1940): gênero, raça e classe" (2018), Selma Santos, em um trabalho pioneiro, delineia a situação das mulheres negras no zum trabalho interseccional em nossos estudos sobre as mulheres negras, que em seu trabalho, aparecem em casos de defloração. Ao final da leitura do trabalho da Selma da Silva Santos, nós saímos com o peso do conhecimento do tamanho da violência que as mulheres e meninas negras foram e são expostas no Brasil. É um trabalho pioneiro e imprescindível, que, para além da violência que retrata, nos oferta também a busca e a resistência de muitas sujeitas e de muitas famílias na busca pela justiça.

Fontes & capítulos.

Esta pesquisa, foi verdadeiramente desafiadora. Em tempos pandêmicos, demandou um esforço hercúleo, especialmente no que se refere à angariação e análise das fontes, que inicialmente eram tão poucas, mas que gradativamente se tornaram muitas. Acima de qualquer expectativa com relação à mesma, superando até mesmo, as minhas próprias expectativas com relação a elas.

Para além do enfrentamento da pandemia, enfrentei também problemas de saúde que me afastaram da pesquisa por cerca de 4 meses, ao todo. Mas sempre tive muita fé e me mantive comprometida com os santos do nagô, com Mãe Bilina e a Irmandade de Santa Bárbara Virgem. Eles me deram forças e me sustentaram até aqui.

Analisei registros de batismos, produções audiovisuais, relatos orais, inventários, jornais, obras memorialísticas. Tudo para poder construir uma narrativa historiográfica acerca da trajetória de "Mãe Bilina" e de seus contemporâneos na cidade de Laranjeiras. Abarcamos

[15] MOUZART, 2013, p. 90.

quase um século, abrangendo o final do período escravocrata até o último quartel do século XX. Noventa e cinco anos, dos quais cerca de oitenta e seis sob os auspícios da Lei Áurea.

Dividi esta dissertação em 4 capítulos. O primeiro "Carolina, Carolinda, Calu: Estratégias de Resistência e Sobrevivência Negras nas últimas décadas da escravidão.", no qual me dediquei a dissertar sobre Carolina, mãe de Umbelina, destacando a sua história dela, de seus pais e das suas relações com seus três "senhores". Neste capítulo analisamos principalmente os inventários dos Senhores Fellipe de Faro Motta, Amélia de Araújo Bastos e Manoel Joaquim de Araújo e os registros de batismo de Glicéria Araújo e Umbelina Araújo.

No segundo capítulo, "A Jovem Lôxa", me dediquei a escrever os primeiros anos de Dona Umbelina como aloxa de Santa Bárbara Virgem, entre os aos de 1911 e 1930, marcados pelas disputas pela liderança do terreiro nagô e diversas cisões. Trabalhei principalmente com inventários *post mortem* e com jornais.

No terceiro capítulo denominado "As Colônias de Santa Bárbara Virgem", refleti um pouco sobre as colônias da Irmandade de Santa Bárbara Virgem e as suas relações com Mãe Bilina, me alicercei fundamentalmente na oralidade dos nagôs de Laranjeiras.

No quarto capítulo, "Mãe Bilina" de Laranjeiras: "Quem manda na rua da Cacimba sou eu"., me dediquei a falar sobre os últimos anos da vida de Umbelina Araújo, a partir da década de 1970, quando a taieira e o seu nagô se tornaram objeto de estudo e "Mãe Bilina" ganhou projeção a nível nacional. Para a feitura deste capítulo analisamos jornais, fontes orais, o acervo iconográfico construído pela Prof.ª. Beatriz Gois Dantas e cinegrafista Jairo Andrade; três obras audiovisuais, gravações sobre a Taieira, gravações sobre o nagô, ambos realizados por Gois Dantas e Jairo Andrade e "Uma Lufada de Ar Fresco: a antropologia de Beatriz Gois Dantas" de Maria Laura Cavalcanti.

No epílogo, apresento o que se deu após a morte de Mãe Bilina. Como ela é relembrada e qual o legado deixado por ela para as pessoas, de modo especial, para a comunidade nagô laranjeirense.

A história muitas vezes, se apresenta como uma ciência construída como fruto de um campo de batalhas, batalhas de memórias, batalhas entre os lugares em que se encontram os historiadores, as perspectivas e as formas com as quais se debruçam sobre os objetos e sujeitos de pesquisa. Aqui nos colocamos, para no hoje, darmos a nossa contribuição na salvaguarda do

passado, para que o que há de vir, se torne menos “caótico para as gerações futuras” (NASCIMENTO, 2018, p. 268).

CAPÍTULO 1

CAROLINA, CAROLINDA, CALU: ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA E SOBREVIVÊNCIA NEGRAS NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DA ESCRAVIDÃO.

> "[…] mamãe, ela trabalhou muito, criou aqueles meninos tudo ali direito. Trabalhou muito, e ele foi ingrato. Aí os brancos mesmo reclamou que ele num devia ter feito isso com mamãe. Foi agora essa data que ela comprou uma casinha, quando saiu de lá, num tirou nada de lá e disse também não dou meus filhos. Meus filhos não sai. Ele queria levar nós, mamãe disse, não vai não. Quando cheguei lá no Rio com a família de Seu Teodureto Nascimento, ele queria me tirar da casa que eu estava. Aí mandei dizer a mamãe. Mamãe disse que eu não fosse, que ele foi ingrato, que papai tinha dado uma casinha para ela e ele tomou. Que eu não fosse, que ficasse na casa que estava. E lá fiquei." [16]

Carolina foi uma mulher crioula filha de dois africanos (DANTAS, 1988)[17], nascida na Fazenda do Tanque do Moura, propriedade pertencente ao Capitão Fellipe de Faro Motta. Nos relatos orais de Mãe Bilina, Carolina possui quase o papel de uma coadjuvante. Na hierarquia dos afetos, presentes no discurso biliniano, a avó e o pai putativo[18] dela, se destacam muito mais do que sua mãe.

Carolina possui algumas variações em seu nome, assim como a sua mãe (chamada por vezes de Ismera, Esméria e Birunqué, nome africano), era usualmente chamada de "Calu", tinha por nome Carolina, e consta na Certidão de Nascimento de Umbelina Araújo como Carolinda de Araújo. Entretanto, a certidão de nascimento foi realizada por iniciativa da própria Umbelina que buscou o cartório para se registrar em 12 de abril de 1972. É Dona Umbelina que nomeia a mãe e a avó como sendo "Araujo". Faço a opção preferencial de chamá-la simplesmente de Carolina por ela ter sido tratada assim toda a sua vida. Visto que, como ex-escravizada não recebeu em vida um sobrenome. Sendo-lhe legado por sua filha posteriormente.

Carolina teve sua vida marcada por algumas fases, a primeira como escravizada do eito, a segunda como uma escravizada urbana, na qual, além de cuidar dos filhos do seu senhor, também era alugada para outras pessoas e por fim, como liberta. Carolina é uma sujeita com um nível de complexidade de interpretação relevante, que me desafiou a ir além do que estava posto e do que me pareciam fatos óbvios, quase como verdades intransponíveis.

Calu sempre foi uma figura que me chamou atenção, por ser uma sujeita, que ao longo de sua trajetória, adquiriu uma determinada mobilidade social dentro da sociedade escravista

[16] Umbelina Araújo, sobre Salustiano Orlando de Araújo em entrevista à Beatriz Góis Dantas, em 1972.
[17] Portanto, uma crioula.
[18] O tabelião Manoel Joaquim de Araújo.

laranjeirense, primeiro tornando-se uma escravizada de ganho e posteriormente alcançando a sua liberdade e duas casas, com o ofício de ama de leite.

Portanto, decidi me debruçar sobre Carolina, mas de um ponto de vista diferente do até então utilizado. Queria ir além das informações já alcançadas pelos pesquisadores que me precederam e que me davam uma sensação de engessamento desta sujeita, quase como se fosse uma prisão. Então busquei olhar para Calu mais uma vez, fazendo uma viagem secular no espaço-tempo, buscando responder a seguinte pergunta, para além de uma escravizada aparentemente subserviente, quem era você Carolina?

1.1 - A LARANJEIRAS DE CALU.

Laranjeiras na segunda metade do século XIX, era uma cidade relevante na então Província de Sergipe. Entretanto, para além de ser uma cidade alicerçada sob a mão de obra escrava, enfrentava problemas com relação ao fornecimento de água e salubridade pública, superando até o início do século XX, cerca de seis surtos de epidemia de varíola.

No que concerne à população escravizada, especialmente no último quartel do século XIX, se tornou difícil adquirir um escravizado na cidade de Laranjeiras (AMARAL, 2012). A população escravizada estava concentrada nas mãos dos mais ricos e o tráfico interprovincial levava para o sudeste alguns escravizados.

Laranjeiras era uma cidade violenta. Especialmente para escravizados e mulheres. Foi um tempo marcado por "...envenenamentos em famílias, mortes, raptos e casamentos com menores..." (AMARAL, 2012, p., 64). E assassinatos de escravizados, como foi o caso de Lúcio, morto pelo seu senhor Manoel Curvello de Mendonça.

O caso de Lúcio chama atenção, pelo grau de barbaridade ser tão elevado, que levou o seu senhor a ser processado. Ou seja, chocou a própria sociedade da época. Que apesar de ser mais sensível às condições impostas aos escravizados, ainda era escravista. Lúcio, escravizado por Manoel Curvello de Mendonça Bastos, fugiu da propriedade do seu senhor por cerca de um ano. Em 1875 ele foi preso em Maceió e teve de retornar à casa do seu senhor em Laranjeiras, onde foi severamente castigado. "Como parte do castigo, foi colocado no tronco de onde só viria ser retirado mais de uma semana depois, já morto. O ocorrido resultou em um processo de homicídio da promotoria pública de Laranjeiras contra o senhor de Lúcio." (AMARAL, 2012, p., 122).

Manoel Curvello de Mendonça Bastos era acostumado a castigar os próprios escravizados, aplicando ele mesmo os castigos físicos, chegando a assassiná-los. Em outro episódio, citado em um dos depoimentos do caso "Lúcio", Francisco Nogueira afirmou que Curvello "deu uma grande surra em seu escravo já velho, deitado em um tronco, amanhecendo morto no outro dia" (AMARAL, 2012, p.,. 125). Segundo relatos do mesmo, pessoas do engenho São Paulo, propriedade de Manoel Curvello de Mendonça Bastos onde o fato se dera, Lúcio foi surrado, colocado no tronco algemado, morrendo após permanecer no tronco por sete dias. Nogueira afirmou que Lúcio gritava como um louco. Manoel Curvello de Mendonça Bastos foi absolvido.

Mas o fato é que no final do século XIX, especialmente a partir da década de 1870, a escravidão transmitia uma imagem negativa para a sociedade. No caso do Vale do Cotinguiba, por exemplo, como afirma Sharyse Piroupo do Amaral (2012), somente os mais ricos possuíam escravizados. E mesmo assim, os escravizados impunham os seus limites, ou buscavam meios de impor aos seus senhores.

O império também passou a interferir na relação senhor-escravo por meio das leis, que foram "construindo" a libertação gradual dos escravizados, cuja a qual se destaca a Lei do Ventre Livre, que passou a permitir oficialmente, que os escravizados adquirissem o seu pecúlio e negociassem as suas alforrias com os seus senhores. Chalhoub (1990) defende que esta lei advém do costume. Mediante práticas sociais, portanto, escravizados conquistaram o direito de angariarem fundos e com eles comprarem a própria liberdade. Eram as últimas décadas da escravidão e o sistema escravista dava os seus últimos suspiros.

Chalhoub (2012) defende, que as leis que gradativamente libertaram os escravizados ao longo da segunda metade do século XIX, de modo especial em seu último quartel, foram conquistas dos escravizados que lançaram mão de diversas estratégias para alcançarem o status de libertos. Deste modo, por meio de diversas ações na justiça escravizados foram pressionando o império brasileiro e conquistando juridicamente o acesso à liberdade.

Este trabalho se refere à corte do Rio de Janeiro, onde Chalhoub analisou principalmente processos jurídicos, mas também inventários, assim como eu. Ele junto com Amaral, me ajudaram a compreender melhor como as leis acerca da escravidão, elaboradas a partir da segunda metade do século XIX, atingiram diretamente a vida dos escravizados no Império Brasileiro e na Província de Sergipe, de maneira específica, como atingiu a família de "Mãe Bilina" e a própria, por consequência.

A interpretação dos relatos orais de "Mãe Bilina" não contam com uma contextualização historiográfica muito bem elaborada. Isto se dá pelo fato de ser um texto escrito para um mestrado em antropologia e não em história. A preocupação, ou seja, o problema da pesquisa de Prof.ª. Beatriz Gois Dantas era outro, ela estava preocupada em compreender o (s) significado (s) de pureza nagô para o mais antigo terreiro nagô em Sergipe.

Sharyse Piroupo do Amaral (2012), também não elabora reflexões específicas sobre as trajetórias de Mãe Bilina e suas figuras maternas, isto porque seu trabalho buscou compreender como foram as últimas décadas da escravidão na província de Sergipe.

Entretanto, se nos colocarmos diante da narrativa acerca das vivências de Dona Birunqué e Carolina, logo poderemos descobrir como elas foram transpassadas, atingidas por essas leis (pelo cumprimento ou não das mesmas). A Lei Eusébio de Queiroz, Lei do Ventre Livre e Lei do Sexagenário, possuem entre si um espaçamento temporal interessante. Elas são o prelúdio da Lei Áurea que só ocorreu, finalmente, em 1888. Em 2022, facilmente poderíamos compreender essas leis como políticas públicas do governo federal brasileiro, diante de uma questão social.

Dificilmente uma lei é criada sem uma demanda social. A escravidão na segunda metade do século XIX, passou a ser uma urgência, principalmente após a Guerra do Paraguai. Diante da questão da escravidão e com a intenção clara de arrefecimento dos ânimos dos escravizados, temendo rebeliões escravas como as de São Domingos (Haiti), o parlamento brasileiro foi criando leis que gradativamente foram concedendo mais direitos à massa de escravizados.

Os escravizados possuíam as suas próprias formas de lidarem com a sua condição social. Claramente, existiam limites, mas a passividade destes, não era tão grande a ponto deles considerarem a si mesmos como coisa e dentro de suas possibilidades não buscassem meios de melhorarem a sua condição como cativos. Nas palavras de Chalhub (2012), os escravizados no século XIX, passaram a impor limites aos seus senhores, e recorrentemente buscaram as autoridades públicas para serem defendidos dos mesmos. Em outras palavras, de boca ou não, existiam escravizados que possuíam conhecimentos, mesmo que mínimos, sobre os seus direitos.

Carolina alcançou a sua liberdade entre os anos de 1875, quando ainda era descrita como escravizada no registro de usa filha Glicéria[19], e 1879, quando é descrita como liberta no registro de batismo de Umbelina. Temos, portanto, um espaço de seis anos nos quais Carolina alcança a sua liberdade. Carolina foi de certa forma "beneficiada" pela Lei do Ventre Livre, que tornou obrigatória uma prática que já existia na sociedade escravista, a de escravizados juntarem um pecúlio para poderem comprar a própria liberdade. Esta prática social se tornou lei e junto com ela, os senhores passaram a ser obrigados a negociarem com os escravizados os valores de suas alforrias.

Entretanto, apesar de alcançar a alforrias, Carolina manteve os laços com o seu antigo senhor, Manoel Joaquim de Araújo e permaneceu vivendo com ele na rua do Sagrado Coração de Jesus. Não acessei informações sobre outros ex-escravizados em Sergipe que repetirame essa prática de Carolina. Na própria cidade de Laranjeiras exemplo como os de Herculano, Henrique e a sua própria mãe Birunqué, realizaram exatamente o oposto, alcançaram a liberdade e cada um foi construir o seu próprio patrimônio e vida.

Em Visões da Liberdade (1990), é possível acompanhar as trajetórias de alguns ex-escravizados que mesmo após alcançarem a liberdade continuaram mantendo laços com os seus senhores, prestando-lhes serviços esporádicos e quando não, ao menos tendo-lhes um profundo respeito. Antes da Lei do Ventre Livre, era possível, segundo as Ordenações Filipinas, que os senhores revogassem a carta de alforria, por motivo de "ingratidão". Mas essa clausula foi abolida em 1871, portanto, não fundamentaria a escolha de Carolina por permanecer na casa do seu antigo senhor.

É fato que Carolina e Manoel Joaquim de Araújo possuíam uma relação de afeto, ou que ao menos esta relação de afeto existe dele para com a prole de Carolina que nasceu em sua casa, sendo excluído Cincinato, que foi vendido para o pagamento das dívidas realizadas por ocasião do falecimento de Amélia de Araújo Bastos. Era ele, chamado carinhosamente de "papai branco", que exercia na vida de Umbelina e seus irmãos Glicéria, Manoel e Maria a figura paterna, dando-lhes sustento, casa e um sobrenome.

[19] **Registro de Batismo de Glicéria Araújo.** Brasil, Sergipe, Registros da Igreja Católica, 1785-1994, índice e imagens: FamilySearch. Batistério da Freguesia do Sagrado Coração (1871-1877). Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-899TV6RP?i=127&wc=M5NJ-T3V%3A371846201%2C371846202%2C371846203&cc=2177298. Acessado em 22.08.2022.

Simbolicamente, Manoel Joaquim de Araújo, era, para estes sujeitos, o "senhor", e o "pai". Ele exercia um poder paternalista, sobre Carolina e sua prole. Entretanto, se constituía como uma figura carismática. E exerceu sobre esta família de subjugados/agregados uma espécie de violência simbólica. O não empregar violência física, entretanto, lança mão de estratégias que garantiram a ele a dependência de Carolina e de sua família. "Brancos que são eternamente aquelas pessoas paternalistas por mais que a gente não queira… É paternalizar a vida do homem justamente para poder ter poder. Claro (NASCIMENTO, 2018, p. 264)".

O tabelião Araújo, era no mínimo uma pessoa consciente da sociedade em que vivia e não é difícil entender o porquê. O seu filho mais velho, Salustiano Orlando de Araújo Costa, era um advogado renomado no Segundo Reinado. Era no mínimo uma pessoa que conhecia os meandros da lei e os bastidores da corte imperial. Manoel Joaquim de Araújo, que por sua vez, em 1870, já possuía cerca de trinta anos como tabelião de Laranjeiras, também era alguém que tinha conhecimento das leis que norteavam o império e a província. Não era, portanto, alguém desconectado do campo político e sabia bem o tempo que estava vivendo.

O Tabelião Araújo sabia que a escravidão não duraria muito. Mas como ele, um homem que viveu a vida inteira rodeado de um ou outro escravizado para saciar as suas necessidades poderia viver sem alguém dedicado exclusivamente para servi-lo? Ele sabia que não conseguiria manter Carolina e seus filhos sob o seu domínio, sob a sua influência por meio da violência física, logo, se envereda por outro caminho. O de uma figura necessária para vida desses sujeitos, o pai, aquele que cuida, veste, educa e que deu um nome, para essas crianças. Em contrapartida, Carolina permaneceu em sua casa, junto com seus filhos, servindo a família Araújo até a morte do tabelião, quando mediante um desentendimento com os seus filhos, Calu decide romper laços com os descendentes do "papai branco".

Carolina por sua vez, se utilizou de estratégias que deram educação e boa alimentação para os seus filhos, ao menos até mais da metade da infância. Alcançou a própria liberdade e comprou duas casas, uma na rua da Cacimba e outra na rua da alegria, tudo isso por meio do seu ofício de ama de leite. Logo, Carolina não era alguém conformada com a sua condição de escravizada e buscou superar o status de cativa conquistando a própria liberdade (DANTAS, 1988).

Por meio do trabalho de Chalhoub (1990), podemos aprender que escravizados colocavam limites aos anseios senhoriais e interferiam, dentro das suas possibilidades, nas suas próprias transações de venda e troca. Alguns chegavam até a cometerem suicídio, como foi o

caso de um escravizado em Laranjeiras, que sabendo que seria vendido para uma das províncias do sul, se suicidou dentro da cadeia de Laranjeiras (OLIVEIRA, 1941).

No caso de Carolina, identificamos indícios da sua interferência, em sua mudança de proprietário, como por exemplo o fato de seu filho a acompanhar na mudança. Portanto, Carolina fez questão de levar consigo o seu filho Cincinato, reivindicação aceita pelo tabelião Manoel Joaquim de Araújo e por Maria da Gloria de Faro Jurema, que possivelmente não deveria fazer tanta questão assim, de manter por perto o filho de seu falecido marido.

A Lei do Ventre Livre também criou o fundo de Emancipação de Escravos em Sergipe. O abolicionista Francisco José Alves, se dedicou a abrir diversos processos para a conquista da alforria de escravizados. Visto que a Lei de 1871, obrigava os senhores a negociarem o preço da liberdade de seus cativos, em alguns casos o fundo pagava uma percentagem do valor, e o cativo pagava a parte restante (AMARAL, 2012).

Laranjeiras no final do século XIX, também enfrentou surtos epidêmicos, cerca de quatro (1872 a 1874, 1882, 1883, 1887 a 1888), sendo considerada uma cidade insalubre e com condições sanitárias decadentes. Visando melhorar a situação higiênica da cidade, diversas medidas foram tomadas, as amas de leite, deveriam apresentar atestado de saúde (AGUIAR, 2002). As tradicionais festas negras foram proibidas, podendo incorrer em multa e prisão.

> …passou a controlar as manifestações da população negra local, interferindo na realização dos cortejos pelas ruas da cidade ‘dos divertimentos intitulados reizados ou bailes pastoris’, típicos do ciclo natalino, cujo auge na cidade ocorria no dia 06 de janeiro, em louvor aos Santos Reis, à Virgem do Rosário e São Benedito, cuja festa era realizada na Igreja da Irmandade dos Pretos, passando a exigir a licença por parte da Intendência, para as suas realizações ‘sob a pena de 10$000 de multa, ou 2 dias de prisão’. (AGUIAR, 2002, p. 36).

Em 1888, em meio a mais um surto de varíola, as ruas de Laranjeiras se encheram de alegria para comemorarem a abolição da escravidão. O jornal “O Larangeirense”, em sua edição do dia 20 de maio de 1888, noticiou a promulgação da Lei Áurea, e suas reverberações em Laranjeiras e no estado de Sergipe. Pertencente a Joaquim de Menezes, pai de Josino de Menezes, seu editor, que posteriormente se tornou o presidente da província de Sergipe, “O Larangeirense”, era um periódico republicano e abolicionista.

A própria direção do jornal organizou a comemoração da abolição na cidade de Laranjeiras, publicando em suas páginas a organização da mesma,

PROGRAMA

FESTA DA LIBERDADE

HOJE

A’s sete horas da noite uma gyrandola de foguetes annunciará a reunião do povo no paço da Municipalidade, de onde partirá á marche aux flambeaux.

Serão percorridas as seguintes ruas: - do Roque, da Matriz, Teatro Novo, de onde seguirá pela rua da Conceição, á da Comendaroba; voltando pela do Commercio, irá a do Porto do Outeiro, d'ahi á rua da Poeira entrando pela do Cangaleixo, dissolvendo-se a passeiata em frente ao edifício do Larangeirense, onde ficarão as lanternas.

--

As ruas estarão bellamente arborizadas e as casas particulares ostentarão rica iluminação.

Durante a passeiata ouvir-se-hão conhecidos oradores e brilhantes poesias serão recitadas.

--

Acompanharão a marche a banda musical do maestro José Joaquim Correia e a dos barbeiros.

A primeira seguirá a frente dos cavalheiros que concorrerem a festa, a dos barbeiros precederá aos ex-escravisados.

--

D’esta modesta forma, o povo larangeirense presta um preito de homenagem ao grande patriótico ministério 7 de Março pela sanção da áurea lei da libertação completa dos escravos. Larangeiras, 20 de maio de 1888. – A Comissão.[20]

A marcha em comemoração pela abolição, aconteceu em um domingo à noite. Primeiro domingo após a promulgação da Lei Áurea, que ocorrera no domingo anterior. O itinerário escolhido pelos organizadores, contemplaram ruas habitadas por muitos africanos e seus descentes, ou seja, por ex-escravizados, como é o caso da rua do Cangaleixo e da Poeira. O próprio jornal abolicionista estava localizado na rua do Cangaleixo, hoje denominada rua João Ribeiro, na a sua antiga casa, transformada em museu.

Carolina e seus filhos, possivelmente, puderam ao menos ver passar a marcha-festejo da porta da casa do Sr. Araújo, visto que o paço da municipalidade está localizado na Rua Sagrado Coração de Jesus a poucos metros da casa número 14, onde o tabelião e toda a sua família residiam. Umbelina contava com oito anos de idade, sua irmã Glicéria com quatorze e Calu com trinta e três anos de idade.

[20] O Larangeirense, n. 70. P. 4. 20.05.1888. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=810444&pesq=O%20larangeirense&hf=memoria.bn.br&pagfis=22 Acessado em 26.07.2022.

Curioso é o fato do primo de Mãe Bilina, Zé da Carroça, ter declarado que eles teriam nascido um ano após a abolição.[21] Possivelmente ele se confundiu. Na verdade, ela nasceu após a Lei do Ventre Livre, o que de fato a beneficiou e fez com que ela já nascesse em liberdade. Além disso, na ocasião do nascimento de "mãe Bilina", Carolina já havia se alforreado. Logo, Umbelina nunca conviveu com sua mãe como uma cativa, mas sempre como uma liberta.

Ao longo das próximas linhas, entenderemos melhor como se dera a construção dessa liberdade, quais as estratégias construídas e caminhos percorridos por "Calu" e quais legados ela pôde ofertar para Umbelina e seus outros filhos.

1.2 - AVERTANI, BIRUNQUÉ & CAROLINA.

Carolina é o nome da mãe de Dona Umbelina Araújo. Ela nasceu no Tanque do Moura em 1844. Era filha de dois africanos, Avertani e Birunqué, ambos nagôs (DANTAS, 1988). Carolina foi líder das taieiras, mãe de cinco filhos e uma negra liberta. Sua mãe foi escravizada ilegalmente[22], tendo sido capturada após a Lei Feijó, de 9 de novembro de 1831[23]. Deste modo, se considerarmos que a escravização de pessoas, possuía alguma legitimidade, Birunqué e seus descendentes, foram escravizados fora desta legitimidade, fora da legalidade escravocrata.

Dona Birunqué, rebatizada no Brasil como Esméria, fora escravizada, chegando em solo brasileiro entre os anos de 1831 e 1843, tempo suficiente para conceber e gestar Carolina. Segundo a narrativa de Dona Umbelina, sua avó teria atravessado o Atlântico escondida em barris, esta travessia, poderia ou não, ter sido realizada ao lado de Ti Henrique, que foi denominado por Dona Bilina, como malungo da sua avó. Entretanto, é uma possibilidade que eles tenham desenvolvido uma relação de amizade já em solo sergipano, não sendo, especificamente, companheiros de travessia do Atlântico.[24]

---

[21] DANTAS, 1988, p. 70.

[22] Em 1871, por ocasião da morte do Sr. Fellipe de Faro Motta foi realizado o seu inventário, no qual Dona Birunqué (denominada como Esméria) foi descrita como uma africana de 50 anos de idade, que possuía uma filha) de nome Carolina de 26 anos, esta por sua vez, sem descrição de étnica. Entretanto, Carolina é descrita como crioula, por Umbelina, teria, deste modo, sido gerada no cativeiro ilegal, deduzo portanto, que Dona Birunqué chegou ao solo do Império do Brasil ao menos 26 anos antes de 1871, ou seja, 1845.

[23] "Art. 1º Todos os escravos, que entrarem no território ou portos do Brazil, vindos de fóra, ficam livres." Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37659-7-novembro-1831-564776-publicacaooriginal-88704-pl.html#:~:text=Declara%20livres%20todos%20os%20escravos,aos%20importadores%20dos%20mesmos%20escravos. Acessado em 13.07.2022.

[24] Segundo João Ribeiro, o significado da palavra malungo se refere a um "companheiro de escravidão: da mesma laia ou ordem social." "O Elemento negro." p., 93.

Birunqué, foi uma das fundadoras da comunidade nagô de Laranjeiras. Possivelmente, trouxe a sua, ou as suas divindades africanas, para serem cultuadas aqui no Brasil. Dona Umbelina afirma que a sua avó viveu cerca de trinta e cinco anos na casa da esposa de Ti Henrique, Bernarda, e a auxiliava a cuidar dos santos do mesmo. No nagô, o costume é que cada família cuide do orixá (ou santo) da sua própria família. Para isso, são escolhidos, pela própria divindade, pessoas que ficarão responsáveis pelo santo da família.

É possível que Ti Henrique guardasse os santos de nagôs escravizados dentro da sua residência, o que explicaria o fato de Dona Birunqué residir por mais de três décadas na casa de Ti Henrique, visto que, entre os nagôs os "cuidadores" dos santos, devem morar na casa com ele, zelando pelo mesmo. A casa é do santo e os escolhidos para cuidarem dele, moram com ele. Com a conquista da sua liberdade, Birunqué saiu do Tanque do Moura, localizado atualmente na cidade de Riachuelo, e se mudou para a casa de Ti Henrique, localizada na rua do Cangaleixo[25], em Laranjeiras.

Avertani, seu companheiro, não alcançou a liberdade, sendo "pisoteado pelo cavalo do feitor" (DANTAS, 1988, p. 75). O avô Avertani, é descrito por sua neta como um negro "quebrado", ou seja, ele sofria de atrofiamento, ou mutilação de algum membro do seu corpo, provavelmente em decorrência da escravidão.

Dona Umbelina não revelou a data em que sua avó conquistou a sua liberdade, podendo esta ter sido adquirida, ou sendo consequência da "Lei do Sexagenário", de 28 de setembro de 1885. Em 1871, Dona Birunqué foi categorizada como uma africana de 50 anos de idade, é possível que tivesse exatamente esta idade, ou que fosse uma estimativa. Deste modo, em 1885, contaria com 64 anos de idade, se enquadrando no perfil de contemplados pela "Lei do Sexagenário" ou "Lei Saraiva-Cotegipe"[26].

Se tiver sido libertada pela "Lei do Sexagenário, Birunqué viveu até meados de 1910, falecendo, provavelmente, com 99 anos de idade, o que é possível, visto que a própria Umbelina viveu 95 anos e recentemente um dos descendentes destes africanos, o senhor José Maria de Jesus, antigo patrão do nagô, faleceu com 103 anos.

[25] Atualmente denominada Rua João Ribeiro.

26 FBN I História – 28 de setembro de 1885 – Promulgada a Lei dos Sexagenários. Blog da Biblioteca Nacional. Disponível em: https://blogdabn.wordpress.com/2016/09/28/fbn-i-historia-28-de-setembro-de-1885-promulgada-a-lei-dos-sexagenarios/ . Acessado em 13.07.2022.

Entretanto, na narrativa de Dona Umbelina, a sua avó teria vivido estes 35 anos junto com Dona Bernarda, e depois passara a viver com ela, seus irmãos e sua mãe na rua da Alegria, até o dia de sua morte. Carolina e sua prole, saíram da casa de Manoel Joaquim de Araújo, quando este faleceu em 1891, trinta e cinco anos antes disso, resulta em 1854, quando comprovadamente, Birunqué ainda estava escravizada no Tanque do Moura.

"Viveu", portanto, possivelmente, possui um significado distinto de "coabitou". Birunqué, provavelmente, deve ter feito parte por cerca de trinta e cinco anos da comunidade dos nagôs. Cuidando dos santos, presentes na casa de Ti Henrique, até o final da sua vida. A hipótese de que Dona Birunqué teria sido libertada em 1885, se conecta com a narrativa de Dona Umbelina, de que desde muito pequena a sua avó a levava para o nagô. Em 1885, Umbelina teria 6 anos de idade. Na ocasião da morte de Manoel Joaquim de Araújo, 12 anos, quando se insere no mundo do trabalho e gradativamente vai se afastando da comunidade nagô.

Dona Birunqué, foi a principal transmissora da cultura africana para Dona Umbelina, falando dos costumes e territórios africanos e inserindo-a na comunidade africana nagô, laranjeirense (DANTAS, 1988). Deste modo, quando Dona Umbelina fala acerca da África, transmite as memórias principalmente de sua avó, mas também de outros africanos com os quais ela conviveu. De outro modo, quando ela fala sobre os africanos, fala sobre os sujeitos que ela conheceu. "Eu alcancei: Ta Lucinda, Inã pela África; Rufino, um nagô que morava na baixa do Calumbí; Ti Oxó. Tinha muito, é porque eu não me lembro..."[27], ela conheceu muitos africanos, a exemplo de Ti Herculano, que mesmo tendo sido escravizados, conquistaram sua liberdade e angariaram bens ao longo da vida.

Carolina, diferentemente da sua mãe, não integrou a comunidade nagô em Laranjeiras, apesar de passar a morar próximo a Ti Henrique antes de sua mãe. Em 1871, altura da morte de seu primeiro senhor, Fellipe de Faro Motta, Carolina fora descrita como filha de "Esméria", com 26 anos, tendo como seu filho Cincinato "cabra de 6 anos de idade".

Cincinato foi fruto de um intercurso sexual forçado, ou não, com o seu senhor, Fellipe de Faro Motta. Após a morte do Sr. Faro Motta, Carolina supostamente teria sido "vendida", para o tabelião Manoel Joaquim de Araújo, para servir de ama de leite para os seus filhos. Carolina, na ocasião, não estava grávida. Muito menos Dona Amélia de Araújo Bastos, esposa do Tabelião Araújo.

[27] DANTAS, 1988, p. 66.

Fellipe de Faro Motta, era integrante de uma família poderosa em Laranjeiras. Na ocasião da visita do imperador Pedro II, à cidade, ele e seu tio Francisco de Faro Motta, integraram a comissão de recepção ao imperador, e sua enteada, Joana Ladislau, leu uma poesia para o imperador.[28] Nós já remontamos a saga de Birunqué e sobre como, dentro da lógica escravista, mesmo que seja uma lógica desumana, ela foi escravizada ilegalmente. Visto que, a importação de escravizados estava proibida.

O fato é que, como outros senhores de engenho, Fellipe de Faro Motta permaneceu adquirindo escravizados. Em 1871, Fellipe de Faro Motta faleceu, sendo aberto o processo para inventariação de seus bens. A inventariante foi a sua esposa, Maria da Gloria de Faro Jurema, casada com e desde 1849, com uma história marcada por tragédias e muita violência, a qual abordaremos a seguir.

O filho do Sr. Fellipe com Carolina, Cincinato, nasceu provavelmente em 1865, Carolina possuía cerca de 20 anos de idade. Quando Carolina tinha cerca de 5 anos de idade, Fellipe de Faro Motta já era um homem casado. Em 1871, por ocasião da morte do Capitão Faro Motta, foram declaradas dívidas médicas, feitas com o Dr. Antônio Rodrigues de Souza Brandão.

A petição dele possui cerca de onze páginas, nas quais constam dívidas do Sr. De Faro Motta, oriundas de consultas realizadas com o mesmo e com a sua família. As dívidas somavam um total de 340$00. A escravaria de Faro Motta contava então, com mais de quatro dezenas de escravizados, entretanto, somente uma quantidade diminuta de escravizados receberam atendimento médico entre os anos de 1869 e 1871, Joanna, Dionizio, Anacleto, e Carolina[29].

Carolina recebeu diversas consultas do médico[30]. Em maio de 1871, Carolina fora submetida à exames, e receberam a aplicações de medicamentos, repetidas nos dias 21 do mesmo mês e em 2 de junho do mesmo ano. Adoecera ao mesmo tempo que o Sr. Felippe de Faro Motta, vindo este à óbito em julho de 1871, ela por sua vez, viveu até o começo do século XX.

Carolina é uma sujeita interessantíssima, dentro do nosso enredo. Sua experiência a levou a traçar estratégias de resistência, que a constituíram como uma exímia negociadora,

[28] OLIVEIRA, 1941, p. 87.
[29] Requerimento de dívida passiva do Dr. Antonio Rodrigues de Souza. AGJES, LAR/C.1º OF. Cx. 07, 1871, Nº 219.
[30] 2 de janeiro de 1870, 31 de maio de 1870, 12 de junho de 1870, 02 e 12 de julho de 1870, 20 e 21 de maio de 1871, 02 de junho de 1871.

possivelmente com Fellipe de Faro Motta, mas com certeza com o Sr. Manoel Joaquim de Araújo.

1.3 - CAROLINA, A MÃE DOS ARAÚJOS.

Após a morte do seu primeiro senhor, Carolina passou a pertencer ao Sr. Manoel Joaquim de Araújo. Quando me debrucei sobre os relatos orais de Mãe Bilina, sobre a sua mãe, acendeu em mim o desejo de compreender como esses dois homens, Manoel Joaquim de Araújo e Felippe de Faro Motta, se conheceram, como teria ocorrido o primeiro contato entre ambos e como Manoel teria conhecido "Calu" e se tornado, posteriormente, "pai putativo" de seus quatro filhos.

Precisei de ao menos de três tipos de fontes para compreender como estes dois sujeitos se encontraram e qual o ponto de intersecção que os mesmos possuíam. Manoel Joaquim de Araújo, mais conhecido como "Papai Branco", modo pelo qual era chamado por Dona Umbelina e seus irmãos, era um tabelião da cidade de Laranjeiras. Provavelmente iniciou o seu ofício por volta da década de 1840, quando o seu nome já consta na lista de escrivães da Comarca de Laranjeiras[31]. Ele e sua prole residiam na rua do Sagrado Coração, número 14. Em 1871, era pai de três filhos (Salustiano Orlando de Araújo Costa, Affonso de Araújo Bastos e Amélia de Araújo Bastos), dos quais, dois eram menores de idade, concebidos em seu segundo casamento, com a senhora Amélia de Araújo Bastos.

Antes de se casar com a senhora Amélia de Araújo, Manoel Joaquim de Araújo foi casado com Maria Vitória de Araújo, com a qual concebera Salustiano Orlando de Araújo Costa (1834-1908), nascido em 8 de julho de 1834 em São Cristóvão. Salustiano de Araújo foi um jurista renomado. Exerceu diversas funções no campo jurídico, entre as quais se destaca a de primeiro procurador-geral da Província do Rio Grande do Sul (1888-1891) [32]; condecorado pelo governo imperial; e citado no Almanack Laemmert e no Dicionário Bio-bibliográfico de Armindo Guaraná, além de possuir obras suas no acervo do Senado Nacional [33]e no acervo de obras raras da Biblioteca do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro[34].

[31] OLIVEIRA, 1941, p. 62.
[32] Memorial dos Procuradores, Ministério Público do Rio Grande do Sul. Disponível em: https://www.mprs.mp.br/memorial/procuradores-gerais/. Acessado em 22/04/2022.
[33] Biblioteca Digital. Portal "O Senado" Acervo por Autor "Salustiano Orlando de Araújo Costa". Disponível em:https://www2.senado.leg.br/bdsf/browse?type=author&value=Costa,%20Salustiano%20Orlando%20de%20Araujo,%201834-1908. Acessado em 22/04/2022.
[34]https://www.emerj.tjrj.jus.br/paginas/biblioteca_videoteca/catalogo-obras-raras/catalogodeobrasraras2020/17/ . Acessado em 22/04/2022.

De longe, um "notável" sergipano. Em nosso enredo, Salustiano Orlando de Araújo surgiu primeiro como o tutor dos seus irmãos menores Astrogilda e Paulo de Araújo, por ocasião do falecimento de seu pai. Os seus irmãos Amélia e Philemon de Araújo faleceram, restando apenas Salustiano Orlando, como responsável legal dos irmãos menores. Este fato se dera em 1891, quando, coincidentemente ou não, Salustiano Orlando de Araújo se aposentou[35]. Após a sua aposentadoria, passou a viver na cidade do Rio de Janeiro até o seu falecimento, em 1908. No Rio de Janeiro era possível encontrar o Conselheiro Salustiano Orlando de Araújo na antiga rua Ourives, 82 e na rua Santo Amaro, 78. [36]Na rua Santo Amaro funcionou entre os anos de 1840 e 1940, a primeira enfermaria da Beneficência Portuguesa, à qual possivelmente, Salustiano Orlando de Araújo, quando aposentado, prestou os seus serviços.

Araújo Costa, inicialmente, apareceu como um coadjuvante, eu mal compreendia quem ele era e o que estava fazendo naquele inventário com letras tão difíceis de ler. Entretanto, este sujeito gradativamente foi tomando cores, forma, destaque, reaparecendo várias vezes, se revelando o "elo", a "ponte", entre o senhor seu pai, Manoel Joaquim de Araújo e o Sr. Felippe de Faro Motta. Um dia enquanto lia os batistérios da Freguesia do Sagrado Coração de Jesus do século XIX, me deparei com Araújo Costa uma segunda vez, quando encontrei o registro de nascimento de uma das irmãs de Mãe Bilina, "Aos 24 do mês de Outubro do ano de 1875 o Vigário Manoel Ribeiro Pontes baptizou a ingenua Gliceria, fulla, nascia a 20 de setembro de 1875, filha natural de Carolina escrava do Doutor Comendador Salustiano Orlando d'Araujo… " [37]. Espanto.

A narrativa que possuíamos até então, eram os relatos orais de Dona Umbelina, que afirmou que sua mãe pertenceu ao Tabelião Manoel Joaquim de Araújo, descobrimos que nem sempre foi assim. E nos perguntamos o que o filho de Manoel Joaquim, que aquela altura não se encontrava em terras sergipanas, teria a ver com Carolina, que segundo a narrativa umbeliniana, teria sido adquirida para servir como ama de um filho recém-nascido do "Papai

[35] Procuradores-Gerais. Ministério Público do Rio Grande do Sul. Disponível em: https://www.mprs.mp.br/memorial/procuradores-gerais/.

[36] Almanak Laemmert : Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) - 1891 a 1940. Bndigital. p. 319. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=14324&url=http://memoria.bn.br/docreader#.

[37] Registro de Batismo de Glicéria de Araújo. Batistério da Freguesia do Sagrado Coração (1871-1877). Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-899T-V6RP?i=127&wc=M5NJ-T3V%3A371846201%2C371846202%2C371846203&cc=2177298.

Branco". Guardamos esta pergunta e seguimos pesquisando. Araújo Costa se destacava nesta história, cada vez mais.

Busquei mais uma vez visitar o Arquivo Judiciário de Sergipe, desta vez, procurando o inventário do Sr. Felippe de Faro Motta. Este documento é extenso, possui um pouco mais de cem páginas "inacabadas". É um processo longo, percorreu cerca de 6 anos (1871-1877), marcado por muitas petições, muitos litígios judiciais, ocupações indevidas de propriedades e contendas familiares. O abrimos, percorremos suas páginas. Logo em seu início nos deparamos com a lista dos herdeiros do finado Faro Motta, "Maria da Gloria de Faro Jurema, Doutor Salustiano Orlando de Araújo Costa, na pessoa de seu procurador Manoel Joaquim de Araújo"[38]. Um segundo choque.

O que Salustiano Orlando de Araújo Costa fazia no inventário do Capitão Fellipe de Faro Motta? Constava na lista de herdeiros de Felippe de Faro Motta, pois se casara com uma de suas irmãs. Helena de Faro Motta e Costa. Faro Motta, não deixou herdeiros legítimos, deste modo, as suas propriedades ficaram para a sua viúva e irmãos. Salustiano de Araújo, era, pois, a "cabeça do casal" de sua esposa. Dona Jurema de Faro Motta, declarou, que o mesmo se encontrava na Província de São Paulo, por isto, seu pai fora constituído seu representante no processo de inventariação e partilha da herança.[39]

Manoel Joaquim de Araújo, portanto, era pai do cunhado de Fellipe de Faro Motta. Os Faro Motta, era uma família poderosa na cidade de Laranjeiras, de modo especial, o Fellipe e o seu tio, Francisco de Faro Motta, do qual herdou o engenho Massapê. As perguntas levantadas acerca da relação entre o tabelião de Araújo e o Sr. Faro Motta, nos levaram a Salustiano de Araújo, entretanto do mesmo modo, nos perguntamos o que aproximou Salustiano desta família, e mais uma vez retornamos à figura do seu pai.

Os Faro Motta, ficaram conhecidos na historiografia sergipana pelo episódio denominado o rapto da Jureminha. Jureminha, alcunha de Joanna Ladislau Jurema, era filha de Maria da Glória de Faro Jurema, fruto do seu primeiro matrimônio, então realizado com José Ladislau, assassinado em 1849, em frente à sua propriedade (OLIVEIRA, 1941). Sabemos que a posição de senhora de engenho e herdeira (do lugar de senhora) dentro da casa senhorial, concedeu privilégios às mulheres brancas de famílias abastadas. Entretanto, não as eximiu de

[38] Inventário de Felippe do Faro Motta, 12/07/1871. AGJES, Laranjeiras, cx. 219.
[39] Inventário de Felippe do Faro Motta, 12/07/1871. AGJES, Laranjeiras, cx. 219.

receberem, a partir do lugar que elas ocupavam, violências específicas. Jureminha e Maria da Glória, são um "exemplo vivo" disto.

Em 6 de setembro de 1849, Maria da Glória e sua filha, perderam respectivamente, o seu esposo e pai, com o qual residiam no engenho Jureminha, no termo de Rosário do Catete. Quatorze dias após o falecimento do seu primeiro esposo, Maria da Glória Jurema, foi raptada por seus tios, levada ao engenho do Massapê, de propriedade de Francisco de Faro Motta (tio da mesma) e forçada a se casar com Fellipe de Faro Motta, seu primo.

A intenção era que os bens da família, fossem unidos por meio deste casamento. Assim sendo, Fellipe de Faro Motta, como "cabeça do casal", reuniria sob a sua administração e posse, a sua propriedade "Tanque do Moura", o engenho "Jureminha", pertencente à sua prima-esposa, e posteriormente o engenho "Massapê", pertencente ao seu tio.

Entretanto, a paz de Fellipe, advinda do seu plano de sucesso, foi perturbada. Em 17 de setembro de 1849, mediante a denúncia de Francisco Rolemberg Chaves (também parente de Maria da Gloria Jurema), o delegado de polícia escreveu a seguinte missiva endereçada ao presidente da província Zacharias Góes Vasconcellos,

> Exmo. Sr. Dr. Zacharias Góes Vasconcellos, Presidente da Província: Fiquei surpreendido com a noticia de haver chegado hoje ao engenho Jurema o Major Francisco de Faro Motta com gente armada levando à força a viúva do Dr. João Ladislau e Silva. Imediatamente enviei todas as forças de que dispunha, não conseguindo resultado algum por haver o Major Faro Motta passado para o engenho Massapé, Distrito de Laranjeiras. Deus guarde. Rosário, 17 de setembro de 1849. Antonio Cerqueira Lima, Delegado de Polícia.[40]

No dia 24 de setembro d e1849, o Dr. Manoel Fellipe Monteiro, juiz da Comarca de Laranjeiras, ordenou então que os escrivães Pedro Francisco de Almeida e Manoel Joaquim de Araújo, que realizassem uma visita ao engenho Massapé, para averiguar se Maria da Gloria Jurema, passava bem, se estava de fato casada com o Sr. Fellipe de Faro Motta, e se contraiu matrimônio de livre e espontânea vontade (OLIVEIRA, 1941).

No mesmo dia, os escrivães se dirigiram ao engenho Massapé, no qual, interpelados por Fellipe de Faro Motta, não tiveram acesso a Maria da Gloria de Faro Jurema. Segundo Fellipe, a mesma "não podia aparecer por incômodo de saúde" (OLIVEIRA, 1941, p. 79). Isto foi

[40] OLIVEIRA, 1942, p. 78.

relatado em uma certidão de visita assinada por Pedro Francisco de Almeida, Manoel Joaquim de Araújo e José Paes Barbosa Madureira.

O vigário-geral, José Menezes Sobral, confirmou em 25 de setembro de 1849, o casamento de Fellipe de Faro Motta com Maria da Gloria de Faro Jurema, que solicitaram dispensa de consanguinidade, pois eram primos de primeiro grau. Casaram-se no dia 20 de setembro de 1849, no engenho Massapé (OLIVEIRA, 1941).

Manoel Joaquim de Araújo, como escrivão, surgiu no processo de investigação como a pessoa que alega que Maria da Gloria de Faro Jurema, estava bem, e que era improcedente a denúncia de Francisco Rolemberg Chaves, de que a mesma estava sob cárcere, sofrendo agressões do seu nubente.

> …essa Srª acha-se casada, e bem satisfeita com o capitão Fellipe de Faro Motta, como afiança o escrivão Manoel Joaquim de Araújo, e outras pessoas, até o proprio irmão do Rollemberg Chaves, de nome Luiz Gonzaga Medeiros da Costa, que acompanhou os escrivães, vio a Srª, e na volta fez com que seu irmão Rolemberg, desistisse d'huma perseguição aos Mottas sem fundamento… Larangeiras em 24 de setembro de 1849. [41]

Findo o mês de setembro, supostamente, Maria da Glória de Faro Jurema, em carta ao seu primo, José Francisco de Menezes Sobral, trouxe a sua versão dos fatos. Teria ela pois, saído do engenho Jurema, em companhia de seus tios, tendo se dirigido ao engenho Massapé, onde lhe passou pela cabeça o desejo do matrimonio. Disse estar feliz com o seu "consórcio", ainda mais quando "via a alegria de seus parentes"[42] por seu casamento. Sua única dor era não poder estar coma pequena Jurema, que estava sob a posse de seu outro primo, Francisco Rolemberg Chaves, que estaria sob a influência de inimigos do seu marido. Os quais, segundo sua suposta carta, proferiam calúnias acerca de Fellipe de Faro Motta. Entretanto, quase cem anos após o ocorrido, o cônego Philadelpho Jonathas de Oliveira o chama de rapto.

Retornando às relações entre o senhor Fellipe de Faro Motta (primeiro senhor de Carolina) e o senhor Manoel Joaquim de Araújo (segundo senhor de Carolina), os mesmos se conheciam, pelo menos, desde 1849. Manoel Joaquim de Araújo, foi essencial, em sua posição de funcionário do governo a testemunhar a favor de Fellipe de Faro Motta. Anos depois, se

[41] Missiva enviada pelo Juiz de Direito da Comarca da cidade de Laranjeiras ao presidente da Província, Zacarias de Goes Vasconcellos. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=222763&pagfis=2289&url=http://memoria.bn.br/docreader#.

[42] Correio de Sergipe, n. 68, 03.10.1849, p. 3. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=222763&pagfis=2289&url=http://memoria.bn.br/docreader#.

tornou o sogro de sua irmã Helena de Faro Motta e Costa e após o seu falecimento, proprietário de dois dos seus escravizados, entre eles, o seu filho Cincinato.

Aqui o Sr. Manoel Joaquim de Araújo e Calu se cruzam. Á época, ela foi declarada como uma escrava, primeiro com 25 anos, depois com 26 anos, filha de Esméria, africana. Não sendo declarada a sua cor. Cincinato, por sua vez era da cor "cabra", "6 anos", "filho de Carolina". Carolina fora avaliada no valor de 800$000 (oitocentos mil réis), Cincinato no de 300$000 (trezentos mil réis), e Dona Esméria no de 400$000 (quatrocentos mil réis). Juntos, somavam 1:500$000 (um conto e quinhentos mil réis). Carolina e sua família, foram avaliados e residiam no "Tanque do Moura", essa propriedade atualmente está situada no município de Riachuelo, circunvizinho de Laranjeiras e que em outros tempos fizera parte do seu território [43].

No final do ano de 1871, o Sr. Salustiano Orlando de Araújo, abriu mão da sua parte na herança de Felippe de Faro Motta. Coincidentemente, dois dos escravizados pertencentes a Felippe de Faro Motta, surgiram, segundo fontes orais, sob a posse de seu pai, Manoel Joaquim de Araújo e segundo registro de batismo, sob a sua própria posse, em 1873.

Provavelmente, Carolina passou para a posse dos Araújo, dentro do que, ao que me parece, teria sido uma negociação entre a senhora Maria da Gloria de Faro Jurema e o Sr. Salustiano Orlando de Araújo, transação, potencialmente mediada por Manoel Joaquim, para o qual foram destinados os dois escravizados, que juntos somavam 1:100$000 (um conto cem mil réis).[44] Em um período em que somente os mais ricos possuíam escravizados.

Cincinato fora vendido em 1879, para custear as despesas do enterro da senhora de Amélia de Araújo. Na ocasião do falecimento desta, o Sr. Manoel Joaquim contava com quatro filhos menores, Amélia, Philemon, Astrogilda e Paulo de Araújo. Philemon, que foi uma criança doente, demandava cuidados especiais (fora batizado em perigo de morte em 1876, entretanto, viveu até 1893, dois anos após o falecimento do seu pai).

As senhoras Amélia e Calu, viveram juntas por ao menos cerca de 5 anos. Carolina em 1875, já estava sob a posse da família Araújo. Se seguirmos o raciocínio de que a mesma teria sido angariada dentro de uma negociação entre Jurema e os Araújos, ela teria ido para a casa do Sr. Joaquim ainda em 1871, permanecendo ao seu lado até 1891, quando este viera à óbito.

[43] Inventário de Felippe do Faro Motta, 12/07/1871. AGJES, Laranjeiras, cx. 219.
[44] Inventário de Felippe do Faro Motta, 12/07/1871. AGJES, Laranjeiras, cx. 219.

Nos relatos orais de Mãe Bilina, Carolina teria sido comprada para cuidar de um dos filhos recém-nascidos dos Araújos, esta criança de peito era Amélia de Araújo Bastos, que em 1871 possuía um ano de idade, enquanto seu irmão Affonso, possuía dois anos.

> **Beatriz –** A senhora falou que a mãe da senhora tinha um filho, não? Lá no Tanque da Moura, não foi?
>
> **Bilina –** Minha mãe foi escrava, então, esse pai que criou nós foi casado duas vezes. Ele casou a primeira vez, a mulher dele morreu no tempo do cólera. *[1855]*. Até a senhora dele foi enterrada *[inaudível]*. Ele então teve Dr. Salustiano, Paulo e Vasco. Teve esses três filhos dessa senhora. Depois ele casou-se com uma outra de lá de Aracaju, da família dos Teixeira. Foi quando a outra morreu também de parto. Minha mãe dava de mamar, teve esse filho do senhor dela, do Tanque da Moura. Então ele soube, comprou ela. Comprou ela pra dar de mamar pros meninos. E ela ficou, assim, criando os meninos, dando de mamar aos que ficou. Aí ela pegou ter amizade fora.[45]

Por meio deste excerto nos foi revelado que o tabelião de Araújo, perdeu a sua primeira esposa para a cólera. Diferente do que foi dito por Dona Umbelina, tanto Paulo, quanto o "Vasco", possivelmente a alcunha de Philemon, não eram filhos da primeira senhora, e sim da segunda, segundo consta no inventário da Sr.ª. Amélia de Araújo. Paulo é o penúltimo filho do casal Manoel Joaquim de Araújo e Amélia Bastos. Na altura da compra de Carolina, Cincinato possuía 6 anos de idade. Portanto, já havia superado o período do aleitamento materno. Deste modo, existem duas possibilidades, ou que Manoel Joaquim tivesse adquirido Carolina sem estar amamentando, ou que um filho seu tenha falecido, fazendo com que esta possuísse leite em seus seios.

Casado duas vezes, o Sr. Joaquim não se casara uma terceira vez. A partir de 1879, residiam com ele, Calu e sua prole, uma outra escravizada, de nome Zeferina, uma alienada chamada Benedita e os filhos do tabelião Araújo[46]. Tanto Carolina quanto uma outra liberta, Severiana, possuíam filhos pardos. Glicéria, uma das suas irmãs, é descrita no livro de registros como "fulla", uma variação para denominar um "mulato".[47] Severiana foi citada como "escrava de Manoel Joaquim de Araújo" em 1876, no batizado de seu filho Silvino, um preto ingênuo. Possivelmente Severiana conquistou a liberdade antes de 1879[48].

Infelizmente não pudemos encontrar os registros dos outros dois irmãos de Mãe Bilina, Manoel e Maria. Entretanto, Glicéria foi fruto de uma relação entre Calu e um homem branco.

---

[45] Entrevista concedida por Umbelina Araújo a Beatriz Góis Dantas em 10/09/1972.
[46] Inventário de Amélia de Araújo Bastos, 04/02/1879. AGJES, Laranjeiras, cx. 225.
[47] Segundo o Michaelis, a palavra fula, seria "mestiço de negro ou mulato com negra; pardo". Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/fula . Acessado em 22/04/2022.
[48] Registro de Batismo de Silvino. Batistério da Freguesia do Sagrado Coração (1871-1877). Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-899T-V61N?i=146&wc=M5NJ-T3V%3A371846201%2C371846202%2C371846203&cc=2177298 . Acessado em 21.08.2022.

O que fora suprimido intencionalmente ou não, por Mãe Bilina em sua narrativa. Caso tenha sido proposital, talvez tenha sido para proteger a imagem deste homem, pai da sua irmã. Ao menos visto que, no caso do Sr. Felippe de Faro, a mesma não se eximiu de revelar que a mãe tivera um filho com seu primeiro senhor. Seria, portanto, Glicéria consanguineamente uma Araújo? Tal suposição fica no campo das conjecturas.

Dona Carolina, encarna em si, uma das representações sociais cunhadas pela sociedade patriarcal brasileira, a da ama-de-leite. Por meio deste ofício, ela alcançou a sua liberdade, entre os anos de 1871 e 1879, e angariou o pecúlio necessário para a compra de duas casas na antiga rua da Cacimba, que atualmente carrega o nome de sua filha Umbelina Araújo.

A figura da ama de leite é debatida, há um certo tempo, pela historiografia brasileira. Citada por Gilberto Freyre, como a grande pedagoga cultural brasileira, as amas-de-leite, "carinhosamente" denominadas de mães pretas, eram cruciais para o aprendizado linguístico, e religioso dos filhos dos senhores de engenho ao longo do período escravista (1973, p. 283-284). No que se refere à língua, foram responsáveis por estender à casa-grande, o português "falado", ao invés do escrito. Ou seja, popularizaram o que Gonzalez denomina "pretuguês" (2020, p. 90). Dona Carolina, exercera, ao seu modo, esta função social.

Freyre (1973, p. 450) se referindo aos escravizados do "serviço doméstico", afirma que estes possuíam de uma natureza distinta dos do "eito" eram privilegiados por uma assistência "religiosa" e "moral" não oferecida aos "escravizados agrícolas. Sendo comum, que os senhores legassem aos escravizados domésticos, seus sobrenomes "daí muitos Cavalcantis, Albuquerques, Melos, Mouras, Wanderleys, Lins, Carneiros, Leões" (FREYRE, 1973, p. 451).

Produções acadêmicas mais recentes, versam sobre as amas de leite e as escravizadas domésticas, como sujeitas extremamente estratégicas na construção da liberdade, galgando, na sociedade escravista, lugares de "privilégio". Helena Machado (2012, p. 119), afirma que no século XIX, o ofício de ama de leite era popular. Mediante a cultura de desvalorização da cultura de amamentação e do adoecimento da mãe, era comum que as famílias abastadas necessitassem da "amamentação mercenária".

Entretanto, critica a doçura dada pela historiografia tradicional, a este ofício, ressaltando, que, as amas de leite, quando tinham a possibilidade, priorizavam a criação dos próprios filhos (MACHADO, 2012, p. 211). Fernanda Fernandes de Souza, afirma que os escravizados domésticos, possuíam a possibilidade de alçar privilégios dentro da sociedade

escravista, visto que "... alguns escravos domésticos poderiam ser tratados pela família em que viviam ou em que haviam nascido - por serem, em muitos casos, filhos bastardos dos senhores - com alguma dose de respeito e afeição" (2012, p. 254-255).

Nas entrevistas concedidas por Dona Umbelina à Beatriz Góis Dantas, percebemos o afeto que a mesma tem pelo antigo senhor de sua mãe. A mesma o tinha como um pai. Demonstrando que a imagem do senhor Manoel Joaquim de Araújo, para Carolina e sua prole foi a de alguém que provinha sustento, afeto e cuidado.

> "E os nomes dos filhos de papai branco era o nome da gente também. Ele botou e nós assina Bilina de Araújo, Glicéria de Araújo. Os dele também têm de Araújo, mas deles, lá, filho de casal e nós de criação... Papai botou na escola Glicéria, Manuel e Maria (irmãos de Bilina). Eu tinha vontade mas eles não botaram." [49]

A relação de Umbelina de Araújo, e a vivência do cativeiro anterior de sua mãe "Calu", fez com que a mesma tivesse uma visão ambígua da relação senhor-escravizado, "tinha muito senhor malvado que gostava de judiar os escravos, mas tinha outros que era bom".[50] No entanto, assim como Beatriz Góis Dantas, nos questionamos se tal "proteção paternalista", não fora, de algum modo, uma espécie de estratégia de controle simbólico sobre a escravizada "Calu", e sua prole, então livre.

Apesar da visão positiva que Dona Umbelina possuía do ex-senhor de sua mãe, a cidade de Laranjeiras presenciou casos de violência bruta contra escravizados na segunda metade do século XIX, quando o movimento abolicionista se popularizava, e o sistema escravista começava a dar os seus últimos suspiros.

O Cônego Philadelpho de Oliveira, afirma que a pressão dos senhores chegava ao extremo, fazendo com que os escravizados comessem pão com "o sangue de suas veias" (1941 p., 59, o que os levou a cometerem crimes e suicídios. Maxi, um antigo e respeitado africano morador da cidade de Divina Pastora, morreu em 1936. Em homenagem à sua vida, foi publicado um texto com um pequeno trecho de suas memórias do cativeiro,

> "…o velho contava com os olhos lacrimosos histórias de captiveiro, dizia que os "SENHORES" arretalhavam impiedosamente, os negros que não queriam trabalhar, como também forçavam as negras a entregarem-se ao adultério, afim de aumentar o

[49] ARAÚJO, Umbelina de. **A Nagô fala de si.** Entrevista concedida à Beatriz Gois Dantas. In: DANTAS, Beatriz Góis. **Vovô nagô, papai branco: usos e abusos da África no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal,1988. p. 80.
[50] DANTAS, Beatriz Góis. **Vovô nagô, papai branco: usos e abusos da África no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal,1988. p. 79.

> numero de escravos. Ao pronunciar taes palavras, o bom velho balbuciava: Nós já sofremos muito moço branco…"[51]

Deste modo, podemos observar, a que ponto chegava a violência senhorial. E interpretamos, que na vivência de Carolina e seus filhos, a dominação se dera por meio da violência simbólica.

O poder simbólico, conceito cunhado por Pierre Bordieu, é caracterizado por qualquer tipo de força de coerção que atinge os sujeitos de maneira intangível. O poder simbólico, se utilizando da violência simbólica, atinge os indivíduos principalmente no âmbito das representações sociais.

Baczko, em a "Imaginação Social", defende que "qualquer poder político, se rodeia de representações coletivas" (1985, p. 297). Portanto, as representações sociais, são utilizadas politicamente para a manutenção da ordem vigente, da influência de determinado poder sobre os sujeitos e suas coletividades, empreendendo sobre estes uma violência não física. O poder simbólico, portanto, não produz "ilusões", não versa sobre uma realidade inexistente, mas atua no âmbito psíquico dos sujeitos, reforçando a sua dominação, por meio da "apropriação dos símbolos" garantindo assim, a "obediência".

O senhor Manoel Joaquim de Araújo, manteve sob à sua autoridade, Carolina e sua prole, em um momento de declínio da sociedade senhorial. À altura do nascimento de "Mãe Bilina", muitas crianças denominadas como "crioulas", "pretas" ou "pardas", que nasceram de mães escravizadas, nasciam "ingênuas", ou seja, livres. Como, portanto, manter a obediência, a lealdade e o serviço destes indivíduos? Alguns senhores lançavam mão do paternalismo como estratégia de dominação.[52]

É possível, inclusive, que numa postura de negociação, a alforria de "Calu", tenha sido condicional, como fora a de Luiza, mãe da crioula Maria, batizada em Laranjeiras em dois de fevereiro de 1873[53]. Luiza pertencia à Dona Francisca Maria da Conceição, e sua filha Maria,

---

[51] Vida Laranjeirense, n. 234, 29.03.1969, p. 3.

[52] "…os escravocratas utilizavam de subterfúgios para subordinar, ainda mais, seus plantéis. Favores, promoções e mesmo as alforrias condicionais serviram para prolongar a dependência e subordinação dos cativos para com seus senhores; ou seja, fortaleceria o paternalismo e não a conquista da liberdade, apesar de que a alforria pudesse ser a consequência final." REZENDE, Rodrigo Castro. **Etnicidades, liberdades e paternalismo: notas introdutórias sobre o caso da cidade de Montes Claros Oitocentista.** Disponível em: https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2010/D10A034.pdf. Acessado em 25/02/2022.

[53] **Registro de Batismo de Maria.** "Brasil, Sergipe, Registros da Igreja Católica, 1785-1994", índice e imagens: FamilySearch (https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-899T-VXQ4?i=63&wc=M5NJ-T3V%3A371846201%2C371846202%2C371846203&cc=2177298). Maria, 2 de fevereiro de 1873, Freguesia do Sagrado Coração de Jesus, Vila de Laranjeiras; FHL microfilme 64.

estava descrita como “liberta”, mesmo após a Lei do Ventre Livre, que fora promulgada em setembro de 1871.

É verdade que Carolina fora “beneficiada” por sua relação com o tabelião Manoel Joaquim de Araújo, condição que abrira as portas para a conquista de sua liberdade e de duas casas na então rua da Cacimba. Entretanto, fora ela que, de maneira extraoficial, exercera na vida dos filhos do Sr. Manoel Joaquim, a função de mãe. Aquela que cuida, dá carinho, amamenta, acompanha os primeiros passos.

No final da sua vida, estes “seus filhos”, não foram capazes de lhe assegurarem nem mesmo um sítio prometido pelo antigo senhor, negado pelo seu primogênito, Salustiano Orlando de Araújo, que se mudou com seus irmãos mais novos para o Rio de Janeiro. Quando Umbelina chegou ao Rio de Janeiro, Salustiano buscou retirá-la da casa de seus patrões para que ela trabalhasse para ele. O que não aconteceu, pois Carolina proibiu que ela o fizesse. Afirmando que ele foi “ingrato”, ao lhe negar o sítio.[54] Ao revés, cerca de oitenta anos depois, para Mãe Bilina, o Sr. Manoel Joaquim ainda era chamado carinhosamente de “papai branco”.

1.4 - MAMÃE.

Em 1891, o Sr. Manoel Joaquim de Araújo faleceu. “Mãe Bilina” diz que ele morreu “de repente”. Mas possivelmente já tinha idade avançada. Salustiano Orlando de Araújo, seu primogênito, nasceu em 1834, já era um cinquentenário, na ocasião do falecimento do seu pai, que deveria ter entre 70 e 80 anos de idade.

Antes de vir a óbito, Manoel Joaquim de Araújo, prometeu a Calu um sítio, promessa que não fora cumprida por este, em vida, nem pelos seus descendentes, em morte. A negação desta casa revoltou Carolina, que por sua vez decidiu romper com a família Araújo, não mais permitindo que seus filhos oferecessem seus serviços aos descendentes dele.

Carolina foi a “mãe” dos filhos de Manoel Joaquim. A negação, por parte deles, de uma propriedade que ela acreditava ser sua, foi um golpe duro demais para ela e o limite da sua capacidade de negociação e subserviência.

“Calu”, fora então, morar com as suas crianças na rua da Alegria, hoje denominada, Rua Umbelina Araújo, nome de sua terceira filha. Ela possuía o ofício de ama de leite. Exercendo-o, ela adquiriu duas casas nesta rua. Na qual, ela era muito popular, muito querida. Gostava de

[54] Entrevista concedida por Umbelina Araújo a Beatriz Góis Dantas em 10/09/1972.

cuidar de crianças. “Dava de mamar a esse povo todo aqui da rua. O povo gostava dela e sempre agradava ela, de maneira que ela, com o dinheiro que dava de mamar, comprou essa casa e comprou a outra na rua de lá” (DANTAS, 1988, p. 71).

Carolina viveu cerca de sessenta anos, ao longo dos quais, além de ter passado por tragédias pessoais, como a perda de seu pai Avertani, e a venda de seu filho primogênito Cincinato, atravessaram cerca de seis surtos de varíola na cidade de Laranjeiras e, assim como os membros do São Gonçalo no quilombo da Mussuca, Carolina se tornou uma pagadora de promessas, com a Taieira de Laranjeiras, legado assumido por sua filha “Bilina”.

CAPÍTULO 2

A JOVEM LÔXA: A LUTA PELO EXÓ, EUGENIA E PERSEGUIÇÃO POLICIAL.

> “E assim, progressivamente, a varíola devastou assustadoramente a Parochia de Laranjeiras durante oito meses, que mais pareceram oito anos de dôres e sofrimentos.
>
> A epidemia de varíola nesta Freguezia foi de 2 de Julho de 1911 a 28 de Fevereiro de 1912, quando fechou-se o Lazaretto Santa Cruz. Laranjeiras pálida e triste despertou

> de sua longa letargia de dôres e sofrimentos, pranteando os seus queridos filhos mortos e de joelhos rendendo graças a Deus pelo término de tão terrível calamidade." [55]

A primeira década do século XX, não foi um período fácil para a cidade de Laranjeiras. Com a abolição da escravatura, a cidade que antes foi chamada de empório sergipano decaiu e passou por um processo de esvaziamento. A economia foi um fator importante para este fenômeno, mas também os surtos epidêmicos que faziam com que as pessoas buscassem fugir da cidade de Laranjeiras, agravando a situação econômica e esvaziando a cidade. Laranjeiras era uma cidade de pobres, insalubre, com um baixo nível sanitário e que sofreu bastante com a epidemia de varíola no começo do século XX. Período no qual morreram grandes lideranças africanas nesta cidade, Ti Herculano [56]e Zé Sapucary[57], Birunqué[58] e Carolina[59].

O falecimento de Herculano e Carolina, demandaram o retorno de "Mãe Bilina" à cidade de Laranjeiras, que desde a morte do Sr. Araújo, ingressou no mundo do trabalho, como ama seca, cozinheira e posteriormente se ocupando das funções domésticas de um modo geral. Trabalhando desde os doze anos de idade, teria permanecido no mercado como trabalhadora doméstica cerca de vinte anos (os primeiros doze entre Laranjeiras e Aracaju, e os últimos três anos e nove meses no Rio de Janeiro), quando abandonou este ofício, para se tornar a *aloxa* dos nagôs em Laranjeiras.

Em Aracaju, trabalhou na rua da Frente, próximo ao antigo Palácio do Governador, na casa do Sr. Terêncio Sampaio[60]. Na ocasião do falecimento de sua avó, ainda estava trabalhando em Aracaju, na Atalaia. Se mudou para o Rio de Janeiro entre os anos de 1907 e 1908, com a família do Sr. Teodureto Nascimento[61], um médico renomado no Brasil, casado com a filha do Capitão Bezerra[62], de Itabaiana.

---

[55] OLIVEIRA, 1941, p. 175.
[56] Herculano Barbosa Madureira, falecido em 1907.
[57] José Carlos da Costa, falecido em 1899.
[58] Esméria ou Isméria, falecida em data incógnita.
[59] Carolina de Araújo, falecida no início do século XX, em data incógnita.
[60] Coronel Terêncio de Oliveira Sampaio, segundo o Dicionário Biobibliográfico de Armindo Guaraná, nasceu no Engenho Santa Ana, em Laranjeiras, em 14 de julho de 1850. Foi secretário do Governo da Província de Sergipe e Diretor do Banco de Sergipe. Faleceu em Aracaju, em 28 de setembro de 1938.
[61] Segundo o Dicionário Bibliográfico de Armindo Guaraná, foi um renomado médico sergipano, nascido em Lagarto, em 16 de setembro de 1866. Trabalhou em Laranjeiras como Delegado de Higiene. Estudou na Europa e no Oriente, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Entretanto, segundo as suas biografias, teria vivido mais tempo em São Paulo, não no Rio de Janeiro. Teria Mãe Bilina confundido São Paulo com o Rio de Janeiro?
[62] Guilhermino Amâncio Bezerra, formado em medicina, foi colunista de um jornal em Laranjeiras.

O ofício de empregada doméstica, é visto por Lélia Gonzalez (2018), como uma continuidade do ofício da mucama, escravizada que trabalhava dentro da casa dos senhores sejam eles de engenho ou de sobrados, e que exerciam diversas atividades domésticas, como lavar, passar, limpar e amamentar os filhos dos seus senhores, sendo uma facilitadora da vida da mulher branca que ocupava a função de senhora da casa. Este ofício, tem a sua continuidade com as empregadas domésticas, que exercem estas funções, atualizando a função de mães pretas.

Pensar a inserção da mulher negra no mercado de trabalho nas primeiras décadas da abolição, é pensá-las se dedicando especialmente às mesmas atividades exercidas pelas suas mães, quando estas tinham passado pela experiência do cativeiro. Este é o caso de Mãe Bilina, que se dedicou a ser ama-seca, o que nós poderíamos chamar hoje de babás ou de cuidadoras de crianças.

Chamada para assumir o seu lugar no nagô e nas taieiras, Umbelina encontrou uma Laranjeiras triste, assustada e oprimida por uma epidemia que assolou a sua população e castigou os mais pobres, que em sua maioria também eram negros. A epidemia de 1911 deve ter levado alguns nagôs, e desestruturado a organização de um culto que vinha se expandindo sob a liderança de Ti Herculano. Cabia agora à jovem loxa Bilina, reorganizar e reerguer a comunidade nagô, mesmo que em baixo de muito "barulho".

2.1 - "O TEMPO CHEGADO".

Os nagôs acreditam em um conceito muito interessante, que rege as suas vidas, a predestinação. Para eles, aqueles que são escolhidos pelo santo, estão predestinados a assumirem uma determinada missão-tarefa, que devem honrar por toda a vida. Sendo passíveis de castigos vindos de suas divindades.

Todos aqueles que recebem estas funções, cuidando dos santos espalhados pelas colônias de Santa Bárbara, são descendentes de africanos. Muitos destes africanos, com seus nomes perdidos, cujos quais estes já não se lembram mais, mas sabem que a sua família possui um santo, deixado por esta/e africana/o.

Na tradição nagô, portanto, a predestinação é algo importantíssimo, contra o qual nada se pode fazer, diante da manifestação da vontade das divindades. Assim também aconteceu com

Umbelina. Segundo a sua comunidade nagô, ela tinha sido escolhida para liderar as colônias de Santa Bárbara Virgem desde o seu nascimento, "...sob a tutela da sua avó, materna, pessoa muito ligada às hierarquias religiosas dos nagôs, desenvolveria, durante a infância, a formação de atitudes favoráveis à continuação da religião dos ancestrais" (DANTAS, 1988, p., 81). Entretanto, Bilina foi escolhida para liderar o terreiro junto com Manaia, neto de Ti Henrique, que não aceitou a determinação do "santo", e posteriormente, abriu mão de cuidar dos santos do avô, que foram acolhidos e assumidos por "Mãe Bilina", que passou a zelar por eles (DANTAS, 1988).

Umbelina trabalhou na cidade do Rio de Janeiro por quase quatro anos, tendo vivido em terras cariocas entre os anos de 1907 e 1911, quando a mesma recebeu um "recado" de que deveria retornar à Laranjeiras, "mandaram dizer que eu viesse tomar conta do meu lugar que meu tempo já tava chegado. Eu num sabia qual era o tempo"[63]. Portanto, Bilina não possuía conhecimento de sua predestinação, até receber o dito "recado", condição que disse ser comum aos escolhidos para liderarem as colônias de Santa Bárbara Virgem.

Ainda no Rio de Janeiro, teria recebido a visita de Omolu, que diante da epidemia que assolava a população de Laranjeiras, veio ensinar à Umbelina a obrigação que deveria ser realizada para que a cidade fosse salva da doença,

> "Uma noite uma borboleta preta pousou no meu braço e eu só fiquei pensando que era morte de alguém da família. Daí fui deitar e não estava dormindo nem acordada quando Omolu apareceu. Chambre branco, cordão de São Francisco, duas cabeças dependuradas e a vara de bambu na mão. Os olhos vermelhos. Disse que se não fizesse a obrigação Laranjeiras ia se fechar. E ensinou como devia ser feito o despacho, depois disso não morreu mais gente de varíola na cidade."[64]

Os seus patrões a ajudaram, enviando um telegrama à cidade de Laranjeiras, com as instruções acerca da obrigação.

Umbelina, mesmo vivendo no Rio de Janeiro, retornava à Laranjeiras ao menos para participar de uma das obrigações mais importantes do nagô, a festa do inhame, onde foi interpelada consecutivamente pelo Pai da Costa,

> No tempo da festa do inhame, quando nosso Pai da Costa desceu, me chamou e disse:
>
> - Minha filha, você vai casar?
>
> - Vou.
>
> - Quer casar?

[63] Umbelina Araújo em Entrevista concedida à Prof.ª. Beatriz Gois Dantas, p. 81
[64] Umbelina Araújo em Entrevista concedida à Prof.ª. Beatriz Gois Dantas, p. 83

> - Quero.
>
> - Não queira, não.
>
> Aí ainda disseram:
>
> - Não queira não, minha filha, nosso Pai da Costa tá pedindo que você não case.
>
> - Não. Eu caso.
>
> E o noivo fazia parte que era também neto de africano. E ficamos aguardando a decisão. E assim se passaram três anos. Sempre que o Pai da Costa descia, na época do Corte do Inhame, que é uma coisa de ciência, era a mesma coisa. E na terceira vez ele ameaçou:
>
> - Se casar ou morre ou não vive. [65]

Umbelina recebeu manifestações das divindades nagôs, que se comunicavam, diretamente com ela, lhes ensinando como as obrigações deveriam ser feitas. Isso nos mostra que nem Ti Herculano, nem nenhum/a das/os africanas/os mais velhas/os se dedicou a ensiná-la como realizar as obrigações do nagô, o que nos dá o indício de que possivelmente a partir dela, a forma destas serem realizadas passou por algumas modificações.

> "Eu não conhecia ainda a base das coisas e perguntava: como é que vou tomar conta desse lugar sem saber como é? Mas gravou tudo aqui [e Bilina põe a mão sobre a cabeça]. Eles não me ensinaram, foi marcado por Deus e Santa Bárbara. Se marcou pra esta ou este ficar eles gravam tudo."[66]

2.2 – ASSUMINDO O TERREIRO DE SANTA BÁRBARA VIRGEM DEBAIXO DE "BARULHO": A LUTA PELO EXÓ.

Mãe Bilina assumiu a liderança da comunidade nagô entre os anos de 1911 e 1912. Eram tempos conturbados na cidade de Laranjeiras, onde surgiram novas lideranças para as comunidades negras. Além da mudança de liderança na Irmandade de Santa Bárbara Virgem, também ocorrera a morte de Zé Sapucary e de Ta Joaquina, reconhecida como a primeira *aloxa* em Laranjeiras. Ela era uma sacerdotisa de Xapanã e faleceu de varíola, no surto epidêmico que se dera entre os anos de 1911 e 1912.

Ta Joaquina adotou uma criança, de nome Alexandre, que perdeu a mãe muito pequeno. Com a morte de Ta Joaquina, Inácia passou a cuidar de Alexandre, que teria recebido como herança, o legado religioso de sua mãe, como zelador do culto a Xapanã, ou Sakpatá, Omolu ou Obaluayê (AGUIAR 2002).

[65] Umbelina Araújo em Entrevista concedida à Prof.ª. Beatriz Gois Dantas, p. 82
[66] Umbelina Araújo em Entrevista concedida à Prof.ª. Beatriz Gois Dantas, p. 82

Ta Joaquina adotara Alexandre, justamente por exercer as funções de *aloxa*, sendo um costume entre os nagôs, que as mulheres que ocupam o cargo de sacerdotisas, se mantenham virgens. A casa de culto de Joaquina, era, portanto, uma das ramificações dos nagôs em Laranjeiras. Inácia, se tornando mãe do pequeno Alexandre, que também era um nagô, se tornou a líder da casa de culto a Xapanã e com a morte de Ti Herculano (em 1907), foi colocada, pelas velhas africanas, Ta Lucrécia e Ta Luiza, para liderar o nagô laranjeirense de maneira "interina". Portanto, entre os anos de 1911 até 1912, não existia maior autoridade afro-religiosa, em Laranjeiras, do que Inácia.

Para assumir a liderança da irmandade, Mãe Bilina travou disputas nas quais tinha a seu favor a predestinação e a pureza. Inicialmente, Bilina além de abrir mão da sua vida pessoal, de seu emprego no Rio de Janeiro, abriu também de seu noivado, com um homem que era também do nagô e não estava disposto a abrir mão do noivado (DANTAS, 1988).

Em seu discurso, é muito forte o elemento predestinação. Era um direito dela, assumir a liderança do nagô, pois ela nasceu "pra ser dona das colônias de Santa Bárbara…" (DANTAS, 1988, p. 66) Foi escolhida, portanto, no momento do seu nascimento, foi predestinada, separada. Curioso é perceber que assim como a sua mãe nenhum dos seus irmãos frequentaram o nagô, sendo ela a única descendente de sua avó, a dar continuidade ao nagô. É que Umbelina Araújo, foi criada pela avó materna, possuindo mais proximidade com ela, do que os outros irmãos (DANTAS, 1988).

Após a predestinação, o elemento virgindade é muito forte no discurso de Mãe Bilina. Segundo Aguiar, ela não foi a primeira a ter de permanecer virgem, também o fora Ta Joaquina, sacerdotisa de Sakpatá. Coisa que Inácia não era, ao menos segundo a narrativa de Mãe Bilina, cuja qual não temos como contrapor por falta de fontes.

O fato é que, "chegado o tempo", onde Mãe Bilina assumiu o seu lugar como *loxa* de Santa Bárbara Virgem, se iniciaram as disputas entre Inácia e Umbelina, arrastando com elas os seus correligionários. Inácia, segundo Umbelina, era uma mulher depravada, que colocou para patrão um "safadão". Faltava a ela, o cuidado devido com os santos africanos, que para Bilina eram "muito fortes" (DANTAS, 1988).

A cada dia que se passava a situação ficava cada vez mais insustentável. O estopim foi um festejo, onde Inácia deu o bastão de Ti Herculano ao "tal namorado", dizendo que ele tinha "baixado" nele. Entretanto, segundo Mãe Bilina, Ti Herculano só vem em seus descendentes.

Bilina tomou o bastão. A confusão começou. Os ânimos se exaltaram tanto, que até "saiu sangue" e os nagôs foram parar na delegacia, onde "Bilina" orgulhosamente afirmou que "os brancos" deram razão a ela e a seus partidários (DANTAS, 1988).

Depois deste dia, os nagôs nunca mais foram os mesmos. Um muro de Berlim afro-nagô-laranjeirense foi erigido. De um lado os nagôs de Santa Bárbara Virgem. Do outro, Inácia e seus seguidores, que fundaram os Filhos de Obá, posteriormente assumido por Alexandre, herdeiro do legado de Ta Joaquina, da qual não podemos esquecer.

Joaquina, era uma africana. Possivelmente uma das que foram referência para Mãe Bilina. Entretanto, para "Mãe Bilina" Inácia e Alexandre, eram descendentes de africanos que não honravam os ensinamentos que receberam dos africanos, deturpando-os e formando "a desordem que tá hoje no mundo" (DANTAS, 1988, p. 84).

Por fim, Mãe Bilina assumiu a liderança do nagô, pois era a vontade dos orixás. Assumindo esse lugar, lidou com os vários desafios de liderar uma religião de matriz africana nas primeiras décadas do século XX. Segundo ela, nunca sofreu perseguição ou teve de fechar o seu terreiro. Mas encontramos um artigo de jornal, onde moradores de Laranjeiras reclamavam de uma Latada na rua da Cacimba, e clamavam por medidas do poder público.

UMA LATADA PREJUDICIAL

> Pessôas da rua da Cacimba vem de nos solicitar tornemos publico o inconveniente de uma latada de Candomblè cheia de travessões indefinidamente levantada em plena via publica, impossibilitando o transito de carros de bois carroças e prejudicando a passagem do transeantes para a conhecida fonte da Nação, á cuja falta chamamos a preciosa atenção dos nossos zelosos guardas municipaes.[67]

Dona Umbelina não aparece nos jornais da primeira metade do século XX, como liderança do nagô, como *aloxa*. Era como líder da taieira que ela despontava. A taieira, grupo de cultura popular, que já foi denominado de "Cordão do Rosaro" (DANTAS, 1972, p. 68), se apresenta religiosamente na festa de reis em Laranjeiras desde o século XIX, como forma de pagamento de promessa deixado por sua mãe Carolina (DANTAS, 1988).

Na década de 1970, a própria Mãe Bilina os separou, "a Taieira e o Xangô são duas coisas à parte que não se misturam" (DANTAS, 1972, p. 72). Entretanto, ao explicar o sentido

[67] Jornal Vida Laranjeirense. Ano III, n. 135, 05.03.1933.

do "brinquedo[68]", Dona Umbelina teceu uma narrativa que mistura as divindades do nagô, com os santos católicos.

> Assim, S. Benedito é Ogun, orixá protetor de Bilina também aí identificado com S. Jerônimo. N. S. do Rosário é Teô, entidade a respeito da qual não conseguimos maiores esclarecimentos e que tem também aí como correspondente católico N. S. do Carmo. Fazendo a Taieira para louvar S. Benedito e N. S. do Rosário, está agradando Ogun e Teô. (DANTAS, 1972, p. 72-73).

Em 1912, Mãe Bilina já estava empossada como dona das Colônias de Santa Bárbara e o calendário religioso de Laranjeiras retomava a sua "normalidade" (AGUIAR, 2002). Recebeu o exó das mãos do africano Biruni, na casa de Ti Herculano (DANTAS, 2013) e a partir da sua liderança, inseriu elementos do culto nagô no grupo de cultura popular das taieiras.

2.2.1 - A Questão do Matriarcado a partir de Mãe Bilina.

A partir da liderança de Mãe Bilina, surgiu uma tradição no nagô Laranjeirense de que somente mulheres assumam o cargo mais alto da Irmandade. O que tem chamado atenção dos pesquisadores para a matrilinearidade presente no nagô laranjeirense.

As mulheres negras possuem um papel importantíssimo dentro dos cultos de religiões afro-brasileiras. Com a abolição da escravidão, foram as mulheres negras, que permaneceram empregadas em funções domésticas, e passaram a sustentar as famílias negras, no sentido econômico, afetivo, religioso e social.

Enquanto os homens negros, estavam entregues, em sua maioria, à marginalização, sendo perseguidos pelas leis anti vadiagem, as mulheres negras estavam lutando pelo sustento e coesão das suas famílias. E uma das suas estratégias para alcançar este objetivo, foi por meio dos cultos de matriz africana.

> Por meio de sua fé e seu axé, essas mulheres conseguiram trazer até nossos dias imagens sacralizadas de seu passado, que se volta para a mitologia africana e aponta insistentemente, por meio da tradição oral, as estratégias mais diversas de insubordinação simbólica que lhes possibilitam criar mecanismos de defesa e sobrevivência a manutenção de seus traços culturais de origem. A mulher negra se estrutura como uma pessoa que toma pra si a responsabilidade de manter a unidade familiar e a coesão grupal e de preservar as tradições culturais religiosas de seu grupo, em função da nova realidade que a opressão econômica e a discriminação racial pós-Abolição criaram no seio da sociedade brasileira (THEODORO, 2008, p. 103).

Em a Cidade das Mulheres (2002), livro pioneiro acerca do candomblé no Brasil, é possível percebermos a primazia das mulheres nas lideranças dos terreiros. Lideranças tão

[68] Forma com a qual Umbelina Araújo se referia à Taieira.

fortes, que faziam as yalorixás, mas parecerem rainhas. Se sobressaindo nesta obra, a figura de mãe Aninha, com a qual Landes passou bastante tempo.

É interessante perceber, como nesta obra é possível notar como as mulheres negras subverteram a ordem vigente, dentro dos terreiros de candomblé. Em uma sociedade extremamente patriarcal, elas fundaram e mantiveram cultos matriarcais, onde as mulheres deveriam ser respeitadas e honradas e mais, onde elas possuíam os maiores cargos na hierarquia candomblecista.

Para Cláudia Lima (2010), em estudo sobre casas matriarcais, de culto afro-brasileiro, em Pernambuco e na Bahia, afirma que o culto nagô, teria sido trazido para o Brasil pelas sacerdotisas iorubás que começaram a chegar no território brasileiro ao longo do século XIX.

Este Movimento de fundação de casas, de comunidades de culto nagô é em resposta a tomada de poder dos homens na condução de antigas sociedades denominadas Geledés, onde o rei/obá passa a ser o sacerdote supremo, tomando essa primazia e lideranças nessas sociedades africanas.

De certo modo, em sua recriação da África no Brasil essas mulheres retomam o poder nestas casas, fazendo com que a linha sucessória destas casas se desse de maneira matriarcal, de mulher para mulher, não sendo uma sucessão hereditária no sentindo consanguíneo, mas sim espiritual. Um conceito marcante utilizado neste artigo é ideia de família expansiva, outro costume advindo dos iorubás.

No caso do nagô laranjeirense, nós já aprendemos que mãe Bilina, assim como a sua avó, fazia parte da família expansiva de Ti Henrique. Me chama atenção, nesta associação, o estudo de Lima, pelo fato de Ti Herculano ser descrito por alguns, como tendo sido um obá, um rei, em seu território africano. Sendo sucedido por Mãe Bilina, estabeleceu-se entre os nagôs em Laranjeiras, a tradição de somente mulheres assumirem o lugar de “donas das colônias de Santa Bárbara Virgem”.

Em Torres (2012), podemos aprender a perspectiva dos nagôs acerca da escolha de lideranças femininas na comunidade de Santa Bárbara Virgem. Eles creem firmemente, que é o desejo do Pai da Costa, orixá maior da casa, que determinou assim, porque as mulheres são aquelas que conduzem a irmandade da forma mais correta possível.

> Essa decisão de que a mulher deve ser a líder da casa é uma indicação do Pai da Costa, a gente não pode dizer se é bom ou ruim. Ele sabe o que é bom para nós, não somos nós que escolhemos, ele é quem escolhe e se ele quer assim é porque assim é melhor.

> Além do mais, até hoje elas fazem tudo certo mesmo. Não tem por que questionar porque até agora nada deu errado, e se não deu é porque ele sabe o que faz. (JESUS, em entrevista à autora deste trabalho em 29 de dezembro de 2011). TORRES, 2012, p. 49.

As mulheres são descritas, nesse trabalho como sendo a maioria da comunidade nagô, o que permanecem sendo até hoje, ocupando também, as funções mais altas na hierarquia da comunidade de Santa Bárbara Virgem.

> No Nagô, a liderança se dá através da Lôxa, aquela que cuida dos orixás, e responsável por comandar a casa e os festejos, o Patrão, aquele que toca o tambor nos festejos e é o responsável pelo sacrifício de animais para os orixás, uma vez que na religião Nagô não há sacrifícios de animais para a realização de trabalhos como há no candomblé, a IyáKekerê, ou mãe pequena, aquela que cuida da Lôxa e da casa, Ogan, quem cuida das relações do terreiro, uma espécie de protetor da casa, a Iabassé, cozinheira, que é a pessoa que prepara a comida para os orixás, a Omodê, uma virgem que ajuda a Lôxa a fazer as obrigações aos orixás, os tambozeiros, e as cabaceiras, além dos demais filhos de santo que atualmente constituem em aproximadamente 100 pessoas (TORRES, 2012, p. 39).
>
> .

O Patrão também é denominado como um dos ogãs, sendo acompanhado por um segundo. Entretanto, busquemos entender os fatos históricos que estão por trás da tradição matrilinear no nagô em Laranjeiras.

Primeiro, não existe, até o momento, nenhum relato oral, em que um dos membros do nagô afirma que permanentemente, até o fim dos tempos, somente mulheres serão escolhidas para o cargo de liderança-maior dos nagôs em Laranjeiras. O que quer dizer que, até o presente momento, tem sido. As mulheres não só ocupam o maior cargo da Irmandade, mas também sendo as lideranças das colônias de Santa Bárbara Virgem, além de serem a maioria na comunidade.

Mãe Bilina, Lourdes e Barbara, foram preparadas desde a infância para assumirem a função de lôxa. Desde pequena participaram de rituais, foram preparadas pelas suas mais velhas, e no caso de Mãe Bilina, pelo próprio Ti Herculano. “Herculano era homem muito sábio; tão sábio que antes de sua morte e, com o nascimento de Bilina, ele já sabia que ela seria a futura Lôxa da casa. Ele sabia do futuro da casa e deixou tudo encaminhado por aqui (JESUS, em entrevista à autora deste trabalho em 29 de dezembro de 2011)” (TORRES, 2012, p. 32).

A partir de Mãe Bilina, as meninas e mulheres têm sido escolhidas e preparadas desde a infância, para assumirem a função de lôxas. Sendo elas as mais propensas a se entregarem totalmente à missão delegada pelo Pai da Costa. Mãe Bilina foi escolhida junto com Manaia,

neto de Ti Henrique, para assumir o nagô de Laranjeiras. Entretanto, Manaia não aceitou. Ficando a função somente a cargo de Mãe Bilina.

Do mesmo modo, alguém que não foi criada pela lôxa, foi escolhida novamente, Alaíde, que talvez por não ter sido criada dentro da casa da lôxa, tenha rechaçado o pedido do Pai da Costa. Lourdes, criado por Bilina, o aceitou. O mesmo que Dona Bárbara, criada por Lourdes. Mas segundo o que podemos colher das narrativas dos próprios nagôs sobre o assunto, um dia, o Pai da Costa poderia voltar a escolher uma pessoa do gênero masculino, para a maior função dentro da irmandade, caso este fosse a melhor opção, a mais correta. Portanto, as mulheres são escolhidas por serem as melhores, as mais retas, as melhores guardiãs da cultura nagô laranjeirense.

2.3 – LIDERANÇAS AFRO-LARANJEIRENSES NO TEMPO DA JOVEM LÔXA.

Na década de 1930, Mãe Bilina era uma liderança reconhecida em sua cidade, entretanto, não como aloxa, mas sim como liderança das taieiras. Mãe Bilina também era católica, assim como a maioria dos nagôs. Talvez uma estratégia de sobrevivência que deu e dá certo para estes sujeitos, visto que em 1970[69], eles não eram lidos, ao menos pelo pároco da cidade, como participantes da feitiçaria, ou como inimigos da igreja.

Para bem da verdade, nem mesmo em 1930 isto se dera. Mãe Bilina e o cônego Philadelpho Jonathas Oliveira eram amigos, e ele descreve o nascimento do culto nagô de Laranjeiras como sendo quase tão antigo quanto a própria cidade (OLIVEIRA, 1941). Entretanto, nas primeiras décadas de sua liderança, existiam sujeitos descendentes de africanos mais populares que ela.

[69] Em entrevista com o Frei Florêncio Pecorari, pároco de Laranjeiras no início da década de 1970, ele me relatou que, primeiro, a Taieira era diferente do nagô, era um folclore. Que Mãe Bilina não fazia mal para ninguém, não incomodava ninguém. E mais, que as festas que ela dava, era muito mais para divertimento, para alegrar. Ou seja, inofensivas. Que nunca brigou com Bilina, que eles tinham um para com o outro um respeito mútuo e que nunca empatou ninguém, inclusive catequistas de frequentarem a casa de Mãe Bilina. Em 1972, em uma entrevista ao jornal Alavanca o Frei Florêncio Pecorari, acerca da situação religiosa da cidade de Laranjeiras disse "No campo religioso, que mais me tange, os problemas de maior relevância são a macumba e o espiritismo: superstições e crendices bastante espalhadas, especialmente nas camadas mais humildes… Nas palavras macumba e espiritismo, não quero incluir, porque não o são, as ricas e lindas manifestações folclóricas populares como a "Chegança", a "Taieira", o "Lambe-Sujo", etc., das quais é possuidora a histórica cidade de Laranjeiras e que merecem todo apoio e incentivo". Jornal Alavanca (Laranjeiras)_APES_i3 Vol. 01.A53_Ano I, n. 3. 01.01.1972

2.3.1 – Vitorino Carlos da Costa: senhor de meio sol, meia lua e meio mundo.[70]

Me encontrei com este sujeito pela primeira vez folheando o jornal "Vida Laranjeirense". É um jornal bastante instrutivo, que me auxiliou a entender o cotidiano da cidade de Laranjeiras ao longo da década de 1930. Vitorino surgiu como líder de um dos grupos de cultura popular, a hoje extinta mourama. Naquela ocasião, o jornal o congratulou pela beleza da apresentação na festa de santos reis.

> Uma Caravana Real
>
> Causou agradavel impressão a Real Caravana organizada pelos popularizados conterraneos Snrs. Antonio Romão e Victorino Costa, representando os soberanos de varios continentes que tambem rendeu naquela festiva manhã, sua reverente homenagem á Santa padroeira. Que, para o próximo ano se faça a mesma representada inda mais linda e bem organizada á santa festividade.[71]

Vitorino me atravessou uma segunda vez, como liderança dos saveiristas laranjeirenses, organizando a festa de Bom Jesus do Navegantes, organizada por este grupo na cidade e posteriormente angariando fundos para a reforma da capela na rua da Cacimba, cuja qual ele cuidava[72].

O olhei com curiosidade. Tive vontade de conhecê-lo melhor, investigar a sua história. Mas o que um saveirista poderia ter a ver com essa pesquisa? Com a minha sujeita? Com os negros laranjeirenses no pós-abolição? É que viveu em Laranjeiras, um homem chamado José Carlos da Costa, de alcunha "Zé Sapucary". Ele é denominado por "Bilina" como o líder dos malês em Laranjeiras. Na ocasião de sua morte (em 1899), no jornal "O Cotinguiba", foi denominado como querido por seus "patrícios".

> "Nos tempos pra trás só tinha aqui em Laranjeiras nagô e malê. Era tudo da África. Agora quer dizer que a classe deles era outra. Eles não festejavam santo. Era mais assim como negócio de crente. Não tinha muita fé em santo não. Obrigação deles era com o rosário e uma varinha que batia na mesa. Eu tinha uma devoção no mês de agosto. Nós fazemos obrigação e a obrigação deles era na porta da rua. Dava milho por aquelas estradas todas. Milho e arroz."[73]

Entretanto, para os nagôs, ele era um inimigo. Aquele com os quais eles "não se misturavam" e que "desapareceram por fazer o mal" (DANTAS, 1988, p. 117).

[70] Trecho de fala apresentada pela Chegança de Laranjeiras, Sergipe.
[71] Jornal Vida Laranjeirense. Ano III, n. 127, 08.01.1933.
[72] Jornal Vida Laranjeirense. Ano VI, n. 247, 05.07.1936.
[73] DANTAS, 1988, p. 117.

> "Zé Sapucari tinha uma filha que se meteu com Alexandre,, mas se acabou tudo de fazer o mal. O chefe deles era muito mau. Fazia muita malvadez. Quando ele se enterrou(…) virou bicho. Tanto que a sepultura ninguém abre. Não se abriu. Ele matava uns aos outros, os companheiros mesmo, pra ficar com o dinheiro. Quem tinha muito dinheiro ele matava. Outras vezes tomava as mulheres deles. Se acabou tudo de fazer o mal. Quando Zé Sapucari era vivo, ele queria misturar com Herculano, este que nós é da banda dele. Mas nós não mistura."[74]

Mas Zé Sapucary, gozava de certa popularidade entre os seus parceiros, cuidando deles na hora da morte e lhes emprestando dinheiro. Ele era um saveirista, tinha alguns barcos, os quais possivelmente alugava e nos quais provavelmente os seus filhos trabalhavam. Também possuía algumas casas em Laranjeiras, nas ruas da poeira e do cangaleixo e uma em Aracaju, na rua de Arauá.

Em 1899, por ocasião de seu falecimento, fora aberto o seu inventário, pois José Carlos da Costa deixara filhos menores de idade. Portanto, os seus bens precisavam ser inventariados. E é aqui que Vitorino da Costa faz a sua terceira aparição, como um dos filhos naturais legitimados por "Zé Sapucary", tendo sido reconhecido por seu pai, mesmo tendo sido concebido fora de uma união "legal". José Carlos da Costa perfilhou seus filhos mais velhos, Vitorino José da Costa e Manoel Carlos da Costa, assumindo-os como pai.

As certidões de perfilhações são documentos válidos no Brasil desde o século XVIII, quando então, ainda fazíamos parte do Império português. Estas certidões geralmente eram utilizadas como meios de adoção, e enquanto estávamos sob o domínio português, tínhamos de solicitar a sua aprovação pelo rei de Portugal. Legalmente, a adoção tanto em Portugal, quanto no Brasil, só foi legalizada no século XX. Entretanto, as perfilhações eram caminhos legais para a adoção e para o reconhecimento de filhos naturais concebidos fora do matrimônio (MORENO, 2006).

Os filhos ilegítimos eram entendidos de duas maneiras, os ilegítimos naturais, que eram aqueles tidos fora do matrimônio entre pessoas que não possuíam impedimento algum para se casarem; e os espúrios, que eram os filhos ilegítimos fruto do adultério. Aparentemente Manoel e Victorino, eram ilegítimos naturais, enquanto Cincinato (primogênito de Calu) era um espúrio (MORENO, 2006).

Com a proclamação da independência do Brasil, a questão dos filhos ilegítimos se tornou uma preocupação, do agora Império Brasileiro, que tramitou, em 1846, uma Lei que visava garantir os direitos dos filhos ilegítimos. O projeto foi escrito por Souza Franco, Mendes

[74] DANTAS, 1988, p. 118.

da Cunha e Rebouças, eles garantiram os direitos "...dos filhos ilegítimos após o reconhecimento paterno, bem como a liberdade, alimentação, educação, criação, herança, a partir da lei sancionada de nº 463, de 2 setembro de 1847 (CONCEIÇÃO, 2020, p., 5)". E em 1876, outra lei que garantiu aos filhos ilegítimos o direito a herança.

Em 1895, José Carlos da Costa buscou o cartório da cidade para reconhecer como filhos naturais Victorino José da Costa e Manoel Carlos da Costa,

> Escriptura de perfilhação que faz José Carlos da Costa á seus filhos naturaes Manoel e Victorino nascidos de Isabel Telles como abaixo e adiante se declara. Saibão quantas esta publica escriptura de perfilhação visem que sendo no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e cinco aos vinte dias do mez de Novembro do dito anno nesta cidade de Larangeiras em meu cartório... José Carlos da Costa Africano Liberto reconhecido de mim tabellião pelo próprio de que dou fé. E por elle me foi dito que sendo solteiro sem impedimento para casar houvera dois filhos de nome Victorino e Manoel em Isabel Telles mulher solteira tambem sem impedimento para casar ao quaes ditos seus filhos nascidos o primeiro em dose de novembro de mil oitocentos e sessenta e um e o ultimo em vinte e seis de janeiro de mil oitocentos e sessenta e quatro é sua vontade perfilha-los, como com efeito perfilha-os fasa que eles possão ser seus herdeiros e gosar todas as honras e prerrogativas como se legítimos fossem. E sendo presentes os ditos Victorino e Manoel conhecidos de mim Tabellião de que tambem dou fé por elles me foi dito que aceitão e consentem nesta perfilhação...
>
> Larangeiras 19 de março de 1899.[75]

José Carlos Sapucary, ao ir ao cartório e assumir seus dois filhos mais velhos, tomou uma atitude atípica entre os africanos libertos. Não encontramos em nossa revisão historiográfica nenhum caso de perfilhação entre africanos libertos, o que conota que era algo raro. Primeiro porque aparentemente, este homem e seus dois filhos, ou ao menos um deles, conheciam minimamente a legislação, sabendo o que aquele documento significava e quais os direitos que ele dava.

Segundo, para Victorino e Manoel, era importante serem oficialmente reconhecidos pelo pai, pois este tinha bens, ou seja, uma herança para legar aos seus filhos e esposa. Por fim, o tabelião da cidade afirma que conhece tanto a Zé Sapucary, quanto a Victorino José e Manoel José da Costa dos quais atesta a veracidade das palavras, ou seja, da consanguinidade ou ao menos da relação pai-filhos.

Era clara a preocupação de Zé Sapucary, que seus dois filhos mais velhos gozassem de "...todas as honras e prerrogativas como se legítimos fossem". [76] O que de fato ocorreu quando

[75] Inventário de José Carlos da Costa, 20/03/1899. AGJES, Laranjeiras, cx. 233.
[76] Inventário de José Carlos da Costa, 20/03/1899. AGJES, Laranjeiras, cx. 233.

este faleceu. Quatro anos após serem perfilhados, Victorino e Manoel reaparecem no inventário de seu pai, José Carlos da Costa, onde recebem o título de herdeiros.

> Titulo dos Herdeiros
> Antonia Joaquina da Costa, viúva e cabeça de casal
> Filhos naturaes legitimados
> 1. Victorino José da Costa, casado e residente nesta cidade
> 2. Manoel Carlos da Costa, casado e residente nesta cidade
>
> Filhos naturaes legítimos
> 1. Maria José da Costa, com 12 annos
> 2. Otto José da Costa, com 14 annos
> 3. Germana José da Costa com 10 annos
> 4. Vitalina José da Costa com 9 annos
> 5. Joaquina José da Costa com 5 annos[77]

Na ocasião da morte do seu pai, Victorino José da Costa possuía cerca de trinta e oito anos[78] , residia em Laranjeiras e era casado. Não possuímos muitas informações acerca de seus irmãos, somente uma delas, não sabemos qual, teria sido citada por "mãe Bilina", como integrante do terreiro Filhos de Obá, ainda na época em que Pai Alexandre o liderava. Entretanto, Zé Sapucary, é um sujeito aparece algumas vezes nos registros de batismo de Laranjeiras, entre os anos de 1870 e 1890. Ele apadrinhou algumas crianças, todas negras, e entre as suas aparições, em um dos registros, apareceu como o pai adotivo de uma criança que possuía "pais incógnitos". Essa criança se chamava Maria, e apareceu no inventário como Maria José da Costa, já com 12 anos, sendo primogênita do casal José Carlos e Antonia Joaquina da Costa.[79]

Victorino José da Costa, Junto com Dona Antonia Joaquina da Costa, organizou o pagamento de dívidas e os rituais fúnebres de Zé Sapucary e serviu como arrogo para a sua madrasta, ao longo de todo o processo de inventariação dos bens de seu pai, visto que ela não era alfabetizada. Em 1933, aparece como um dos líderes de uma espécie de grupo de cultura popular, que representava "os reis de todos os continentes",

> "Causou agradavel impressão a Real Caravana organizada pelos popularizados conterraneos Snrs. Antonio Romão e Victorino Costa, representando os soberanos de varios continentes que tambem rendeu naquela festiva manhã, sua reverente homenagem á Santa padroeira. Que, para o próximo ano se faça a mesma representada inda mais linda e bem organizada á santa festividade."[80]

[77] Inventário de José Carlos da Costa, 20/03/1899. AGJES, Laranjeiras, cx. 233.p. 3.
[78] Segundo a certidão de perfilhação, o que pode não condizer com a realidade.
[79] Inventário de José Carlos da Costa, 20/03/1899. AGJES, Laranjeiras, cx. 233.
[80] Uma caravana real. Vida Laranjeirense, n. 127, 08.01.1933, p. 1.

No ano de 1935, os reis voltaram à cena. Desta vez, a Festa de Reis ganhou apoio municipal, que destinou aos reis um palanque especial.

> Os Reis-mouros tiveram palanque especial oferecido pela municipalidade e se apresentaram, inclusive o embaixador Daniel, como autênticos representantes do grande Don Sultão rei da Mouritania, senhor de meio sol, meia lua e meio mundo. Muito bem![81]

Os reis soberanos, se tratavam, portanto, de integrantes da mourama, "grupo de turcos seguidores de Maomé" (GÓIS, 2013, p., 46), resquício da presença dos africanos islamizados que habitaram em Laranjeiras. Pela forma com a qual os jornais a apresenta, na década de 1930, era tratada com distinção entre os demais grupos de cultura popular, inclusive a Chegança, contra a qual encenava um combate. Entretanto, nos parece que pela narrativa acima descrita, a mourama possuía uma liderança e a chegança outra, formando grupos distintos.

Na década de 1970, Mestre Oscar Ribeiro, então líder da Chegança Almirante Tamandaré, realizou o esforço de retomar a tradição de uma Chegança mais extensa, condensando sob sua liderança os mouros e os cristãos, um antigo sonho seu, que foi realizado mediante políticas de fomento das administrações públicas (DANTAS, 2013).

Victorino José da Costa nos aparece pela última vez em 1935, recebendo as felicitações do Vida Laranjeirense por ocasião do seu aniversário, no qual completou setenta e quatro anos de idade. Foi uma liderança entre os saveiristas, assumindo o lugar de seu pai após a morte deste. Era um homem aparentemente católico, organizando festas religiosas e zelando por uma capela na Rua da Cacimba. Gozava de respeito e até determinado afeto, entre os redatores do Vida Laranjeirense, possuindo boas relações com os mesmos.

Contemplar Victorino e a relação com o seu pai, também me fez refletir sobre a relação de outros pais anteriormente abordados, com seus filhos, consanguíneos ou não. A exemplo de Cincinato, Dona Umbelina e seus irmãos. Cincinato seria o que chamam de "espúrio", um filho ilegítimo fruto de um adultério, escandaloso por si só, e ainda mais por ser filho de uma escrava. Conceição (2002) afirma que o reconhecimento legal dos pais brancos pertencentes à elite, concedia a seus filhos "mulatos" escravizados uma ascensão social, quando o seu pai e literalmente proprietário, lhes concedia a liberdade.

Sabemos que este não foi o caso de Cincinato. Sabemos também que é possível que este tenha sido vendido para uma das províncias do "Sul", já que o comércio interprovincial era

[81] A Chegança a Taieira e os Cacumbís. Vida Laranjeirense, n. 172, 13.01.1935, p. 3

intenso, naquela época (BEZERRA, 1984). Cincinato, apesar de já existirem leis que garantiam direitos aos filhos ilegítimos, (apesar de que garantiu a herança ser promulgada apenas em 1876) poderia ter sido reconhecido por Fellipe de Faro Motta que não o fez. Mais uma vez, ao ser barrado pelo poder senhorial, agora um que se caracterizava por ser um tanto diferente, visto que urbano, um senhor Dono de sobrado, como o era o Tabelião Manoel Joaquim de Araújo, Cincinato foi vendido para o pagamento de dívidas.

Na narrativa umbeliniana, Fellipe de Faro Motta nunca se propusera, nunca se colocou de fato pai de Cincinato, apesar de ser de conhecimento público que ele o era. Entretanto, Manoel Joaquim de Araújo, era o "papai branco" deles, já naquela época. Manoel Joaquim de Araújo se propôs, se colocou no lugar de pai das crianças filhas de Carolina. Entretanto, em um conflito entre o pai e o senhor, entre considerá-los como filhos e tê-los como coisas, foi capaz de vender uma criança como Cincinato, que conviveu com ele por pelo menos sete anos.

Se era pai, e lhes deu o nome Araújo e isso era um sinal de bondade de Manoel Joaquim de Araújo, por que não os perfilhou, adotando-os e dando-lhes legalmente o lugar de herdeiros, fazendo com que eles partilhassem com Paulo e Astrogilda de Araújo, os mesmos direitos aos bens e ao legado da família Araújo? Ser quase como filho, ou ser quase como se fosse da família, não é como ser. A certidão de nascimento de Dona Umbelina, inclusive, foi feita por ela mesma, que buscou o cartório e concedeu os dados necessários, já na década de 1970, perto da morte da mesma. O tabelião nunca buscou assumi-los oficialmente.

Cincinato nunca foi assumido paternalmente, assim como não o foram os filhos de Calu. Isto porque o lugar assumido como pai, como benfeitor, foram parte das estratégias de dominação senhorial, que mantiveram tanto Carolina, quanto os seus filhos subservientes à família Araújo lhes prestando serviços e destinando-lhes gratidão e lealdade, mesmo com a abolição da escravatura. Era uma relação clara de troca. Onde obviamente o lado com menos opções era o negro, ou seja, o da família de Dona Umbelina. Talvez se Carolina tivesse recebido a casa prometida pelo Sr. Manoel Joaquim de Araújo, pudesse ter mantido as relações com os filhos dele. Mas para ela a negativa do que lhe era de "direito" foi algo que ela já não poderia superar. Mas uma coisa me intriga, por que ela sentia que tinha direito a este sítio?

Suponho que para Carolina, todos os anos de serviços prestados aquela família eram mais do que suficientes para uma compensação. Carolina criou os filhos do Sr. Manoel Joaquim de Araújo, que praticamente não conheceram outra mãe senão "Calu". Ademais, Manoel Joaquim, que já havia se casado pela segunda vez, não se casou uma terceira vez. Isso aliado

ao fato de que em 1875, Glicéria ser descrita como “fulla” e não como preta, são indícios de uma possível relação afetivo-sexual entre Carolina e um homem branco. Q+ue não nos assuste, poderia ser o Sr. Manoel Joaquim de Araújo. Como dito no início do nosso capítulo, para Carolina, “eles foram ingratos”.

2.3.2 - Antonio Henriques dos Santos: Argos Negro.

Antonio Henriques dos Santos (Figura 1) foi um poeta, escritor, jornalista e tabelião negro, nascido na cidade de Laranjeiras em 5 de agosto, em ano desconhecido. Ele foi o criador do jornal Vida Laranjeirense, no qual podemos acompanhar o cotidiano da cidade de Laranjeiras (de modo específico), mas também de Sergipe, do Brasil e do mundo.

Figura 1-Antonio Henriques dos Santos.
Fonte: Vida Laranjeirense, 01.05.1935.

Antonio Henriques era um sujeito conectado com o seu tempo, e trazia em seu jornal, textos provocativos no sentido racial e social, abarcando temas que iam da ajuda aos pobres da cidade à condição do negro nos Estados Unidos sob os ditames do Jim Crow. Tornou-se uma referência para aquela cidade, sendo um homem engajado socialmente, envolvido em festas religiosas e nas mais diversas campanhas, seja por melhorias na administração municipal, pelos sindicatos, ou até mesmo pela formação da célula integralista em Laranjeiras.

Pedro Valverde, em 1972, por ocasião do lançamento de seu jornal "Alavanca", elaborou uma espécie de "árvore genealógica" dos jornais laranjeirenses, na qual cita o Vida Laranjeirense e seu fundador.

> De todos, o que deixou marcas indeléveis foi sem sombra de dúvidas, "Vida Laranjeirense" de ANTONIO HENRIQUE. Em seu editorial de apresentação dizia o saudoso Antônio Henrique: "Tudo pelo povo. Procuramos dizer sempre a verdade, núa como a gaze; sem rebuços, sem deslizes, sem subterfúgios. Bajulações? Nunca. Honrarias? Sim, a quem merecê-las". Esta será também a nossa conduta.[82]

Antonio Henriques dos Santo fundou o Vida Laranjeirense em 1930, sendo de nosso conhecimento a sua duração até o ano de 1937, quando se extinguem as fontes nos acervos públicos.

Integralismo e Comunismo em terras Laranjeirenses.

Toda a vida do periódico de Antonio Henriques dos Santos, foi sob o julgo da Era Vargas. Primeiro sob o governo provisório (1930-1934), depois sob o Governo Constitucional (1934-1937) e por último sob a ditadura do Estado Novo (1937-1945). Ao longo deste período, o discurso patriótico e a busca pela formação de uma identidade nacional são marcantes, por parte do governo, mas também dos principais movimentos sociais da época, os movimentos "Comunistas" e a Ação Integralista Brasileira.

Além disto, as teorias eugênicas a época, ainda estavam em voga. Apesar do reconhecimento da contribuição das três raças para a formação da identidade nacional, se estabelecia uma hierarquização destas raças, que elevava os brancos em detrimento dos indígenas e dos descendentes de africanos.

Em seu jornal Antonio Henriques dos Santos, publicava artigos de cunho comunista e integralista. Segundo a própria redação do jornal, porque interessava aos seus leitores ambas as vertentes políticas. A cidade de Laranjeiras recebeu visitas de integralistas advindos de Aracaju, que organizaram reuniões e fundaram um núcleo na cidade, que foi visitada por Plínio Salgado, cuja caravana, passando por Laranjeiras, sofreu um grave acidente automobilístico.[83]

O movimento integralista em Laranjeiras chegou a ser tão forte, que eles conquistaram uma sessão integralista no jornal, onde publicaram os princípios da Ação [84]Integralista Brasileira, coisa que os comunistas, por sua vez, nunca alcançaram. Além de terem sido

[82] Jornal Alavanca, n. 01,01.12.1971, p. 2.
[83] Jornal Vida Laranjeirense (n. 162, 04.11.1934; n. 164, 18.11.1834; n. 189, 19.05.1935; n. 252 09.08.1936).
[84] Jornal Vida Laranjeirense, n. 192, 09.06.1935, p. 4.

recebidos pela professora Zizinha Guimarães em sua escola[85]. Provavelmente os integralistas possuíam mais espaço no jornal Vida Laranjeirense, graças ao fato de que um dos membros do núcleo na cidade, o jornalista Omar Mont'Alegre, era um antigo colaborador do jornal. [86]

No caso das notícias de cunho "Comunista", se referiam, em sua maioria à formação de sindicatos, sobre a condição do operariado no Brasil, o empastelamento de jornais ligados às classes operárias e principalmente sobre a dissolução da Associação Nacional Libertadora. O ano de 1935, foi marcado pelo nascimento de alguns sindicatos, o dos Trabalhadores do Trapriche[87], em 1º de setembro de 1935; dos Carroceiros, fundado em 15 de setembro de 1935[88]; e o sindicato dos Construtores civis[89], fundado em 6 de setembro deste mesmo ano[90]. Todos acompanhados por associações congêneres da cidade de Maruim.

Os operários sergipanos na primeira metade do século XX, eram em sua maioria negros, que no período migraram para os centros urbanos, em busca de melhores condições de vida. Eles se empregaram principalmente na "Indústria Têxtil", que possuía fábricas nas cidades de Aracaju, Estância, Propriá, Maruim e São Cristóvão, que, por conseguinte, se tornaram *locus* da população negra sergipana (BEZERRA, 1984). Os operários laranjeirenses, portanto, não exerciam as suas funções na própria cidade, tomavam o trem, e se destinavam para outros centros urbanos, os mais prováveis na cidade de Aracaju, Maruim e São Cristóvão, por serem cidades mais próximas[91].

Em 1950, o antropólogo Felte Bezerra entrevistou operários de cinco das dozes fábricas existentes em Sergipe, quando estudava sobre as etnias sergipanas. Os operários foram categorizados dentro do "Elemento Negro", e segundo Bezerra, seriam em sua maioria oriundos do Vale do Cotinguiba, dos designados "municípios açucareiros" e da zona planaltina ou da margem franciscana, advindos de regiões onde o comércio de algodão declinou.

Os mais antigos proletários seriam os do Vale do Cotinguiba que Felte Bezerra denomina como "meio rudes e analfabetos, em sua quase totalidade" (BEZERRA, 1984, p.122). Não me sinto apta a opinar acerca do nível de brutalidade ou não dos operários, visto que Felte Bezerra, que os entrevistou, com certeza possuía mais propriedade para julgar a questão.

[85] Jornal Vida Laranjeirense, n. 160, 21.10.1934.
[86] Jornal Vida Laranjeirense, n. 197, 14.07.1935, p. 4.
[87] Jornal Vida Laranjeirense, 08.09.1935, p. 7.
[88] Jornal Vida Laranjeirense, n. 206, 15.09.1935, p. 4.
[89] Constituído por ferreiros, carapinas, marceneiros e pedreiros.
[90] Jornal Vida Laranjeirense, n. 2010, 13.10. 1935, p. 4.
[91] As cidades ficam, respectivamente a 23 km, 33 km, 33 km da cidade de Laranjeiras.

Entretanto, não compreendo a relevância desta informação na resolução do problema desta pesquisa, nem em Etnias Sergipanas, que se preocupava em estudar os elementos étnicos formadores do povo sergipano.

O fato é que os operários sofriam com baixos salários, cargas de trabalho exaustivas, com preços elevados nos setores de transporte, vestuário e alimentação, o que fazia com que eles se alimentassem muito mal (SANTOS, 2017). Em 1948, um operário negro, já idoso, deu uma entrevista para um jornalista (não identificado) da Gazeta Socialista, onde proferiu as seguintes palavras,

> "Era solteiro. Comecei a trabalhar aqui, não tinha filho e o dinheiro sempre dava. Mas me casei, os filhos vieram, e num precisa dizer mais nada... continuo trabalhando mas sem poder vestir nem uma roupa, o que ganho não dá nem pra comer, se nunca deu, que agora com as coisas tudo cara. É porque eu tenho uma tarrafizinha [sic.], e arranho o rio à noite toda com ela, sempre trago umas piabinhas... Se os moços num ganham, quanto mais um velho doente que nem eu. Ai de nós se não fosse esse Rio..."

Os operários tinham consciência das suas condições, e apesar de receberem acesso a "medidas beneficentes" dos industriários, queriam salários melhores, com os quais pudessem sustentar as suas famílias numerosas. Eram categóricos ao afirmarem, que se pudessem, teriam uma outra vida, longe das fábricas. Mas se mantinham trabalhando nelas por ser o seu único meio de sobrevivência (SANTOS, 2017).

Raça e Racismo na trajetória de Antonio Henriques dos Santos

> Uma carta do professor Pedro Moreno
>
> Do seu venerado e distincto mestre e professor Pedro Garcia Moreno recebeu o nosso presado chefe Senhôr Antonio Henriques, a honrosa carta que, com imenso prazer, abaixo transcrevemos.
>
> Ei-la:
>
> Maroim, 7 de Julho de 1929,
>
> Meu caro Compadre: Saude inalteravel e prosperidade crescente.
>
> Ha já dias tive o grande prazer da primeira carta que v. me dirigiu. Agradecido por ma ter endereçado e agradecido pelo motivo que a ditou.
>
> Tambem agradeço á bôa Comadre, sua estimada e bôa Mãe.
>
> Tenho lido os seus escriptos no <<O Commercio>>. E' agora o momento de dar lhe os parabéns que já o não fiz por não me sobrar lazeres para fazelo como desejava.
>
> É você o Cruz e Souza sergipano, mas espero que saberá ambicionar e alcançar tornar-se o Antonio Henriques brasileiro.

> O meio em que vivemos é bem tacanho, mas as almas livres teem o poder de transvoar os estreitos horizontes do torrão natal.
>
> Não sou mais seu professor, meu Caro Antonio e compadre amigo. Mas, amigo, posso dar-lhe uma sugestão.
>
> Estude. Alargue mais e mais o circulo de seu saber. Tome para tarefa do resto da sua vida a decifração, a revelação da psyché de sua grande raça, grande porque ella participa das grandezas de Tobias Barretto, de Mauricio Wanderley, de Machado de Assis, de Padre Antonio Vieira, cuja avó era mulata, grande porque ella culminou, em terras do Brasil, nas mentalidades de Luiz Gama, de André Rebouças, de Patrocinio, de Cruz e Souza... sim, desça-lhe aos meandros, revele ao mundo os tesouros inesgotáveis de amor que o coração lhe encerra, prove aos bestas que se julgam senhores da sciencia que o negro no Brasil não foi uma mancha, mas a *conditu sine qua non* da victoria do aryano.
>
> E' preciso rasgar os véos á Verdade e deixar que a justiça tenha a sua apoteose.
>
> Um abraço do Compadre e Amo.
>
> Pedro Garcia Moreno.[92]

A carta acima transcrita, foi publicada na segunda edição do jornal Vida Laranjeirense. Por Pedro Garcia Moreno (Figura 1), remetente e compadre de Antonio Henrique dos Santos, que foi aluno de Pedro e era padrinho de um dos seus filhos. É a primeira de uma série de escritos de Pedro Moreno publicados no Vida Laranjeirense, quase todos com um tom crítico, racial e polêmico.

Figura 2- Dr. Pedro Garcia Moreno.
Fonte: Infonet[93].

[92] Jornal Vida Laranjeirense, n. 2. Laranjeiras-SE, 11.05.1930, p. 1.
[93] Disponível em: https://infonet.com.br/blogs/pedro-garcia-moreno-e-o-padre-daltro/. Acessado em 07/02/2023.

Pedro Moreno, era um químico, farmacêutico, escritor, residente na cidade de Maruim. Relativamente conhecido pela historiografia sergipana, é filho do padre Daltro. Antigo padre da cidade de Lagarto, responsável por implementar medidas modernizadoras naquela cidade. Nasceu em 1 de novembro de 1880, no Tanque Novo, propriedade pertencente à família Daltro, localizada entre as cidades de Lagarto e Simão Dias. Sua mãe, Clara Batista de Melo, era uma jovem de 15 anos de idade, filha de lavradores. Padre Daltro contava então com 52 anos (MONTEIRO, 2013).

> Segundo Luiz Antônio Barreto, Pedro Garcia Moreno, importante farmacêutico sergipano, com destaque, notadamente, entre Maruim e Laranjeiras, nascido no dia 01 de novembro de 1880, era filho do Vigário de Lagarto. Considerando que não cabia ao sacerdote assumir publicamente a paternidade de um rebento seu, coube a ele dá-lhe o sobrenome de Garcia Moreno, um líder político do Equador, de comportamento reconhecidamente religioso, que sempre se dispôs a ajudar a Igreja Católica em seu país, admirado por Daltro. Como não poderia ser diferente, ele nasceu no anonimato na fazenda Tanque Novo, entre Simão Dias e Lagarto, num propriedade do Padre Daltro. Sua mãe teria sido uma jovem de 15 anos de idade, filha de lavradores: Clara Batista de Melo. O Vigário tinha 52 anos e era Pároco da Paróquia de Nossa Senhora da Piedade, à época . Para Odilon Machado, a família Garcia Moreno não tem precedentes no quadro das famílias sergipanas e tão pouco uma linhagem específica que se tenha notícia em outro lugar do Brasil. Desse modo, ela foi fundada a partir do nascimento de Pedro Garcia Moreno, o filho "bastardo" do Vigário de Lagarto. (MONTEIRO, 2013, p. 230)

Pedro Garcia, estudou na capital da Bahia, São Salvador, na escola de Manoel Florêncio do Espírito Santo, ao qual se refere como "aquele preto gramático". Marido de Benta, filha de Manoel Joaquim Ricardo um africano haussá, que chegou à costa brasileira no início do século XIX como escravizado e morreu rico, em 1865, na cidade de Salvador (REIS, 2016).

Garcia Moreno, teve, portanto, uma figura interessantíssima como mestre. O que, além de sua própria trajetória, o tenha tornado um sujeito interessantíssimo também. Pedro era um intelectual, e como tanto, traz em sua carta o debate racial que estava em voga na época. Eram as teorias eugênicas. De degenerescência indígena e africana, versus a superioridade europeia e de seus descendentes.

Lembremos que ainda é 1930, e que Casa Grande & Senzala que consagrou a ideologia da Democracia Racial ainda não havia sido lançado. E com todas as suas problemáticas, como a hipersexualização das mulheres negras e indígenas, a docilidade com a qual são retratadas as relações entre senhores e escravizados e a apologia à sociedade patriarcal, contribuiu no sentido apresentar os sujeitos negros como fundamentais para o processo de formação da sociedade brasileira.

Retomando a carta de Pedro Moreno Garcia, ele diz a seguinte frase “prove aos bestas que se julgam senhores da sciencia que o negro no Brasil não foi uma mancha”, era uma resposta-enfrentamento às teorias eugenistas em voga no Brasil entre o final do século XIX e início do século XXI.

Em 1870, foram introduzidas no Brasil as teorias positivistas, evolucionistas e darwinistas. Modelos que refletem o modelo de reflexão do século das luzes. Os povos “selvagens” passaram a ser interpretados como primitivos, no sentido de serem os primeiros. Deste modo, foram elaborados estudos que sintetizaram a humanidade como uma espécie, de processo evolutivo, portanto com uma possível “perfectibilidade” [94]. Portanto, a visão humanista acerca dos seres humanos é de que somos uma espécie que possui a habilidade de se superar. A capacidade de aperfeiçoar-se. Deste modo, as discussões sobre a diversidade se tornaram centrais com a Revolução Francesa e os ensinamentos da Ilustração. Quando os pensadores passaram a enxergar a humanidade em sua totalidade. Isto posto, os indígenas foram colocados como moralmente superiores (SHWARCZ, 1993).

Partindo da teoria russoniana, a partir da metade do século XVIII, surgiram as primeiras teorias que detrataram o continente americano. Buffon e De Pauw, foram os seus principais pensadores. Buffon, naturalista francês, foi o responsável pelos primórdios da Ciência Geral do Homem. Esta teoria rompeu com a ideia do paraíso russoniano, passando a caracterizar os americanos, ou seja, os povos originários, como povos carentes, débeis e imaturos. Cornelius De Pauw, por sua vez, caracterizou os americanos (povos originários), como decaídos, débeis, de natureza corrompida, inferiores por serem degenerados (SHWARCZ, 1993).

Deste modo, no século XVIII, se destacavam a visão humanista, herdeira da Revolução Francesa e apareciam, timidamente, interpretações sobre as diferenças existentes entre os homens, estas se tornariam mais influentes a partir do século XIX. O termo raça foi introduzido no começo deste século, cunhado por Georges Cuvier. Dentro de um contexto de reorientação intelectual, em um movimento contra o pensamento iluminista, no que se refere ao princípio da universalidade dos seres humanos (SHWARCZ, 1993).

O discurso racial surgiu dentro do debate sobre a cidadania, defendendo que nem todos os homens eram iguais, ou seja, nem todos deveriam possuir os mesmos direitos. Assim sendo, surgiram duas vertentes ideológicas acerca da origem da humanidade, os monogenistas,

[94] Conceito russoniano, segundo o qual o ser humano possui a capacidade de transcendência.

dominantes até meados do século XIX, defendiam que a humanidade era una, conforme as escrituras judaico-cristãs. Os poligenistas, surgiram a partir do século XIX, contestando o dogma católico da monogenia. Partiram da crença de que existiam vários pontos de criação, que eram correspondentes das diferenças raciais observadas (SHWARCZ, 1993).

Das teorias poligenistas, surgiram as teorias da frenologia e da antropometria que interpretavam a capacidade humana por meio as proporções dos cérebros dos diferentes povos. Assim sendo, foram surgindo perspectivas analíticas cada vez mais distanciadas dos modelos humanistas. De modo que, campos como o da antropologia criminal, tomaram impulso. Cesare Lombroso, pioneiro da Antropologia Criminal, defendia que a criminalidade era um fenômeno hereditário. Seus estudos influenciaram fortemente os estudos acerca das doenças mentais, a área denominada de frenologia. O poligenismo, pôs fim as interpretações dos homens em sua universalidade. Findando com a igualdade, a comunicação, com os princípios humanistas (SHWARCZ, 1993).

Deste modo, os estudos antropológicos nasceram diretamente vinculados às ciências físicas e biológicas às suas teorias poligenistas. As análises etnológicas mantêm-se ligadas a uma orientação de tradição monogenista. Foram criadas escolas de ambas as vertentes. Deste modo, surgiram teorias como as provenientes do Darwinismo Social. Para esta teoria, a miscigenação era uma questão central, vista como uma degeneração, algo a ser evitado. Assim sendo, enalteciam as "raças puras". Da teoria do Darwinismo Social, surgiram a Escola do Determinismo Geográfico, que defendia, principalmente por meio de Datzel e Buckle, que o desenvolvimento cultural de uma cultura dependia do seu meio geográfico (SHWARCZ, 1993).

Em 1883, Francis Galton criou o termo eugenia[95], transformada em movimento social nos anos subsequentes. Introduziu políticas sociais de intervenção baseadas na seleção social. Eugenia era a política social do modelo determinista (SHWARCZ, 1993).

A questão da identidade nacional se tornou uma preocupação entre os intelectuais, que se focaram principalmente nos estudos acerca da raça, tornando-se a biologia a primaz entre todas as ciências. Para compreender a identidade, primeiro do império brasileiro, depois da República brasileira, estudiosos se dedicaram a estudar acerca da sua formação racial. A questão é que em sua maioria, buscaram respostas em estudos estrangeiros, oriundos do Darwinismo Social (PANTA, PALISSER, 2017).

[95] Eu – boa; genus – geração. (SHWARCZ, 1993).

Intelectuais como Silvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Oliveira Viana, Roquete Pinto, João Batista Lacerda, se debruçaram sobre os elementos constitutivos do povo brasileiro e viam a mestiçagem como um problema a ser superado, um empecilho que impedia o desenvolvimento do Estado. Alguns, como Silvio Romero, acreditavam na extinção do elemento negro pela mestiçagem, outros, como Nina Rodrigues, acreditavam que isso era muito difícil, visto que todas as interações inter-raciais deveriam ter ao menos uma pessoa branca (MUNANGA, 2019).

O fato é que esses intelectuais, escreveram trabalhos, com respaldo científico que atestavam a inferioridade das raças não negras, e a sua propensão a doenças (físicas ou psicológicas), vícios, incapacidade intelectual e à criminalidade. É por isso que muitos desses cientistas consideravam os não negros verdadeiros degenerados, no sentido biológico, mas também moral. Por isso, Nina Rodrigues chegou a propor um código civil específico para pessoas de cor. Visto que essas, biologicamente, possuíam condições distintas das brancas, defendendo a ideia de que a igualdade "pregada" pelo iluminismo, era uma "falácia" (PANTA, PALISSER, 2017).

O próprio Governo Vargas, por meio dos livros didáticos, ensinou nas escolas a superioridade da raça ariana sobre as demais, e manteve a política de branqueamento populacional, assinando um decreto pró-eugênico, isso ainda na década de 1930, quando elementos da cultura negra, foram assumidos como elementos da cultura nacional, como o samba, o Carnaval e a mulata (NASCIMENTO, 2011).

Apesar do determinismo proveniente de tais teorias científicas, por meio do Jornal Vida Laranjeirense, Antonio Henriques ressaltou as trajetórias de sujeitos e questões negras, dentro e fora do Brasil. Como foi caso da publicação da campanha pró-candidatura de Theodoro Sampaio [96]à ABL; sobre a situação dos negros sob o regime Jim Crow[97], nos Estados Unidos;

[96] Theodoro de Sampaio foi professor de matemática e desenhista do Museu Nacional. Filho de um padre com uma liberta, alforriou sua mãe e seus três irmãos por meio dos frutos de seu trabalho. Disponível em http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/theodoro-sampaio . Acessado em 07/02/2023.

[97] Leis de segregação racial, estabelecidas nos Estados Unidos da América. Disponível em: https://www.geledes.org.br/o-jim-crow-reconhecendo-estereotipos-racistas-internacionais-parte-ii/ . Acessado em 07/02/2023.

o centenário de Carlos Gomes[98]; a queda do império de Menelik; e a notícia de um processo sofrido por Josephine Baker.[99]

Antonio Henriques dos Santos, por diversas vezes ressaltou as dificuldades de manter o seu jornal, principalmente as econômicas, mas também as críticas e perseguições as quais sofria. Era um sujeito aparentemente orgulhoso e possuía as suas alianças entre os membros da elite laranjeirense, entre os quais os Bragança, e não se furtava em realizar desabafos nas páginas do Vida Laranjeirense,

> "Não me sobrando tempo para andar de porta em porta entendendo-me diretamente com uma e outra pessôa, escrevendo cartas, etc., no sentido de desfazer tendenciosos boatos segundo os quais ando eu, tambem, envolvido na epidemia de fuxicos e intrigas ora reinante nos meios políticos desta localidade; prometendo trabalhar pela demissão de pessôas que ora se acham colocadas; algumas das quais até em Empresas particulares, levando más novas ao actual prefeito do município, no sentido de me tornar assim cada vez mais afeiçoado de S.S., venho, de publico declarar que estou muito satisfeito com a minha côr e com o meu cabelo, e com a minha inteligencia e saúde perfeitas; que não sou fuxiqueiro; que acompanho a situação dominante, sem nenhum rancor, porem aos meus patrícios e conhecidos militantes em qualquer das agremiações oposicionistas do Estado; que, na politica encaro princípios e não pessôas; que sou retraído por índole; que, filho de um prêto honrado e trabalhador, (o <finado Henrique Saveirista)>> com elle acostumei-me a enfrentar sozinho a luta pela vida, sem valer-me de fuxicos nem nenhum recurso menos digno, para a conquista de amizade e proteção de potentados políticos ou da burguesia; que, sob a minha aparência bisonha e despreocupada, oculta-se algo do piscologo inteligente da alma colectiva terrantês, e consciente do quanto vale; que sou doutor em minha profissão cuja nomeação conquistei-a galhardamente, em memorável concurso publico no Superior Tribunal de Justiça do Estado... que pertenço á baixa magistratura sendo o meu cargo de Tabelião, vitalício e irremovível, isto é, que não poderei ser demitido senão depois de pronunciado por crime previsto no CODIGO PENAL, nem removido por nenhum chefe politico desta ou daquela situação, daqui para parte alguma do Estado; que nada disso me envaidece, nem em nada me veio alterar minha costumeira norma de vida atenciosa e serviçar para quantos me procurem, que, assim sendo, não podia de forma alguma aprovar e, muito menos, desejar ou trabalhar pela demissão presente ou futura de pessoa alguma, miséria em que nunca cogitei nem hei de cogitar em tempo algum; que sou artista e, como tal, possuído do sentimento de humanidade no seu mais alto grau de perfeição... Não sou egoísta nem bajulador. Agradeço, sensibilisado, a distinção que me despensa as pessôas dignas; mas não as quero com as clausulas de intriga, subserviência ou da bajulação. Trato a todos com delicadeza e urbanidade, observando a bôa ética social, medindo as distancias, respectivas, naturaes; sempre e sempre, porem de homem para homem. Nunca desci ás sarjetas do embuste, nem nunca desejei a demissão nem o mal estar de pessoa alguma. E nem tenho medo de carêtas."
>
> Antonio Henriques Laranjeiras – Sergipe. Janeiro de 1935[100]

[98] O mais importante compositor brasileiro, autor da ópera "O Guarani". Disponível em: /https://www.geledes.org.br/antonio-carlos-gomes/ Acessado em 07/02/2023.
[99] Ativista pelos direitos civis estadunidenses e espiã francesa, na Segunda Guerra Mundial; descrita por alguns como a Beyoncé de sua época. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/geral-59453094. Acessado em 07/02/2023.
[100] Jornal Vida Laranjeirense, ano IV, n. 174, 27.01.1935.

Apesar de todos os seus esforços e feitos, Antonio Henriques dos Santos ainda era visto como um membro da raça negra. Um descendente de africano. Por isso as suas conquistas individuais, citadas por ele mesmo em seu desabafo, não são consideradas como relevantes dentro de um sistema racista, pois a raça o antecipa e antes de qualquer coisa, ele era lido como "só mais um negro".

De modo interessante, por sua vez, além de se declarar muito bem resolvido com relação aos seus fenótipos e de ressaltar que ser negro, além de não constituir um problema para ele, não diminuiu as suas capacidades intelectuais, ele se declara como um "cidadão no pleno gozo dos seus direitos sociais e políticos". Ou seja, se por um lado as teorias científicas mais respeitadas e o ideário da população local, o definem e o tratam como uma pessoa, e por consequência, como um cidadão de segunda classe, não é assim que Antonio Henriques se vê, se considera e se coloca publicamente.

Henriques & as religiões de matriz afro-brasileira

Antonio Henriques era um homem extremamente católico e conservador. Apesar de seu impressionante orgulho negro, fez constantes ataques às religiões de matriz africana em seu jornal, chegando a denunciar em suas páginas, uma latada organizada por Mãe Bilina na rua Cacimba. Ele nunca citou o nagô de Laranjeiras, nem a associação Filhos de Obá e nenhuma outra comunidade de Santo. Limitando-se a citar o nome de Mãe Bilina, somente por ocasião da apresentação das taieiras na festa de Santos Reis.

Em 1936, reproduziu na sessão "Cronica Carioca" um texto emblemático sobre a "macumba no Rio de Janeiro", pertencente à Empresa da Expressão Cultural do Brasil, onde, ao se referirem à macumba no Rio de Janeiro, a caracterizam como um a seita que somente os ignorantes seguem, onde se praticam a magia, feitiçaria e orgias, e por isso a lei e o governo a proibiam. Desse bojo, nem mesmo o nagô de mãe Bilina estava excluído, visto que na notícia-denúncia da latada, se refere a ela como uma latada de candomblé.

Com o Estado Novo, em 1937, as religiões de matriz africana entraram na criminalidade por não estarem dentro do escopo de paz, ordem e disciplina que norteava a ditadura varguista. Denominadas como baixo-espiritismo, os terreiros sofreram uma dupla cruzada, ataques advindos da polícia e dos jornais, estes últimos, responsáveis por disseminar preconceitos entre

a população, aliando as religiões de matriz africana ao mal, à feitiçaria, à imoralidade e até mesmo a crimes.

O baixo-espiritismo foi uma denominação criada pelos espíritas kardecistas, que se autodenominavam alto espiritismo ou praticantes do verdadeiro espiritismo em uma tentativa de serem dissociados das religiões de matriz africana (DANTAS, 2002). Isto se deu pelo fato da repressão policial enxergar os espíritas e os membros de religiões de matriz afro-brasileira da mesma forma, religiões não-cristãs, ligadas à bruxaria, feitiçaria, à cartomancia, ao mal.

No caso sergipano, o candomblé realizou as suas primeiras tentativas de expansão na década de 1920, onde até então, existia o nagô e o toré. Se solidificou somente em 1930, sob a influência de babalorixás advindos da Bahia, entre os quais Caiapianga, Manézinho Sandaió, Manézinho Boiadeiro, Cassiano, Manézinho Baiano e Zeca do Pará (DANTAS, 2002).

Ao se estabelecer em Sergipe, o candomblé se misturou com elementos culturais do nagô e do toré, formando fundamentalmente algo novo. “Os pais e mães de santo costumavam ser ecléticos e praticar ambos os cultos, promovendo festas alternadas de Toré e Nagô, quando não buscavam amalgamar elementos dos dois cultos, tocando na mesma festa Nagô e Toré.” (DOMINGUES, 2018, p., 7).

Tal mistura foi criticada por Mãe Bilina, que considerava essa postura uma traição/deturpação dos ensinamentos deixado pelos africanos, não prestando, portanto, um “verdadeiro” culto aos orixás, pois além de não seguirem os ensinamentos dos africanos e talvez por isso mesmo, Bilina acreditava que estes seguimentos afro-religiosos advindos da Bahia, praticavam o mal por prestarem culto a Exu, divindade que ela e seus congêneres denominavam como o “inimigo” e cujo qual, expulsavam de seus rituais.

> “Alexandre tem lá a casa de Exu, do Inimigo. Onde já se viu? Nós bota Exu pra fora e ele chama pra dentro de casa. Faz casa pra ele... Nini tem lá sete espetos da encruzilhada [sete pontas de ferro que representam Exu] dentro das levas de Ogodô. Tem a casa do Inimigo. Esse pessoal de Toré é que trabalha com Exu. Mas nós não, nós bota ele pra fora.”[101]

O fato é que estes cultos de matriz africana passaram a ser perseguidos pelos governos de interventores no Estado Novo, sofrendo uma tripla perseguição, por meio dos jornais, dos delatores e da polícia. O que antes se caracterizava por uma perseguição esporádica, passou se constituir como um combate sistemático aos terreiros, com a instauração de inquéritos e

[101] Umbelina Araújo em DANTAS, 1988, p. 101.

incursões policiais, apreensões de objetos sagrados e a prisão de chefes religiosos (DOMINGUES, 2018).

> Em Aracaju, esse quadro de "caça às bruxas" repetiu-se. Muitos terreiros foram invadidos pela polícia. Tiveram seus rituais interrompidos, peças e objetos sagrados destruídos, quando não confiscados e levados para a delegacia como prova dos crimes de que os "macumbeiros" eram acusados. Após as formalidades legais, alguns desses objetos das casas: de cultos – instrumentos musicais, adornos rituais, símbolos sagrados, entre outros – foram remetidos ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), em 1946 (Dantas 2014). (DOMINGUES, 2019, p., 14).

Em Laranjeiras, segundo Beatriz Gois Dantas, os terreiros de "xangô" sofreram com a perseguição policial. Fato com relação ao qual, Mãe Bilina não se queixou, afirmando que nunca sofrera interferência das autoridades municipais ou estaduais. Ela possuía boas relações com as autoridades, sendo companheira de infância dos Rollemberg. "Aí esse pessoal de Toinho Rolemberg conheço tudo, nasceu tudo ali de juntinho de nós, ali na rua do Roque; Toinho Rolemberg, o doutorzinho, Heraclo, tudo era pessoa perto de nós". [102] Além de ter trabalhado para o secretário do governo, Terêncio Sampaio. Sendo liderança da Taieira, católica fervorosa e amiga do vigário da cidade, dificilmente Mãe Bilina seria caracterizada como uma adepta/liderança de um culto pertencente ao baixo espiritismo.

Philadelpho de Oliveira, em seu livro História de Laranjeiras, caracterizou o nagô laranjeirense como sendo tão antigo quanto a própria cidade. Alocado no capítulo sobre a fundação da cidade, o terreiro de Santa Barbara Virgem é descrito como uma reminiscência da raça dos africanos, caracterizando uma das suas "tradições" ou "superstições", que linguagem ambígua a do padre! Por fim, Philadelpho de Oliveira afirma que,

> A devoção de Santa Bárbara tem resistido aos embates dos anos na voragem destruidora dos tempos. Africanos e crioulos reúnem-se invocando Santa Barbara, oferecendo-lhe sangue de carneiros e de falos sacrificados segundo um rito próprio, comendo com acassá, angu e fubá as inocentes vitimas, começando depois as danças do Candomblé, que se prolongam por sete ou oito dias.
>
> São tristes e monótonos cânticos partidos de peitos saudosos dos areiais africanos. Subitamente desmaia uma companheira, que julgando-se com o santo no corpo é levada aos pés de Santa Barbara, donde volta mais tarde para recomeçar o Candomblé.
>
> Esta raça mártir e sofredora vai desaparecendo lentamente no Brasil pela ação destruidora da morte e pela absorção purificadora da raça branca, ficando tão somente uma negra sombra de um triste passado. (OLIVEIRA, 1941, p. 40-41).

[102] Sobre Francisco e Heráclito Rollemberg em entrevista concedida por Umbelina Araújo a Beatriz Góis Dantas, em setembro de 1972.

A Obra de Philadelpho Jonathas de Oliveira, constitui numa mescla de apanhado historiográfico com considerável peso memorialístico. Alguns dados contidos na obra, se referem a situações que o cônego viveu e quando não, que ouviu dos mais velhos da cidade de Laranjeiras. Outras vezes, porém, podemos observar as transcrições de documentações que o clérigo teve acesso.

É possível que o sacerdote tenha passado alguns anos reunindo o material com o qual fez o livro, escrevendo-o ao longo de vários anos. Um indício disto é o fato de no excerto supracitado, o clérigo se refere a africanos na devoção de Santa Bárbara Virgem. O livro teve a sua primeira versão lançada na década de 1930, quando dificilmente ainda estariam vivos alguns dos africanos do nagô.

O Cônego Oliveira assumiu o posto de pároco da cidade em 1904[103], o que de fato, explicaria o seu contato com os africanos da Irmandade. Além disto, provavelmente frequentava os rituais do culto nagô, visto que realiza uma verdadeira etnografia do mesmo, uma descrição, com riqueza de detalhes, mostrando ser conhecedor, ao menos em um nível básico, da cultura nagô laranjeirense.

Ele conhecia os seus membros, e dialogava com eles, principalmente com os mais velhos, os ditos africanos, pois sabe e explana que estes têm saudades dos "areais africanos". Por fim, o clérigo nos demonstra que também era um devoto das teorias eugênicas ao explanar que além da morte, a miscigenação acabaria com os negros e junto com eles, com o nagô laranjeirense. Como já diriam os igbos na Nigéria, *"Ogburu Onye n'onye ga-ala"* [104](MANUS, 2007, p.2).

Umbelina Araújo, ao menos em seu discurso, sendo ele uma estratégia de resistência ou não, aparentemente se coloca como a liderança de um culto que ao contrário do candomblé, do toré (e dos mais antigos, malês), busca "o bem", pratica "o bem", desfaz "o mal" (DANTAS, 1988). Curiosamente como supracitado, a luta contra as religiões de matriz africana, à época denominadas de seitas, era dita como uma luta do bem (cristão católico, dos cidadãos de bem) contra o mal (candomblé, catimbó, feitiçaria, cartomancia, criminoso).

Deste modo, "Mãe Bilina", conscientemente ou não, responde diretamente a este pressuposto então em voga, dizendo que busca o bem e desfaz o mal, que os outros negros, do

[103] OLIVEIRA, 1941.
104 "Que aquele que mata outro vá com os mortos."

candomblé, do toré esses fazem o mal, que ela, nagô seguidora dos africanos desfaz. Os "outros" do candomblé é que são o mal a ser combatido e não ela e a sua comunidade. Umbelina Araújo afasta de si, e da sua comunidade o estigma de praticantes da magia e do mal. E torna isso símbolo de distinção entre eles, e os outros, que também são negros, e até certo modo, descendentes também de africanos, mas não são nagôs. Ou não são mais.

Em seu discurso o conceito da "outridade" é marcante, e de certo modo todos aqueles que não são nagôs, são utilizados como parâmetros do que é ser um nagô, que no discurso dela sempre possui elementos positivos enquanto os outros possuem elementos negativos. Deste modo, "…somente uma parte do ego – a parte 'boa', acolhedora e benevolente – é vista e vivenciada como "eu" e o resto – a parte 'má, rejeitada e malévola – é projetada sobre a/o ' Outra/o' como algo externo" (KILOMBA, 2019). A construção da identidade nagô, portanto, se baseia na descendência africana, e na diferença entre eles e as outras identidades negras, que vão se atualizando ao longo do tempo. Já foram malês, hoje são os candomblés e as religiões protestantes.

Mãe Bilina apesar de ser a continuadora da cultura africana na cidade de Laranjeiras, não estava imune ao racismo e aos seus efeitos, internalizando representações negativas acerca dos negros e positivas acerca dos senhores. Um destes indícios é a imagem negativa que ela constrói sobre Zé Sapucary, e a visão positiva sobre alguns senhores de engenho e até mesmo sobre a própria princesa Isabel. Ser uma nagô, com certeza, não a fazia uma aliada de outros membros de religiões de matriz africana, nem mesmo de outros negros.

Ainda acerca da violência simbólica infligida sobre os cultos de matriz africana, "Mãe Bilina" foi acusada por Inácia de trazer um cesto de feitiço da Bahia, isso entre os anos de 1912 e 1913, quando as duas ainda conviviam no Terreiro de Santa Bárbara Virgem (DANTAS, 1988). Quer dizer, já antes mesmo de chegar e de estabelecer em território sergipano, o candomblé na Bahia, o modo de ser nagô, na Bahia era mal visto pelos nagôs de Sergipe e mais, era usado como xingamento. Sendo sinônimo de feitiçaria, bruxaria, maldade. Em outras palavras, malês, candomblessistas, "torezeiros", egressos do nagô e crentes, são a representação mental de tudo o que os nagôs não querem parecer, aqueles com os quais eles não querem ser relacionados (KILOMBA, 2019).

Na década de 1930, Laranjeiras era uma cidade do interior do Brasil, conectada com o seu tempo e contando com sindicatos e com um núcleo da Ação Integralista Brasileira. Apesar do grande contingente de negros em seu território, e contanto com sujeitos negros de destaque, como Horácio Hora, Zizinha Guimarães e o próprio Antonio Henriques, era uma cidade extremamente racista, tradicional e conservadora. Ladeada pela pobreza e pelo preconceito com relação às religiões de matriz africana, que constituíam um tabu para a cidade, assunto sobre o qual, comumente não se falava, e quando se falava, era de maneira negativa.

Antonio Henriques dos Santos publicava alguns dos seus textos por meio do seu pseudônimo, Argos, que descobrimos lendo as numerosas felicitações que ele recebia em seu aniversário, todo 5 de agosto. Argos é uma figura mitológica, que possui olhos por todo o corpo, aquele que tudo vê, mesmo quando alguns olhos estão fechados, outros permanecem abertos, vigilantes. Penso que dizer que Antonio Henriques foi um excelente observador, da sua amada Laranjeiras, é uma ótima forma de defini-lo. Gostei muito de ter me esbarrado com ele nessa pesquisa, e gostaria de me despedir dele com um texto nostálgico sobre a sua querida Laranjeiras.

> SÃN JOÃO DE ONTEM E DE HOJE[105]
>
> De Antonio Henriques para Acrizio Cruz
>
> <<Os desenganos vão surgindo á frente,
>
> As Esperanças vão ficando atras...>>
>
> 23 de junho de 1936, Vespera de Sãn João, Dia de emotividade, dia de evocação. Nove horas da manhã. Empreendemos um giro pela cidade Rua do Comercio, Praça da Feira, nada de novo. Porto do Oiteiro Um mastro á entrada outro em frente á casa da família Marques
>
> Aqui morou Seu Delpino Lobão...
>
> Aqui o velho era José Jorge... A rua Pereira Lôbo, antiga Rua da Poeira, lembra uma necropole. Estou em frente á casa onde residiu Seu Zé Vicente da Linha, José Vicente de Meneses, guarda dos telégrafos... Que é dos preparativos para o animado baile familiar nocturno? Tudo deserto, cavo e taciturno?
>
> Lembro-me bem. A' essa mesma hora, em tempo que vai além, já a rapaziada animada e molhada havia chegado com mastros, a cantar...
>
> E essa casa era toda alegria. Cortavam-se bandeirinhas, correntinhas em franjas para adornos do salão. Ao meio dia as filarmônicas União e Santa Cruz, saiam a animar com lindas marchas e tangos, o ambiente e em visitas ás casas de seus adeptos e associados.
>
> Directoria à frente, garbosa, orgulhosa da melhor afinação do seu respectivo conjunto.

[105] Jornal Vida Laranjeirense, ano VI, n. 246, 28.06.1936.

E já a cidade era toda uma garrida alameda, de arcos triunfaes de Bambus, Genipapeiros, e Patís. Ao pé de cada mastro uma fogueira já prontinha desposta e boa linha...

Paremos á travessa 13 DE MAIO, hoje travessa Camerino.

Era aqui a sede do <<CLUBE ESMERALDINO>> fundado por Aristides Rêgo. A casa de Antonio Aires, centro de sadias diversões, de serenatas eruditas, peixadas e ensaios do melhor Grêmio teatral de amadôres locaes, orientado por Tito Torres, João Pinto, Messias Correia, com o irresistível comino Neréu.

Quantos piqueniques bons à Pedra Furada; ao Porto Grande, Volta Mofina, rio abaixo, ao embalo de choroso CISCO! Totonho Baiano, ao baixo, João de Sá Silvina, ao trombone, Quinto Monte Santo, no piston; ao clarinete, José Joaquim. E hoje afinal. O mesmo antigo solar revemos transformado em sórdido CORTIÇO, rude desvão de perversão moral. Divaguemos ao Bôi- Vermelho.

<<Silêncio, escuridão e nada mais>>. Que è do Laláu. Não mais pertence à comunhão dos vivos. Rua do Mulungù deserta. Avenida Municipal. Que é do Constantino Tué? Tambem como os demais companheiros ora evocados <<JA' PARTIU PARA O ALEM>> em dia ignorado.

COMENDAROBA –Maninho, Olimpio, Semião, Olberon, João e Pedro Lobão, á reposam tambem no frio chão.

Rua da Palha, Tramandai, Zé de Goés, Fim da Troixa, Vitoria.

Que fim levou o Beróla? Apenas os mesmos pregos das lanternas e bandeirolas, permanecem ao alto de cada janela triangular da velha casa do inefável marcante de quadrilhas da metrópole suburbana.

- Anavan!

- Tu".

- Granchê de Damas".

E as novenas do Zé Cambêta. Morreram com o seu fervoroso devoto. Rua da Cacimba. O mestre Ozéas tambem já faleceu. Rua da Alegria.

Que é dos sambas de violas e de côco bem tirados?

Seu Donato, Sofia, Laura, Manezinho Séba, Biu? Tudo passou, tudo morreu.

Praça dos Navegantes. Nem o Capitão Pepertino, nem Sá Bernardina de Seu Zé Rio de Janeiro, nem seu milagrosíssimo Santo Antonio de Padua;

Silencio, gelidez, desolação.

Dolorida evocação"

Eis porque nesta véspera de Sãn João temos a alma em crepe mergulhada e em crepe imerso inteiro o coração.

Do passado o que resta-nos agora? Apenas, na mesma linha, a casa de Dona Zizinha. Mas, mesmo ai, faltam-nos Dona Sita e Dona Nenên.

Sita e Nenên, almas de arminho e sêda, dormem do céo na mística alamêda.

Volvamos para a casa de mansinho. <<Saudade! Gosto amargo do infeliz! Delicioso pungir de acerbo espinho!>>

E enquanto demandemos o refugio do nosso humilde e solitário lar, caindo vem a chuva em borborinho, inundando as sargetas do caminho.

Até o céo soluça de pezar.

CAPÍTULO 3
AS COLÔNIAS DE SANTA BÁRBARA VIRGEM

Ao longo das próximas páginas, falaremos um pouco sobre a relação de Mãe Bilina e a comunidade nagô de Laranjeiras. Este capítulo, talvez seja um dos mais importantes desta dissertação. Isto porque se refere à faceta mais contundente da trajetória de Mãe Bilina, sua função como lôxa de Santa Bárbara, como dona das colônias de Santa Barbara Virgem. De longe, este legado recebido do Pai da Costa, foi o que mais marcou a sua vida, e, junto às taieiras, obrigação que exerceu por mais tempo.

Em 1970, década à qual pertencem a maioria das fontes que embasam este capítulo, Mãe Bilina era uma liderança religiosa consolidada. Descrita por líderes de terreiros de Laranjeiras como uma "africana" (DANTAS, 1988). Uma sacerdotisa poderosa, que angariava rivalidades.

Principalmente com o líder dos dissidentes de Santa Bárbara Virgem, o babá Alexandre. Em uma das entrevistas, me confiaram que Bilina proibia os seus filhos de comerem qualquer coisa fora do terreiro, pois tinha medo de que "o povo de Alexandre", os envenenassem.

Colônias é a forma com a qual, carinhosamente, Mãe Bilina se refere às casas que integram a Irmandade de Santa Bárbara Virgem. Este termo, ao que me parece, era mais utilizado no tempo de Mãe Bilina e entrou em desuso nos últimos anos, sendo substituído pelo termo "casa". Usarei preferencialmente o termo colônia, por ser a palavra utilizada por mãe Bilina, para se referir aos diversos terreiros da irmandade, existentes sob o período da sua liderança. As fontes que embasam este capítulo, advém, em sua maioria, da oralidade da irmandade nagô, de ontem e de hoje, presentes aqui e em Vovó Nagô, contando com um acervo audiovisual, que alavancou esta pesquisa.

O culto nagô em Laranjeiras se baseia primordialmente nas colônias de Santa Bárbara, tendo o seu calendário religioso marcado pelos festejos a cada um dos santos que se encontram nelas; em segundo lugar, colhendo um depoimento aqui e acolá, pude recolher os nomes de algumas colônias, entretanto, cabe ressaltar que, o "Terreiro Filhos de Obá", se constituí como uma colônia desmembrada da Irmandade de Santa Bárbara Virgem. Os mesmos são descendentes de uma das antigas africanas que fundaram a comunidade nagô, Ta Joaquina, sobre a qual falamos um pouco no segundo capítulo. Segundo o professor Fernando Aguiar (2002), ela prestava culto a Xapanã, também chamado de Omolu ou Obaluaiê.

Cada colônia, descende de um africano transmigrado da África para o Brasil. Africana ou africano, que trouxe os seus santos consigo e deu continuidade ao seu culto na irmandade nagô. Infelizmente, a maioria das colônias que a ainda integram o nagô Laranjeirense, não tem conhecimento do nome do seu africano, ou de seus africanos fundadores. Ou como no caso da família do antigo patrão, Seu José Maria de Jesus, sabem somente o seu nome "pela África", Ti Oxó. O que dificulta a pesquisa de fontes documentais, que viabilizam o imprescindível cotejamento. Ainda está por se fazer, uma pesquisa que se debruce especificamente sobre as colônias de Santa Bárbara Virgem, que em outras palavras, são nada mais nada menos, do que famílias. As famílias dos africanos que fundaram a irmandade de Santa Bárbara Virgem. Os nagôs fundadores.

Cada colônia, possui uma casa. Em outros termos, em termos candomblecistas, que são mais didáticos, possui um terreiro. Cada colônia, possui um ou mais zeladores, mas sempre tendo um que é o principal. Estes zeladores, vivem na casa do santo. Isto eu aprendi com Dona

Deolinda de Jesus, filha de Seu Zé Maria, “a casa é do santo, permaneço lá enquanto ele me quiser”. Os nagôs, dizem com frequência “o santo”, que se refere ao orixá. Algumas vezes, uma casa tem mais de um orixá sendo cultuado. Logo, mais de um santo. Eles são resguardados em um pegê, em um quarto separado na casa, chamado de “o quarto do santo”. Ele se reproduz em várias casas-colônia de Santa Bárbara Virgem, ao menos em todas as visitadas por mim, e seguem o mesmo padrão de organização. O qual, por motivo de respeito, não descreverei.

As famílias que hoje integram a irmandade de Santa Bárbara Virgem, são três: a família da finada Tercila, a família do finado patrão Zé Maria, a família do segundo beg, Ti Herculano. Alguns santos são cultuados, mas não especificamente possuem uma família biológica, como é o caso dos santos de Birunqué e Henrique e existe uma terceira situação de colônia, a do caso do Terreiro de São José, que cultua um “santo roubado”. Em 1972, Bilina relatou à professora Beatriz Gois Dantas, que o Terreiro de São José, que então buscava seguir as raízes nagôs, era liderado por dois irmãos, que teriam roubado o santo de um antigo africano, da cidade de Riachuelo, e estava cultuando o santo nagô, com ritos que se mesclavam aos do candomblé.

Recapitulando, vamos amarrar algumas pontas soltas, e categorizar as colônias de Santa Bárbara Virgem. Existem três categorias, hoje em voga, para as colônias de Santa Bárbara Virgem: 1. As colônias de descendentes consanguíneos (a de Tercila, Zé Maria e Ti Herculano); 2. As colônias extintas, cujo santos não possuem familiares que integrem a irmandade, e por consequência zelem por eles. Fora do guarda-chuva da Irmandade de Santa Bárbara Virgem, existe uma outra colônia, denominada de terreiro de São José, constituída por uma família que teria sido “adotada” pelo santo nagô. Este terreiro é amigo, caminha junto com a irmandade de Santa Bárbara Virgem, mas não é uma das suas colônias, visto que não está sob a liderança direta da lôxa, tendo a sua própria liderança, o beg Tonhô, sucessor de Nine, a primeira lôxa do terreiro de São José.

Os arredios nagôs laranjeirenses não falam com facilidade sobre aquilo que não querem revelar, já que tem bem delimitado o que é endógeno e o que não é. São estratégicos e sábios. Por isto, os nomes dos santos cultuados em cada colônia, não é revelado para aqueles que são meros visitantes, mesmo que estes sejam negros e pesquisadores. Entretanto, orixás e ancestrais, são cultuados pelos nagôs. E com a palavra ancestrais, me refiro ao culto aos africanos que fundaram a irmandade de Santa Bárbara Virgem, que “baixam” nos festejos nagôs (segundo os relatos orais, Ti Herculano, Ti Oxó e Ta Justa, são recebidos pelos seus cultuadores).

Apesar de hoje, não ser revelado qual o orixá cultuado por cada casa, em 1972, Mãe Bilina revelou à professora Beatriz Góis Dantas, quais os orixás cultuados pelos nagôs em Laranjeiras. Na tabela **(Tabela 1)** a seguir, podemos ter acesso às possíveis divindades cultuadas pelas colônias de Santa Bárbara Virgem.

Tabela 1 – Orixás Cultuados pelos nagôs em 1972

1. Abacossô (também denominado Obakossô)
2. Abaluaiê (também denominado Obaluaiê)
3. Acedá
4. Acodá
5. Agongote
6. Aramilá (também denominado Orunmilá)
7. Bara-Ungundi
8. Beide-Oró
9. Chaocô (Orixakô)
10. Dadá
11. Efá
12. Iansã
13. Iá-Xangô
14. Ibejís
15. Iemanjá
16. Iguê
17. Irelodê
18. Lebará
19. Lokum
20. Nanã
21. Obá
22. Ogodô
23. Oguidibô
24. Ogum
25. Oiá
26. Omolu
27. Orixá (também denominado orixalá)
28. Oroco (também denominado Iroko)
29. Oxalá
30. Oxoce
31. Oxum
32. Teô
33. Xangô
34. Xapanã

Em 1972, na ocasião da entrevista, das trinta e quatro divindades cultuadas, menos de dez "baixavam", [106]isso porque segundo Beatriz Góis Dantas, os filhos destas divindades

[106] O termo "baixar" se refere ao momento em que os orixás vêm à terra e são incorporados pelos seus filhos.

faleceram e não foram substituídos por outras pessoas (DANTAS, 1988). A maior parte destas divindades sem "família", se encontram na casa da "Inçã", sobre a qual falaremos mais à frente.

Dentre as divindades cultuadas, a mais importante é Ogodô. Que é celebrado no mês de outubro, sendo a mais importante festividade da irmandade. Existem dois tipos de festejo na irmandade de Santa Bárbara Virgem, o primeiro, concerne nas festas realizadas para os santos das famílias que integram a irmandade, as chamadas por Mãe Bilina, de "colônias de Santa Bárbara"; o segundo, concerne nos festejos que reúnem todos os integrantes da irmandade, e que por consequência é de responsabilidade de todos. Estes festejos são a "Festa do Corte do Inhame", o festejo para "Ogodô" e a festa na casa da "Inçã".

3.1 - AS FESTAS DAS COLÔNIAS DE SANTA BÁRBARA VIRGEM

Os festejos de Santa Bárbara Virgem, concernem nas obrigações que a irmandade tem para com os seus santos. Existem as festas das famílias descendentes de africanos, e outras três festas, que pertencem à toda a Irmandade. Os calendários dos festejos nagôs se iniciam em setembro, com a Festa do Inhame. É seguido, em outubro, pela festa dedicada ao orixá Ogodô e pela festa em honra a Iansã, em fevereiro.

A festa do Corte do Inhame é um festejo centenário que inicia o calendário religioso do nagô em Laranjeiras (Sergipe). Esta festa celebra a colheita dos novos inhames e é realizada anualmente, se constituindo em uma das celebrações mais importantes do Terreiro de Santa Bárbara Virgem (DANTAS, 1988).

Espraiada pelo continente africano, a festa do Corte do Inhame Novo, é uma reminiscência da cultura africana, ainda conservada na cidade de Laranjeiras, e fonte da manutenção da identidade dos descendentes dos africanos que habitaram esta cidade. Permeada de tabus[107], a festa do inhame é reconhecida, entre os nagôs, por ser um momento de grande ciência, onde o Pai da Costa, sua divindade maior, vem e manifesta a sua vontade para os seus devotos (DANTAS, 2018). Como já sabemos, foi nos festejos do corte do inhame que em três anos consecutivos, realizados no mês de setembro, o Pai da Costa revelou a Mãe Bilina, que ela deveria assumir as colônias de Santa Bárbara Virgem (DANTAS, 1988).

[107] Os integrantes da irmandade não podem comer inhame entre os meses de maio e setembro, até que seja realizado o ritual do inhame.

Realizada em setembro, é sinal da continuidade da cultura africana em Sergipe, de modo que, constitui um dos poucos territórios brasileiros que mantém este costume, ainda em voga na África, nos países do Benim, Togo, Gana e Nigéria, especialmente na Nigéria, entre os povos igbos.

Na Nigéria, se celebra principalmente na cidade de Igboho, localizada no estado de Oyó, reino que, segundo a mitologia iorubá, fora governado por Xangô. No terreiro de Santa Bárbara Virgem, a Festa do Corte do Inhame, é realizada em homenagem à "Ogodô" (principal divindade da irmandade), Xangô e Omolu. "A festa do inhame pertence a toda irmandade. Mas o dono mesmo é Xangô, Omulu e Ogodô. Agora Ogodô é o maior de todos na devoção".[108]

As festividades do inhame na África (denominadas de *Yam Festival*, na Nigéria; de *Asogli Yam Festival*, em Gana[109]), se iniciam no mês de agosto (no terreiro de Santa Bárbara Virgem, em setembro), e se trata de uma festa ligada à vida, à nova colheita. Onde, assim como na comunidade nagô laranjeirense, primeiro os inhames devem ser oferecidos às divindades, depois ao sacerdote/mais velho dentro da comunidade e posteriormente ao público em geral.

Ogodô é celebrado no mês de outubro, é "o maior" na devoção de Santa Bárbara Virgem. Apesar de "Mãe Bilina", se opor ao amalgamento de várias divindades em uma só, Ogodô é reconhecido como uma das qualidades de Xangô, por algumas perspectivas de culto afro-brasileiro. Mas para ela, Xangô é um e Ogodô é outro.

> **Bilina** - É Ogodô. É o maior de todos. Porque na Igreja nós temos o Santíssimo não tem? Pois na devoção de Santa Bárbara – Xangô, tem ele que é Ogodô.
>
> **Beatriz –** É Jesus Cristo?
>
> **Bilina –** É Ogodô, é o maior de todos...
>
> **Beatriz –** Vai ser quando? [110]
>
> **Bilina –** Em outubro.
>
> **Beatriz –** Em outubro?
>
> **Bilina –** É.
>
> **Pastora –** Não está muito certo ainda por causa desse Lambe-sujo?
>
> **Bilina –** É mode a folia dos Lambe-sujo que a gente tá, num sabe. Ele disse que ia fazer no dia 24 de outubro.
>
> **Beatriz –** Quer dizer não tem dia fixo, dia marcado não, é?
>
> **Pastora –** De Ogodô não tem não.

[108] Umbelina Araújo em entrevista concedida à Prof.ª. Beatriz Góis Dantas, em 10 de setembro de 1972.
[109]Asogli Te Za (Asogli Yam Festival) 2029 Program. Visit Ghana. Disponível em: https://visitghana.com/attractions/asogli-te-za-asogli-yam-festival/. Acessado em 08.12.2021.
[110] Pergunta se refere à festa de Ogodô.

Podemos identificar alguns pontos nesta entrevista. Primeiro que a devoção se denominada como "devoção Santa Bárbara - Xangô. Segundo, diferente do que hoje é realizado pela irmandade, a festa de Ogodô não era realizada no mesmo dia que o Lambe-Sujo e Caboclinho. Entretanto, tanto Bilina, quanto Pastora, afirmam que o festejo de Ogodô deve ser realizado em outubro, anualmente, sem data definida. Ogodô, possui um altar. Infelizmente não sabemos se localizado na casa da lôxa ou na da Inçã. Entretanto, possivelmente ele está localizado na casa da lôxa, visto que o seu terreiro ocorre nela. Deste modo, é possível que seja um dos santos de Ti Henrique e de Birunqué, que são os mesmos santos.

A festa da Iansã, é realizada em fevereiro, em honra aos santos das famílias que se extinguiram, ou porque seus integrantes nagôs morreram, ou porque seus descendentes não tiveram interessem em cuidar dos santos da família. Nesta festa, são realizadas as rezas de Iguê, que "... é dos que já morreram. As almas tá tudo ali. Não sai ninguém pro quintal porque assombra. Não faz medo, mas vê. Fica tudo aí. Não tem o negócio da devoção das almas na Quaresma? Aquelas almas todas não acompanham? Pois assim é no dia de Iguê" (DANTAS, 1988, p. 137).

3.1.1 – Os santos de Birunqué & Henrique: ruas do Cangaleixo & Cacimba.

Em 1972, em 10 de setembro, Mãe Bilina concedeu uma entrevista à Professora Beatriz Góis Dantas. Esta entrevista foi realizada em um domingo, na casa da aloxa, antes da realização da Festa do Corte do Inhame. Por meio desta entrevista, tive acesso à uma informação até então desconhecida por mim. Lembra daquela história de que Henrique e Birunqué eram *malungos*. Parceiros, senão de travessia, de vida? Bem, nessa entrevista Mãe Bilina revelou mais, que os santos de Henrique e Birunqué, na verdade são os mesmos santos. Eles cuidavam dos mesmos orixás, o que explica o fato de Birunqué ter morado na mesma casa que Ti Henrique e sua esposa, por mais de trinta anos. E se, de fato, Ogodô for um dos santos presentes na casa da lôxa, isso significa que ele é um dos santos de Henrique e Birunqué.

A casa de Ti Henrique, foi a primeira colônia nagô em Laranjeiras. Ele é o primeiro beg, o primeiro fundador, pois foi o primeiro a fazer da sua casa, a casa do santo. E junto dele sua esposa e sua malunga, Birunqué. Henrique foi o primeiro, mas não foi o único. Outras casas de santo foram surgindo em Laranjeiras. E quando ficou velho demais para continuar liderando a comunidade nagô, para continuar atendendo estas casas e as pessoas que o procuravam, ele passou a função de begmar, ou Aluvá Xangô, para Herculano.

> **Beatriz –** O que é begmar?
>
> **Bilina –** É o maior da devoção. É o chamado patrão. Mas na linguagem se chama o begmar. É o patrão da devoção. Ele se chama Aluvá. Xangô.
>
> **Beatriz –** O begmar é a mesma coisa de Aluvá Xangô?
>
> **Bilina –** É. Agora a gente chama de o begmar, na linguagem chama Aluvá Xangô.
>
> **Beatriz –** Mas ele era um deus, ou uma pessoa. Como era?
>
> **Bilina –** Era uma pessoa.
>
> **Beatriz –** Era um africano?
>
> **Bilina –** Era um africano.
>
> **Beatriz –** Ele era africano?
>
> **Bilina –** Era. Agora aí eles disseram. Você tem que tomar conta desse lugar. Se eu casasse, eu morria ou num vivia. E eu não conhecia ainda a base das coisas não. E eu digo: e que eu vou tomar conta desse lugar sem eu saber como é. *[inaudível]*. Gravou tudo aqui *[aponta a cabeça]*. Eles não me ensinaram. Foi marcado por Deus e Santa Bárbara (...)
>
> **Beatriz –** O 1° begmar é o fundador, não é?
>
> **Bilina –** É.
>
> **Beatriz –** Foi o que fundou o terreiro aqui em Laranjeiras?
>
> **Bilina –** O 1° era dele.
>
> **Pastora –** Era o seu também. É o mesmo. *[Pastora mora com Bilina e tem funções no culto]*.
>
> **Bilina –** Depois que entregou a ti Herculano.[111]

O primeiro begmar, foi Ti Henrique. Entretanto, é interessante observar, que em português, coloquialmente, eles chamam o begmar de patrão, função ainda em voga no terreiro de Santa Bárbara Virgem. Entretanto, atualmente, o chamado patrão não exerce as funções de begmar. Ou seja, ele não é "o maior de todos na devoção", mas sim o líder das funções masculinas, sendo o principal responsável pelos sacrifícios dos animais. Ao dizer que o begmar, na linguagem se chama "Aluvá Xangô", possivelmente Mãe Bilina se refere à dígina do primeiro beg dos nagôs. Mas porque digo isso? Porque vejamos, Ti Herculano, é chamado carinhosamente de Papai Ojô pelos nagôs. Ojô, portanto, deve ser a sua dígina, ou ao menos parte dela. Mas existe um indício ainda mais contundente.

Mais a frente trataremos da história de dois Xangôs. Dois irmãos que foram patrões do nagô. Um tinha por nome "pela África" Xangô Deí; o outro Xangô Idê. Suponho, portanto, que Aluvá Xangô, deva ser a dígina de Ti Henrique. Ou ao menos Xangô deva ser um título conferido aos homens que exercem este tipo de função. Entretanto, isto não explicaria o porquê Ti Herculano é chamado de papai Ojô. Talvez, de fato, se refira aos nomes destes homens "pela

[111] Umbelina Araújo em entrevista concedida à Prof.ª. Beatriz Góis Dantas, em setembro de 1972.

África", já que uma das toadas mais cantadas pelos nagôs em seus festejos diz que "papai Ojô é de Teô". Isso mesmo, Teô, um dos orixás do panteão nagô laranjeirense. Sobre o qual não encontramos nenhuma informação.

Um pouco mais adiante, na mesma entrevista, Mãe Bilina, provocada por Beatriz Góis Dantas, falou um pouco sobre o terreiro de sua avó, que concerne na casa das lôxas, localizada na então rua da Cacimba. Ela diz que anteriormente, primeiro se celebrava "lá". Lá era na casa de Ti Herculano e depois se festejava no então terreiro de sua avó, que passou para a sua mãe e da sua mãe passou para ela. Um pequeno estralo. Se o primeiro festejo é o corte do inhame, que antigamente era festejado na Comendaroba, na casa de Ti Herculano, e o festejo seguinte é o dedicado a Ogodô, o maior na devoção nagô, significa que Ogodô é o santo, ou ao menos um dos santos, da família de mãe Bilina, que tem como ancestrais africanos Birunqué e Henrique. Ouçamos Mãe Bilina:

> **Beatriz –** Mas o terreiro era aqui. Dançava aqui. A senhora quando era pequena via.
>
> **Bilina –** Era. Quando era menina andava aqui. Mas o terreiro era lá.
>
> **Beatriz –** Lá onde lá *[inaudível]*.
>
> **Bilina -** Agora quando era neste tempo era que a gente subia pra lá para depois poder fazer aqui.
>
> **Beatriz –** Lá na Comandaroba?
>
> **Bilina –** Era.
>
> **Beatriz –** Quer dizer que dançava lá?
>
> **Bilina –** Era. O 1° festejo do ano, de setembro era lá. A gente abria o 1° do ano era lá. Agora depois de lá era que era aqui. Agora depois que lá acabaram, agora que abre é aqui.

A última frase, se refere ao fato de ter havido desentendimentos entre os descendentes de Ti Herculano e Mãe Bilina, e a evasão dos descendentes de Papai Ojô do nagô, fazendo com que sua casa passasse um tempo desabitada. Esta situação, atualmente se encontra remediada, e os descendentes de Ti Herculano, constituem hoje, a maior parte dos integrantes que são descendentes dos africanos, na irmandade. Entretanto, diante da situação de afastamento dos descendentes de Ti Herculano, Mãe Bilina sustou os festejos na casa dele, trazendo a festa do corte do inhame para a casa dela.

Por vezes alguns integrantes do nagô dizem que a Casa de Ti Herculano é o terreiro sede, uma espécie de "matriz" da irmandade nagô. De fato, hoje, é a casa mais antiga da irmandade, ao menos que se tenha conhecimento. Entretanto, não foi a primeira, a primeira pertenceu à Birunqué, Henrique e sua esposa Caetana (Ialepô, pela África). E a casa de Ti

Henrique, na antiga rua do Cangaleixo, se acaso tivéssemos conhecimento da sua localização, seria a matriz do nagô laranjeirense, a primeira casa da irmandade.

Com a morte de Ti Herculano, o pai da Costa pediu para que Bilina assumisse o terreiro de Santa Bárbara Virgem. Essa história é batida e rebatida várias vezes. Entretanto, às vezes nos esquecemos que ela foi escolhida junto com Manaia, neto de Ti Henrique. Eles se tornariam os maiores na devoção de Santa Bárbara Virgem. Entretanto Manaia não aceitou, assumindo Bilina como lôxa, ficando possivelmente Biruni (sobre o qual não temos informações, além de que foi ele o africano que entregou o exó, para Mãe Bilina) como o primeiro patrão com as atuais funções conferidas a estes. Digo isto, porque seria natural que o segundo na hierarquia (e este é o patrão), fosse aquele a entregar o exó para a nova lôxa (OLIVA, 2011).

*3.1.2 – Marias Deolindas de Jesus e seus dois Xangôs: Divina Pastora, Comandaroba e o Quitalé de Cima***.**

Maria Deolinda de Jesus, foi uma contemporânea de mãe Bilina. Ela era a zeladora de uma importante família no nagô. A família dos "Xangôs". O santo de Maria Deolinda, atualmente se encontra no Quitalé de cima, mas de longe, é o santo mais viajado da irmandade. Passou por Divina Pastora e pela Comendaroba, quando viveu perto da casa de Papai Ojô.

A principal interlocutora da família nesta pesquisa, foi a senhora Deolinda Maria de Jesus. Ela era a principal zeladora do santo da família, tendo assumido após o falecimento do seu pai. Infelizmente, no dia 20 de outubro de 2022, Dona Deolinda faleceu. Estivemos juntas na festa do corte do inhame, e foi esta a última vez que a vi. Na ocasião da entrevista, Dona Deolinda possuía 66 anos de idade, me concedeu a entrevista na casa de sua família em Aracaju, na rua Grageru, bairro Suíça.

> **- Conceição:** Qual a história da sua família, com a irmandade? Como é que foi assim...
>
> **- Dona Deolinda:** Não sei, quando eu nasci meu pai já era da irmandade, ele foi (...) essa casa que tá lá em casa, na minha casa né? Da irmandade, era em Jesus, Maria José. Onde minha avó, era escrava, Jesus, Maria José, lá em Laranjeiras, né? Então o pessoal foi morrendo, foi morrendo, aí ficou a minha avó, que era Deolinda Maria de Jesus, que é o meu nome. Minha avó, né? Como o povoado, Jesus Maria e José, que era entre Laranjeiras e Riachuelo, a divisa, né? O povo foi, saindo, né? Aí pronto, ela teve que tirar a casa do Santo. Como meu tio comprou, Tio Henrique, comprou a casa, comprou a casa em Divina Pastora. Só que antes de ir pra Divina Pastora, minha avó bateu os búzios. Como ela batia os búzios, mas ela não entendia muito, ela entendia alguma coisa, mas os búzios lá disse que (...) ela não entendeu, aí foi pra casa da finada Bilina. Antigamente chamava de prima, né? "Ô minha prima, ói, eu bati o búzio, (incompreensível)". Bilina bateu o búzio lá e disse, "é que o santo não quer ir pra Divina Pastora". Aí ela disse, "mas meu fio comprou a casa lá". Aí foi, tá bom.

> Quando ela levou pra lá, quando levou, porque antigamente só ia de burro, né? De carroça, o carneiro se entortou(...) Bateu na minha bisavó, assim papai conta né? Bateu na minha bisavó, (incompreensível) ela ficou aleijada. Ela dançava o nagô se arrastando. Mas nunca perdeu a fé. Agora foi pra lá, só que lá, não tinha rio. E o nagô, precisa de rio, pra despachar, porque tudo vai nas água. Todo o resto das coisas do nagô, tudo é na água, despacha na água. E lá em Divina Pastora não tinha nenhum rio. Aí tá certo, aí passou um tempinho, aí teve um festejo na casa de Bilina, nessa época, nesse festejo, minha avó, faleceu. Entendeu? Ele não queria ir, mas ela teimou. Aí o que aconteceu? Meu pai veio avisar mais os outros irmãos, aí ela disse, chegou na casa de Bilina aí ela disse, "é, eu já sabia". Pronto, fez o enterro, passou, passou, aí meu tio, meu tio José Joaquim, que era um dos mais velho, levou de novo pra Laranjeiras, na Comendaroba, até dois mil... até deixe eu ver, viu? Meu tio já morreu em 95... Acho que até o ano 2000. Quando meu tio José morreu, meu pai assumiu, antes de se batizar. Assumiu... como meu tio já tinha uma mulher, não era casada com ele, mas ela disse, "Ah, eu tenho parte nessa casa". Aí meu pai pediu ao santo, que se ele arranjasse uma casa pra tirar o santo de lá e deixar a casa pra família né? Ele tirava. Foi quando o santo consentiu aí ele tirou. Em 2000 foi para o Quitalé, até hoje, graças a Deus. [112]

O santo da família do Quitalé de Cima, é o santo que possuímos mais informações, com exceção de Ti Herculano, que talvez tenha sua história tão resguardada por ter sido segundo begmar. A igreja de Jesus, Maria e José se encontra na divisa das cidades de Laranjeiras e Riachuelo. Foi tombada pelo então SPHAN, em 1843 (PASSOS, 2014). Foi ao redor desta localidade, que a bisavó de Dona Deolinda, teria sido escravizada. E onde originalmente, se estabeleceu a casa da família. O proprietário desta propriedade é uma incógnita. Ela é legada, possivelmente a Manoel Joaquim Fernandes de Barros. Um médico que governou a Província de Sergipe entre os anos de 1835 e 1836, quando provavelmente a igreja foi construída. Entretanto, Manoel Joaquim Fernandes, que era um alagoano de Penedo, faleceu em 1840 em Salvador (PASSOS 2014). Seu nome não está listado entre os inventários de Sergipe no Arquivo Judiciário.

O engenho Jesus, Maria e José, reaparece nos arquivos em 1889, sob a posse do coronel Pedro Antônio d'Oliveira Ribeiro, a esta altura, sem escravizados. Na altura de seu tombamento, em 1843, o engenho pertencia à família Franco, tendo sido anexado ao território da Usina do Pinheirinho (PASSOS,2014). A título de curiosidade, a igreja de Jesus, Maria e José, hoje em ruínas, contou com pinturas do artista Teófilo de Jesus, em seu forro. De nome José Teófilo de Jesus, foi um pardo alforriado, aprendiz de José Joaquim da Rocha. Estudou na Escola de Belas Artes de Portugal, e trabalhou decorando igrejas na Bahia e em Sergipe.

[112] Excerto da entrevista concedida por Dona Deolinda Maria de Jesus, em 11/03/2022, no bairro Suíssa. Na casa da família do Sr. José Maria de Jesus, em Aracaju.

Faleceu em 1847, por complicações em decorrência de uma queda do andaime, na igreja da Divina Pastora, em Sergipe [113].

Com o esvaziamento do povoado, a zeladora e o seu santo se mudaram para Divina Pastora. Local onde, mesmo sem o santo querer morar, Mãe Bilina se deslocava para festejar, tendo grande proximidade com a matriarca da família, Dona Deolinda Maria de Jesus (que em decorrência de um acidente com um carneiro, mancava de uma perna). Com o seu falecimento, seu filho José Joaquim de Jesus, assumiu os cuidados como zelador do santo da família, levando-o para a sua casa na Comendaroba. Local onde o rio Cotinguiba, passava por seu quintal. José Joaquim de Jesus, era patrão do nagô, pela África se chamava Xangô Deí e seguiu com as suas funções até 1995, quando faleceu.

> "Em 1995, a gente tava festejando. Ia ter festejo, 1995. Fim de abril, bem fim, pra maio. Ou foi maio pra abril(...) Teve lá o festejo, da minha casa, lá na Comandaroba, na minha casa. Meu tio José estava lá. Aí ia festejar, o meu tio José começou a ficar assim, começou a ficar doente, doente, doente. Aí quando foi numa sexta-feira, antes do festejo, primeiro tem que dar o banho de sol, né? Pra depois festejar, né? Aí eu fui lá, cheguei lá, a moça a senhora que morava com ele, - "já fui três vezes com Zé pro hospital, ele só se cagando." Calada tava, calada fiquei. Não era marido dela, quem tinha que ir era ela, né? Aí ficou, isso na sexta-feira. Sábado, doente. Festejamo no domingo, ele tava, quem tava tomando conta, já era meu pai, né? Fazendo as obrigação dele, né? Como patrão. Ele doente, aí Ti Herculano chegou... e Ti Herculano é muito forte, né? Um africano, né? Que ele veio da cidade de Obá, né? Ti Herculano. Ti Herculano chegou, aí foi visitar, vê ele né? Falar com ele. Ele deitado na cama, botou a mão assim... Diga quem estava, arrudiando ele? A borboleta. Arrudiando ele, arrudiou (...). Teve uma obrigação na terça-feira, ele doente, né? Quando foi na sexta, meio-dia. Eu não vim nem trabalhar, eu tava casada com Tonhô, né? "Vou ficar aqui, não vou trabalhar". Meio-dia, mais ou menos essa hora, por aí. Chega a mãe de Elizabete, - "ô Dió", eu digo - "que é, Maria Preta?", - "Ói, Xangô, morreu". Tomei um susto danado. - "Foi mesmo?" Aí, peguei, disse ao meu marido que estava trabalhando, Ele chegou aí disse, - "Vamo lá!". A gente foi, chegamo lá na Comandaroba, tava lá. Ele morto, a mulher tinha coberto ele com um pano branco, né? Ele tava, já morto. Aí fui avisar a todo mundo, né? E tava festejando, era o segundo festejo. Tava festejando. Aí foi. No domingo, todo mundo de branco e tudo. Fez o ritual dele, por sinal muito bonito. Cantou as toada que ele dançava. E levamo pro cemitério. Quando foi no sábado de noite a gente não podia parar, tinha que tocar. E nem parecia que ele tinha morrido. Teve que tocar até no domingo de tarde. Pra acabar. Nem, impressionante o santo tira tudo. Nem parecia que tio (...). Foi no dia 13 de maio, caiu no dia 13 de maio, quando ele faleceu. (...) Tem que continuar. Acho bonito isso, tem que continuar, e ele mesmo tira da mente da gente. Nem parece. Porque a gente cultua um morto. Então o morto é uma festa, né? (...) O morto é uma festa."[114]

[113] José Teófilo de Jesus http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/lista-de-biografias/biografia/2017/06/29/jos%C3%A9-te%C3%B3filo-de-jesus . Acessado em 12/12/2022.

[114] Excerto da entrevista concedida por Dona Deolinda Maria de Jesus, em 11/03/2022, no bairro Suíssa. Na casa da família do Sr. José Maria de Jesus, em Aracaju.

Com a morte do senhor José Joaquim de Jesus, assumiu as funções como patrão o seu irmão, José Maria de Jesus, que pela África se chama "Xangô Idê. Antes de assumir a função máxima entre os homens da irmandade, Seu José Maria passou quase 20 anos afastado do nagô.

> "(...) na época da finada Bilina, tinha uma pessoa, que cê sabe, né? O ciúme, né? Aí queria fazer, sempre em toda religião, tem uma pessoa que gosta de futucar (...) Se afastou um pouco do nagô. Ele se afastou um pouco do nagô. 1969, 1968, por aí. Ele se afastou. Aí.... Foi 1968. Daí eu era pequena, também não ia mais. Eu ia sair daqui pequena, né? Pra ir onde era Laranjeiras. Que antigamente era trem, primeiro trem depois carro. Aí quando ele um desentendimento com a finada Bilina, aí se afastou de lá, entendeu?"[115]

Essa parte do relato oral, é interessantíssima. Primeiro porque expõe tensões dentro da irmandade nagô, o que conota disputas de poder e má querências dentro da irmandade, envolvendo, no passado, um dos mais respeitados líderes nagôs de Laranjeiras, hoje ancestral desta comunidade. Segundo, porque revela uma outra faceta de Mãe Bilina. Apesar de falar muitíssimo bem de Mãe Bilina, Dona Deolinda de Jesus revela que nem sempre Umbelina agradou a sua família, de modo especial a seu pai, da qual ela é interlocutora. Bilina era uma figura versátil, plural, que suscitava sentimentos de bem-querer da mesma forma que cisão e de desavença. Como uma faca de dois gumes. Foi assim com Inês e Alexandre; com Xangô Idê e Conceição; e com Lourdes, sua filha querida.

Retornando a Seu Zé Maria, tendo tido a desavença com Mãe Bilina, retornara somente após a sua morte, em 1986. Quando enfermo, recebeu um aviso de Omolu, convocando-o para retornar para a irmandade.

> Em 1995... tudo tem um por quê. 1985, ele comeu um peixe. Mas não foi o peixe não. (...) A doença, né? Aí desse peixe ele começou a soluçar e continuando a soluçar, a soluçar (...) com a barriga alta. A soluçar, soluçar, soluçando e nada. Aí quando foi dia 31 de dezembro de 1985, o ano novo ele passou no IPES, internado no IPES. Começou, ficou, ficou, aí teve, quando foi janeiro ele veio pra casa. Aí o médico disse - "ói, vai ter que operar ele, quando operar (que era o esôfago) quando operar vai fazer cocô (vai abrir a barriga pra fazer, pra ficar assim né?) muito unida, e é né? E meu pai, era uma pessoa, um tio, que os sobrinho gostava muito dele. Todos os sobrinho, não tinha um que não gostava dele. Aí tava com a minha prima Alaíde dos Santos, ficou no lugar de Bilina, era ela que ia ser a lôxa, mas ela não quis né? Mas todos os santos todos os orixá, o que tinha de fazer e o que não tinha de fazer, entendeu? Vinha a ela, o nosso Pai da Costa, o nosso orixá maior vinha a ela, pra dizer o que tinha de fazer e o que não tinha. Depois que Bilina morreu (...) Aí ela foi pra casa, que ela morava em Socorro. Foi pra casa. Chegou lá, fez um jogo né, com os orixá. Aí quem veio pra dizer o recado foi Omolu 'pergunte a Zé Maria e a Angelino se eles esqueceram de mim' (...) aí ela veio aqui em plena meio-dia. Veio, - 'minha cumade, cadê meu tio?' Ela chamava meu tio e de meu cumpade, às vezes, sabe? Que ela também era cumade (...) E minha mãe também gostava muito dela. Aí, - 'tá aqui, ói' e soluçando – 'meu cumpade, volte é pro senhor voltar". - Mas ele tinha vergonha,

[115] Excerto da entrevista concedida por Dona Deolinda Maria de Jesus, em 11/03/2022.

> porque saiu muito tempo, pra depois voltar e dizer – 'ói Zé Maria voltou'. - Mas quando o santo disse que era pra ele voltar, ele voltou, até o dia que ele faleceu.[116]

Com o falecimento do senhor José Joaquim de Jesus, em 1996, José Maria de Jesus recebeu a permissão para ser o patrão da irmandade, em um festejo em que se sacrificasse um carneiro. Pressentindo que a sua morte prematura estava chegando, Alaíde dos Santos, lamentou não poder "fazer seu tio", pois o festejo mais próximo era o da casa da Insã, onde tradicionalmente, se sacrificavam galinhas e não carneiros. Diante da situação, Dona Deolinda Maria de Jesus procurou a então lôxa, Lourdes Arão, e se prontificou a doar um carneiro, para que o seu pai pudesse ser batizado no festejo da Insã, por sua prima, Alaíde dos Santos.

> "(...) era carnaval, na Insã. Chama domingo de entrudo, no nagô né? No carnaval só fazia só, de galinha. Tá bom tá certo, né? Eu conversando com Alaíde, Alaíde disse isso, né? Ela disse assim –'poxa, sinto(...) - ela já sabia que ia embora - sinto não poder fazer meu tio. Meu Deus do céu!'- Aí eu entendi, fiquei calada. Aí eu cheguei na casa de Dona Lourde Arão, que era a lôxa, -' Dona Lourde, a senhora aceita um carneiro?' - aí ela, -'minha fia é promessa? - Eu digo – 'é'. – 'Tá bom! Ói que bom, minha fia. Desde que a finada Bilina morreu, 1974, que não tem um carneiro, na Insã' (...) – 'Você vai dar?' – Eu disse – 'Eu dou. Pra fazer a feitura dele'. Então ele se fez em fevereiro, domingo de carnaval, na Insã. Entendeu? Aí passou quantos anos? Não sei quantos anos. Até o dia que ele morreu, como patrão. Ele foi patrão, a dígina dele foi Xangô Idê. Pronto, aí esse tempo todo, graças a Deus". [117]

Seu José Maria passou 27 anos no cargo de patrão do nagô, ao longo dos quais venceu um câncer de próstata, que posteriormente retornou como metástase, levando-o para junto dos ancestrais.

Ao longo do tempo em que permaneceu sendo patrão e o principal zelador do santo da sua família, surgiu entre as filhas de Seu Zé Maria, uma outra grande liderança dentro da família. Não sei se vocês conseguiram compreender, mas explicarei melhor agora. A família dos dois Xangôs e das Marias Deolindas, é uma das mais importantes famílias do nagô em Laranjeiras. Junto com os descendentes de Ti Herculano, são aqueles que mais concederam lideranças para a irmandade. Foram dois patrões, uma lôxa (sobre a qual falaremos mais a frente) e muitos membros que a seu modo, construíram e constroem no dia a dia, o presente e o futuro da irmandade de Santa Bárbara Virgem.

Eles advêm do engenho Jesus, Maria e José e sendo autênticos nagôs, cultuam orixás e ancestrais. O africano que cuida da família dos Xangôs e das Deolindas é Ti Oxó, descrito como um africano que de vez em quando "baixa", para dar "puxões de orelha na família". Por volta

[116] Excerto da entrevista concedida por Dona Deolinda Maria de Jesus, em 11/03/2022.
[117] Excerto da entrevista concedida por Dona Deolinda Maria de Jesus, em 11/03/2022.

do ano 2000, surgiu na família uma nova liderança, escolhida por Ti Herculano, para liderar a mudança do santo da família de Ti Oxó de casa.

Sobre Ti Oxó, segundo a oralidade da família, ele seria um africano, que teria vindo da cidade de Olina, na África, sobre a qual, infelizmente, não possuímos referências. Quando ele é incorporado, não se furta em mandar recados para a sua família, sendo decisivo na vivência dos seus descendentes.

> **Conceição:** Ti Oxó era da sua família?
>
> **Dona Deolinda:** Era da minha família.
>
> **Conceição:** Era o quê do seu pai?
>
> **Dona Deolinda:** É parente né? Ele não sabia também dizer, que era...
>
> **Conceição:** muito velho, nera?
>
> **Dona Deolinda:** Muito antigo...
>
> **Conceição:** Mas era da sua família?
>
> **Dona Deolinda:** Da família. Ele sempre chega pra dar um puxão de orelha na gente.
>
> **Conceição:** Ti Oxó?
>
> **Dona Deolinda:** É...
>
> **Conceição:** Ele vem?
>
> **Dona Deolinda**: Vem... Incorpora, né? Num rapaz que tem lá...
>
> **Conceição:** E diz o que pra vocês, já disse o que pra vocês?
>
> **Dona Deolinda:** Ah, mandou um recado terrível, pra gente. (...) Que era pra gente se unir, quando papai falasse, papai tava vivo, ainda. Muito vivo ainda, nem se lembrava é de tá doente. Quando papai falasse, pra todo mundo ói... abaixar a cabeça, que ele estava acima da gente. (...) fico nervosa né? (...) Então ele disse, que Zé Maria estava acima da gente. Quando ele falava... eu queria até responder lá em casa quando... tinha horas que eu ficava irritada, né? Da minha doença de tudo[118]! Aí, - 'Ô Deolinda não sei o quê!' - Eu digo, eu me lembrei de Ti Henrique[119], ficava calada! (risos). Que ele tava acima da gente.[120]

É interessantíssima a questão da continuidade da vida dos africanos cultuados no nagô, por meio do culto a eles e de sua incorporação por parte dos membros da irmandade. Logo, finda a vida destas pessoas na terra, elas continuam no plano ancestral, algumas delas, permanecendo em contato com os seus descendentes. Ou ao menos dois que se fazem presentes na comunidade nagô, Ti Herculano e Ti Oxó. Mãe Bilina disse ter convivido com Ti Oxó. Ele foi um dos seus mais velhos, dentro da comunidade nagô, um dos africanos que ela conviveu desde criança. "Eu

[118] Dona Deolinda sofria com uma diabetes agressiva, que a fazia tomar doses diárias de insulina.
[119] Entrevistada se confundiu, trocando Ti Oxó, por Ti Henrique. Mas no trecho ela se refere a Ti Oxó.
[120] Excerto da entrevista concedida por Dona Deolinda Maria de Jesus, em 11/03/2022.

alcancei: Ta Lucinda, Inã pela África; Rufino, um nagô que morava na baixa do Calumbí; Ti Oxó. Tinha muito, é porque eu não me lembro." (DANTAS, 1988, p. 68).

Com a morte de Xangô Deí, a sua companheira reclamou a sua parte na casa que dividia com ele, casa que até então, era também a casa do santo da família. Deste modo, o santo deveria ser mudado de casa. Xangô Idê, diante desta situação, teria pedido permissão ao santo, para que este fosse mudado, dizendo que, "se o santo lhe desse uma casa, ele o mudaria". Fato que realmente se deu, José Maria de Jesus conseguiu adquirir uma casa no Quitalé de Cima, terminou de construí-la, mas chegando ao término das construções disse: "Tão cedo eu não mudo o santo". De fato, o falecimento de José Joaquim de Jesus, se deu em 1995, tendo sido o santo transladado, somente 5 anos depois, devido a uma interferência do próprio Ti Herculano, que se manifestou da seguinte maneira,

> Dona Deolinda: Tá certo, meu pai fez a casa. Não mudou logo o santo, né? Aí dizia assim, - 'tão cedo eu não mudo o santo'. - Porque já tava tudo feito, mas ele não queria mudar logo né? Porque não tinha ninguém pra morar lá. Aí tá certo, né? Certa feita, no Tamandraí, no antigo Tamandraí, que é outra casa do nagô. Que era do finado Chico Louceiro e Tercila, os dono, cabeça. Que ficava lá no Tamandraí, lá na fábrica. Hoje, a fábrica comprou tudo. Saíram de lá. Tá eu lá né, tocando cabaça, numa boa. Aí uma pessoa, da família de Chico Louceiro, né, pegou Herculano, aí me chamou pro quarto do santo. Eu, papai e Helena. Faleceu, Helena, pra perguntar a mim, quando era que eu mudava o santo.
>
> Conceição: Perguntar à senhora?
>
> Dona Deolinda: Foi, quando era que eu mudava o santo. Invés de perguntar a papai, perguntou foi a mim. Não. Pra dizer, que podia mudar o santo. Tá bom. Aí eu perguntei a ele, como é que queria o pegê, do mesmo jeito que tinha lá na Comendaroba? Aí disse que eu fazia como eu quisesse, né? Mas eu fiz do mesmo jeito de lá (...). Aí quando foi, parece que foi o santo de Marcelo (...) Ou foi o santo de Maria Gomes, um dos dois. Que a gente fica apavorada, né? Eu mesma não esperava, né? Aí veio pra cima de mim. Quando é que você muda o santo? Eu fiquei quieta. Porque papai não tava lá né? E não foi ele que ofereceu? Não era ele o dono né? Eu só era a filha, né? Aí eu disse, - 'ói, no dia 30, não, antes do festejo da Inçã, eu mudo'. E mudei. A finada Lourdes Arão, a mãe de Barbara era viva ainda. Aí eu sei que veio um monte de pessoas, tudo de (...) assim, de branco, não. Tudo com os cesto na cabeça. O povo, quando veio pela rua, o povo achava tão bonito, que parecia uma procissão. Eu fiquei lá em casa, no Quitalé, pra esperar, né? Pra abrir a porta, pra esperar, o pessoal vir. Aí botou o santo no pegê, rezaram, tudo direitinho, né? Pronto. Cada qual foi pra sua casa. Quem de Aracaju, que Tia Lourdes morava aqui, ficou lá, no outro dia veio pra casa. Foi bonito (...) O cortejo. Muito bonito. O povo achou muito bonito. Meu pai veio na frente, com Ogun na mão, entendeu? Todo coberto de pano branco. E o pessoal, foram onze cesto. Tudo com santo na cabeça. Que não podia vir de carro. Tinha que vir na mão mesmo. [121]

Com a mudança do santo para o Quitalé de Cima, Dona Deolinda Maria de Jesus, que no tempo de Mãe Bilina, era uma das crianças que abria com a roda das virgens, emergiu como uma das

[121] Excerto da entrevista concedida por Dona Deolinda Maria de Jesus, em 11/03/2022.

principais lideranças da família e a zeladora do santo da família. É que estando no Quitalé de Cima, o santo passou a morar sozinho, pois nenhum dos membros da família, morava lá. Ela e seu pai, principais líderes da família de Ti Oxó, residiam em Aracaju, até o momento em que o santo a convocou para morar com ele e ela não mais resistindo, foi lhe fazer companhia.

> Dona Deolinda: (...) aí eu fui pra lá. 2003 eu fui morar definitivo, definitivamente lá. Peguei minhas coisinha, que o santo tava me ói, me cutucando...
>
> Conceição: e era?
>
> Dona Deolinda: Ave Maria. Ói o Santo (...) eu recebia dinheiro e ele xiu (...) vivia apavorada. Foi tanto que, eu fiquei tão apavorada que eu cheguei na casa da finada Alaíde, me ajoelhei nos pé dela e disse – 'Alaíde pelo amor de Deus, o que é que o santo quer comigo?! Eu não aguento mais'. - Eu fiquei apavorada. Primeira coisa, pegou no meu dinheiro. Ela nem me deu a resposta. Começou a rezar, e eu, melhorei né? Aí quando foi em 2003, depois da morte dela, né? Aí ele começou de novo a pegar, eu fiquei coisa (...) O santo já tinha mandado eu ir mesmo, pra lá né? Eu que não quis, ficar com tudo. Aí eu peguei, sabe de uma coisa? Peguei os meus cachorro, botei tudo no caminhão. As minhas coisinha, Laranjeira. Até o dia de hoje. Só vou sair de lá se eles não me quiser dentro da casa. – 'Não quero você aqui, não.' – Aí eu saio, né? Não vou ficar lá na casa deles, né? Porque a casa é dele, a casa não é minha. Eu moro lá, mas a casa é deles. Aí pronto, eu fiquei lá até hoje. Antigamente eu tinha muito medo, depois passou o medo, entendeu? Passou o medo de tudo. Graças a Deus. Tô lá, e só saio de lá no caixão.

Como podemos observar, o seguimento nagô é exigente. De fato, Dona Deolinda só saiu da casa do santo no caixão, em 20 de novembro de 2022, vítima de um acidente vascular cerebral aos 67 anos de idade.

3.1.3 - Tercila e Chico Louceiro: Tramandraí e Quitalé de Baixo.

A família de Tercila e Chico Louceiro é um verdadeiro desafio. Atualmente, a família conta entrega à irmandade, o membro mais antigo, Seu Aluízio, acompanhado de sua esposa e um filho. Seu Aluízio é o ogan e zelador do santo do Quitalé de Baixo, que fica localizado um pouco antes do centro da cidade de Laranjeiras. Tercila e Chico Louceiro, foram contemporâneos à Mãe Bilina, mas infelizmente não conseguimos informações a seu respeito.

Sobre esta família não tenho muito o que dizer. A casa da família, originalmente, era localizada no Tramandraí, mas tiveram que se mudar, pois a fábrica de Augusto Franco, comprou as casas ao redor. Atualmente, se encontra instalado confortavelmente no Quitalé de Baixo e seu zelador, Seu Aluízio é muito respeitado pelos nagôs de Santa Bárbara.

3.1.4 – As meninas de Papai Ojô: Comendaroba

Ti Herculano, é de longe um dos líderes do nagô sobre o qual mais se têm informações. Segundo a oralidade da Irmandade, ele foi um africano, vindo da cidade de Obá. Possuindo

duas narrativas, uma que ele seria rei na cidade de Obá e outra que ele teria vindo da cidade de Obá.

O fato é que ele era um africano liberto. Na ocasião de sua morte em 1907, um inventário foi aberto, pois ele, junto com sua esposa Bernarda, possuíam filhos menores de idade. Portanto, o juiz de órfãos pediu que Herculano Barbosa Madureira fosse inventariado.

Herculano possuía vários nomes. Herculano da Comandaroba; Herculano da Costa; Herculano Barbosa Madureira (como era reconhecido oficialmente) e o seu nome mais carinhoso e recluso, "Papai Ojô", como é carinhosamente chamado por seus filhos, no nagô.

Ao final da sua vida, Herculano legou à sua família uma casa, a casa na comendaroba, citada por Mãe Bilina como uma casa que "Tinha um salão enorme. Cabia todo mundo. E nesse tempo tinha era muito filho de santo" (DANTAS, 1988, p. 68). Segundo o segundo begmar da comunidade de Santa Bárbara Virgem, Ti Herculano foi o responsável por expandir as colônias nagôs, unificando-as sob a liderança de um begmar.

Na infância de Mãe Bilina, exerceu papel fundamental, na sua preparação como futura lôxa,

> **Bilina –** Esse negócio meu já foi o dote marcado por Deus. Porque eu não estudei. O estudo foi Deus. Eles mesmo se admiravam *[inaudível]*. Já foi marcado por Deus. Elas mesmo sabem *[aponta as velhas que estavam presentes]* que viviam mais eles.
>
> **Pastora –** Mas tio Herculano foi quem lhe fez, não foi?
>
> **Bilina –** Foi.
>
> **Pastora –** As colônias de Ti Herculano ficaram para ela.
>
> **Bilina –** Agora ele me fez e o lugar dele ficou para mim.
>
> **Beatriz –** O lugar dele – ele que era obegmar passou o lugar dele de obegmar para a senhora. A senhora foi feita lá no terreiro dele, lá na Comandaroba?
>
> **Bilina –** Foi no terreiro dele, lá mesmo na casa dele onde festeja os santos. Recebi o bastão, estava lá.
>
> **Beatriz –** A senhora foi do tempo dela? *[dirigindo-se à velha Conceição*].
>
> **Conceição –** Não, eu não vi, não. Quem contava era minha tia, que contava à finada minha mãe. Quando a senhora era pequena o que ele fazia com a senhora.
>
> **Preta –** Ele já vinha fazendo ela desde pequena.
>
> **Bilina –** Então, eu não sei contar. Vovó era quem contava na casa de Herculano, botava eu dentro do cesto, e elas todas botava eu, comigo, na cabeça dentro do cesto. Tudo isso quem contava era ela.
>
> **Beatriz –** Quando a senhora era pequena, era?
>
> **Bilina –** Era.
>
> **Beatriz –** Era para ficar com a devoção depois?
>
> **Bilina –** Elas todas se lembra disso.

> **Beatriz –** Quer dizer que já era preparada desde pequenininha?
>
> **Bilina –** Era desde pequena, já vem do nascimento.
> **Preta –** Ele mesmo quem fez, quem preparou.[122]

Nesta parte da entrevista, mãe Bilina está sendo acompanhada por três senhoras, uma é Pastora, que já apareceu anteriormente, que foi a iaquequerê da irmandade. A outra, chamada na entrevista de "Preta", era uma das integrantes da família de Ti Oxó, cunhada dos dois Xangôs, esposa do irmão deles Thales, que era um dos ogãs da irmandade. Seu nome era Lourdes, e ela foi descrita por Mãe Bilina como uma neta de africanos. E a última é Conceição, uma das netas de Ti Herculano, que integravam a comunidade nagô no tempo de Mãe Bilina.

Apesar da insistência de Mãe Bilina dizer que aprendeu tudo sozinha, ela passou um tempo sendo iniciada por Ti Herculano e por sua avó Birunqué. Ela frequentava a casa da avó e a casa de Ti Herculano, onde gradativamente foi iniciada por ele, mesmo que não se recordasse deste fato, ele se preocupava em a ter por perto.

Com a morte de Ti Herculano, os cuidados com o santo da família passaram para sua filha mais nova, chamada Adelaide (OLIVA, 2011, p. 21). Entretanto, sob o comando de Mãe Bilina, os santos de Ti Herculano estavam sob os cuidados de uma das netas dele, Maria do Espírito Santo. Mas também faziam parte da irmandade suas primas, do Carmo, Mercês e Conceição.

Maria do Espírito Santo, mais conhecida como chamada Pitó, era a avó de Dona Cisa[123], atual iaquequerê da irmandade de Santa Bárbara Virgem. Pitó era uma das netas de Ti Herculano, de nome Maria do Espírito Santo, nome legado à sua neta, Cisa. Ela tomou conta dos santos do avô, até o momento em que houve um desentendimento entre ela e Umbelina Araújo.

> "Todas as obrigações que faz, hoje aqui, pro santo, era feita lá na Comendaroba. Houve um desentendimento de Dona Bilina com a minha avó, então fechou a casa lá por um tempo. E as obrigações que fazia lá passou a fazer aqui, né? Então a irmandade continuou fazendo aqui, mas minha casa lá, a casa de Ti Herculano ficou parada. Até depois, que houve de novo um entendimento, foi que passou a fazer o festejo lá. Então a irmandade voltou. Aí fazia o festejo lá e fazia o festejo aqui, também. Entendeu?"[124]

[122] Entrevista concedida por Umbelina Araújo a Beatriz Góis Dantas em setembro de 1972.
[123] Dona Cisa também é a mãe adotiva da lôxa; avó do patrão; e mãe da zeladora dos santos de Ti Herculano, Aline. Aline do Espírito Santo, por sua vez, é mãe do atual patrão e rainha perpétua da Taieira.
[124] Maria do Espírito Santo, em entrevista concedida em 15/11/2021, na casa da lôxa, em Laranjeiras.

A família de Dona Cisa, migrou para o Rio de Janeiro quando ela ainda era criança, tendo ela retornado somente no período próximo a morte de Dona Lourdes, quando ela passou a ser a cuidadora de Bárbara dos Santos, atual lôxa.

Na infância, Dona Maria do Espírito Santo era uma das crianças que abria os festejos com a roda das virgens. Filha de Florival do Espírito Santo, relata que o seu pai "não se fardava". Que apesar de ser um dos descendentes de Ti Herculano, ele entrava somente para dança, honrando o santo da irmandade, mas que ele não integrava efetivamente a irmandade.

> "(...) o meu pai, mesmo sendo descendente de frente, ele frequentava o nagô, mas não se fardava. Ele vinha pro festejo, no tempo de Dona Bilina, ela permitia que ele entrasse, tocasse tambor, fizesse tudo aqui. Mas ele não se fardava, né? Quem fardava-se era minhas tias, né? Por parte de pai, minhas avós, meus avós, mas na minha geração pra cá, ninguém se fardava."

Atualmente, a família de Ti Herculano é que possui mais descendentes de africanos ativos, na irmandade de Santa Bárbara Virgem. Além da iaquequerê e do patrão, contam com um ogã e um número significativo de crianças, que serão o futuro da irmandade. Além do fato de serem a família da aloxa, que por adoção, também se tornou uma das descendentes de Ti Herculano. Assim como Mãe Bilina o era, de Ti Henrique.

Nos relatos de Dona Cisa, aparece mais uma vez a faceta disciplinante de Mãe Bilina, que era capaz de afastar a irmandade de uma das colônias do nagô de Laranjeiras. Teria o desentendimento entre Bilina e Pitó, sido fator determinante para que a família decidisse se mudar para o Rio de Janeiro? Se sim, de certo modo, isso causou o abandono da casa de Ti Herculano, que chegou a ser habitada por ciganos, enquanto o seu santo se encontrava na casa de uma das suas netas. Somente posteriormente, a pedido do orixá da casa, a irmandade teria se somado, realizado uma primeira reforma na casa, e viabilizado a sua ocupação por uma zeladora que não fazia parta da família, chamada Julia [125], que posteriormente devolveu o cuidado com o santo para os descendentes de Ti Herculano.

A Casa de Ti Herculano foi reformada com fundos adquiridos pela sua principal zeladora, Dona Maria do Espírito Santo[126], somado a esforços do IPHAN[127]. Atualmente é

[125] Informações socializadas por Dona Maria do Espírito Santo e Dona Deolinda Maria de Jesus. Dona Deolinda relatou que tendo recebido orientação do orixá maior da casa, sua prima Alaíde, teria convocado a irmandade para reformar a casa de Ti Herculano, que então estava sendo ocupada por um cigano. Mediante a reforma da casa, o santo foi recolocado em sua propriedade, sendo zelado pela nagô Julia.

[126] A irmandade de Santa Bárbara Virgem ganhou o prêmio de culturas populares, do Ministério da Cultura em 2009.

[127] A casa foi entregue à comunidade em 2011. Informações disponíveis em https://infonet.com.br/noticias/cultura/casa-ti-herculano-sera-entregue-a-comunidade-de-laranjeiras/. Acessado em 12/12/2022.

tombada e tem seu festejo realizado a cada dois anos. Sendo considerado a matriz dos nagôs laranjeirenses. onde, tradicionalmente, são celebrados os ritos de entrega do exó, às novas lideranças do nagô (OLIVA, 2011).

3.1.5 – O Santo roubado, a colônia de Nine.

O terreiro de São José, localizado em Laranjeiras, tem um passo deveras interessante. Seus fundadores já integraram o terreiro Filhos de Obá, roubaram um santo africano de um nagô e em 1970, caminhavam para se tornarem uma das colônias do terreiro de Santa Bárbara Virgem.

Beatriz Góis Dantas, em "Vovó Nagô, Papai Branco", define assim, o terreiro de São José,

> (...) a história deste (...) terreiro, remontaria também aos africanos, que teriam deixado santos da Costa, sob a guarda dos seus descendentes crioulos. Estes, sob a influência do terreiro Filhos de Obá, teriam "misturado" o nagô com caboclo. Durante muitos anos os dirigentes do terreiro, que se sucediam dentro da parentela, seguiram a dupla tradição do culto até que, há aproximadamente oito ou dez anos, sua chefe, sob pretexto de que os santos africanos estavam zangados e castigando-a, empreendeu o "retorno às origens". DANTAS, 1988, p. 38.

Citados pela própria Mãe Bilina, eles são descritos como advindos de um nagô, residente em Riachuelo "forte e sabidão". Quando este veio a falecer, "um preto de Laranjeiras teria roubado os santos e aberto o terreiro nesta cidade" (DANTAS, 1988, p. 124). Possuindo ligações com o terreiro Filhos de Obá, este teria morrido, segundo a oralidade de Mãe Bilina, pois era "torezeiro", não sabia cuidar do santo, pois não seguia os rituais nagôs. Com a sua morte, sua irmã teria assumido o seu lugar, no zelo do orixá. A sua irmã se chamava Nine. Única loxa feita por Mãe Bilina, pois ao ser escolhida para liderar o terreiro de São José, era virgem. O que lhe deu a possibilidade de se tornar lôxa. Segundo Mãe Bilina, Nine era

> "(...) gente lá de Alexandre. Vivia lá no terreiro dele metido com coisa de caboclo. E daí ficou. Depois ela procurou nós e disse que queria entrar aqui na irmandade de Santa Bárbara, que não queria mais os negócios de caboclo, que agora queria fazer tudo como aqui. Aí eu fui com o pessoal pra fazer o festejo. Mas a senhora creia que não voltemos de lá porque ficava feio. É uma enrolada medonha. Mandou buscar o dogum, mas sem ter competência, sem saber como era (...). Qualquer um chegava, pegava no tambor e tocava. Aquelas mulheres da vida, aquelas mulheres solteiras, à-toa, tudo é de lá do terreiro dela. Pegou esses negócios todos de caboclo, de lança, do Inimigo, tudo. Tem a casa do Inimigo, dos caboclo, de lança do Inimigo, tudo (...) Quando nós tava lá foi um gemido tão grande no quarto dos santos. Nós não temos mais ordem de ir lá. Com essa mistura não pode. Aquilo é toré e nós não mistura."[128]

[128] Umbelina Araújo (DANTAS, 1988, p. 125).

Segundo Beatriz Gois Dantas, Bilina teria se tornado menos intransigente com relação ao São José no final da sua vida. Possivelmente porque eles deram passos significativos rumo ao que era o nagô para irmandade de Santa Bárbara Virgem. Atualmente o terreiro segue firme, sob a liderança do sucessor de Dona Nine, "Tonhô". Ele é beg do terreiro, e recorrentemente, se faz presente nos festejos da irmandade Santa Bárbara Virgem. Quando presente, deve ser saudado após a lôxa, antes dos membros da irmandade dançarem pros orixás. É um homem risonho, que foi casado com Dona Deolinda Maria de Jesus, que junto com ele, recebeu o encargo de cuidar do terreiro de São José, após a morte de Dona Nine.

> "Essa Nine, Maria da Glória Nascimento. Maria da Glória Nascimento (...) Apelidada por Dona Nine. E ela, como é? Que brincava o nagô, que foi a única lôxa, feita por Bilina, foi essa. Maria da Gloria Nascimento. Que ela brincava candomblé, mas ela não queria, lá na casa do finado Alexandre. Mas ela não queria, entendeu? Tinha uma senhorinha que morava com ela, ela era doida pelo nagô. Aí insistia tanto com a finada Bilina, que a finada Bilina – "Mas eu vou fazer." – Aí fez ela. Aí ela brincava, como é? Outro festejo. Era no Buquim, todo novembro tinha esse festejo, e tinha as obrigação, que era de São João, e Ogum, depois Obaluaiê, que ela faz (inaudível) que de uma senhora que tinha uma neta, que era toda cheia de ferida, fedia. Aí Nine fez a obrigação, se curasse ela, todo dia 6 de agosto ela fazia uma obrigação. Uma pipoca no tabuleiro, pipoca passava no corpo... não, primeiro o cachorro comia, a obrigação pros cachorro, depois o tabuleiro pra passar a pipoca em quem quiser, né? Quem quisesse ia lá e (...) pronto. Até a data de hoje, como ela morreu, meu ex-marido faz, que ficou lá na casa, né? Foi eu, deu a casa pra eu e pro meu marido. Só que como ele mora lá, né? Eu faço só ajudar."[129]

3.1.6 - A Casa da Inçã: rua do clube social.

A casa a Insã, concerne em um anexo da cada da lôxa, se localizando muito próximo desta, na rua do clube social. Ela se dedica a guardar os santos sem famílias. Ou que as famílias transferiram o cuidado com os mesmos para a líder do terreiro.

Em 1972, Mãe Bilina revelou para Gois Dantas, que, quando os descendentes dos africanos não mais desejavam cuidar dos santos da família, eles tinham duas opções, realizar um ritual denominado "despacho dos santos para Costa", que "consiste em jogar os santos em curso de água corrente" (DANTAS, 1988, p. 64) ou conseguir a permissão de Mãe Bilina, para que ela assumisse os cuidados com os santos. Para tanto, Mãe Bilina, que entre 1972 e 1974,

[129] Excerto da entrevista concedida por Dona Deolinda Maria de Jesus, em 11/03/2022.

festejou somente na casa de quatro famílias, criou a casa da Insã, na qual são cultuados os santos sem família.

Ao longo da sua vivência, Mãe Bilina despachou, somente uma vez, os santos de Ta Lucrécia, uma das mais velhas da comunidade nagô, na ocasião em que Bilina assumiu o comando da irmandade. Seus santos foram "jogados no rio, na Madre de Deus, pois não houve quem os cultuasse (OLIVA, 2011, p. 6).

Os santos da Costa que se encontram na "Casa da Insã", advém de antigas colônias extintas. Originárias, possivelmente, de Japaratuba, da Mata do Cabaú em Laranjeiras, de Aracaju, que possuía antigas colônias na rua de Laranjeiras e na rua de Gararu [130]. Segundo a oralidade, na casa da Insã, teriam três pegês, um que é festejado até hoje pela lôxa, outros dois que "as família não estão nem aí pro santo". E outros vários santos abandonados pelas famílias, que foram cuidadosamente recolhidos pela irmandade.

Este santo festejado pela lôxa, possivelmente foi entregue a irmandade no tempo de Mãe Bilina, pertencia a um sargento, que tendo se mudado para o sul do país, teria cedido a sua casa em Aracaju, para que com o aluguel da casa Mãe Bilina pudesse realizar o festejo do santo (DANTAS, 1988). Aparentemente, tornou-se um costume das lôxas, se preocupar em recolher os santos da irmandade na "Casa da Insã", para que estes não se perdessem. Recentemente, com a morte de um dos zeladores de um santo residente na cidade de Riachuelo, seus filhos soterraram o santo antes que a irmandade conseguisse transladar o orixá.[131]

[130] Pertencente a um nagô de alcunha Zé da Boa Noite. Nesta mesma rua, também residiam outros dois integrantes da irmandade, os irmãos Zé Maria e Tales. Tales, no tempo de Mãe Bilina foi Ogã. Zé Maria de Jesus, posteriormente foi patrão do nagô.
[131] Informação socializada por Deolinda Maria de Jesus.

CAPÍTULO 4

"MÃE BILINA" DE LARANJEIRAS: "QUEM MANDA NA RUA DA CACIMBA SOU EU"[132].

De boca em boca, a notícia da morte de BILINA, ocorrida em Laranjeiras na madrugada do dia 27 do mês passado, espalhou-se pela cidade e seus arredores. De Aracaju, através das emissoras de rádio, difundiu-se rapidamente por regiões mais distantes, levando tristeza para centenas de pessoas, muitas das quais acorreram de diferentes cidades para prestar as últimas homenagens à velha MÃE DE SANTO, dirigente de um dos mais afamados centros de culto afro-brasileiro de Sergipe.

Eram filhos de fé dominados pela insegurança da sua orfandade espiritual; consulentes inquietos quanto ao futuro e resolução de seus problemas; negros, velhos e jovens afilhados agora preocupados com o pão de cada dia; amigos entristecidos pela ausência do objeto de sua amizade.

Procedentes de Aracaju. São Cristóvão, Riachuelo, Socorro, Maruim, Divina Pastora, Itabaiana, Lagarto e outros municípios juntaram-se aos residentes em Laranjeiras para formar o imenso cortejo fúnebre que conduziu o seu corpo à sepultura.

As ruas estreitas e tortuosas da velha cidade foram palmilhadas pela multidão silenciosa que vagarosamente seguia os integrantes do "GRUPO DE XANGÔ", que trajando as vestes brancas e rituais do culto, ladeavam o caixão mortuário.

Quebrando o silêncio os sons metálicos e fortes dos sinos da Matriz que plangiam em sinal de luto, quase apagava os sons mais fracos dos sinos da Igreja de S. Benedito, templo humilde, construído no século passado para abrigar as irmandades dos negros e escravos, e onde anualmente, no dia 6 de janeiro, se apresentavam as TAIEIRAS, lideradas por Bilina, para homenagear os santos com a coroação da Rainhas de N. Sra. Do Rosário, oferta de flores e apresentação de cantos, músicas e danças no interior do templo.

Com o mesmo fervor com que cultuava os orixás, divindades trazidas da África pelos seus ancestrais, cultuava os santos da Igreja Católica e participava das festas por ela promovidas, resultado de um longo processo de interpretação de

[132] Trecho de música das taieiras (DANTAS, 1972).

elementos culturais iniciado há mais de quatro séculos, quando os navios negreiros começaram a despejar no Brasil milhares de africanos com suas culturas próprias. Nessas levas de escravos apresados na África figuravam quatro avós de Bilina, ascendência de que ela muito se orgulhava. Filha de crioulos, muito antigos escravos, nasceu em Laranjeiras quando já se findara a escravidão.

Mas, sua personalidade foi profundamente marcada pelo sistema de relações sociais engendrado na ordem escravocrata e persistente na ordem emergente. A sua mãe a negra Calu, escrava, ama de leite, depois livre continuou morando na casa do antigo senhor que estendeu aos filhos da ex-cativa o seu sobrenome. Assim se assinava Umbelina Araújo e chamava-o de "papai branco" pois efetivamente foi o pai que conheceu, uma vez que o pai biológico, o negro Bastião, quase nenhuma influência exerceu em sua vida. Ao contrário, a avó materna, a Nagô Birunqué teve importância destacada na sua formação. Sabendo-a predestinada para a chefia do grupo, cuidou de transmitir-lhe as tradições religiosas, o apego a fidelidade aos costumes e à terra dos seus ancestrais. No fim da vida lamentava-se Bilina de não ter conhecido a África, que no seu modo de ver era uma terra muito rica, em ouro, pérola e diamante.

Mas, suas andanças mais distantes levaram-na ao Rio de Janeiro onde ainda jovem vai empregar-se como ama de menino, daí retornando para dar continuidade ao festejo das Taieiras e assumir a liderança do grupo de xangô.

Por exigência dos deuses permaneceu virgem e dedicou a sua vida ao culto dos orixás, esforçando-se por guardar fidelidade à sua gente e às tradições recebidas dos seus ancestrais, festejando anualmente as divindades de conformidade com um calendário que é cópia dos calendários africanos do Golfo da Guiné, centrado no cultivo do inhame e a observância de ritos primitivos. Chamava o seu culto de "Irmandade de Santa Barba Virgem", e era por todos respeitada e tratada carinhosamente por ALÔCHA, forma simplificada da expressão africana Ialorixá, que quer dizer mãe de santo.

Por mais de meio século, foi uma presença marcante na cidade de Laranjeiras, com suas Taieiras e seu "festejo Nagô". Com sua morte muitas dúvidas se levantam. Qual será o destino do terreiro fundado pelos africanos em Laranjeiras no século XIX? Até que ponto este conservará a feição tradicional que o caracteriza, ou se renderá às inovações ritualísticas e doutrinárias mais recentes, porque proliferam no segmento afro-brasileiro? Quem assumirá a chefia do grupo de culto? Este se conservará unido ou se desagregará integrando-se os seus participantes em outros grupos?

Que destino terá a Taieira? Conseguirá conservar por algum tempo ainda, o sentido religioso que lhe marca a existência e a caracteriza como uma dança para louvar o santo, ou logo se transformará num grupo de dança profana? Embora saibamos que as visões prospectivas a respeito dos fenômenos socio-culturais são temerárias pelo número elevado de variáveis e a que está sujeito o processo, julgamos que a Taieira não deixará de ser dançada, pelo menos enquanto durar esse interesse que hoje existe em torno do Folclore, sobretudo utilizado como atrativo turístico. Mas essa brecha que se apresenta para sua sobrevivência, acelerará decerto a sua modificação e a perda do seu sentido religioso. Reconhecemos que a mudança atinge os fatos folclóricos pela sua própria natureza de fato cultural, mas, queira Deus que a Taieira possa encontrar por mesma, seus rumos de modificação.

Quanto ao grupo de xangô as perspectivas são mais sombrias. Enquanto viveu, Bilina guardou muito zelosamente, quase com ciúme, os conhecimentos acerca do culto. Transmitiu apenas uma pequena parte do legado cultural recebido dos velhos nagôs. Não preparou efetivamente uma pessoa para substituí-la, no momento, a sucessão é um dos pontos cruciais no destino do grupo de culto. As dissensões internas, antes controladas pela liderança da velha sacerdotisa, emergem e ameaçam a unidade do grupo.

Apesar de todas as adversidades é provável que o grupo tenha continuidade pois é uma fonte de renda e prestígio, e candidatos à sucessão não lhe faltam. Esta

> forma de dúvida, porém, que mesmo que estas formas culturais persistam, muito se esvaziarão no conteúdo religioso que Bilina soube preservar, apoiada no conhecimento, apego e fidelidade que tinham em relação às tradições dos seus ancestrais.[133]

Neste último capítulo, me dedicarei a falar sobre os últimos anos de vida de Mãe Bilina e sobre a memória construída acerca dela. Será um capítulo marcado pelo seu encontro com a professora Beatriz Góis Dantas, posteriormente pelo reconhecimento do seu "brinquedo", a Taieira, seu relacionamento com suas emergentes sucessoras e com seu malungo Oscar Ribeiro. Por fim, o legado deixado por Mãe Bilina para os integrantes da irmandade de Santa Bárbara Virgem.

4.1 – A JOVEM PROFESSORA.

Beatriz Góis Dantas é uma intelectual sergipana, professora emérita da Universidade Federal de Sergipe, referência nos estudos sobre cultura popular e indígenas. Nascida na fazenda Vaza-Baris, no município de Lagarto em 21 de setembro de 1941, conheceu Mãe Bilina em 1969, quando na ocasião, à convite do Padre Luciano Cabral Duarte, lecionou a disciplina de Antropologia na extinta Faculdade de Filosofia de Aracaju (LOPES, 2020).

Por intermédio de seu aluno Paulo Leite, filho de Juca Leite, então reorganizador da irmandade de São Benedito em Laranjeiras, Beatriz Góis Dantas soube da existência da Taieira, extinta nas cidades de Lagarto e São Cristóvão, e decidiu pesquisar a sua sobrevivência em Laranjeiras. Deste modo, em 1969, conheceu Umbelina Araújo, da qual se tornou muito amiga.

A relação de convivência de Umbelina e Beatriz durou de 1969 a 1974, quando Mãe Bilina faleceu, mas Góis Dantas permaneceu acompanhando a vida da irmandade até hoje, sendo a detentora do maior acervo de fontes sobre a Irmandade de Santa Bárbara Virgem.

4.1.1 – "O Meu Brinquedo[134] Transformado num Livro."

O primeiro contato entre Umbelina e Beatriz, foi em 1969. A professora Beatriz procurou Mãe Bilina perto do mês de setembro, quando a aloxa estava ocupada com os preparativos para a Festa do Corte do Inhame. As primeiras entrevistas culminaram em um livro

[133] Artigo escrito por Beatriz Góis Dantas, em ocasião do falecimento de Mãe Bilina. Jornal da Cidade, Aracaju, 6 e 7/10/1974.
[134] Forma com a qual Mãe Bilina chamava a Taieira.

publicado pela editora Vozes, em 1972. Ao receber a sua cópia, Mãe Bilina disse, "– Mas você fez o livro? Você disse que ia fazer e fez! – Então eu senti que ela tinha ficado como, um certo modo, reconhecida. Não é? Ver o brinquedo, como ela chamava. – "O meu brinquedo transformado num livro." [135]A promessa cumprida da professora, teria aprofundado a relação com alôxa Bilina, que lhe confessou um dia que ela tinha um santo, e que ele era muito forte (DANTAS, 1988).

Em Lopes (2020), podemos acompanhar a saga de Beatriz Góis Dantas, para a publicação de "A Taieira" (1972). Um livro, descrito pela autora, como sendo escrito "quase de maneira autodidata, sem orientação". Foi submetido a avaliações de intelectuais, como Théo Brandão. Góis Dantas queria saber se o livro merecia ser publicado. Brandão, após a leitura da obra, escreveu uma carta ao reitor da UFS, recomendando a publicação dele. Infelizmente a UFS não o publicou. A publicação aconteceu graças às conexões editoriais que Beatriz e seu marido possuíam (LOPES, 2022).

> "Recebi o livro pronto em julho de 1972. Foi uma emoção grande. Mas fiquei descontente com a capa. Apesar de muito bonita, desagradou-me o subtítulo que acrescentaram sem me consultar: 'pesquisa exaustiva sobre uma dança tradicional do Nordeste'. A qualificação de exaustiva não combinava com um trabalho de iniciante. Quando reclamei, eles argumentaram que livro é objeto comercial, precisa vender e a capa é do editor."[136]

"A Taieira de Sergipe" [137](1972), é a primeira obra a versar com exclusividade sobre as taieiras de Sergipe. Nela, Beatriz Góis Dantas se dedicou a escrever sobre a sobrevivência das taieiras em Laranjeiras, versus a extinção ou descaracterização[138] das taieiras de Lagarto e São Cristóvão. Para compreender a história, a configuração, o sentido religioso e os motivos da sobrevivência desta dança da cultura popular laranjeirense, Beatriz Góis Dantas precisou

[135] **Uma Lufada de Ar Fresco: a antropologia de Beatriz Góis Dantas.** Direção: Maria Laura Cavalcanti. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019 (27 min.).

[136] Beatriz Góis Dantas (LOPES, 2020, p. 163).

[137] Aproveito a oportunidade para pedir desculpas e consertar um erro cometido por mim em minha monografia, quando afirmei que "A Taieira" era fruto da dissertação de mestrado de Beatriz Góis Dantas. O livro resultou de uma pesquisa independente da intelectual. Que batalhou para que ela fosse transformada em livro. Particularmente, o livro de Beatriz Góis Dantas que tenho mais carinho. É que foi a primeira obra que li dela, ainda quando era PICVOL, em minha primeira pesquisa sobre Laranjeiras. Considero um livro simples, claro e de um valor inestimável para a conservação do patrimônio cultural que é a Taieira.

[138] Com descaracterização, nos referimos à perda do sentido religioso do grupo de cultura popular, citado por Beatriz Góis Dantas (1972). Atualmente existe a Taieira de São Cristóvão, que foi resgatada nos últimos anos, mas se apresentam somente em um sentido de espetáculo, como uma dança da cultura popular, tendo sido esvaziado o seu sentido religioso de "pagação" de promessas e coroação da sua rainha.

entrevistar Umbelina Araújo e antigos participantes das extintas taieiras em Lagarto e São Cristóvão.

O livro consiste em uma obra clara, de metodologia comparativa. Uma obra curta, de cerca de 159 páginas, divididas em 4 capítulos e anexos que trazem as letras das músicas cantadas pelas taieiras de Laranjeiras. Em sua introdução, a autora explica a relevância da feitura do livro. Talvez para nós, que já conhecemos e lemos o tão afamado livro sobre as taieiras e que hoje as vemos representadas no "Largo da Gente Sergipana"[139], não tenhamos noção que em 1969, as taieiras eram quase extintas em Sergipe. De três, foram reduzidas a uma, e esta uma, não possuía a visibilidade e o reconhecimento merecido, no âmbito estadual e nacional. Vejamos o que diz a este respeito, Beatriz Góis Dantas.

> O objeto deste estudo – a dança da Taieira – se me afigura de grande importância, por se tratar de uma manifestação folclórica em desaparecimento e ainda não devidamente conhecida e analisada pelos folcloristas. Além dos artigos publicados por Théo Brandão no Diário de Notícias do Rio de Janeiro na década de cinquenta, resumidos no seu livro "Folguedos Natalinos de Alagoas", a bibliografia sobre o assunto se restringe a poucas descrições sumárias do festejo ou a simples referências ao fato. O presente trabalho, além de dar uma visão dinâmica ao fenômeno, pretende oferecer subsídios para os estudiosos interessados em esclarecer a origem da dança, sua filiação às tradições lusitanas, africanas ou indígenas, através da análise comparativa dos elementos musicais, coreográficos etc. Completando-se assim, com esta abordagem, o conhecimento do fato folclórico. DANTAS, 1972, p. 14.

As taieiras sergipanas, se assemelhavam em sua vinculação à realeza e à sua realização na festa de Reis, quando cada uma, em sua respectiva cidade, se dedicava a fazer a sua "louvação" a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Especificamente, no caso de Laranjeiras, sob a liderança de Mãe Bilina, foram agregados à taieira elementos da cultura nagô. Apesar de Umbelina deixar claro que a taieira e o nagô eram "coisas" distintas, explicava os rituais da taieira, com base em concepções nagô. Confiou à Beatriz Góis Dantas, que a taieira era feita para São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, que possuem, para os nagôs, algo que comunmente denominamos como "sincretismo" com os orixás Ogum[140] e Teô (DANTAS, 1972).

Leda Maria Martins, propõe uma outra interpretação e denominação das associações entre os orixás, os santos e o Deus católico. Para Martins (2021), denominar estas relações de sincretismo, reduz as possibilidades de compreensão dos processos que constituem os cruzamentos simbólicos entre um e outro. Portanto, Leda Maria Martins, prefere denominar

[139] Monumento erigido em homenagem às "principais" manifestações da cultura popular sergipana. Disponível em: https://expressaosergipana.com.br/voce-conhece-as-manifestacoes-culturais-do-largo-da-gente-sergipana/ . Acesso em 09/02/2023.
[140] Ogum foi denominado como santo de guarda da aloxa Bilina (DANTAS, 1972, p. 70).

este fenômeno de encruzilhada dos saberes, onde os cruzamentos culturais passam por processos de analogia e deslocamento (MARTINS, 2021).

O processo analógico, seria a convivência parelha entre códigos e sistemas diversos que convivem ao mesmo tempo em um registro variante deste encontro (no nosso caso, a cultura trazida pelos africanos, em sua maioria, advindo da Costa da África e o a cultura cristã católica, que culminou no arcabouço mítico-religioso dos nagôs laranjeirenses). Neste processo, os elementos culturais africanos permanecem, apesar das suas relações com o catolicismo, sem a perda da sua individualidade original. Possuindo um espelhamento de sistemas, produzindo imagens duais, um jogo ritualístico de significância dupla. As divindades iorubás mantêm seus nomes, atributos e fundamentos sagrados (MARTINS, 2021). "África e Europa encostam-se, friccionam-se e atravessam-se, mas, não necessariamente fundem-se ou perdem-se uma na outra" (MARTINS, 2021, p. 31).

O Deslocamento Sígnico (ou simbólico), é utilizado por Leda Maria Martins, para explicar a devoção a certos santos católicos (como no caso de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito na cidade de Laranjeiras e em outros territórios no Brasil). Apesar do ritual ser católico, foi apropriado pelos africanos e seus descendentes, de modo que a coroação de reis negros, foi incorporada pelo sistema escravista. Retorializando formas ancestrais de organização social e ritual dos africanos e de seus descendentes. Atualizando costumes de determinados povos africanos no processo diaspórico.

Deste modo, foram imprimidos sentidos que romperam com a lógica senhorial, imprimindo outras simbologias na cultura brasileira. Com o fim da coroação dos reis do congo, surgiram outras formas, outros caminhos para que as festas pudessem continuar a ser realizadas, sendo as apresentações transformadas em "autos" ou "danças dramáticas". As "[…] divindades católicas tornam-se transmissores da religiosidade africana…" (MARTINS, 2021, p. 40). Deste modo, não são os orixás que se tornaram os santos católicos, mas os santos católicos que passaram a ser interpretados, vistos, pela lógicas dos orixás. Ou seja, os santos católicos se tornaram orixás.

A Taieira de Bilina, portanto, é uma obrigação realizada pela mesma, que lhe fora legada por sua mãe, que foi a terceira liderança do grupo. Calu teria sido precedida por Maria Nenêga e Sá Geralda. [141] Sob a liderança de Bilina, algumas modificações foram empregadas.

[141] DANTAS, 1972.

Primeiramente, Bilina substituiu as negras velhas que dançavam a taieira por crianças e adolescentes. Posteriormente, substituiu os homens pretos velhos, que eram reis, também por crianças e adolescentes. A posteriori, assumiu os encargos com as duas ceias que são ofertadas às taieiras no dia de Reis. Tudo para assegurar a continuidade do grupo, em suas bases essenciais.

É possível que as senhoras tenham sido substituídas por meninas, por causa do sentido religioso que as taieiras passaram a ter sob a liderança de Umbelina. A partir dela, para se tornar uma taieira, passou a ser necessário ser virgem. O que não se estende às figuras das rainhas. É uma exigência para as taieiras, somente. Deste modo, saíram as senhoras, entraram as meninas.A questão com os reis, se deu pela dificuldade em encontrar sujeitos dispostos assumirem de forma vitalícia o encargo de ser rei da taieira. Diante deste impasse, Bilina decidiu escolher meninos para a função, destituindo o rei da mesma importância e dignidade das rainhas, que permanecem até hoje sendo mulheres adultas sendo as únicas coroadas no dia da Festa de São Benedito.

Atualmente, os reis e rainhas são denominados como reis e rainhas da Taieira. Entretanto, Umbelina explicou a Beatriz Góis Dantas, que os reis e rainhas não eram da Taieira, mas sim de Nossa Senhora do Rosário. Em tempos anteriores, eles eram tão somente cortejados pelas taieiras, que os buscavam em sua residência e recebiam dos mesmos uma farta refeição. Estes se sentavam em um palanque na praça, onde eram cortejados e assistiam as apresentações do Cacumbí, da Chegança e de outros grupos da cultura popular (DANTAS, 1972). O costume de se eleger e representar antigos reis africanos entre os africanos e seus descendentes no Brasil remonta o período colonial e eram usualmente escolhidos dentro das irmandades negras.

> [...] Para os negros, era um modo de perpetuar instituições políticas da velha África, a monarquia, para o branco, um meio mais fácil de dominar os escravos sem interferir diretamente para corrigir-lhes a conduta ou leva-los ao trabalho, o que era feito através do rei a quem os negros deveriam obediência. (DANTAS, 1972; p. 58)

Desta forma, na sociedade escravista o rei possuía um papel social, que lhe conferia um lugar liderança entre os irmãos de sua confraria, dentro e fora do espaço dela.

Com a extinção do sistema escravista, o papel destes reis fora entrando em declínio, bem como os das próprias irmandades. Com o passar dos anos, tais reis foram mudando a sua denominação, de “reis do Congo”, para “reis do Rosário” e posteriormente, no caso da cidade de Laranjeiras, para “rainha das taieiras”. Tanto na cidade de Laranjeiras como na cidade de

Lagarto, com a extinção das irmandades negras, a qual elegia estes reis e rainhas, os reis passaram a ser perpétuos e a serem indicados pelos organizadores das taieiras (DANTAS, 1972).

Em Lagarto, a rainha era aceita mediante a anuência do pároco. Assim sendo, é possível compreender como após abolição da escravidão a figura e a importância social dos reis e rainhas outrora do Congo, se modificam, desaparecendo nas cidades de São Cristóvão e Lagarto, e permanecendo na cidade de Laranjeiras. "Arrimados nas irmandades, os reis continuaram enfeitando as festas de N. Sr.ª do Rosário e São Benedito" (DANTAS, 1972, p. 67).

4.1.2 – O Encontro de Beatriz e Bilina.

> A primeira vez que tive contato com Bilina foi no segundo semestre de 1969, porque queria estudar a Taieira. Cheguei a ela através de um aluno que morava em Laranjeiras. Paulo Leite era estudante de Geografia, filho do reorganizador da irmandade de São Benedito (Juca Leite) e tinha muita ligação com a festa do santo e com a líder da Taieira.
>
> Atendeu-me bem, mas me disse que só teria tempo para conversar depois dos festejos do Nagô. Retornei em novembro quando já cumprira o calendário de festejos do culto afro-brasileiro e dava início aos ensaios preparativos para a Taieira. A primeira conversa foi em torno da Taieira: expliquei o que pretendia e ela, cordialmente, concordou dizendo que eu podia começar vendo os ensaios.[142]

O encontro de Beatriz e Bilina me intriga, particularmente pelo fato de Umbelina ter proposto a Beatriz que ela pesquisasse o nagô. Para quem conhece a irmandade de Santa Bárbara Virgem, sabe que os nagôs, apesar de gostarem de serem fotografados, são reservadíssimos com relação às informações acerca do cotidiano e especialmente dos rituais do terreiro. Bloqueio, graciosamente furado por Beatriz Góis Dantas. Mas nem tanto.

Em "Uma Lufada de Ar Fresco" (2019), em determinado momento do documentário, podemos observar um recorte onde são exibidas imagens do terreiro de Santa Bárbara Virgem, acompanhada por um excerto de uma das entrevistas gravadas de Mãe Bilina. Bilina dita palavras em iorubá[143]. A certa altura, a professora Beatriz pergunta se Mãe Bilina não poderia dizer outras palavras, no que Mãe Bilina responde "não, só essas mesmo".

Ou seja, a relação tinha limites. Mesmo assim, Beatriz Góis Dantas recebeu muitas informações acerca da organização do nagô, como uma lista das divindades cultuadas pela

[142] Entrevista concedida por Beatriz Góis Dantas, em 29/09/2022.

[143] Certamente, Umbelina não chamava a língua ritual dos nagôs dessa maneira. Possivelmente chamava de "linguagem da África" ou "linguagem pela África". Visto que ao se referir às díginas dos antigos africanas sempre dizia o nome e dizia "pela África". Por exemplo "Tinha Ta Luiza, Ainã pela África".

irmandade[144], a organização da hierarquia, a história do terreiro, especialmente dos seus primeiros líderes e a sua própria história. Certamente Umbelina, conscientemente, como revela o fragmento acima, selecionou aquilo que seria revelado à pesquisadora. Mas por quê? Por que revelar a história, os segredos do nagô à uma professora?

Vejamos, em 1969 Beatriz Góis Dantas era professora da então Faculdade de Filosofia de Aracaju, instituição na qual se formara em 1961. Entretanto, em 1970, foi nomeada para ser a diretora do Departamento de Cultura e Patrimônio Cultural. Por meio do qual, ela junto com um grupo de alunos, organizou o Arquivo Público de Sergipe e se dedicou a criar um plano diretor cultural para a cidade de Laranjeiras. Tal departamento em 1972, prestava uma atenção especial aos grupos da Chegança, da Taieira, do Cacumbí e ao São Gonçalo. Isto quer dizer que estes grupos passaram a receber reconhecimento do governo do estado, sendo inseridos no orçamento da Secretaria de Cultura. Bilina, passara então, a receber verbas para a Taieira.

Por outro lado, de sua parte, Beatriz Góis Dantas não se furtou de explicitar na introdução de "Vovó Nagô e Papai Branco", que propiciou à mãe Bilina e ao seu terreiro, o aumento do "prestígio" e "contribuições para as festas" (DANTAS, 1988, p. 27). Em uma terceira perspectiva, Mãe Bilina dizia à Beatriz Góis Dantas que ela era acompanhada por um santo, que ela tinha um santo que era muito forte. Essa fortaleza foi tão perene que até após a morte de Umbelina, a mesma apareceu em sonho à Lourdes pedindo que a professora Beatriz fosse madrinha da mesma em sua feitura como lôxa (DANTAS, 1988).

Beatriz Góis Dantas, realizou trabalhos pioneiros de esforços hercúleos, exercendo um papel fundamental na salvaguarda, em nosso caso específico, a salvaguarda da "Taieira" e cultura nagô no sentido de resguardar a memória tanto de Umbelina, sobre a Taieira, como da comunidade nagô sobre a herança deixada pelos africanos. A existência dessa pesquisa, se deve em primeira instância à produção das obras sobre a Taieira e sobre o nagô.

4.1.3 – "Quer estudar o nagô?"

> "– 'Mas você fez o livro? Você disse que ia fazer e fez!' – Então eu senti que ela tinha ficado como, um certo modo, reconhecida. Não é? Ver o brinquedo, como ela chamava. – 'O meu brinquedo transformado num livro.' – A fotografia dela, aparecendo com as figuras como ela chamava as dançarinas, né? As figuras da Taieira. Então ela ficou realmente, assim, muito impressionada. E um dia a gente conversando normalmente, que eu continuei mantendo a amizade com ela, ela falou assim – 'Porque você não faz um livro sobre o Xangô?' – O Xangô não, ela não chamava o

[144] As que possuem filhos e as que já não os possuem, por isso já não "baixam" mais.

> Xangô, o nagô... Eu disse – A senhora gostaria? – 'Porque não? Quer estudar o nagô?'.[145]

"Vovó Nagô e Papai Branco" é o livro de maior repercussão de Beatriz Góis Dantas, e como podemos ver, começou assim, com uma proposta de Mãe Bilina. Como não aceitar uma proposta tão generosa e aberta? Simplesmente irresistível. Mas Góis Dantas se sentiu reticente, pois acreditava que para pesquisar o nagô, já que se tratava de uma religião, ela precisaria de mais "manejo de campo". [146]Mas se lançou e o fez, terminando-o somente após a morte de Mãe Bilina. "Vovó Nagô e Papai Branco", é fruto da dissertação de mestrado de Góis Dantas, em Antropologia pela Unicamp. À época, "Vovó nagô..." trouxe uma nova perspectiva e interpretação sobre a pureza nagô, de certo modo desfocando o eixo Pernambuco-Bahia, sobre o qual estavam concentradas as pesquisas sobre as religiões de matrizes africanas.

No entanto, contemporaneamente, reler "Vovó Nagô" nos leva a outros questionamentos, e nos interessa de outras formas, para além de um discurso sobre pureza. Isto porque a própria autora desconstrói e confronta o discurso da pureza construído por alguns intelectuais e pela própria Mãe Bilina. Porque afinal, se trata de um discurso, e todo discurso é construído. Uma narrativa sobre quem se é, que tem por finalidade interferir diretamente em como verão a você e à sua coletividade.

Uma olhada breve sobre a Irmandade de Santa Bárbara Virgem, nos permite ver que de maneira alguma, eles são, em um sentido cultural, puramente, o que nós conhecemos por povos nagôs[147], no sentido não-religioso, ou seja, cultural (SILVA, 2014). O próprio culto a orixás que vivem em pedras, remonta à costumes jejes, de povos que seriam oriundos do atual Benim. Eles são nagôs, mas não só. E não saberemos a partir de qual momento eles começaram a se autodeclararem nagôs, sobre qual hegemonia isto se dera. Porque as identidades são forjadas em conflitos, o ser está intrinsecamente ligado ao não-ser. E Mãe Bilina, por meio de Beatriz Góis Dantas nos oferta isso.

A visão monolítica de bem e mal, de nagôs bons *versus* malês ruins; de nagôs bons *versus* torezeiros ruins; *versus* nagôs-católicos bons *versus* crentes ruins, nos conota uma identidade forjada na base da outridade. Onde o outro, neste caso, por estratégia de

[145] Beatriz Góis Dantas, no documentário "Uma Lufada de Ar Fresco", sobre a reação de Mãe Bilina ao livro "A Taieira".
[146] Beatriz Góis Dantas, no documentário "Uma Lufada de Ar Fresco".
[147] Ou povos iorubás.

sobrevivência ou não, vai ser aquele que representará tudo o que há de ruim, de negativo, de perverso; tudo aquilo que representa o que eu não posso e não quero ser, tudo aquilo que eu também sou e eu renego (KILOMBA, 2011).

Retornando à discussão anterior, o que quero dizer é que, ao menos nesta pesquisa, não nos interessa averiguar o quão puro o nagô é ou não. Mas, historiograficamente, nos interessa muito, têm nos interessado bastante, as informações, os fatos narrados, a memória de Umbelina Araújo, resguardados por Beatriz Góis Dantas.

E a partir disto, surgem novos problemas, perguntas antes não feitas. Perguntas estas um pouco respondidas por Sharyse Piroupo, por Edvaldo Neto, por Petrônio Domingues por mim e por outros que virão. "Vovó Nagô e Papai Branco" é hoje um ponto de partida para várias pesquisas no campo das Ciências Humanas, de modo especial para pesquisas sobre o pós-abolição em Sergipe.

O livro está dividido em cinco capítulos[148], que somados, nos ofertam cerca 257 páginas. Nesta pesquisa me interessou mais os capítulos 2 e 3, que versam sobre a história da comunidade nagô e dos nagôs com os "outros". Neles está contida a maior parte dos dados biográficos acerca de Mãe Bilina e sua família. Publicado em 1988, pela editora Graal, foi muito elogiado por intelectuais como Roger Bastide.

O processo de pesquisa de mestrado de Beatriz Góis Dantas, foi interessantíssimo. Isso porque de certo modo, a inseriu no dia-a-dia da irmandade. Fazendo com que ela convivesse com os integrantes do nagô, transitando pelos espaços da irmandade. Os integrantes da irmandade ansiavam que a professora também se tornasse uma nagô. A advertindo firmemente, quando à sua participação em outros cultos de culto afro-brasileiro (DANTAS, 1988).

No entanto, o que quero dizer é que, quando Bilina abriu as portas da sua casa, da sua intimidade para Beatriz Góis Dantas, nos ofertou uma gama de fontes, inclusive sobre a dinâmica da sua casa em 1970. Em Lopes (2020), encontramos uma página do diário de campo da professora Beatriz.

> 17/09/1972
> Festa do Inhame – Domingo a tarde
> Observações em Laranjeiras
> Cheguei à cidade às 17horas [...] Na casa de Bilina aquele costumeiro movimento de gente. Vem entra e sai. Aproveitei para entrevistar. Uns diziam, hoje e coisa vai começar tarde, a matança foi tarde. Lá pelas 18 horas inicia-se a 1ª roda de dança. No

[148] "A configuração e o prestígio em terreiros de Xangô"; "O Nagô fala de si"; "O Nagô fala sobre os outros"; "A construção e o significado da 'pureza nagô'"; "Os usos da África pelo terreiro Nagô".

> retângulo que constitui a latada, colocaram os bancos que servem de assento para os participantes da dança. Os lugares dos instrumentos é sempre o mesmo [...].[149]

A organização do espaço ritual dos nagôs, permanece a mesma. Talvez um tanto menos movimentado. Porém, cheio de muitas atividades. Todos trabalham muito no dia dos festejos. Tive a oportunidade de acompanhar alguns, dentre eles, o do Corte do Inhame. Os bancos supracitados, são divididos de acordo com o gênero e faixa etária. Um banco para crianças, outro para os homens, outro para as mulheres. Formando um quadrilátero. Certa vez, fui a um festejo e uma integrante do nagô, pertencente a uma das famílias de africanos me disse, "isso aqui tudo, essas roupas, essa organização, foi Mãe Bilina que deixou". O que foi corroborado por Severo D'Acelino, que afirma que Mãe Bilina colocou os seus filhos em uma disciplina que se assemelha as da Igreja Católica, em que não existe em nenhum outro lugar. Ao menos na memória das pessoas, a organização ritualística do nagô, foi deixada por Mãe Bilina.[150]

Em trecho anterior, a este transcrito, Beatriz Góis Dantas citou a presença de "muitos meninos na irmandade" (LOPES, 2020, p. 152). Destacando a importância das crianças para os nagôs, de modo especial, as meninas. Por causa da sua virgindade. As meninas dançam na roda das virgens. Até então, a primeira roda dos rituais nagôs. Eu não sei dizer se no tempo de Mãe Bilina, somente as meninas abriam essa roda. No entanto, atualmente, a roda é denominada como a roda das crianças, onde dançam juntos meninos e meninas. Mesclando crianças e adolescentes. Quando eles fazem a sua transição de meninos para rapazes e de meninas para moças, já não participam mais desta roda.[151]

A jovem Beatriz Gois Dantas foi alguém influente e economicamente estável. Ao longo da sua pesquisa, ofertou ajuda de custo para os festejos da irmandade. Mãe Bilina e a irmandade nagô ganharam a amizade da professora Beatriz, para além de reconhecimento e prestígio social, como contrapartida

[149] LOPES, 2020, p. 152.
[150] Não possuímos outras fontes que o comprovem, somente a oralidade. Portanto, não é possível realizar o cotejamento de fontes.
[151] A transição está relacionada a virgindade. Tanto para meninos, quanto para meninas. Ao passarem a ter relações sexuais, eles transicionam e passam a assumir as funções dos homens e das mulheres na irmandade, deixando para trás o lugar das crianças. Ao longo da minha pesquisa, foi engraçado perceber a transição de uma das meninas, em um festejo, ela era ainda uma das meninas, mais especificamente a Omadê. Com Bilina, era uma senhora, mas atualmente, é uma função ocupada por uma das meninas mais velhas, uma adolescente. Mas sim, em um festejo ela era a Omadê, no outro ela já não era mais. Tinha se tornado moça, amarrava o seu pano de cabeça como as mulheres e se encontrava agora sentada entre elas. Mas de maneira nenhuma estava sendo tratada diferente. Continuava sendo a mesma pela todos. Inclusive para aquelas suas mais próximas, que ainda eram meninas. As meninas amarram o seu pano de cabeça como a lôxa, simbolizando a sua virgindade. Elas deixam as pontas soltas. As mulheres que não são virgens, amarram o pano de cabeça prendendo as pontas. Simbolizando para os nagôs, que já não são virgens.

pelas informações compartilhadas com ela, sobre o culto africano. Além da salvaguarda cultural viabilizada pela pesquisa.

O nagô já era, permanece, e permanecerá sendo o que é sem Beatriz Góis Dantas, mas a visibilidade dada a ele, por meio dela, é inegável. Bilina gostou de Beatriz. Gostou dela, do santo dela e do que Beatriz Góis Dantas foi capaz de fazer por ela ainda em vida. Elas se tornaram amigas. A simplicidade sagaz de Umbelina conquistou o coração de Góis Dantas, que 50 anos após a morte da amiga, guarda ainda suas fontes.

4.3 – PASTORA, ALAÍDE E LOURDES.

Na última década de sua vida, Mãe Bilina se apoiou em três mulheres na Irmandade de Santa Bárbara Virgem. Mulheres estas, que de certo modo, foram preparadas para assumirem cargos de liderança na Irmandade de Santa Bárbara Virgem. Lourdes Santos, Alaíde dos Santos e Pastora.

4.3.1 – Pastora: o braço direito de Bilina.

> Dona Deolinda: Ela morava com Bilina. Entendeu? Era o braço direito de Bilina, Pastora. Morava lá com ela, fazia tudo pra ela. Até quando ela morreu, Pastora foi pra casa dela. Brincava, tudo. Tudo quem fazia era Pastora. Mas depois teve um... depois que ela morreu, Lourde Arão, quando foi ser lôxa, não se deu muito com ela, né? Então, Pastora se afastou. Até o dia que ela morreu. [152]

Pastora, vivia com Bilina em sua casa, na então rua da Alegria. Era seu braço direito no nagô e na Taieira. Participou de algumas entrevistas concedidas por Mãe Bilina à Góis Dantas e foi a principal responsável pelo enterro de Mãe Bilina em 1974. Na **Figura 3**, podemos observar Pastora, ao lado de Mãe Bilina e do patrão das taieiras, em 1970. Pastora morreu em data desconhecida por nós, entretanto, não pertencia a nenhuma família africana e ao se desligar do nagô, levou todas as suas filhas, que também moraram com Mãe Bilina.

[152] Excerto da entrevista concedida por Dona Deolinda Maria de Jesus, em 11/03/2022, no bairro Suíssa. Na casa da família do Sr. José Maria de Jesus, em Aracaju.

Figura 3: Na imagem podemos ver, da esquerda para a direita, Mãe Bilina, o patrão das taieiras e Pastora, na Igreja de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário em 1870. Imagem retirada do livro "A Taieira", Beatriz Góis Dantas, 1972.

4.3.2 – Alaíde d

> Dona Deolinda: [...] minha prima Alaíde dos Santos, ficou no lugar de Bilina, era ela que ia ser a lôxa, mas ela não quis né? Mas todos os santos todos os orixás, o que tinha de fazer e o que não tinha de fazer, entedeu? Vinha a ela, o nosso Pai da Costa, o nosso orixá maior vinha a ela, pra dizer o que tinha de fazer e o que não tinha. Depois que Bilina morreu [...] Porque ela... Bilina gostava muito dela. Tudo dela era com ela não chamava Alaíde, chamava Anaíde. Entendeu? Era Anaíde. Chamou, tá certo [...] Anaíde, era. Não era, como é? Alaíde não (risos). Anaíde, era [...] Alaíde trabalhava na Secretaria de Educação. Era muito conhecida, muito. Conhecida mesmo. O nome dela, professora Alaíde dos Santos. Ela fazia, como é? Palestras, em todo o interior de Sergipe. [153]

Alaíde dos Santos é oriunda da família de Ti Oxó. Nasceu em 1934, tendo residido, ao menos no final da sua vida, em Socorro. No tempo de Mãe Bilina, sua família era muito ativa na irmandade. Neta de Maria Deolinda de Jesus, era sobrinha de dois patrões do nagô, Xangô Deí e Xangô Idê. Foi a escolhida para suceder a Mãe Bilina, mas declinou da proposta do Pai da Costa, pedindo que escolhesse outra pessoa. E ele assim o fez.

> Dona Deolinda: Porque Bilina deixou como lôxa, era ela. Não era Lourde Arão. Era ela. Lourde Arão era pra ser omadê.
>
> Maria da Conceição: Omadê é o quê?
>
> Dona Deolinda: Que abria a roda, que fazia como é? Com Bilina no quarto do santo. Que fazia entendeu? A segunda mãe, né? Mãe pequena, né? Depois de Bilina era a omadê. Mas só que, Alaíde não quis, ser lôxa. Que na época, ela disse que não queria não. Porque pelejar com gente... na época ela estudava... estudava não, trabalhava. Estudava e tudo, né? Ela disse que nunca quis. Nunca quis mesmo. [154]

[153] Excerto da entrevista concedida por Dona Deolinda Maria de Jesus, em 11/03/2022, no bairro Suíssa. Na casa da família do Sr. José Maria de Jesus, em Aracaju.
[154] Excerto da entrevista concedida por Dona Deolinda Maria de Jesus, em 11/03/2022, no bairro Suíssa. Na casa da família do Sr. José Maria de Jesus, em Aracaju.

Diante do declínio de Alaíde dos Santos, assumiu Lourdes Santos. Mas sempre auxiliada por Dona Alaíde, que estava em constante contato com o Pai da Costa, e esteve à serviço da irmandade até o seu falecimento. Na narrativa de Dona Deolinda, Alaíde teria partido cedo, tendo adquirido uma doença que era um castigo do santo, diante do rechaço à posição de lôxa.

> Deolinda: Faleceu com todo corpo. Era forte. Faleceu com toda força. Ô, ela não queria assumir. Que era dela de direito. Aí o Santo, né. Castigou. E foi um castigo (inaudível). Foi um castigo. Que ela não queria. Porque como é, como é que o santo vem, diz tudo a você, tudo isso. Faça isso, faça aquilo, a pessoa não quer? Aí, né? Quando eles querem, eles querem. Quando eles não quer, tá nem aí. Foi isso que aconteceu com Alaíde.[155]

Alaíde dos Santos, mesmo se negando a assumir o lugar de Mãe Bilina como lôxa, permaneceu na irmandade de Santa Bárbara Virgem. Participou da irmandade e transmitiu as orientações do Pai da Costa para os nagôs. Foi ela quem fez o batismo da lôxa Lourdes, depois de ter recebido a orientação do Pai da Costa sobre quem deveria assumir as responsabilidades de lôxa em seu lugar.

Na altura da morte de Mãe Bilina, Alaíde tinha cerca de 42 anos de idade. Uma mulher madura, uma professora concursada, com uma carreira consolidada. Mesmo não assumindo a liderança das colônias de Santa Bárbara, permaneceu realizando obrigações que o Santo vinha lhe pedir que fizesse, em sua casa, em Socorro. [156]

Eu poderia tecer hipóteses sobre os motivos que a levaram a não aceitar o lugar de lôxa. Mas não o farei. Nós já acompanhamos como foi difícil para Mãe Bilina aceitar esse lugar. Por medo, pela abnegação, pelos diversos compromissos que são assumidos pela lôxa. Se os nagôs estão submetidos a uma dura disciplina, cercados de obrigações, quem dirá a sua mãe, a sua lôxa.

Dona Alaíde faleceu em 20 de novembro de 1966, aos 62 anos de idade, por complicações de diabetes. Doença que a cegou e comprometeu seriamente os seus rins[157]. Antes de partir, porém, teve tempo de realizar o batizado de Seu Tio Zé Maria, como patrão. Teria vivido, portanto, cerca de 20 anos após o falecimento de Mãe Bilina, nos quais, continuou integrando a comunidade nagô, transmitindo as orientações do Pai da Costa para a comunidade.

[155] Excerto da entrevista concedida por Dona Deolinda Maria de Jesus, em 11/03/2022, no bairro Suíssa. Na casa da família do Sr. José Maria de Jesus, em Aracaju.
[156] Informações socializadas por Dona Deolinda Maria de Jesus.
[157] Informações socializadas por Dona Deolinda Maria de Jesus.

4.3.3 – Dona Lourdes: a filha de Bilina.

> Maria da Conceição: E Dona Lourdes, como é que era o jeito dela?
> Dona Deolinda: Ah, uma pessoa muito, coisada né? Firme. De sim, sim. Não, não. Ela não era, de muito tá, com os dente aberto, entendeu? [...] Quando ela gostava da pessoa, ela gostava. Quando ela não gostava, deixava lá. Entendeu? [...] Era uma pessoa muito boa. Gostava muito dela, muito, muito, muito. Muito, muito mesmo, Dona Lourde. Sempre ia pra lá. Passava o dia lá, dia de domingo, com ela. Entendeu? Às vezes dia de domingo, como era? Ia eu e Elizabete, eu passava na roupa dela e de Barbara e Elizabete passava nas roupa dos homem, sabe? [...]
> Maria da Conceição: E Dona Lourdes falava muito de Mãe Bilina?
> Dona Deolinda: Não, fechada, entendeu? Era muito fechada. Todos os ensinamento que ela sabia, foi que ela vivia muito com Bilina, lá na casa de Bilina, sabe? Muito mesmo, sabe? A finada Lourde. Era uma pessoa boa, foi Alaíde que fez ela. [158]

Maria de Lourdes Santos, também chamada de Lourdes Arão, foi a mulher que assumiu a irmandade no lugar de Mãe Bilina. Nascida em 1933, no povoado Cafuz. Com a morte da sua mãe, aos 5 anos de idade, foi morar com a sua madrinha, Umbelina, com a qual permaneceu até a fase adulta (quando por causa de desentendimentos com Pastora, decidiu morar com seus parentes em Aracaju).

Dona Lourdes é descrita como uma pessoa enérgica de pulso firme e posição assertiva. É ela quem canta no álbum das taieiras, lançado em 1976, e que também aparece no programa da Regina Casé, Brasil legal, em 1997. O depoimento de Dona Lourdes, e mais, o seu comportamento gravado, são interessantíssimos. A esta altura, Lourdes já estava aposentada pela prefeitura de Laranjeiras. A segunda lôxa não teve acesso à educação formal. Pelos relatos que recebemos, sabia assinar somente o nome, e na prefeitura, exerceu a função de servente, até a sua aposentadoria.

No programa Brasil Legal (1997), Regina Casé pergunta para Dona Lourdes

> Casé: A senhora é do Santo?
> Dona Lourdes (confirmando com a cabeça): Aqui é de Santa Bárbara.
> Casé: Qual a ligação da Taieira com o Candomblé?
> Dona Lourdes: É porque faz parte.
> Casé: A senhora pra explicar as coisas Dona Lourdes...
> Dona Lourdes: Faz parte! Nós aqui não somos candomblé. Candomblé é esses outro. E aqui é diferente de tudo por tudo! Porque os outro tem mistura, e nós aqui não temos mistura. Só somos...
> Casé: Na prefeitura quando a senhora servia cafezinho o pessoal sabia da festa, participava ou não?
> Dona Lourdes: Oxe. Sabia e sabe.
> Casé: Seu café é melhor que os outros?
> Dona Lourdes: Eu não sei. Quem sabe, o povo é quem diz.
> Casé: E eu vou ficar sem saber, porque tô aqui há uma hora e ninguém me ofereceu um café.
> Dona Lourdes: Agora não tenho. É muita conversa e eu não quero...

[158] Excerto da entrevista concedida por Dona Deolinda Maria de Jesus, em 11/03/2022, no bairro Suíssa. Na casa da família do Sr. José Maria de Jesus, em Aracaju.

Casé: Mas eu vim aqui pra conversar [...]
Dona Lourdes: Aí a senhora vai na prefeitura chega lá toma um café do seu gosto.
Casé: Como chama essa fruta aqui?
Dona Lourdes: Não sei o nome. Esqueci.
Casé: Mas a senhora é ruim, hein? Mas é ruim! Como chama?
Dona Lourdes: Não sei mais. Quer saber aqui também o que é (apontando para uma bananeira)?
Casé: Bananeira.
Dona Lourdes: Ô e sabe?
Casé: Conheço.
Dona Lourdes: Ah, pensei que era pra eu dizer também.[159]

De longe Dona Lourdes era uma pessoa bem-humorada. É visível na entrevista de Regina Casé, a sua ignorância sobre as religiões de matriz africana, ao insistir em chamar o nagô de candomblé. Diferente de mãe Bilina, Dona Lourdes admite a ligação entre a Taieira e o nagô. Tendo sido a Taieira definitivamente incorporada ao nagô.

Na altura de 1987, Dona Lourdes adotou uma criança, Bárbara Cristina dos Santos, com a morte de sua mãe em 2004, passou a ser cuidada por Maria do Espírito Santo (Dona Cisa), assumindo a liderança da Irmandade de Santa Bárbara Virgem, no lugar da sua mãe, função que ocupa até hoje.

Figura 4- Dona Lourdes Santos em 2002, na casa da lôxa, rua da Alegria (atualmente rua Umbelina Araújo) nº 04. Crédito: Gabriela Greeb; Marianna Monteiro; Paulo Dias.

A imagem acima, foi retirada dois anos antes do falecimento de Dona Lourdes Santos, quando ela já estava bastante doente. O registro se encontra no documentário "Lambe-sujo: uma ópera

[159] Programa Brasil Legal, Globo, 1997. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=DcxLO6oHGLA . Acessado em 03/01/2022.

dos quilombos" (2002). Onde visitaram a casa da lôxa, e conversaram com Dona Cisa, na impossibilidade da lôxa ser entrevistada.

4.4 – Oscar Ribeiro: malungo, amigo, irmão.

Oscar Ribeiro dos Santos, nasceu na cidade de Laranjeiras na rua Porto do Oiteiro em 30 de janeiro de 1916. Casado com Nair Ferreira Santos, com a qual teve três filhas, morou na rua José do Prado Franco, até o seu falecimento, aos 80 anos. Gostava muito de sair na Chegança, na qual ingressou ainda criança, como calafatinho e chegou à função de Piloto da "Chegança Tamandaré". Gostava de passear com as filhas, de atletismo, de tirar versos nas rodas de São João e de acompanhar as procissões nas quais fazia questão de segurar nos andores, especialmente, no de Senhor dos Passos.

Era amigo de Dona Umbelina, a qual reverenciava, fazendo questão de em todos os anos, liderando a Chegança, buscar as taieiras na casa da lôxa na Festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário e em Bom Jesus dos Navegantes (a qual podemos ver registro na **Figura 5**). Frequentava o nagô sem se fardar, tocando para os orixás, auxiliando nas festas da irmandade, fazendo doações para a realização dos festejos. Com Dona Lourdes, que ele conheceu por meio de Mãe Bilina, teve uma relação de irmandade. Chegava a passar os domingos na casa de Dona Lourdes, com a qual trocava conselhos.

Figura 5 - A Chegança Almirante Tamandaré na procissão fluvial de Bom Jesus dos Navegantes na década de 1970. Acervo da família Ribeiro.

Dona Adelaide: [...] A amizade dele com Umbelina, era uma amizade muito bonita. Ele não tinha uma vez, que o nagô não tivesse, era o nagô e a Taieira. Eles criaram um vínculo irmão.

Maria da Conceição: Irmãos, eles tinham a proximidade de irmãos, Mestre Oscar e...

Dona Adelaide: E Umbelina. E depois passou para é... Dona Lourdes [...]

Maria da Conceição: Mestre Oscar falava sobre Mãe Bilina?

Dona Adelaide: Falava, assim...

Maria da Conceição: O que é que ele dizia sobre ela, que a senhora lembra?

Dona Adelaide: Eu sei que às vezes ele dizia assim – "Mas Bilina, tem um jeito de dançar, que vai ser difícil alguém imitar". – Mas era mesmo, Dona Lourde, é... pra mim, Dona Lourde, mostrou um pouco, que imitou ela... Mas não chegou aos pés. Umbelina dançava muito lindo. Eu às vezes ia mais ele, mas assim...

Maria da Conceição: Dançava onde, na taieira? É lá no nagô?

Dona Adelaide: Ela saia nos dois. Ela saia na Taieira e saia no nagô. O nagô era na porta. Não era ali dentro, não. Por isso que diz que não pode nem calçar aquela rua. A parte do pedaço, que é tombado. Só que assim, se é tombado, porque não continuou ali na frente? Agora ficou mais seguro lá. Ficou mais seguro onde é hoje. Entendeu?[160]

Figura 6 - Imagem das antigas latadas realizadas em frete a casa das lôxas. Crédito: Beatriz Góis Dantas e Jairo Andrade, 1973.

[160] Trecho da entrevista concedida por Dona Maria Adelaide Ferreira Ribeiro Vieira, no Museu de Arte Sacra em 16.11.2022.

Figura 7 - Outro registro das antigas latadas em frente ao Terreiro de Santa Bárbara Virgem. Créditos: Beatriz Góis Dantas e Jairo Andrade, 1973.

Nas imagens acima **(Figuras 6 e 7)**, podemos visualizar as "latadas" do nagô, participadas por Mestre Óscar Ribeiro, denunciadas na década de 1930 no Jornal Vida Laranjeirense, ainda realizadas nos festejos na casa de Papai Ojô.

Era apaixonado pela Chegança, a qual foi o responsável pela criação do uniforme azul, o qual podemos visualizar na figura 8, e pela retomada da apresentação completada da Chegança, com todos os personagens, um antigo sonho seu.

> Dona Adelaide: A importância do meu pai era a maior, porque assim, uma coisa linda. Ele era tão importante na cultura de Laranjeiras, que quando ele imaginasse que ia chegar final do ano, e a Chegança não fosse sair, o que ele fazia? Ele pegava o livro de ouro, coisa que não se faz mais, tão fazendo hoje com o Micareme, mas ele saia de porta em porta, daqueles amigos maiores, pra colher, angariar verbas para fazer indumentária, que era muito difícil ganhar indumentária naquela época, de prefeitura. Hoje se ganha, e eu acho que não dão valor. Talvez se desse valor, se essas roupas que ganhasse, pudesse até passar mais de um ano, dois anos. Eu sei que aperta, que é... não dá pra esse, mas dá pra aquele. Mas ele confeccionava as roupas, pedia dinheiro, e pagava costureiras e tudo a fim da Chegança sair. Infelizmente esse livro de ouro nós não temos. Mas muitas assinaturas, pessoas que dava o que pudesse, mas ele botava. E botava a Chegança na rua, com a maior importância. Porque ele inspirava cultura. E outra, é dos folclore mais difícil de serem montado. Porque hoje existe Chegança, mas ainda ela não tá, não mostra realmente aquelas partes principais, e ele fazia. O louvor à Nossa Senhora do Rosário, a chegada no porto. Pelas ruas da cidade, a reverência na casa das pessoas que o chamavam, ele nunca dizia um não. E aí foi quando ele criou uma farda. Essa nova farda que hoje é azul, foi criada por ele.

> Maria da Conceição: Antes era qual cor?
>
> Dona Adelaide: Branca. Continua sendo a principal, branca. Só que assim, quando a Chegança saia pelas ruas da cidade, eles entrava em muitas casas, branco suja muito. Então ele criou a azul pra sair de manhã, e à tarde, ou então nas parte, nas festas principais, sair com a branca. Mas primeiro usava azul e de tarde eles estavam impecáveis para louvar Nossa Senhora, pra sair na procissão, pra depois se apresentarem na porta da Igreja da Matriz. Não precisava de palco. O palco era o chão da porta da matriz. E as pessoas ficavam nas escadas assistindo o combate que é uma das partes mais importantes da Chegança. [161]

Figura 8 - A Chegança Almirante Tamandaré trajada em uniforme azul. Acervo da Família Ribeiro.

O período a que Adelaide Ribeiro se refere, concerne a década de 1970, quando os grupos de cultura popular mais importantes da cidade de Laranjeiras, ainda estavam sem nenhum amparo do governo. Este só foi dado a partir da década de 1970, quando houve uma organização de políticas públicas para os grupos de cultura popular, de modo especial, por meio da Professora Beatriz Góis Dantas, no Departamento de Patrimônio Cultural.

> A Chegança chefiada por Oscar enfrentava, à época, dificuldades e às vezes deixava de apresentar-se por um ou dois anos devido à falta de recursos para comprar a cara indumentária dos seus personagens, que se vestem à moda da Marinha. As ajudas externas eram indispensáveis para revitalizá-la, de modo que as ações governamentais e o Encontro Cultural de Laranjeiras ajudaram a inflar as velas do Anau perdido – metáfora retirada de uma das partes da Chegança – que encontrou seu rumo e seguiu sob o comando seguro de Oscar, até a idade que o obrigou a entregar o leme ao seu substituto (DANTAS, 2013, p. 46).

Na **Figura 9**, podemos ver um registro de quando Mestre Oscar conseguiu apresentar a Chegança com todos os personagens da Mourama, que até então se apresentava somente com

[161] Trecho da entrevista concedida por Dona Maria Adelaide Ferreira Ribeiro Vieira.

três personagens (o rei e seus auxiliares imediatos). Era um sonho seu apresentar a Chegança com todos os personagens mouros, que se faziam presentes em seu caderno de textos que possuem as falas, o "roteiro" da Chegança (DANTAS, 2013). Este caderno existe até hoje, sob a salvaguarda de suas filhas. Teria copiado os textos contidos neste caderno "[...] de um livro cujo dono era um tabelião[162], enquanto para outros informantes aquele material era propriedade da professora Zizinha. Nunca consegui localizar na cidade o famoso livro 'de letra impressa', por alguns referido como um 'livro francês'" (DANTAS, 2013, p. 48).

Figura 9 - Registro da Chegança na década de 1970, quando se apresentou com todos os seus personagens. Acervo da família Ribeiro.

Mestre Óscar Ribeiro, liderou a Chegança Almirante Tamandaré, até 1986, quando por motivos de saúde e chorou por não poder mais liderar a Chegança. Oscar Ribeiro faleceu em 1996, em decorrência de um derrame, está sepultado no Cemitério da Misericórdia em túmulo próximo ao de Mãe Bilina.

[162] Se

Sobre a vida e o legado de mestre Óscar, entrevistei a sua filha mais velha, Maria Adelaide Ribeiro. Em uma longuíssima entrevista, me confidenciou que luta pela manutenção e reconhecimento do seu pai, que teve um papel importantíssimo para a cultura popular de Laranjeiras. Infelizmente, assim como Umbelina Araújo (ao menos até a chegada deste trabalho), Mestre Óscar Ribeiro ainda não recebeu nenhum trabalho que se dedique a estudar a sua trajetória. Sabemos que ele recebeu um capítulo na obra de Beatriz Góis Dantas "Mensageiros do Lúdico", que trata da biografia de vários mestres da cultura popular laranjeirenses, mas falta uma pesquisa que nos oferte uma obra sobre a vida de Mestre Óscar Ribeiro.

> [...] Então Oscar era vida. Oscar pra mim hoje, me deixou muito, gostando muito da cultura. Quem me dera ter menas idade (risos) e ter vivido mais, ter vivido não, querer viver mais pra contar a história dele. Tenho muita vontade de que alguém escrevesse sobre o meu pai, muita, muita mesmo. Eu poderia não saber contar tanta coisa, mas o pouco que eu sei, daria uma boa história.[163]

[163] Adelaide Ribeiro, filha de Mestre Óscar.

5. EPÍLOGO
INESQUECÍVEL HUMBELINA[164]

> Em 21 de agosto, Deus enviaste ao mundo, dando-te mais adiante, um Dom Espiritual que através de búzios, pudesse revelar a pura verdade em benefícios das pessoas que ti procuravam. Sou uma das que sentem a presença da tua força perdurar. E nesta data quando vejo o Sacerdote elevar o Cálice e a Hóstia, ergo preços a Deus e digo: "O Corpo e o Sangue de Nossos Senhor Jesus Cristo sirvam de alimento, fortificando sempre o teu espírito. Unida à Irmandade de Sta. Bárbara. 21-08-1987.[165]

Umbelina Araújo é uma ancestral. Não sei se vocês conseguiram ter a dimensão disso ao longo desta dissertação. Em vários momentos, me peguei cultuando, porque aprendi a cultuá-la, como ancestral mesmo. Na entrevista com Dona Deolinda Maria de Jesus ela me disse "Porque a gente cultua um morto. Então o morto é uma festa, né? [...] É uma festa". Era somente sobre Umbelina? Não. Foi sobre o cuidado de me transmitir pela oralidade a filosofia nagô.

Alguns dirão, que é necessário tomar cuidado quando estamos nos referindo à memória, pois ela é falha e pode conter reinvenções que nem sempre as fazem fiéis aos fatos. De fato o é, eu concordo. Mas também penso que falamos de uma outra perspectiva. A oralidade parte de um ponto de partida distinto do documento, é óbvio dizer que as intenções destas fontes são diferentes, quando não, opostas.

A fonte oral dá protagonismo à memória e às tradições dos sujeitos históricos. Neste sentido nos alicerçamos principalmente nos pressupostos do texto "A tradição oral e a sua metodologia", de Vansina. Este texto é o sétimo capítulo do volume um da coleção "História da África". Segundo Vansina (2010), é necessário compreender que muitas sociedades

[164] Título de mensagem em santinho entregue em missa de Ação de Graças pelo nascimento de Mãe Bilina em 1987. A imagem do santinho pode ser vista nos anexos deste trabalho.
[165] Texto presente em santinho entregue em missa de Ação de Graças pelo nascimento de Mãe Bilina em 1987.

africanas como as provenientes do Saara eram sociedades “da palavra”, onde a escrita era relegada à um segundo plano. A oralidade é, portanto, uma atitude diante do mundo.

Sendo a oralidade proveniente das tradições, demandam uma atitude de constante retorno às fontes, e uma atitude de compreensão profunda dos significados da palavra dita, dos significados da sabedoria transmitida, por meio da qual se mantém o culto aos ancestrais, tendo um caráter sagrado. “Dizer”, portanto, “é fazer” (VANSINA, 2010, p. 140). Deste modo é necessário que o historiador, antes de interpretar, se inicie no arcabouço mental da cultura que está estudando.

Portanto, alguns elementos são apontados como necessários para produzir uma boa interpretação da oralidade, são estes um recorte de pesquisa adequado, com um problema de pesquisa bem construído, para que assim possa se buscar adequadamente as fontes que possam solucionar; é necessário possuir paciência e consciência histórica, portanto, o historiador deve ter “interiorizado” a cultura que está estudando.

A oralidade não é valorizada em nossa sociedade. Porém, concerne em uma atitude diante do mundo. Sendo um testemunho transmitido de uma geração para a outra. Podendo, se manifestar por meio de genealogias, depoimentos. A oralidade é toda a literatura que descreve acontecimentos passados (MARTINS, 2021).

Me sinto, portanto, compelida a dizer que este subcapítulo não se trada da “Verdade” ou de verdades. Tão somente sobre a beleza das memórias daqueles que conviveram com ela, ou com pessoas muito próximas a ela e simplesmente transmitem para nós, devemos prestar atenção no valor disto, aquilo que sabem e sentem sobre Mãe Bilina. Não tenho a intenção de oferecer uma verdade. Ofertamos somente, as versões de Bilina que estão ao nosso alcance.

5.1 – A Lôxa e sua Madrinha: “ela pôs a cabeça só no Santo”.

As primeiras pessoas que busquei para saber sobre Mãe Bilina foram a lôxa e Dona Cisa. É que apesar de não ter tido filhos biológicos, Umbelina teve muitos filhos espirituais, amadrinhou muitos, no nagô e na igreja, uma entrevistada chegou a dizer que ela tinha mais de duzentos afilhados! É de se pasmar. Mas Mãe Bilina teve uma filha, Dona Lourdes, a segunda lôxa do nagô. Mesmo se, porventura, nunca tiver chamado Bilina de mãe, mas somente de madrinha, Lourdes Santos foi criada por Bilina. O que a torna filha adotiva dela. E ela, que por sua vez adotou a loxa Bárbara, de fato sendo oficialmente sua mãe, tornou Bárbara neta de Bilina. Deste modo, concluí que Bárbara Cristina Santos, é a parente viva mais próxima de

Umbelina Araujo. Por isso fui visitá-la. Era um dia 15 de novembro, a loxa decidiu me receber no dia do feriado da Proclamação da República, pois foi quando estava de folga do Museu Afro-brasileiro, onde trabalha. Me recebeu junto com a iaquequerê da irmandade, Dona Cisa,[166] que também participou da entrevista.

> Maria da Conceição: As senhoras acham que Mãe Bilina , tem alguma importância, assim... histórica, para a cidade de Laranjeiras?
>
> Dona Ciza: Com certeza.
>
> Maria da Conceição: Por quê?
>
> Dona Ciza: o nome da rua...
>
> Dona Bárbara: Porque ela era uma pessoa muito conhecida. Não somente em Laranjeiras, acho que no Brasil, em si. Pela força que ela tinha. Pelo trabalho que ela exercia dentro da irmandade, com a comunidade. Então isso tudo traz uma representatividade. Acho que ela como uma lôxa, era bem-vista, não somente dentro da cidade de Laranjeiras, como em todo Sergipe.
>
> Maria da Conceição: E qual a importância dela pra irmandade?
>
> Dona Bárbara: Muito grande. Por ela ter sido a primeira figura feminina a ter o comando da religião. E exercer esse cargo com muita honra, com muita dignidade, com muito zelo, com muita competência, dentro da irmandade. Então fica o legado, não só pra nós, mas pra comunidade em geral. [167]

Dona Cisa ao se referir ao nome da rua, ressaltou o maior ato de reconhecimento, em um sentido público, da figura de Mãe Bilina. A rua em que ela morou, anteriormente denominada rua da Alegria, e popularmente chamada de rua da Cacimba (por possuir uma fonte onde as pessoas iam buscar água).

Dona Barbara, por sua vez, destaca a figura de Mãe Bilina em seu destaque a nível nacional. Ressaltando-a como uma mulher que era "bem-vista". Interessante notar como na sequência a lôxa assinala o fato de Mãe Bilina ter sido a primeira figura feminina. Dona Barbara é formada em pedagogia, tendo sido adotada por Dona Lourdes em 1986, viveu desde muito pequena, na sede da irmandade de Santa Barbara, o que, de certo modo, propiciou que ela desde menina estivesse em contato com pesquisadores, com acadêmicos. De modo especial, com Díjina Torres, que em seu mestrado [168]desenvolveu uma pesquisa sobre a importância das lideranças femininas na irmandade de Santa Barbara. A pesquisa, potencialmente, possibilitou

[166] Dona Maria do Espírito Santo, mais conhecida por Dona Cisa, também é a principal zeladora dos santos de Ti Herculano, seu trisavô. Dona Cisa é madrinha de Dona Bárbara, exercendo assim, a função materna na vida da lôxa, desde o adoecimento e morte de Dona Lourdes, mãe de Dona Bárbara Cristina e antiga lôxa da Irmandade.
[167] Excerto de entrevista realizada em 15/11/2021, na casa da lôxa, em Laranjeiras, Sergipe.
[168] Mulher Nagô: liderança feminina e as relações de gênero e parentesco no terreiro Santa Bárbara Virgem, em Laranjeiras (2012).

trocas entre Torres e a lôxa, fazendo com que ambas aprendessem uma com a outra e nos ofertassem reflexões sobre a importância das mulheres no nagô.

Em outras palavras, a lôxa assim como outros membros da irmandade, sofreram e sofrem influência de acadêmicos em sua visão sobre a própria irmandade, de modo especial no que se relaciona à história de seus ancestrais, de modo especial Mãe Bilina, por sua relação com a Prof.ª. Beatriz Góis Dantas, citada em todas as entrevistas realizadas sobre Mãe Bilina. Sendo por diversas vezes citada como a pessoa mais capacitada[169] para falar sobre a primeira lôxa. Influência do peso da autoridade acadêmica, valorizada entre os nagôs.

Mais adiante, Dona Cisa falou sobre a escolha de Mãe Bilina para o cargo de liderança do nagô,

> Dona Ciza: E ela, ela foi escolhida, ela não tava nem aqui. Ela tava no Rio de Janeiro. Era muito jovem. Quando o Santo chamou ela, e tava uma epidemia de varíola, né? O Santo chamou ela pra vim assumir as colônias de Santa Bárbara. Aí ela veio, era noiva, nessa época, ela veio e assumiu, o cargo de lôxa, né? Ficou. E o noivo dela, como ela não podia casar, né? Ficou, terminou, mas ele ficou insistindo. Falava muito do santo, falava muito mal, e depois sumiu. Sumiu, mesmo. Que ela não podia se casar, ela tinha que se manter virgem, né? Pra assumir a irmandade. E nessa trajetória, desse noivado, ele sumiu, e ela botou a cabeça só no Santo. Só na Irmandade. Foi quando o nosso Pai da Costa, deu a ela o poder de acabar com a varíola, aí ela fez as obrigações e acabou com a varíola, aqui, que tava matando todo mundo. Os negros, a maioria, negros, que tinha aqui. A professora Beatriz, fez uma pesquisa na época, que tinha, quase dois mil negro aqui dentro de Laranjeiras, escravo. E morreu muitos, com essa varíola. Muito, muito mesmo. Foi quando nosso Pai chamou ela, pra assumir, que ela veio, deu a ela a sabedoria, de fazer essa obrigação, e ela acabou com a varíola.

Dona Cisa foi uma das crianças da roda das virgens no tempo de Mãe Bilina, também participou das taieiras quando criança, mas se mudou para o Rio de Janeiro ainda menina, permanecendo lá até a vida adulta. Ela transmitiu aquilo que ouviu do pai, das tias e da avó. Parentes que conviveram com Mãe Bilina, com maior proximidade e com a professora Beatriz Góis Dantas. Talvez por isso, o seu discurso é tão fechadinho, bonito, mesmo. É que a memória dela e de outros integrantes do nagô, mescla o dito pelos mais velhos com o escrito por Góis Dantas. Eles possuem os livros da professora. Qual não foi a minha surpresa ao visitar uma das colônias da

[169] De fato, a professora Beatriz Góis Dantas colaborou vivamente com a pesquisa, fornecendo fontes e informações valiosas, sendo as obras produzidas por ela (A Taieira e Vovó Nagô e Papai Branco) pontos de partida para esta pesquisa. Mas não é verdade que ela, no que concerne às entrevistas, tenha sido a pessoa mais capacitada para falar sobre Mãe Bilina, todos contribuíram, a sua maneira, com os seus relatos orais, com as suas memórias. De modo especial a família do antigo patrão, o Sr. José Maria de Jesus, principalmente por meio da sua filha Deolinda.

irmandade e a zeladora me mostrar um exemplar de “Casa de Ti Herculano” ao retornar do seu quarto. Os nagôs leem. Estudam sobre si mesmos.

É importante notar que mesmo tendo existido um desentendimento entre Mãe Bilina e a avó de Dona Cisa, Maria do Espírito Santo, em nenhum momento Dona Cisa fala com ressentimento de Mãe Bilina, nem expõe lados negativos seus, ofertando-nos uma narrativa positiva sobre Mãe Bilina, sendo descrita como uma mulher que, após o fim do seu noivado, teria colocado a cabeça “somente no Santo”, tendo recebido dele o dom de curar a cidade da varíola.

Genealogia Umbeliniana

Avertani

Birunqué

Sebastião

Manoel Joaquim

Carolina

Cincinato

Glicéria

Maria

Manoel

Umbelina

Lourdes

Bárbara

Figura 11 - Genealogia Umbeliniana. Ascendência e Descendência de Umbelina Araújo.

5.2 – O Arquivo Afro-sergipano: "eu considero Umbelina uma entidade".

Visitei a casa do Dr. Severo D'Acelino no início de 2022. Severo é uma espécie de arquivo vivo dos negros sergipanos e conviveu por um certo tempo com a lôxa Lourdes, tendo frequentado o nagô no seu tempo e realizando visitas ao nagô até hoje. Seu Severo é respeitadíssimo entre os nagôs, goza de deferência dentro da comunidade. [170]

Seu Severo D'Acelino, não conviveu com Mãe Bilina. A viu algumas vezes, quando ainda era uma criança. Suas memórias são fruto daquilo que ouviu dos seus mais velhos, da sua família que na década de 1970, frequentava a cidade de Laranjeiras, tendo uma proximidade especial com Seu Alexandre, babalorixá dos Filhos de Obá. Seu Severo possui algumas diferenças com Dona Lourdes Santos, as quais estarão expostas em seus relatos que se encontram logo abaixo.

> Severo: [...] então quando eu falo a respeito de Dona Umbelina, quando ela ficava irritada, ela era dominadora. Umbelina foi extremamente dominadora, para ter exatamente essa fama, para ter o controle, para ter exatamente o poder de disciplinar o pessoal dela que até hoje tá aí. Porque é a mais importante organização, a mais importante irmandade que se tem notícia aqui em Sergipe. Que eu refuto. Porque ela colocou o pessoal dela de uma disciplina tão ferrenha, eu não conheço nenhuma é... nenhuma entidade, nenhum grupo religioso que tenha a sua relação com a... como é que se diz? Essa mesma relação que tem com a Igreja, desse claustro, desse negócio das freiras de se manter virgem, tá entendendo? A religião de matriz africana eu não conheço nenhuma. E no entanto, aí Umbelina, cravou isso. As lôxas – "Aqui a sucessão tem que ser mulher" – Na casa dela não tem patrão, quem manda é lôxa tá? Você vai no Bugio tem um menino que é Tonho, o pai de santo lá... mas me parece que o fato dele ser o pai de santo, sei lá, o que esteja na frente, deve ter a lôxa, e que é a menina que está substituindo, a sucessora de Dona Lourde. Então ela é lôxa de todas as casas. Me parece que são cinco casa da irmandade, tá? E os demais podem ter os patrões que estão por ali, comandar pelo olho. Mas quem dá a última palavra é a menina, que eu esqueci o nome dela agora.
>
> Maria da Conceição: Barbara.
>
> Severo: Barbara! Antes era Dona Lourde, né? Então Dona Lourde criou Barbara, tá? Dentro dessa, desse pensamento da pureza. Então quando, eu acredito que quando Beatriz Góis Dantas escreveu aquele livro, sobre a pureza racial, a pureza nagô, tá?

[170] Estive presente na festa do Corte do Inhame em setembro de 2022, quando o Dr. Severo D'Acelino também se fez presente. Em dado momento do festejo, na roda dos homens, Seu Severo se levantou para dançar para os orixás. Fiquei surpresa ao ver a lôxa se levantar e junto com ela todos os outros membros da irmandade. Até aquele dia, só havia presenciado essa deferência sendo realizada para a própria lôxa, para o patrão do nagô e para o beg do terreiro de São José, Tonhô. É um sinal de grande respeito, que não é realizado nem mesmo para a iaquequerê da casa.

> Eu acho que ela está se referindo a parte sexual, à parte do corpo [...] Então quando diz "Copacabana, ainda não morreu. Na rua da palha[171], quem manda sou eu". Era o brado de Umbelina! Lá em Laranjeiras, ela batia o pé na terra, e ai daquele que dissesse não. Olhe, eu vi, conheci Dona Lourde e Zé Sobral. Bastava um olhar de Dona Lourde pra Zé Sobral encolher.
>
> Maria da Conceição: Quem era Zé Sobral?
>
> Severo: O prefeito de Laranjeira. E dona Lourde trabalhava lá, na prefeitura. Aonde? Fazendo cafezinho. Ela falava com os olhos e com os lábios. Quando ela tossia, com a boca com o canto, já sabia o que vinha por ali. Era temida por todo mundo que entrava ali na prefeitura. E Dona Lourde é a cópia de Umbelina. E então, eu passei muito tempo lá em Laranjeiras para que Dona Lourdes abrisse a fala pra mim. Tá?
>
> Maria da Conceição: Reservada?
>
> Severo: Muito reservada. Mas não era que se escondia, não. Era simplesmente que ela não lhe via, não dava pela sua presença. Você aqui, ela aqui. Mas você não existia. Ela lhe isolava.[172]

Severo D'Acelino, coloca Umbelina como a criadora da disciplina nagô existente em Laranjeiras e defende que essa prática é influenciada pela Igreja Católica, não sendo, portanto, uma prática africana. Creio que essa questão rende bastante discussões, pois envolve muitas questões, entre elas a questão da virgindade exigida às lôxas. Não discutirei o valor dessa exigência, a validade ou não, o quão africana é ou não essa prática. Nós já sabemos que as formas de reinvenção da África são múltiplas. Nós já sabemos disso. É disso que também se trata Vovó Nagô, quando descobrimos que aquilo que é considerado "pureza nagô" é diferente para grupos étnicos distintos, só para citar uma obra mais próxima da nossa realidade.

No entanto, historiograficamente, não existem registros de quando teria nascido a prática nagô, da exigência da virgindade para o exercício da liderança feminina dentro da irmandade. Obviamente é defendido por alguns que teria se originado com Bilina, por ela ter sido a primeira lôxa. Mas não temos conhecimento se é uma questão imposta por ela mesma. Sabemos que antes dela, teria havido uma outra lôxa, Ta Joaquina, sobre a qual falamos em capítulos anteriores. Ela sendo sacerdotisa de Xapanã, era virgem e lôxa. Por isso adotou Alexandre como seu filho, pela impossibilidade de gerar descendentes (AGUIAR, 2002). Este é um indício que nos alerta para a possibilidade de ser uma prática anterior à escolha de mãe Bilina como lôxa.

Dona Birunqué, por exemplo, também exerceu funções importantes entre os nagôs de Laranjeiras e era viúva, sem ter tido um outro companheiro, ao menos que tenhamos

[171] Seu Severo se confundiu neste momento e em outros ao longo da entrevista. O nome da rua é rua da Alegria ou rua da Cacimba, agora denominada Rua Umbelina Araujo.
[172] Trecho de entrevista concedida por Severo D'Acelino em Aracaju, Sergipe, no dia 18/01/2022.

conhecimento. Apesar de não ser virgem, passou bastante tempo sem ter relações sexuais. Carolina, por sua vez, assumiu os cuidados com os santos de sua família, depois do falecimento de sua mãe, em idade madura, o que significa que possivelmente, já não tinha relações sexuais. Creio portanto, que a tradição do sexo como um tabu entre as mulheres, ao menos, é antiga entre os nagôs. Possivelmente, a ascensão das mulheres dentro da comunidade nagô em Laranjeiras, esteja ligada justamente ao fato de serem as mulheres as mais propensas, as mais dispostas a seguirem a abstinência sexual necessária para os rituais de culto aos africanos e seus orixás.

Em Torres (2012), vemos a opinião expressa dos nagôs acerca das lideranças femininas e sobre a questão da virgindade. É a vontade do Pai da Costa, a divindade maior da irmandade. Creio ser uma postura colonialista, essa de, diante da narrativa do próprio grupo, outros que estão fora, quererem impor a sua visão sobre os fatos e verdades, da própria comunidade.

De repente alguns, do alto de suas titulações, se sintam no direito de olhar interpretar e desdizer aqueles que são. Quando os pesquisadores, doutores e afins não o são. É possível que de um certo modo, socialmente, seja mais valorizada a verdade/narrativa acadêmica. Mas também é uma realidade, que os colonizadores oprimiam os colonizados, pois possuíam os mecanismos, o aparato do Estado Colonial ao seu dispor. As verdades coloniais se tornaram verdades absolutas, não por serem as mais fiéis aos fatos, mas por terem os mecanismos necessários para serem impostas.

As narrativas dos nagôs em Laranjeiras precisam ser respeitadas. Assim como o de outros povos que são pesquisados, muitas vezes ostensivamente. E como contrapartida não recebem nem mesmo o respeito por suas narrativas, por sua história. Retornando para o trecho da entrevista de Seu Severo D'Acelino, em determinado momento ele diz que Dona Lourdes era a cópia de Mãe Bilina. Dona Lourdes foi acolhida por Mãe Bilina em sua casa a partir dos 5 anos de idade, permanecendo com ela até a fase adulta, quando por desentendimentos com Pastora, teria se mudado para a casa de parentes em Aracaju. Deste modo é possível que Lourdes se parecesse bastante com Mãe Bilina, já que ela exerceu em sua vida, a função materna. Segundo este ponto de vista, teria Mãe Bilina uma presença que exalava autoridade e inspirava temor. Falando por meio de olhares, por meio do seu corpo. Tal narrativa entra em conflito com todas as descrições sobre Mãe Bilina colhidas nesta pesquisa. O que enfraquece a sua legitimidade.

Dando continuidade ao relato de sua experiência com Mãe Bilina, me revelou sobre os seus encontros com Mãe Bilina.

> Maria da Conceição: Então o senhor... conviveu mais com Dona Lourdes. Mas o senhor chegou a conhecer Dona Bilina?
>
> Severo: Conheci, mas nunca cheguei perto dela.
>
> Maria da Conceição: Nunca chegou perto, né? Só via de longe?
>
> Severo: Só via e sentia exatamente o baque que ela provocava, tá?
>
> Maria da Conceição: Tinha uma energia muito forte?
>
> Severo: Muito forte um distanciamento. A gente ficava distanciado das pessoas, e com medo e essa coisa mostrava exatamente a expectativa que a gente tinha sobre essa pessoa estava naquele poder. Um poder, muito forte que provocava aquele distanciamento.
>
> Maria da Conceição: O senhor tinha mais ou menos quantos anos na época?
>
> Severo: Olha, eu saia do jardim de infância. Tinha uns trem que a gente saia daqui ia pra Laranjeiras, as festa lá em Laranjeiras. E aqui em Aracaju a gente ouvia, tá? As conversas dos mais velho essa coisa toda. E sempre quando tinha festa lá em Laranjeira chegava aqui em Aracaju se falava em Umbelina. Lá na casa de Alexandre, ninguém falava, né?
>
> Maria da Conceição: O senhor frequentava mais a casa de...
>
> Severo: De Alexandre. Mas a gente saia, ia andar na cidade. Ia ali pelas ruas se falava isso. A gente olhava, a gente via a casa de Umbelina, a gente passava por lá, pra ver. E sentia... a gente avistava ela na rua e se escondia. Se escondia, não. Baixava a cabeça então aquela coisa que você faz para usar um capuz invisível. Então você encontra, vê pessoa assim que você não quer falar, que você não quer que a pessoa perceba você, você usa... você se encolhe, para que aquela pessoa não fale com você ... você passou desapercebido da pessoa. [173]

Umbelina, segundo esta narrativa, tinha uma presença que constrangia as pessoas. Inspiravalhes um respeito aterrador. Paralisante. É interessante, pois a narrativa de Seu Severo me recordou algumas narrativas de lideranças afro-religiosas contemporâneas de Mãe Bilina, que diziam ser ela muito poderosa, que ela era africana, que ela desfazia "trabalhos", somente com ervas e orações (DANTAS, 1988). Ao que nos parece, Umbelina era considerada poderosa. Uma africana, que gozava de um respeito ímpar.

> [...] Dona Umbelina não ficava ali somente naquela área doméstica ali, da rua da palha e de dentro de casa, não. O negócio dela era estar ói, andando, investigando e atendendo as comunidades, atendendo as coisa, tá entendo? Era procurada, então de repente alguém ia lá pra reclamar ou pra fazer uma consulta, ou pra pedir um conselho, e de repente ela estava em outros locais e era assim. Não era uma mulher apática não, era uma mulher guerreira, que dava porrada mesmo. Tá entendendo? Não era a toa que as pessoas respeitavam. Não é um respeito sacro, não. É um respeito de temor. Percebe? Então é isso. [...] Mulher de brio, mulher que enfrenta. Tinha o

[173] Trecho de entrevista concedida por Severo D'Acelino em Aracaju, Sergipe, no dia 18/01/2022.

> enfrentamento diário dela, 24 horas por dia e se tivesse mais, mais dia, mais horário, ela estaria lá. Porque era uma mulher que não tinha esse negócio de "Ah eu tô cansada. Agora vou me deitar aqui, vou descansar". Não tinha com ela não [...] a relação que ela tinha com Ti Herculano... Hoje Ti Herculano é conhecido e memorado, por conta de Umbelina. [...] E Ti Herculano tem um abaixamento lá no terreiro dela, e a gente tem que observar "mas porque não o que, ah nagô". Não o abaixamento, tá, que Ti Herculano é uma entidade, Umbelina é uma entidade, eu considero Umbelina uma entidade, tá entendendo? Então se amanhã ou depois alguém disser que Umbelina tá aí baixando nos terreiros ou tá baixando na cabeça de alguém. Pra mim, não é novidade não[...][174]

5.3 – A Afilhada.

Conheci Dona Maria Aparecida Siqueira em janeiro de 2022, no festejo da casa de Ti Herculano nos sentamos próximas ao longo da festa, e ao final perguntei se ela me daria uma entrevista para a minha pesquisa. Ela me recebeu em março, na antiga rua do Cangaleixo, na casa de uma amiga, onde estava hospedada em Laranjeiras. Aparecida tem cerca de 70 anos de idade, é professora aposentada, filha de Zé Candunga e afilhada de Mãe Bilina. Seu pai, Zé Candunga, de nome José Borges Lacerda, foi um importante animador cultural na cidade de Laranjeiras, patrono da casa do Folclore da cidade, que carrega o seu nome. Por volta dos seus 6 ou 7 anos, foi consagrada à Nossa Senhora, por meio do amadrinhamento de Dona Umbelina.

> Dona Aparecida: A minha mãe de criação chamava-se Livia Sales Monteiro. A minha mãe verdadeira chamava-se Maria Merentina Teles. Falecera me deixando com quatro meses de idade e entregue a Dona Livia Sales Monteiro, que se de certa forma me entregou a Bilina para que ela fosse a minha madrinha de consagração, porque alguma afinidade tinha. Embora eu não possa lhe afirmar que as taieiras ou que a minha mãe tivesse acesso a casa de Bilina, mas ainda criança, em alguns festejos eu podia dar, dava algumas escapuladinhas lá [...] pra poder ver o que é que tava acontecendo. Não que permanecesse por muito tempo, pelo tempo que lá chegava, era por ela acolhida que no momento da celebração, como você pôde ver, me recebia, me abençoava e eu voltava pra o meu canto. A minha convivência com ela só foi essa, não era frequente não. Era lá uma vez ou outra, quando tinha festa e também porque eu não entendia de nada, né? Do festejo [...] [175]

Dona Aparecida fazia parte da gama de pessoas que assistiam os festejos nagôs, sem participar da irmandade, na casa da lôxa. Na década de 1970, os festejos eram realizados na porta da casa da lôxa, portanto os transeuntes tinham fácil acesso ao mesmo. O que incentivava a participação das pessoas de fora do nagô. Como era o caso de Dona Aparecida e sua mãe.

Após o falecimento de sua segunda mãe, Dona Aparecida se mudou, aos 16 anos, para a cidade de Aracaju, onde cursou o curso Normal, se tornando assim professora. Posteriormente ingressou em uma congregação religiosa, na qual fez seus votos e se tornou freira, se dedicando

[174] Trecho de entrevista concedida por Severo D'Acelino em Aracaju, Sergipe, no dia 18/01/2022.e
[175] Trecho de entrevista concedida por Maria Aparecida Siqueira, em Laranjeiras, Sergipe, no dia 03/03/2022.

ao serviço missionário. Por isto se afastou da cidade de Laranjeiras por décadas, estando longe da cidade na ocasião da morte de Mãe Bilina e de seu pai, Zé Candunga.

Dona Aparecida se desligou da congregação religiosa, trabalhou como professora na Bahia e quando se aposentou retornou para Sergipe. Ao retornar, sentiu o desejo de procurar a irmandade de Santa Bárbara Virgem, que na época já estava sendo liderada por Dona Barbara Cristina. Passou a frequentar os festejos do nagô e em 2018 foi batizada.

> Dona Aparecida: [...] Mas eu quero te dizer o seguinte, que em nenhum momento eu esqueci, de ela existia na minha vida. Passaram-se os anos, passaram-se os anos. Até que em 2014 ela já não existia mais, quando ela faleceu eu não estava aqui, eu perguntando as meninas sobre a Irmandade, quem era que continuava sucedendo ela. Foi quando fora indicada Bárbara e eu pude me aproximar de Bárbara. Chegar lá, dizer quem eu sou, quem eu fui na vida de Bilina, quem era Bilina na minha vida. Embora eu não estava lá todo dia, mas na minha vida ela estava. E aí eu comecei a sempre vir, sempre vir aqui em Laranjeiras, com Barbara né? E todas as vezes que eu vinha, eu ia lá. E coincidiu que todas as vezes que eu vinha e tinha festa eu ia, até que vesti o branco né? E quando foi em 2018 eu fui confirmada, filha de santo de Barbara e membro da irmandade onde você me encontrou naquele dia [...]
>
> Maria da Conceição: A senhora acha assim, que ela influenciou de alguma forma a sua entrada na irmandade?
>
> Dona Aparecida: Eu creio porque sempre que eu vinha aqui a Laranjeiras, eu tinha vontade de procurar. Mas deixava pra lá, deixava pra lá. Até que um dia, por intermédio de uma outra pessoa que queria ver Barbara, porque tinha sido orientada por Dona Alaíde, que foi a sucessora praticamente de Bilina, ficou no lugar até que se consolidasse quem era que ia ficar. Essa pessoa era Dona Alaíde eu só não sei dizer o nome dela todo. Essa pessoa queria conhecer Barbara. Eu com essa pessoa recorri a uma das meninas aqui, que é amicíssima de Barbara aqui e fui até lá. Perguntei quando era que tinha festejo e que dia que eu podia ir. O próximo festejo que tivesse, que eu fosse. Aí eu comecei a ir na época dos festejos, sabe? E lá eu senti, que... é, como é que se diz? Senti as benesses e recebi as benesses. [176]

Mãe Bilina é descrita por Dona Aparecida, como uma católica fervorosa, alguém muito respeitada, diante da qual, até o pároco da cidade se comportava com reverência. Uma mulher reservada, nada expansiva. Que falava baixo e com a qual, segundo Dona Aparecida, a atual lôxa se parece bastante. Uma pessoa sábia e carinhosa, que na ausência de sua segunda mãe, sempre a acolhia com um abraço acolhedor e maternal.

> Maria da Conceição: Como é que era Dona Bilina como madrinha?
>
> Dona Aparecida: Como madrinha?
>
> Maria da Conceição: É, como é que ela acolhia a senhora, como é que ela se comportava?
>
> Dona Aparecida: Afetuosamente, afetuosamente. Com um abraço (emocionada). Afetuosamente, com um abraço bem de mãe (com voz embargada). Certo?
>
> Maria da Conceição: Bonito.

[176] Trecho de entrevista concedida por Maria Aparecida Siqueira, em Laranjeiras, Sergipe, no dia 03/03/2022.

> Dona Maria Aparecida: E todas as vezes que eu a encontrava, eu me dirigia a ela pra pedir a bênção, ela me abraçava e acolhia. Com certeza para me fazer ver que mesmo, já sem o segundo laço materno, desfeito, porque a minha mãe morreu, a segunda. Porque madrinha é mãe né? A segunda mãe.[177]

Sendo filha de Zé Candunga, antigo articulador da cidade de Laranjeiras, Dona Aparecida me contou sobre a relação entre Mãe Bilina e Zé Candunga. Dita como cordial, apesar de Umbelina, jamais se misturar com ele, que era pai de santo de um terreiro de Umbanda, realizando festas fluviais em seu terreiro, descritas como belíssimas. Apesar de manter boas relações com Mãe Bilina, Zé Candunga e o Babá Alexandre, possuíam uma relação de disputa, de rivalidade.

> Maria da Conceição: Mas ele e Mãe Bilina tinha ligação? Se davam bem, como é que era?
>
> Dona Aparecida: Sim, sim, sim.
>
> Marielze: Dona Bilina era a madrinha dela!
>
> Dona Aparecida: Aí, tá vendo? Se davam muito bem. Ele sempre foi de paz. Só tinha um líder religioso aqui, que era o Alexandre, da casa dos Filhos de Obá, que era liderança dos Filhos de Obá, que tinha assim uma certa, não sei com ele sabe? Coisa de... aquela parte humana de competição, vamos dizer assim. Sabe? Mas em relação à Bilina, sempre em comunhão. Só que ele, da parte dele, sem misturar. Porque lá, é nagô puro. Certo? Sem, contudo, desmerecer o lado dele que faz parte da matriz africana, mas voltado pro candomblé, né? [...]
>
> Maria da Conceição: Mas dentro de casa ele falava muito sobre cultura?
>
> Dona Aparecida: Meu pai? Meu pai era pura alegria. Ele não permitia que nenhum final de semana aqui em Laranjeiras não tivesse alguma coisa que fosse alegrar as pessoas.
>
> Maria da Conceição: Todo final de semana?
>
> Dona Aparecida: De vez em quando ele fazia.
>
> Maria da Conceição: Ele era descendente de africano, como era?
>
> Dona Aparecida e Marielze: Não!
>
> Maria da Conceição: Branco era?
>
> Dona Aparecida: branco. Aí saia, juntava as pessoas e saia pela rua. E o som tocando e pronto. Ele tinha as festas religiosas, quando eu criança, na casa da minha mãe era ele mandava me buscar, pra ir ficar com ele né? Era meu pai. "Tem festejo na casa de seu pai, seu pai vai mandar lhe buscar", pronto. Maior tristeza da minha vida, eu não gostava de ir.
>
> Maria da Conceição: E era?
>
> Dona Aparecida: "Eu não gosto de ir pra lá".
>
> Marielze: Olhe, ele descia de canoa.
>
> Dona Aparecida: De saveiro. Você sabe o que é saveiro, não sabe?

[177] Trecho de entrevista concedida por Maria Aparecida Siqueira, em Laranjeiras, Sergipe, no dia 03/03/2022.

> Marielze: Descia. Quando ele vinha...
>
> Dona Aparecida: Pelo rio. Rio Cotinguiba acima.
>
> Marielze: A rua aí tudo ficava cheio, esperando ele com a equipe, com as pessoas batendo e cantando. Era tudo negro. Gente...
>
> Dona Aparecida: Era irmandade dele, vamos dizer assim...
>
> Marielze: Com aquelas coisas assim, as lâmpadas tudo acesa.
>
> Dona Aparecida: Sabe umas lanternas? Que tem de papel de seda, que dentro bota uma vela?
>
> Maria da Conceição: Sim.
>
> Dona Aparecida: Então os saveiros nera Marielze?
>
> Marielze: Sim, era bonito viu?
>
> Dona Aparecida: Tinha dois saveiros. Em um desses saveiros vinha os filhos de santo com as lanternas de velas, uma estrela enorme e tocando de lá, depois daquela ponte que a gente vai pra Aracaju, de lá pra cá, vinham. E iam até uma ponte que tem aqui, chamada ponte dos caianos, fazia a volta e voltavam pra casa dele onde tinha um barracão das festas, sabe?
>
> Marielze: Mas o que enchia de gente nas margens. A ponte ficava... só pra ver. Porque era bonito, né?
>
> Dona Aparecida: Era. [178]

Quando ouvimos o relato de Dona Aparecida, percebemos como ela destaca o seu desconforto diante dos rituais da Umbanda praticados por seu pai. Talvez oriundos do estranhamento que porventura ela tivesse com ele, visto que não foi educada pelo mesmo, tendo sido dada a uma outra mulher, na ocasião do falecimento de sua mãe. Em seu discurso, Dona Aparecida insiste em dizer que mesmo sendo filha de Zé Candunga, que tinha um terreiro de Umbanda em casa, ela nunca quis praticar a umbanda, ao contrário dos sentimentos que tinha com relação ao nagô, com o qual sempre simpatizou. Especialmente pela forma com a qual enxergava e enxerga a sua madrinha Bilina,

> O que eu posso lhe dizer sobre Bilina, é sobre todo esse carisma, esse dom, que Deus concedera a ela, de ser aquela mãezona. Que mesmo que, não falasse nada pra você, a sua, a receptividade, a acolhida, a vinda, já era considerada uma bênção, pra você. Sempre em função do bem. Do bem querer, do bem ser, do bem ter. De tudo quanto é sagrado, de bênçãos. Pra vida da pessoa. [179]

[178] Trecho de entrevista concedida por Maria Aparecida Siqueira, em Laranjeiras, Sergipe, no dia 03/03/2022.
[179] Trecho de entrevista concedida por Maria Aparecida Siqueira, em Laranjeiras, Sergipe, no dia 03/03/2022.

5.4 – Dió[180]: "Eu nunca esqueci de Bilina".

Conheci Dona Maria Deolinda de Jesus em janeiro de 2022, no festejo da Casa de Ti Herculano. Estava lá ela e sua irmã Marizete, que me foram indicadas como pessoas que poderiam me falar bastante sobre Mãe Bilina. Entrei em contato, primeiramente, com a sua irmã mais nova, que fez a ponte entre nós duas. Dona Deolinda é a filha mais velha do antigo patrão do nagô, seu Zé Maria, e quando nos conhecemos, tinha cerca de 61 anos de idade, era contadora aposentada.

Nos encontramos na casa da família em Aracaju, no Bairro Suíça, no dia 11 de março de 2022. Foi uma entrevista longa, onde Dona Deolinda falou despreocupadamente sobre a sua própria história, a história da sua família e da irmandade de Santa Bárbara Virgem. Ao final, me ofereceu um almoço e não posso deixar de dizer que quando a vi pela primeira vez, achei que ela se parecia muito com uma das minhas tias mais velhas.

A família de Dona Deolinda era muito próxima à mãe Bilina. No tempo dela contaram com um patrão, com o primeiro ogan e várias mulheres que tinham funções muito importantes na irmandade. A exemplo de Alaíde, que foi escolhida como sucessora de Umbelina. Uma certa vez, em uma das festas do nagô, uma das integrantes da família me disse que mãe Bilina gostava tanto do seu patrão, o Sr. José Joaquim, que uma vez lhe deu um terreno em Laranjeiras. De fato, a amizade e o carinho dos mais velhos destas senhoras, influenciaram bastante na visão que elas tem sobre Mãe Bilina, que entre elas goza do status de "santa".

> Maria da Conceição: E como era Mãe Bilina, a senhora lembra como ela era?
>
> Dona Deolinda: Ela era uma africana, era descendente de africana, né? Ela era bem preta, entendeu? Não era nem alta e nem baixa. Nem alta e nem baixa. Você não tem foto dela não, é?
>
> Maria da Conceição: Já vi já, foto...
>
> Dona Deolinda: Então...
>
> Maria da Conceição: Eu tô perguntando como ela era, o jeito dela...
>
> Dona Deolinda: Eu não tinha assim, aquela intimidade com ela não. Naquela época mil novecentos e sessenta e pouco, era a pessoa tinha que ter o quê? Respeito com os mais velho [...] Chegava dava a bênção a ela, tudo direitinho né? Ia ficar no meu cantinho com meu irmão e minha mãe, entendeu? Mas era uma pessoa excelente, maravilhosamente. Recebia o povo bem, todo mundo respeitava ela, de padre tudo. Teve uma época que papai disse, e minha mãe, que os candomblé, né? Na época de Getúlio, não foi Getúlio? Foi, como é? Não podia tocar em canto nenhum né? Foi na época do tenente Maynard, lá em Laranjeiras. O único candomblé, candomblé nagô que tocava era o de Bilina. Mais ninguém. Os outro tava tocando quando via – "Ôpa, vem polícia!" – Aí batiam palma, mas ele, ele nunca empatou Bilina, como é? Festejar

[180] Apelido com o qual, carinhosamente Deolinda Maria de Jesus era chamada pelos integrantes do nagô.

> [...] Tinha que parece o padre Philadelpho que gostava muito, todas as pessoa que conheceram Bilina, amava. Se você quiser saber assim, de alguma coisa, você conhece a professora Beatriz Gois Santos? [181]
>
> Maria da Conceição: Conheço.
>
> Dona Deolinda: Então. Ela fez um livro da finada Bilina. Vovó Nagô e Papai Branco. Cê tem, né?
>
> Eu: Já tenho.
>
> Dona Deolinda: Cê vê lá tudo as coisa que ela botou. Como eu lhe disse, tinha até Mirinda, não... Corina, na linguagem delas ela não queria mais Corina, me esqueci o nome da que morava aqui. Não queria mais ela, que ela saiu [...] E assim foi vendo. Todo mundo gostava dela, era uma pessoa queridíssima. Uma vez ela veio aqui pra exposição, minha fia, foi gente, gente na exposição, pra ver Bilina cantar, tocar. Foram três tambor e três cabaça. Mas foi gente, viu. Assim, ói... toda vez que eu passo na exposição eu me lembro. Mamãe me botou... – "Chega mamãe!" – Mamãe fazia as minhas vontade, né? Me botou no braço e eu olhando. Gente, viu. Gente mesmo. Eu nunca esqueci de Bilina, e muita gente que, como é? Que na época, conheceu ela, fala muito bem dela. Nunca ouvi ninguém dizer "Ah", não. Se você chegasse, se fosse lá, quando você chegasse na porta, ela já sabia o que você tinha. Ela tinha um quarto das ervas, aí ela pegava as ervas pra dar a você. Nunca, nunca eu esqueci dela. Ajudava muita gente. Mesmo depois de morta, ajudava muita gente. E ajuda ainda. A catatumba dela tá lá, ninguém mexe. Não é pra abrir de jeito nenhum. Tá do mesmo jeito. Se ela fosse católica, né? Ia até canonizar, mas como era macumbeira, né? (risos nossos). Né não, é? Né não? Aí Irmã Dulce. Como ela era macumbeira, então tá lá. De vez em quando... agora não, que eu deixei mais depois que minha mãe morreu. Minha mãe morreu, eu saí mais do cemitério, mas de vez em quando eu ia lá na cova dela.[182]

Mãe Bilina se apresentava também, com o nagô para além das apresentações com as taieiras. Estas memórias de Dona Deolinda, remontam à sua infância, quando ela integrava a irmandade, e assim como Dona Cisa, dançava na roda das virgens, em meados da década de 1960. A participação de Dona Deolinda no nagô, foi interrompida na década de 1970, nos últimos anos de vida de Mãe Bilina, por causa de um desentendimento entre Mãe Bilina e Seu Zé Maria, o que teria feito com que ele passasse mais de 10 anos afastado do nagô. Mas mesmo tendo se desligado do nagô, Mãe Bilina ainda o visitava em sua casa, em Aracaju, no bairro Suíça.

> Maria da Conceição: Mas o que é que seus pais diziam sobre Mãe Bilina? Seu pai Zé Maria, sua mãe
>
> Dona Deolinda: [...] Mamãe gostava muito, muito, muito dela. Conversava... quando tava no nagô, conversava muito com ela. E ela era assim, ela era um aloxa, a finada Bilina, que ela sempre, me lembro como hoje, ela tinha um xale. Esse xale, até algum tempo eu vi, mas já acabou, né? De muitos anos. Ela botava nas costas, e vinha fazer as visita, aqui ao pessoal...
>
> Maria da Conceição: Ela vinha aqui, nessa rua?!
>
> Dona Deolinda: Vinha fazer visita aqui a papai[...] E passando essa casa, na outra casa, ela do meu tio, meu tio Tales. E ela também fazia visita. Sempre, sempre fazia. De vez em quando ela vinha. Vinha com o xale, toda coisa. Era meio forte, meio forte, né? Sempre vinha fazer a visita. Fazer visita aqui, ia lá pra também lá... na casa do

[181] Dona Deolinda confundiu o nome da professora Beatriz Góis Dantas.
[182] Excerto de entrevista concedida por Deolinda Maria de Jesus, em Aracaju, no dia 11/03/2022.

> meu tio Domingos, mas meu tio Domingos já era falecido. Mas tinha a minha tia Sinhá. Visitava, na rua de Nossa Senhora das Dores, lá perto da caixa d'água, também fazia visita. Ela nunca deixou, abandonou ninguém não. Nunca [...] Minha mãe, tinha um problema de saúde, que tinha varizes nas pernas, aí ficou internada no Hospital Cirurgia, só que minha mãe era muito apegada a gente. Então teve uma criança, quase da minha idade na época, que se apegou à mamãe, aí ficou – "ói Dona Conceição, eu vou morrer, Dona Conceição" – Pronto. E nisso mesmo a menina morreu. Ficou tão impressionada, pronto. Deolinda vai morrer também. Aí os medicamento, que as veze as enfermeira, pegava dava tudo misturado, né? Ela com a impressão, endoidou, ficou doida. Aí teve que tirar ela, me lembro como hoje, botou pra aqui. Aí papai foi lá na casa da finada Bilina, aí ela disse – "ói Zé Maria, não é feitiço nem nada não. É doença, pode internar ela." – Ele internou ela, também foi a última vez, a primeira e última vez. Era doença mesmo. Já era descendência das complicação que ela tinha com a família dela [...] Com a família do pai dela. Pronto, mamãe conversava muito com ela. Aí, ela dizia – "ói cumadinha" – chamava mamãe de cumadinha. – "Eu cuido de Zé Maria e seu pai que era macumbeiro, também, cuida de você" – Era assim. Mamãe falava muito bem dela. Muito, muito mesmo [...] Só isso. Muito boa, mesmo. Ave Maria, me lembro dela, Ave Maria, como uma santa. [...] Doutor, o falecido Hercilio Cruz, que tinha aquela casa Santa Maria, ali... Era muito querido dela, gostava muito dela. Ele e a esposa, da finada Bilina.
>
> Maria da Conceição: Era médico, era? Doutor...
>
> Dona Deolinda: Era psiquiatra. O hospital Santa Maria, de doido [...] Aqui na rua de... Tá desativado. Ele já morreu. Ele e Dona Iolanda. Hercilio Cruz. Era muito famoso, ele. O hospital dele, Hospital Santa Maria. Hospital Santa Maria, na rua do Espírito Santo, pra cá pro Siqueira, entendeu? Na descida... Muita gente, muita gente mesmo. Gostava muito mesmo de Bilina. Não tinha uma pessoa que dizia assim... todo mundo gostava de Bilina. Todos.
>
> Maria da Conceição: Mas ela vinha aqui antes do seu pai se afastar, nera? Ou quando ele tava afastado ela vinha mesmo assim?
>
> Dona Deolinda: [...] ela veio aqui depois que papai se afastou, ela veio ainda [...] Depois ela começou a ficar doente... aí ficava em casa [183].

Neste trecho podemos observar o reconhecimento que o cuidado que Bilina tinha com as pessoas, como uma mãe. A lôxa, mãe que visita, que cuida, do espírito e da mente das pessoas. Uma pessoa que acolhe e ampara. Que visita, mesmo em meio às cisões. E que possuía conexões sociais muito interessantes, como a relação com o médico Hercílio Cruz. Possivelmente as conexões com as classes mais abastadas, fosse uma ferramenta para ajudar seus filhos de santo socialmente mais vulneráveis.

Sabemos por meio de Dantas (1972), que ela utilizava essas conexões para manter a Taieira. Soubemos também por meio de entrevista realizada em 1972, que Mãe Bilina foi vizinha dos Rollemberg, na infância. O que posteriormente a contemplou de alguma maneira. Provavelmente deve ser este um dos motivos pelos quais o seu terreiro não tenha sido perseguido. Mãe Bilina era estimada. E utilizava dessa estima, desse respeito, para angariar benefícios para a sua comunidade.

[183] Excerto de entrevista concedida por Deolinda Maria de Jesus, em Aracaju, no dia 11/03/2022.

> Quem não gosta da finada Bilina? Só quem tem inveja dela. Quem não gostava da finada Bilina, quem era? Que tinha meio coisa... quando tinha nagô, ninguém saia, e nem podia comer nada fora de, como é? Da casa. Porque ela e Alexandre, né? Alexandre (inaudível) então ela tinha medo, do pessoal de Alexandre botar alguma coisa, né? E o pessoal do nagô comer, então ninguém saia, ficava lá. Só isso. Mas dizer que ela assim... só o finado Alexandre, né? Que era... porque cê sabe, macumbeiro, com macumbeiro né? Ele também era descendente de africano ele gostava de fazer malê, né? Depois ele saiu do malê, né? Só isso.[184]

Na contramão do seu discurso, somente neste momento, sobre o lendário Babá do Filhos de Obá, é que Dona Deolinda revela quem são aqueles que não gostavam de Umbelina. Alexandre e seus correligionários.

A questão da rivalidade entre os Filhos de Obá e a Irmandade de Santa Bárbara Virgem se repetiu na oralidade de várias entrevistadas. Infelizmente não apresentamos aqui a contrapartida do Filhos de Obá. Mas recentemente, em visita ao Museu de Cultura Afro-brasileira em Laranjeiras, na sessão sobre o nagô laranjeirense, me mostraram *otás*[185], que segundo relataram, foi doado ao museu pelo terreiro Filhos de Obá. Os *otás* foram identificados como pertencente ao babá Alexandre. Bom, isso é um indício do desejo de dissociação, por parte dos integrantes do Filhos de Obá, da narrativa de um passado que os une aos nagôs de Laranjeiras. Pessoas/culto com o qual eles não querem ser associados.

Figura 12 - Otás doados pelo Terreiro Filhos de Obá, para o Muse de Cultura Afro-brasileiro de Laranjeiras.
Foto: Selton Oliveira Xavier.

[184] Excerto de entrevista concedida por Deolinda Maria de Jesus, em Aracaju, no dia 11/03/2022.
[185] Pedras nas quais residem os orixás.

5.5 – A professora Beatriz.

A professora Beatriz Góis Dantas participou remotamente da nossa pesquisa. Ao longo dos 2 anos de pesquisa, foram muitos os e-mails trocados e muitas mensagens de *WhatsApp*, nas quais de maneira tocante, a professora Beatriz sempre perguntava como andava a minha pesquisa. As contribuições foram muitas, imprescindíveis. De uma preocupação zelosa e generosa. Mas em uma das primeiras conversas, me perguntou se eu sou vinculada a algum terreiro, a qual eu educadamente respondi "Não, sou católica". Em setembro de 2022, muito prestativamente respondeu algumas perguntas que foram enviadas por e-mail.

> Maria da Conceição: Quem foi Umbelina Araújo segundo a sua perspectiva?
> Beatriz: Foi uma das mais afamadas chefes de culto afro-brasileiro de Sergipe, que atuou na cidade de Laranjeiras entre a primeira década do século XX e 1974, ano de sua morte [...]
> Maria da Conceição: Conhecer Umbelina Araújo transformou, de alguma maneira, a sua trajetória?
> Beatriz: Sem dúvida alguma. Não só a minha trajetória acadêmica, permitindo-me fazer trabalhos que tiveram boa aceitação entre os intelectuais e me deram visibilidade no plano externo, mas também me permitindo divulgar importantes aspectos da cultura sergipana. Nós nos afinamos muito no campo da pesquisa. Ela sugeriu que eu estudasse o Nagô como eu já fizera com a Taieira. Parece ter percebido a importância do patrimônio cultural de que era portadora e guardiã, confiou em mim e me deu acesso ao seu mundo que procurei estudar e divulgar respeitando os limites da ética na ciência e na relação construída com as pessoas que pesquisava. Bilina me fez crescer como pesquisadora e também como pessoa, com seu exemplo de dignidade e seriedade. Além de uma boa informante, tornou-se grande amiga[186].

Mais do que sua amiga, Mãe Bilina também quis ser lôxa de Beatriz Góis Dantas, como é possível perceber em "Vovó Nagô e Papai Branco" (1988). Destacada por todos os entrevistados, Beatriz se tornou canal, para a nacionalização, e até mesmo internacionalização de Mãe Bilina e de sua irmandade. Uma das conexões sociais mais importantes de Umbelina, que junto com a professora Beatriz, nos propiciaram estarmos aqui hoje, realizando esta pesquisa.

Mesmo tendo se aproximado bastante de Beatriz Góis Dantas, e a ela revelado vários segredos do nagô, Bilina tinha os seus limites na relação com a professora. Junto com a entrevista que me concedeu, também me enviou a transcrição da entrevista de Mãe Bilina em 1972, na qual é possível observar claramente, que existiam informações que não deveriam ser compartilhadas com a professora, pois ela não era uma nagô.

> **Bilina –** É porque esse negócio da África é um segredo; é um particular que não é pra todo mundo.

[186] Entrevista concedida por Beatriz Góis Dantas, em 29/09/2022.

> **Preta –** A senhora se batiza com um, depois outro quer, a senhora, vai; outro quer, vai.
>
> **Bilina –** É que é um particular que não é pra todo mundo não. *[nota-se certo tom de reprovação para a Preta]*
>
> **Preta –** Não, eu tô dizendo que se ele simpatizar a pessoa é, né?
>
> **Bilina –** É. Por ex. a senhora dança. A senhora dança agora e senhora não sabe qual é algum que lhe acompanha, que gosta da senhora A senhora gosta, não sabe. Como tem muitos aí, que tem algum que acompanha e não sabe.
>
> **Pastora –** Todo mundo tem seu santo que acompanha, é?
>
> **Bilina –** É.[187]

"Esse negocio da África é um segredo". Importante. Até hoje, ao chegarmos no nagô, é difícil conseguirmos informações dos integrantes. Eles possuem uma hierarquia muito forte, construída na base do respeito à sua lôxa e a sua iaquequerê. O controle sobre o que pode ou não ser dito é rígido. E deve ser respeitado.

Uma vez me disseram que seria mais fácil a minha aceitação entre os nagôs, por eu ser negra. Eu claramente não acreditei. Nós negros muitas vezes temos a nossa existência reduzida a um existencialismo barato e limitante. Mesmo sendo negra, não sou uma nagô. E fui tratada exatamente dentro desses limites, como uma pesquisadora. Até que me dispus a estar com eles, em seus rituais e me dei a conhecer. A partir de então, ganhei alguma simpatia e até amizade de alguns nagôs. Mas não por ser negra, mas sim por ser uma pessoa que buscou conhecer e se deu a conhecer.

Retomando a discussão sobre a entrevista dada à Beatriz Góis Dantas, foi interessante perceber a certa altura, que uma das mulheres, a Preta, que depois descobrimos ser Lourdes, tia de Dona Deolinda e esposa de seu falecido tio Tales (que foi ogan da Irmandade de Santa Bárbara Virgem), riu de Beatriz Góis Dantas, dizendo que nada da sua gravação ficaria gravado, pois os orixás não permitiriam. Então Pastora disse a preta, que Bilina confiava em Beatriz, por isso contava as coisas a ela. Talvez esse seja um dos maiores legados que Beatriz Góis Dantas deixará para a intelectualidade, para os acadêmicos de Sergipe, a confiança que deve ser estabelecida entre os sujeitos e os pesquisadores. Em uma verdadeira relação de colaboração.

Reconheço que o reconhecimento recebido por Beatriz Góis Dantas é superior ao dado à Mãe Bilina, que só está recebendo uma biografia agora. Que tem o seu túmulo até o presente

[187] Trecho de entrevista concedida por Umbelina Araujo, Pastora e Petra a Beatriz Góis Dantas. Laranjeiras, Sergipe, em 10/09/1972.

momento destruído[188]. Mas é necessário reconhecer também, que sem essas obras, a memória e o conhecimento acerca de Umbelina Araujo os seus ancestrais e a sua irmandade, seria praticamente impossível. Ficaria prejudicado o conhecimento sobre os africanos e seus descendentes na cidade de Laranjeiras. Como já diria o ditado popular "Dai a César o que é de César...".

Em determinado momento da entrevista, Beatriz perguntou qual o santo de Mãe Bilina, no que ela, Preta e Pastora responderam,

> **Beatriz -**Qual é o santo da senhora? *[A Preta ri.]*
>
> **Bilina** [*ri de leve e diz]* – meu santo é obeg. É tudo.
>
> **Beatriz –** Todos os santos, é?
>
> **Pastora –** Não tem uns. Obeg. É parte de homem, né?
>
> **Bilina –** É.
>
> **Pastora –** Tem Nanã.
>
> **Bilina –** Tem a parte de homem e de mulher.
>
> **Beatriz –** Tem a parte de homem e de mulher...
>
> **Bilina –** Tem Nanã e Omulu *[ao pronunciar o nome ela se benze]*.
>
> **Beatriz –** Na parte de mulher são 2?
>
> **Preta –** Que nada, ela tem muitos.
>
> **Beatriz –** Mas aqui é assim? Cada pessoa tem um santo ou não?
>
> **Bilina –** Cada um tem seu santo.
>
> **Pastora –** Não, tem umas que tem 2, 3.
>
> **Bilina –** Essa é de um, essa é de outro.
>
> **Pastora –** Não, mas, quantas aqui tem Iemanjá? Não é uma só.
>
> **Bilina –** Sim porque às vez um ocupa duas. E às vez é um só, mas ocupa dois.
>
> **Pastora –** Agora, Nanã. Tem 2 partes de Nanã. É Nanã Eoá e Nanã Burocô, não é?
>
> **Bilina –** É parte de Nanã é que é três.
>
> **Beatriz –** Agora uma pessoa só pode ter um santo ou pode ter mais de um?
>
> **Pastora –** Pode ter mais, depende.
>
> **Preta –** Depende deles querer. Se eles quiser, tem até três. Assim eles queira.
>
> **Bilina –** É porque esse negócio da África é um segredo; é um particular que não é pra todo mundo.
>
> **Preta –** A senhora se batiza com um, depois outro quer, a senhora, vai; outro quer, vai.
>
> **Bilina –** É que é um particular que não é pra todo mundo não. *[nota-se certo tom de reprovação para a Preta]*
>
> **Preta –** Não, eu tô dizendo que se ele simpatizar a pessoa é, né?

[188] As fotos podem ser visualizadas nos anexos.

> **Bilina –** É. Por ex. a senhora dança. A senhora dança agora e senhora não sabe qual é algum que lhe acompanha, que gosta da senhora A senhora gosta, não sabe. Como tem muitos aí, que tem algum que acompanha e não sabe.
>
> **Pastora –** Todo mundo tem seu santo que acompanha, é?
>
> **Bilina –** É.
>
> **Preta –** Agora, não sabe.[189]

Uma lôxa, tem muitos santos. Ou seja, orixás. Alguns foram citados na entrevista, como Nanã e Omolu. Omolu, por sua vez, um dos primeiros a se revelar, nesta pesquisa. Primeiro porque ele apareceu em sonho a Bilina, quando ela nem mesmo tinha sido confirmada como lôxa, segundo porque em um artigo sobre sua morte, publicado em 1974, no Jornal da Cidade, sua possível dígena, Abaloaê -Agogena- Laicó[190], tem relação com o orixá Obaluaiê. Em "A Taieira" (1972), Góis Dantas revela que Ogun era o santo de guarda de Mãe Bilina, para o qual também era dedicado o folguedo. Mas ao dizer, "todos", faz sentido. Porque como lôxa, cuida de todos. Mas creio que tanto Beatriz quanto eu e talvez até você, queríamos saber quem era o santo dela antes dela se tornar a "mãe" da irmandade. O que infelizmente, não é possível descobrir.

Nos despedimos com uma foto das amigas Beatriz e Bilina, retirada na década de 1970, as quais, tenho certeza que somos gratas por essa jornada até aqui.

Figura 13 - Beatriz Góis Dantas e Umbelina Araújo.
Foto retida do Documentário: "Uma Lufada de Ar Fresco" (2019).

[189] Trecho de entrevista concedida por Umbelina Araujo, Pastora e Preta a Beatriz Góis Dantas. Laranjeiras, Sergipe, em 10/09/1972.
[190] Festa de Cosme e Damião encerram-se hoje. Jornal da Cidade, Aracaju-SE, 1 de outubro de 1974.

CONCLUSÃO

Chegamos ao final da nossa jornada. Ao longo desta dissertação, fizemos um percursso onde aprendemos um pouco como como se deu a experiência dos últimos anos da escravidão e do Pós-Abolição na cidade de Laranjeiras, por meio da trajetória de Mãe Bilina, primeira lôxa da irmandade de Santa Bárbara Virgem. A partir da qual foi estabelecida a tradição da matriliniaridade entre os nagôs laranjeirenses. Aos que se interessarem, oferto uma linha do tempo, com os pricipais acontecimentos da vida de Mãe Bilina na **Figura 13**.

Nascida filha de Carolina, uma mulher negra que conquistou a própria liberdade, Umbelina teve a sua trajetória perpassada pela violência racial e de gênero. Ainda menina, serviu à família Araújo e a outras casas de família, onde aprendeu a resistir por meio de estratégias de bom serviço, conquistando a afabilidade de seus patrões. Subserviência ou subversão? Descobrimos que o seu terreiro nunca foi incomodado pela polícia. Cremos, portanto, que Umbelina soube se utilizar das suas conexões, tendo a liberdade de manter-se fora da as associações de Centro de Umbanda, que ao seu ver, cobravam preços exorbitantes (DANTAS, 1988).

À frente da Taieira, Mãe Bilina uniu o grupo de cultura popular ao nagô, transformando-o em uma obrigação para os Santos da Costa. Além de propagar o folguedo, ao permitir que Beatriz Góis Dantas pesquisasse o seu "brinquedo".

Neta de Birunqué, Umbelina deu continuidade, junto com a sua comundiade, à cultura recebida dos africanos que fundaram a comunidade nagô em Laranjeiras. Mãe Bilina foi preparada por Ti Herculano e os seus contemporâneos afrianos, desde de criança para ser a primeira lôxa do nagô em Laranjeiras. Portanto, o que foi "gravado em sua mente", o foi desde a infância, antes que lhe fosse comunicado, que ela deveria assumir o nagô. Para levar adiante o legado dos africanos, Mãe Bilina contou com a ajuda das colônias de Santa Bárbara Virgem, das famílias descendentes dos africanos fundadores do nagô e de muitas pessoas, que decidiram ingressar na irmadade, mesmo sem fazerem parte deste legado de família. A exemplo de Pastora, braço direito de Mãe Bilina, que não era descendente de africano.

Mãe Bilina era gentil, educada, assertiva e vista como um orixá em terra. Uma autoridade de poderes divinos. Aquela que recebeu a dádiva da cura de Obaluaiê e que desfez muitos males nas vidas das pessoas. O maior deles, talvez, tenha sido a fome, afinal, Mãe Bilina

ajudou muita gente. Mas também era assertiva e disciplinadora. Especialmente com os mais próximos, como pudemos ver as suas querelas com integrantes das principais famílias do nagô, o Sr. José Maria de Jesus, a Senhora Maria do Espírito Santo, e com a sua própria filha, Lourdes Santos.

Mãe Bilina foi uma grande mãe. Sendo lembrada, memoriada, por exercer com maestria a função materna por meio de função de lôxa de Santa Bárbara Virgem. Uma sujeita extraordinária, cercada por trajetórias comuns e excepcionais. Como as de tantas mulheres negras ao nosso redor. Esta poderia ser a biografia das nossas avós, das nossas bisas, das nossas trisavós. Mulheres transpassadas pelo racismo e pelo sexismo. Que tiveram tantos direitos negados, mas que transcenderam as condições que lhes foram impostas, ofertando muito mais do que receberam. Construindo a nossa Emancipação com fidelidade, disciplina, amor e coragem.

Se ofereceram à Mãe Bilina a falta de uma educação formal. Ela devolveu com uma sabedoria ancestral. Se lhe negaram o reconhecimento público, da sua comundiade nagô, ela buscou relacionamentos e conexões que pudessem registrar, fortalecer e propagar o legado de deixado pelos africanos em Laranjeiras. Esperando silenciosamente pelo dia em que surgiria o momento correto. Se lhe negaram uma biografia por quase 50 anos, Mãe Bilina, da terra dos ancestrais, designou o momento certo, “o tempo chegado” para suscitar a sua memória, trajetória e legados. Se tornando a primeira mulher negra em Sergipe a ser biografada por outra mulher negra. Pioneirismos na vida em terra e na vida no Orum. À Mãe Bilina, o nosso muito obrigado. Foi um prazer aprender sobre o Pós-Abolição, por meio da sua vida. Gratidão. Viva Santa Bárbara Virgem!

"Nasci pra ser a dona das Colônias de Santa Bárbara"

1831-1844

Chegada de Birunqué ao cativeiro no Brasil (estimativa).

1845

Possível ano do nascimento de Carolina.

1850

Possível ano do surgimento da Comunidade nagô em Laranjeiras.

1879

Nascimento de Mãe Bilina.

1974

Passagem ancestral de Umbelina Araujo.

1911-1912

Assume a liderança da Irmandade de Santa Bárbara Virgem.

1891

Ingresso no mundo do trabalho, aos 12 anos de idade.

GLOSSÁRIO

Aluvá Xangô – Titulo dado aos primeiros begs.

Beg – Abreviação de Begmar.

Begmar – Título dado aos homens quando eles assumem a principal liderança da Irmandade.

Calafatinho – Personagem da Chegança, comumente uma criança que segura algumas correntes.

Colônias – Famílias pertencentes à Irmandade de Santa Bárbara Virgem.

Exó – Bastão pertencente à lôxa, simbolizando o sue poderio. O seu lugar de líder do nagô.

Iaquequerê – Aquela que auxilia a lôxa em todas as atividades do nagô.

Lôxa – Principal liderança da Irmandade de Santa Bárbara Virgem em Laranjeiras.

Ogan – Espécie de protetor da casa e um dos líderes das funções masculinas. Sua função principal nos ritos é tocar o tambor, mas também participa do sacrifício dos animais.

Omadê – Uma das principais auxiliares da lôxa e responsável por abrir a roda com as crianças.

Otás – Pedras onde moram os orixás.

Patrão – Segundo na hierarquia nagô, é o líder das funções masculinas e também é entendido como o principal Ogan da casa, toca o tambor-mestre.

Pegê – Espécie de cesto que abriga os otás.

Pela África – Forma dos nagôs se referirem ao nome dos seus sujeitos em seu idioma africano. No candomblé é chamado de dígena.

Piloto – Líder da Chegança.

Santos da Costa – Orixás cultuados pela Irmandade de Santa Bárbara Virgem.

Ta - Título respeitoso dado aos africanos fundadores, na comunidade nagô.

Ti – Título respeitoso dado aos africanos fundadores, na comunidade nagô.

REFERÊNCIAS

FONTES

Inventários

Arrolamento de Manoel Joaquim de Araújo, 08/11/1894. AGJES, Laranjeiras, cx. 231.

Inventário de Amélia de Araújo Bastos, 04/02/1879. AGJES, Laranjeiras, cx. 225.

Inventário de Felippe do Faro Motta, 12/07/1871. AGJES, Laranjeiras, cx. 219.

Inventário de José Carlos da Costa, 20/03/1899. AGJES, Laranjeiras, cx. 233.

Requerimento de dívida passiva do Dr. Antonio Rodrigues de Souza. AGJES, LAR/C.1º OF. Cx. 07, 1871, Nº 219.

Jornais

Jornal Alavanca, n. 01. Laranjeiras – SE: 01.12.1971. APES, I3 Vol. 01.A53.
Jornal Alavanca, n. 03. Laranjeiras – SE. 01.01.1972. APES, I3 Vol. 01.A53.
Jornal da Cidade, n. 762. Aracaju – SE: 31.09.1974. IHGSE/Hemeroteca da UFS.
Jornal da Cidade, n. 767. Aracaju – SE: 06 e 07. 10.1974. IHGSE/Hemeroteca da UFS.
Jornal Vida Laranjeirense, n. 2. Laranjeiras-SE, 11.05.1930. IHGSE/Hemeroteca da UFS. Disponível em: https://jornaisdesergipe.ufs.br/handle/123456789/76. Acessado em: 23.08.2022.
Jornal Vida Laranjeirense, n. 127. Laranjeiras – SE, 08.01.1933. NUNTIUM e Clio/ GPCIR/ UFS/BPED/ Governo do Estado de Sergipe.
Jornal Vida Laranjeirense, n. 160. Laranjeiras – SE, 21.10.1934. NUNTIUM e Clio/ GPCIR/ UFS/BPED/ Governo do Estado de Sergipe.
Jornal Vida Laranjeirense n. 162. Laranjeiras – SE, 04.11.1934. NUNTIUM e Clio/ GPCIR/ UFS/BPED/ Governo do Estado de Sergipe.
Jornal Vida Laranjeirense n. 164. Laranjeiras – SE, 18.11.1934. NUNTIUM e Clio/ GPCIR/ UFS/BPED/ Governo do Estado de Sergipe.
Jornal Vida Laranjeirense, n. 172, 13.01.1935, Laranjeiras – SE. NUNTIUM e Clio/ GPCIR/ UFS/BPED/ Governo do Estado de Sergipe.
Jornal Vida Laranjeirense, n. 174. Laranjeiras – SE, 27.01.1935. NUNTIUM e Clio/ GPCIR/ UFS/BPED/ Governo do Estado de Sergipe.
Jornal Vida Laranjeirense n. 189. Laranjeiras-SE, 19.05.1935. NUNTIUM e Clio/ GPCIR/ UFS/BPED/ Governo do Estado de Sergipe.
Jornal Vida Laranjeirense, n. 192. Laranjeiras – SE, 09.06.1935. NUNTIUM e Clio/ GPCIR/ UFS/BPED/ Governo do Estado de Sergipe.
Jornal Vida Laranjeirense, n. 197. Laranjeiras – SE, 14.07.1935. NUNTIUM e Clio/ GPCIR/ UFS/BPED/ Governo do Estado de Sergipe.
Jornal Vida Laranjeirense, Laranjeiras -SE, 08.09.1935. NUNTIUM e Clio/ GPCIR/ UFS/BPED/ Governo do Estado de Sergipe.
Jornal Vida Laranjeirense, n. 206. Laranjeiras – SE, 15.09.1935. NUNTIUM e Clio/ GPCIR/ UFS/BPED/ Governo do Estado de Sergipe.

Jornal Vida Laranjeirense, n. 210. Laranjeiras - SE 13.10. 1935. NUNTIUM e Clio/ GPCIR/ UFS/BPED/ Governo do Estado de Sergipe.
Jornal Vida Laranjeirense, n. 234. Laranjeiras – SE, 29.03.1936. NUNTIUM e Clio/ GPCIR/ UFS/BPED/ Governo do Estado de Sergipe.
Jornal Vida Laranjeirense, n. 246. Laranjeiras – SE, 28.06.1936. NUNTIUM e Clio/ GPCIR/ UFS/BPED/ Governo do Estado de Sergipe.
Jornal Vida Laranjeirense, n. 247. Laranjeiras – SE, 05.07.1936. NUNTIUM e Clio/ GPCIR/ UFS/BPED/ Governo do Estado de Sergipe.
Jornal Vida Laranjeirense, n. 252. Laranjeiras – SE, 09.08.1936. NUNTIUM e Clio/ GPCIR/ UFS/BPED/ Governo do Estado de Sergipe.
O Larangeirense, n. 70. Laranjeiras – SE, 20.05.1888. Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). BN digital. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=810444&pesq=O%20larangeirense&hf=memoria.bn.br&pagfis=22. Acessado em 26.07.2022.

Registros de Batismo

Registro de Batismo de Glicéria Araújo. Brasil, Sergipe, Registros da Igreja Católica, 1785-1994, índice e imagens: FamilySearch. Batistério da Freguesia do Sagrado Coração (1871-1877). Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-899TV6RP?i=127&wc=M5NJ-T3V%3A371846201%2C371846202%2C371846203&cc=2177298. Acessado em 22.08.2022.

Registro de Batismo de Maria. Brasil, Sergipe, Registros da Igreja Católica, 1785-1994, índice e imagens: FamilySearch. Batistério da Freguesia do Sagrado Coração (1871-1877). Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-899T-VXQ4?i=63&wc=M5NJ-T3V%3A371846201%2C371846202%2C371846203&cc=2177298. Acessado em 22.08.2022.

Registro de Batismo de Silvino. Brasil, Sergipe, Registros da Igreja Católica, 1785-1994, índice e imagens: FamilySearch. Batistério da Freguesia do Sagrado Coração (1871-1877). Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-899T-V61N?i=146&wc=M5NJ-T3V%3A371846201%2C371846202%2C371846203&cc=2177298. Acessado em 21.08.2022.

Registro de Batismo de Umbelina Araújo. Brasil, Sergipe, Registros da Igreja Católica, 1785-1994, índice e imagens: FamilySearch. Batistério da Freguesia do Sagrado Coração (1877-1882). Disponível em: https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-899T-VXZX?i=63&wc=M5NJ-T3K%3A371846201%2C371846202%2C371855501&cc=2177298. Acessado em 23.08.2022.

Entrevistas

Umbelina Araujo. Laranjeiras, Sergipe em 10/09/1972 (Entrevista concedida à professora Beatriz Góis Dantas).

Barbara Cristina dos Santos e Maria do Espírito Santo. Laranjeiras, Sergipe em 15/11/2021.

Severo D'Acelino. Aracaju, Sergipe em 18/01/2022.

Maria Aparecida Siqueira. Laranjeiras, Sergipe em 03/03/2022.

Deolinda Maria de Jesus. Aracaju, Sergipe em 11/03/2022.

Beatriz Góis Dantas. Aracaju, Sergipe em 29/09/2022 (via e-mail).

Maria Adelaide Ferreira Ribeiro Vieira. Museu de Arte Sacra, Laranjeiras, Sergipe em 16/11/2022.

Obras Audiovisuais

Uma Lufada de Ar Fresco: a antropologia de Beatriz Góis Dantas. Direção: Maria Laura Cavalcanti. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019 (27 min.).

Programa Brasil Legal, Globo, 1997. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=DcxLO6oHGLA . Acessado em 03/01/2022.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, José Fernando Ferreira. **"Em tempo de Solidão Forçada": Epidemia de Varíola, Revolta Popular e Fé em Sergipe Novecentista.** Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal da Bahia, 2002.Orientador: Maria Inês Cortes de Oliveira. Palavras-chave: Epidemia; Sergipe; Varíola. Grande área: Ciências Humanas.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral** – 2 ed. rev. e atual. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 296 p.

AMARAL, S. P. **Um pé calçado, outro no chão: liberdade e escravidão em Sergipe (Cotinguiba, 1860-1900).** 1. ed. Salvador; Aracaju: EDUFBA; Diário Oficial, 2012. v. 1. 354p.

_____. **Lideranças "nagôs" e "malês" em Laranjeiras: identidades e papéis sociais, 1860-1910.** In: IV Semana de Cultura Afro-Brasileira: políticas públicas e ações afirmativas, 2007, São Cristóvão. Caderno de resumos da IV Semana de Cultura Afro-Brasileira. São Cristóvão _ SE: UFS/NEAB, 2007.

BACKZO, Bronislaw. **Imaginação social.** Enciclopédia Einaudi. 5: Anthropos-homem. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1985, p. 296-332.

BEZERRA, Felte. **Etnias Sergipanas; contribuição ao seu estudo.** 1ª reedição. Aracaju-SE: Gráfica Editora J. Andrade, 1984.

BORDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica.** In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 183-191, 1998.

CASTRO, Hebe. **História Social.** In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 41-54.

CONCEIÇÃO, Sandra da Silva. **A Constituição familiar e Parentesco entre Senhores e escravos na Freguesia de Nossa Senhora do Resgate das Umburanas, Século XIX.** In: Combates pela História, X encontro estadual de História ANPUH/Bahia, 2020, Vitória da Conquista-BA. Anais eletrônicos. Disponível em: https://www.encontro2020.bahia.anpuh.org/resources/anais/19/anpuh-ba-eeh2020/1604449188_ARQUIVO_06e39ba2f67b7734c567bbf003146995.pdf. Acessado 24.08.2022.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade:** uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CRUZ, Eval. **Sacerdotisa em Laranjeiras/SE: Trajetória e recursos na ocupação de um espaço de poder e dominação.** Dissertação de Mestrado em Antropologia. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2012.

DANTAS, Beatriz Gois. **As Taieira de Sergipe: pesquisa exaustiva sobre uma dança do Nordeste.** Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1972.

_____. **"Nanã de Aracaju: trajetória de uma mãe plural"**. In: SILVA, Vagner Gonçalves (org.). Caminhos da alma: memória afro-brasileira. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Mensageiros do Lúdico: Mestres de Brincadeiras em Laranjeiras.** Aracaju-SE: Criação, 2013.

_____. **Vovó nagô, papai branco: usos e abusos da África no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal,1988.

DAVIS, Natalie Zamon. **Las formas de la história social** IN Historia Social, No. 10, Dos Décadas de Historia Social. Spring: Summer, 1991. pp. 177-182.

DOMINGUES, Petrônio José. **Zizinha Guimarães: entre a história e a memória.** In: Xavier, Giovana; Farias, Juliana; Gomes, Flávio. (Org.). Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação. 1ed.São Paulo: Selo Negro, 2012. p. 261-281.

_____. **Guerra de Xangô: ritual, perseguição e conflito na formação do campo religioso afro-sergipano.** RELIGIÃO & SOCIEDADE, v. 39, p. 120-146, 2019.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 16ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.

GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. **História Política no campo da História Cultural.** In: Revista de História Regional, Verão, 1998.

GINZBURG, Carlo. **História Noturna.** São Paulo – SP: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário.** In: Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **História do mundo e Micro-História.** Canal: Humanidades Unisinos. Youtube, 25.05.2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=riwDn_RRGqk.

_____. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** Trad. de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (Companhia de bolso).

GONZALEZ, Lélia. **Lélia Gonzalez: primavera para as rosas negras.** São Paulo:

UCPA Editora, 2018.

_____. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos/organização Flavia Rios, Márcia Lima. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Guérios, P. R. . **O estudo de trajetórias de vida nas Ciências Sociais: trabalhando com as diferenças de escalas.** Campos (UFPR) , v. 12, p. 9-34, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 12 ed. Rio de Janeiro:

Lamparina, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019. 244 p.

LEVI, Giovanni. **Sobre a Micro-História.** In A Escrita a história: novas perspectivas: BURKE, Peter (org.); tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

_____. **Os usos da biografia.** In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, p.167-182, 1998.

_____."**Micro-História e História Global"**. Historia Crítica n.º 69 (2018): 21-35, doi: https://doi. org/10.7440/histcrit69.2018.02.

LIMA, Henrique Espada . E.P. **Thompson e a micro-história: trocas historiográficas na seara da história social.** In: Política e Paixão. 10 anos sem E.P. Thompson, 2003, Florianópolis, 2003.

LOPES, Marluce de Souza. **Interfaces de uma antropóloga : as práticas de leitura e escrita de Beatriz Góis Dantas (1941-2013).** São Cristóvão: UFS. 2020

MACHADO, Maria Helena P. T. **Entre dois Beneditos: histórias de amas de leite no caso da escravidão.** In: Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação. XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flavio (orgs.). São Paulo: Selo Negro, 2012. p. 199-213.

MANUS, Ukachukwu Chris. **The Sacred Festival of Iri Ji Ohuru in Igboland, Nigeria.** *Nordic Journal of African Studies 16(2), 2007. p. 244–260.*

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o reinado do Rosário do Jatobá.** 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

MATTOS, Hebe. **Os combates da memória: escravidão e liberdade nos arquivos orais de descendentes de escravos brasileiros.** Revista Tempo do Departamento de História da UFF, 1998. Disponível: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg6-8.pdf.

MORENO, Alessandra Zorzetto. . **"Criando como filho": as cartas de perfilhação e a adoção no império luso-brasileiro (1765-1822).** Cadernos Pagu (UNICAMP) , v. 26, 2006. p. 463-474.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução . Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf. Acessado em19.08.2022.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** 5. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades)

NASCIMENTO, Dorval do. **Raça, Ciência e Nação em Livros Escolares na Era Vargas (1930-1946).** AFRO-ASIA , v. 44, p. 151-170, 2011.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e intelectual: Possibilidade nos dias da destruição.** Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. 488 páginas.

SOUSA NETO, Edvaldo Alves de. **"Ô levanta nego, cativeiro se acabou": experiências de libertos em Sergipe durante o pós-abolição (1888-1900).** 2016a. Dissertação (Mestrado História) – Universidade Federal de Sergipe.

_____. Saindo das Senzalas, mas não da História: libertos em Sergipe no pós-abolição (1888-1900). São Cristóvão: Editora UFS, 2017.

OLIVA, Terezinha Alves de et al. **Casa de Ti Herculano: lugar nagô em Laranjeiras.** Aracaju: InfoGraphics Ltda, 2011.

OLIVEIRA, Philadelpho Jonathas de. **História de Laranjeiras.** Coleção João Ribeiro. Aracaju-SE: IMPRIMATUR, 1941.

OLIVEIRA JÚNIOR, João Mouzart. **Entre Panelas e Batuques: Arqueologia da Diáspora e Relações de Gênero e Poder em Laranjeiras/SE (século XX).** Monografia (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2012.

PANTA, Mariana; PALISSER, N. **'Identidade nacional brasileira' versus 'identidade negra': reflexões sobre branqueamento, racismo e construções identitárias.** Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (Online), v. 17, p. 116-127, 2017.

PASSOS, Lucas Santos. Tombamentos de templos religiosos em Laranjeiras Sergipe. 2014. Dissertação (Mestrado em Mestrado em sociologia) - Universidade Federal de Sergipe.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra história - imaginando o imaginário.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 15 nº 29, 1995, p.p. 9-27.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PLANTAGEAN, Evelyne. **A história do imaginário.** In: LE GOOF, Jacques (Org.) A história nova. SP, Martins Fontes, 1990, p.p. 291-316.

REIS, João. José. De escravo rico a liberto: a história do africano Manoel Joaquim Ricardo na Bahia oitocentista. **Revista de História**, *[S. l.]*, n. 174, p. 15-68, 2016. DOI:

10.11606/issn.2316-9141.rh.2015.108145. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/108145. Acesso em: 24 ago. 2022.

RIBEIRO, João. **O Elemento Negro.** Rio de Janeiro: Record, 1936.

RIOS, Ana Maria; MATTOS, Hebe Maria. **O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas.** TOPOI, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, p. 170-198, jan./jun. 2004.

SANTOS, Wagner Emmanoel Menezes. **"Quem vê, diz que se vive aqui no céu" – alimentação e vestuário dos trabalhadores têxteis sergipanos (1940-1960).** Salvador: Revista de História, V. 6 (1-2), 2017. p. 141-155. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/rhufba/article/view/27865/16559 . Acessado em: 24.08.2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930).** São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SILVA, Alberto da Costa e. **A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. p. 390.

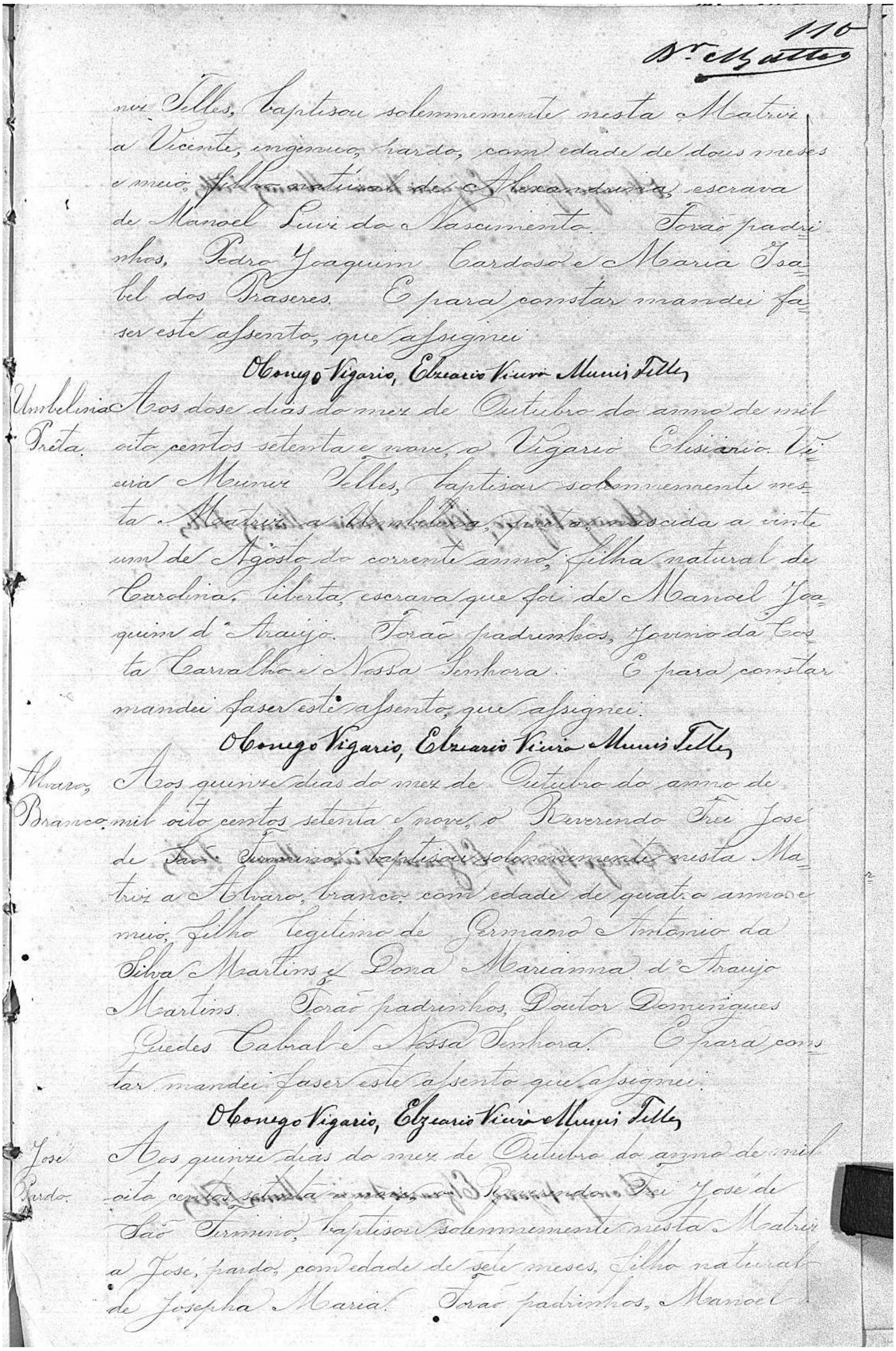
THEDORO, Helena. **Mulher Negra, Cultura e Identidade.** In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. Guerreiras da Natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008.

TORRES, Díjna Andrade. **Mulher Nagô: liderança feminina e as relações de gênero e parentesco no terreiro de Santa Bárbara Vigem, em Laranjeiras.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, p. 98. 2012.

VANSINA, J. **A tradição oral e sua metodologia.** In: KI-ZERBO, J. (Coord.). História geral da África. 2. ed. Brasília, DF: Unesco, 2010. v. 1. p. 139-166.

ANEXOS

Anexo 1 - Registro de Batismo de Umbelina Araújo. Brasil, Sergipe, Registros da Igreja Católica, 1785-1994, índice e imagens: FamilySearch. Batistério da Freguesia do Sagrado Coração (1877-1882).



110

Dr. Mattos

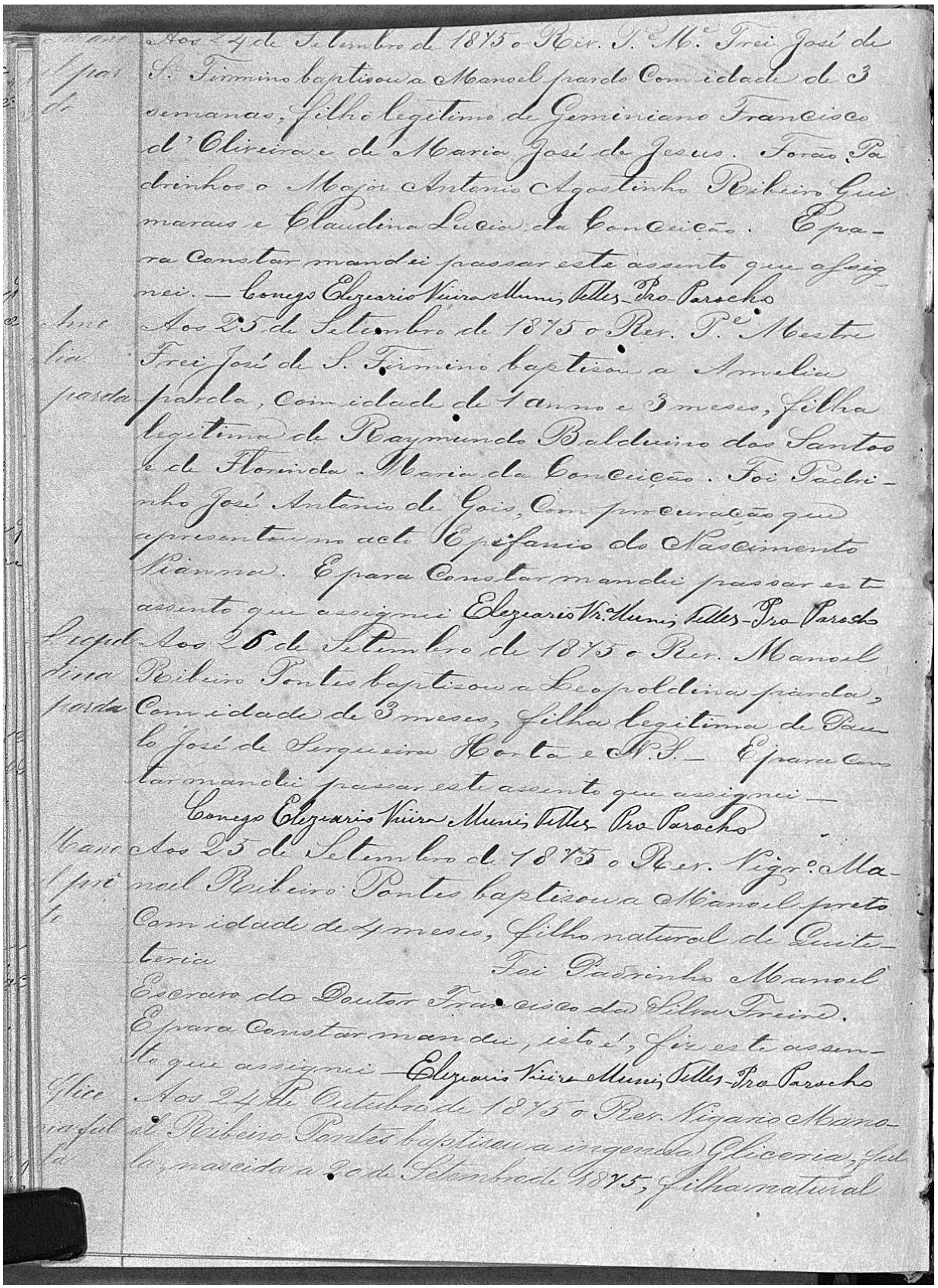
niz Telles, baptisou solemnemente nesta Matriz
a Vicente, ingenuo, pardo, com edade de dous meses
e meio, filho natural de Alexandrina, escrava
de Manoel Luiz do Nascimento. Forão padri-
nhos, Pedro Joaquim Cardoso e Maria Isa-
bel dos Praseres. E para constar mandei fa-
ser este assento, que assignei
O Conego Vigario, Elzeario Vieira Muniz Telles

Umbelina Preta. Aos dose dias do mez de Outubro do anno de mil
oito centos setenta e nove, o Vigario Elesiario Vi-
eira Muniz Telles, baptisou solemnemente nes-
ta Matriz a Umbelina, preta, nascida a vinte
um de Agosto do corrente anno, filha natural de
Carolina, liberta, escrava que foi de Manoel Joa-
quim d'Araujo. Forão padrinhos, Jovino da Cos-
ta Carvalho e Nossa Senhora. E para constar
mandei faser este assento, que assignei.
O Conego Vigario, Elzeario Vieira Muniz Telles

Alvaro, Branco. Aos quinze dias do mez de Outubro do anno de
mil oito centos setenta e nove, o Reverendo Frei José
de São Firmino, baptisou solemnemente nesta Ma-
triz a Alvaro, branco, com edade de quatro annos e
meio, filho legitimo de Germano Antonio da
Silva Martins e Dona Marianna d'Araujo
Martins. Forão padrinhos, Doutor Domingues
Guedes Cabral e Nossa Senhora. E para cons-
tar mandei faser este assento que assignei.
O Conego Vigario, Elzeario Vieira Muniz Telles

José Pardo. Aos quinze dias do mez de Outubro do anno de mil
oito centos setenta e nove, o Reverendo Frei José de
São Firmino, baptisou solemnemente nesta Matriz
a José, pardo, com edade de sete meses, filho natural
de Josepha Maria. Forão padrinhos, Manoel

Anexo 2 - Registro de Batismo de Glicéria Araújo. Brasil, Sergipe, Registros da Igreja Católica, 1785-1994, índice e imagens: FamilySearch. Batistério da Freguesia do Sagrado Coração (1871-1877).



Manoel pardo — Aos 24 de Setembro de 1875 o Rev. P.e M.e Frei José de S. Firmino baptisou a Manoel pardo com idade de 3 semanas, filho legitimo de Geminiano Francisco d'Oliveira e de Maria José de Jesus. Forão Padrinhos o Major Antonio Agostinho Ribeiro Guimaraes e Claudina Lucia da Conceição. E para constar mandei passar este assento que assignei. — Conego Elezeario Vieira Muniz Telles — Pro-Parocho

Amelia parda — Aos 25 de Setembro de 1875 o Rev. P.e Mestre Frei José de S. Firmino baptisou a Amelia parda, com idade de 1 anno e 3 meses, filha legitima de Raymundo Balduino dos Santos e de Florinda Maria da Conceição. Foi Padrinho José Antonio de Gois, com procuração que apresentou no acto Epifanio do Nascimento Vianna. E para constar mandei passar este assento que assignei Elezeario Vr.a Muniz Telles — Pro Parocho

Leopoldina parda — Aos 26 de Setembro de 1875 o Rev. Manoel Ribeiro Pontes baptisou a Leopoldina parda, com idade de 3 meses, filha legitima de Paulo José de Serqueira Horta e N. S. — E para constar mandei passar este assento que assignei —
Conego Elezeario Vieira Muniz Telles Pro Parocho

Manoel preto — Aos 25 de Setembro de 1875 o Rev. Vigr.o Manoel Ribeiro Pontes baptisou a Manoel preto com idade de 4 meses, filho natural de Quiteteria
Foi Padrinho Manoel Escravo do Doutor Francisco da Silva Freire. E para constar mandei, isto é, fiz este assento que assignei — Elezeario Vieira Muniz Telles — Pro Parocho

Gliceria fulla — Aos 24 de Outubro de 1875 o Rev. Vigario Manoel Ribeiro Pontes baptisou a ingenua Gliceria, fulla, nascida a 20 de Setembro de 1875, filha natural

de Carolina Escrava do Doutor Comendador Salustiano Orlando d'Araujo. Foi Padrinho José Pereira de Jesus e N. S. — E para constar fiz este assento que assignei. — Conego Elezeario Vieira Muniz Telles — Pro-Parocho

Maria fulla — Aos 11 de Novembro de 1875 o Rev. P.e M.e Frei José de S. Firmino, baptisou na Matriz de licença do Parocho a ingenua Maria fulla, nascida a 7 de Outubro do corrente anno, filha natural de Dorothéa Escrava do Major Antonio Agostinho Ribeiro Guimarães. Foi Padrinho Manoel Pereira Rosa. E para constar mandei faser este assento que assignei. —

Conego Elezeario Vieira Muniz Telles — Pro-Parocho

Genesio mistiço — Aos 14 de Novembro de 1875 o Rev. Vigario Manoel Ribeiro Pontes baptisou na Matriz ao ingenuo Genesio Mistiço, com idade de 65 dias, filho natural de Porcidonia Escrava de Adelinda Ferreira do Nascimento Meneses. Forão Padrinhos Jesuino Alves dos Santos e Maria Mathildes do Nascimento. E para constar fiz este assento que assignei. —

Conego Elezeario Vieira Muniz Telles — Pro-Parocho

Maria Criolla — Aos 4 de Desembro de 1875 o Rev. Vigario Manoel Ribeiro Pontes baptisou na Matriz a ingenua Maria criola nascida a 30 de Setembro do corrente anno, filha natural de Felizarda Escrava de Francisco da Silva Nogueira. Forão Padrinhos Luis Bispo da Cruz e Joanna Maria. E para constar fiz este assento que assignei —

Conego Elezeario Vieira Muniz Telles — Pro-Parocho

Antonio mistiço — Aos 5 de Desembro de 1875 o Rev. Vigario Manoel Ribeiro Pontes baptisou na Matriz ao ingenuo Antonio Mistiço, nascido a 7 de Outubro do corrente anno, filho natural de Bemvindo escravo de Bernardino Joaquim d'Azevêdo. Forão

Anexo 3 – Certidão de Nascimento de Umbelina Araújo.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

NOME
UMBELINA ARAUJO

CPF
S/INFORMAR

MATRÍCULA
110809 01 55 1972 1 00040 034 0023312 - 14

DATA DE NASCIMENTO POR EXTENSO: VINTE E UM DO MÊS DE AGOSTO DO ANO DE UM MIL, OITOCENTOS E NOVENTA E SETE
DIA: 21 | MÊS: 08 | ANO: 1897

HORA DE NASCIMENTO:
NATURALIDADE: LARANJEIRAS/SE

MUNICÍPIO DE REGISTRO E UNIDADE DA FEDERAÇÃO: LARANJEIRAS/SE
LOCAL, MUNICÍPIO DE NASCIMENTO E UF: NESTA CIDADE DE LARANJEIRAS/SE
SEXO: FEMININO

FILIAÇÃO
1º Genitor: CAROLINDA ARAUJO

AVÓS
AVÓ 1º Genitor: ESMERALDA ARAUJO

GÊMEOS: NÃO
NOME E MATRÍCULA DOS GÊMEOS:

DATA DO REGISTRO POR EXTENSO: DOZE DO MÊS DE ABRIL DO ANO DE UM MIL, NOVECENTOS E SETENTA E DOIS
NÚMERO DA DNV/DECLARAÇÃO DE NASCIDO VIVO:

AVERBAÇÕES/ANOTAÇÕES A ACRESCER:

NOME DO OFÍCIO: 2º OFÍCIO DA COMARCA DE LARANJEIRAS
ESCREVENTE: ANANDA GONZAGA DO ATO
MUNICÍPIO: LARANJEIRAS-SE
ENDEREÇO: RUA GETÚLIO VARGAS N. 22 - CENTRO
TELEFONE: 79 996502021
EMAIL:

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
LARANJEIRAS, SE, 18 de Março de 2022.
Assinatura do Oficial
VALOR DOS EMOLUMENTOS: R$: 61,68
(Artigo 3º, §2º, da Lei nº 6.310/2007).

2ª VIA

Selo Digital de Fiscalização
Tribunal de Justiça de Sergipe
2º Ofício da Comarca de Laranjeiras
18/03/2022 11:55
https://www.tjse.jus.br/x/AKAUF9
20222958900150 4

Cartório do 2º Ofício Laranjeiras - SE

ARPEN BRASIL AA 02279479 BRP

DETALHAMENTO DA MATRÍCULA

Matrícula	0018830155 1987 1 0003 050 0000533 31	cc (55)	Tipo de Serviço Prestado, sendo: 55: Serviço de Registro Civil das Pessoas Naturais	ffff (0003)	Número do livro
Padrão	aaaaaabbcc dddd e ffff ggg hhhhhhh ii			ggg (050)	Número da folha
DETALHAMENTO		dddd (1987)	Ano do Registro		
aaaaaa (00188-3)	Código Nacional da Serventia (identificação única do cartório)	e (1)	Tipo do livro, sendo: 1: Livro A (Nascimento) 2: Livro B (Casamento) 3: Livro B Auxiliar (Registro de casamento religioso para fins civis) 4: Livro C (Óbito) 5: Livro C Auxiliar (Registro de Natimortos) 6: Livro D (Registro de Proclamas) 7: Livro E (Demais atos relativos ao Registro Civil)	hhhhhhh (0000533)	Número do Termo
bb (01)	Código do Acervo, sendo: 01 - Acervo Próprio Outros - Acervos Incorporados			ii (31)	Dígito Verificador

Uso exclusivo para emissão de certidões de registro civil das pessoas naturais

FSC www.fsc.org MISTO Papel produzido a partir de fontes responsáveis FSC® C108334

Anexo 04: Certidão de Óbito de Umbelina Araujo.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE ÓBITO

NOME
UMBELINA ARAUJO

CPF
S/INFORMAR

MATRÍCULA
110809 01 55 1974 4 00021 145 0006697 - 30

SEXO: FEMININO
COR: PRETA
ESTADO CIVIL E IDADE: SOLTEIRA, 77 ANOS

NATURALIDADE: LARANJEIRAS/SE
DOCUMENTO DE IDENTIFICAÇÃO: NÃO CONSTA
ELEITOR: IGNORADO

FILIAÇÃO E RESIDÊNCIA
FILIAÇÃO: CAROLINDA ARAUJO
RESIDÊNCIA RUA DA , LARANJEIRAS/SE

DATA E HORA DE FALECIMENTO
VINTE E SETE DO MÊS DE SETEMBRO DO ANO DE UM MIL, NOVECENTOS E SETENTA E QUATRO ÀS 02:00
DIA: 27
MÊS: 09
ANO: 1974

LOCAL DE FALECIMENTO
RESIDÊNCIA, NA RUA DA ALEGRIA, NESTA CIDADE

CAUSA DA MORTE
SEM ASSISTÊNCIA MÉDICA

SEPULTAMENTO/CREMAÇÃO (município e cemitério, se conhecido)
CEMITÉRIO DA MISERICÓRDIA, EM LARANJEIRAS/SE

DECLARANTE
JOÃO TORRES RIBEIRO

NOME E NÚMERO DE DOCUMENTO DO MÉDICO QUE ATESTOU O ÓBITO
-

AVERBAÇÕES/ANOTAÇÕES A ACRESCER

NOME DO OFÍCIO: 2º OFÍCIO DA COMARCA DE LARANJEIRAS
ESCREVENTE: ANANDA GONZAGA DO ATO
MUNICÍPIO: LARANJEIRAS-SE
ENDEREÇO: RUA GETÚLIO VARGAS N. 22 - CENTRO
TELEFONE: 79 996502021
EMAIL:

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
LARANJEIRAS, SE, 18 de Março de 2022.
Ananda Gonzaga do Ato
Assinatura do Oficial

VALOR DOS EMOLUMENTOS: R$: 61,68
(Artigo 3º, §2º, da Lei nº 6.310/2007).

2ª VIA

Selo Digital de Fiscalização
Tribunal de Justiça de Sergipe
2º Ofício da Comarca de Laranjeiras
18/03/2022 11:52
https://www.tjse.jus.br/x/9JE7XN
20222295890015O3

Cartório do 2º Ofício Laranjeiras - SE

ARPENBRASIL AA 02279478 BRP
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS REGISTRADORES DE PESSOAS NATURAIS

DETALHAMENTO DA MATRÍCULA

Matrícula	0018830155 1987 1 0003 050 0000533 31	cc (55) Tipo de Serviço Prestado, sendo: 55: Serviço de Registro Civil das Pessoas Naturais	ffff (0003)	Número do livro
Padrão	aaaaaabbcc dddd e ffff ggg hhhhhhh ii		ggg (050)	Número da folha
DETALHAMENTO		dddd (1987) Ano do Registro		
aaaaaa (00188-3)	Código Nacional da Serventia (identificação única do cartório)	e (1) Tipo do livro, sendo: 1: Livro A (Nascimento) 2: Livro B (Casamento) 3: Livro B Auxiliar (Registro de casamento religioso para fins civis) 4: Livro C (Óbito) 5: Livro C Auxiliar (Registro de Natimortos) 6: Livro D (Registro de Proclamas) 7: Livro E (Demais atos relativos os Registro Civil)	hhhhhhh (0000533)	Número do Termo
bb (01)	Código do Acervo, sendo: 01 - Acervo Próprio Outros - Acervos Incorporados		ii (31)	Dígito Verificador

Uso exclusivo para emissão de certidões de registro civil das pessoas naturais

FSC www.fsc.org MISTO Papel produzido a partir de fontes responsáveis FSC C108334

Anexo 5: Artigo do Jornal da Cidade sobre a morte de Mãe Bilina. Jornal da Cidade, n. 762. Aracaju – SE: 31.09.1974. IHGSE/Hemeroteca da UFS.

Festas à Cosme e Damião encerram-se hoje

Encerram-se hoje em nossa Capital, as festividades comemorativas consagradas aos santos Cosme e Damião, iniciadas no último dia 28, vez que no dia 27, logo às primeiras horas da tarde daquele dia, todas as Federações de Umbanda de nosso Estado, sustaram os festejos aos meninos gêmeos, tendo em vista a morte inesperada da MÃE BILINA, a mais antiga Ialorixá do interior sergipano. No dia 28, o Centro Nossa Senhora da Conceição, na rua B, 45, no Bairro Sanatório, a Ialorixá Maria Corália Santana fez a festa com batuque e caruru. A Mãe de Santo, do Centro São Lázaro, na rua Estados Unidos, 240, no Bairro América, encerrou ontem suas comemorações, com caruru e obrigação a São Gerônimo (Xangô). Bilina, cuja digna atende por Abaloaé–Agogena– Laicó é considerada pela sua Federação como uma das Ialorixás mais cotadas dentro da Umbanda. O Centro Espirita Santo Antônio, na rua Jaime Paulo, 226, no Bairro Santos Dumont, de propriedade da Ialorixá Irineia Xavier de Teles, iniciou o batuque em homenagem aos santos Cosme e Damião, no último sábado e somente hoje encerrará seus trabalhos . O cambono João Nunes da Silva, Fiscal da Federação dos Cultos Africanos Independentes de Sergipe informou que "na tarde de domingo, quando oferecíamos o caruru às crianças, os dois Santos Cosme e Damião baixaram, causando verdadeira emoção aos que se encontrava presentes e divertindo a criançada". Maê Nanã bateu. Informou ao reporter do JORNAL DA CIDADE que "com a morte de minha irmã, entrando assim em luto fechado, sustei as festividades aos meninos santos e somente voltarei aos atabeques, no dia primeiro de dezembro, quando recolherei a paraguai Sônia Santana Silva, que já se encontra em nossa Capital, recebendo doutrinação no Candomblé, vez que a jovem ao sair do nosso Canzoá estará formada para exercer a profissão em qualquer parte do mundo".

21o. DISTRITO RODOVIARIO FEDERAL
CONCURSO 2/74-PARA ENGENHEIRO

A V I S O

O DEPARTAMENTO DE ESTRADAS DE RODAGEM (21o. DRF faz público que a prova do Concurso 2/74 para seleção de Engenheiros, a serem admitidos sob o regime da C L T , será realizada no dia 06 de outubro de 1974, com início às nove horas, na Escola Técnica Federal de Sergipe, situada à Av. Canal, no. 1166, nesta cidade.

Os interessados deverão comparecer com meia hora de antecedência, munidos de identidade, cartão de inscrição ,caneta esferográfica de tinta AZUL, obrigatoriamente; e, facultativamente, lápis, régua simples, esquadro compasso, régua de cálculo ou calculadora eletronica.

Aracaju, 20 de setembro de 1974
Engo. Chefe do 21o.DRF

Charutaria e Bomboniere Chic

Especialista, Artigos para Fumantes, Artigos para presentes, Chocolates Fumos e Brinquedos.
Leiam Manchete, Fatos &-Foto, Grande Histó.-ria Universal.
Jornais do Rio, São Paulo, Salvador, Maceio e Locais.

RUA JOÃO PESSOA . 82

EMPRESA GRÁFICA DE SERGIPE LTDA
JORNAL DA CIDADE
RUA SANTO AMARO 296 FONE: 3375

EXPEDIENTE

Diretor
Nazário Ramos Pimentel
Editor
Paulo Fernando Teles Morais
Redatores
Célio Nunes – Vieira Neto
Reporteres
José Brasil – Paulo Serra – Paulo Roberto
Fotografo
Luiz Carlos Menezes Barreto
Montagem e Diagramação
Osni Souza Lins.

Os conceitos emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

Dr. Ascanio Ferrario de Almeida
Dr. Netônio B. Machado
Advocacia Civil – Criminal – Tributária
Edf. Cidade de Aracaju 2o Andar – Sala 210
Rua João Pessoa, no. 320.
ARACAJU–SERGIPE

Para Deputado Estadual
Cleonancio Fonseca
Número IIII

O Bem e o Mal

JOSETE MENDONÇA

Levando em conta ser a Justiça de Deus, infinita, são levados em consideração, tanto o Bem como o Mal que praticamos, pois são esses comportamentos que trazem um sem número de consequências desastrosas.
Todo o mal cometido terá que ser resgatado um dia, não importando em qual quer existência. O espirito sofre pelo mal que praticou ou pratica, e só através esse sofrimento poderá despertar e compreender os incoviniente, clareando a sua consciência para a corrigenda.
Por toda parte existe o inferno pois em todos os lugares existe sofredores, inconformados em sofrer. Por outro lado há as Almas felizes - por que assim contribuiram - sentindo-se, portanto, que estão nos Céus...

Pelo exposto não cremos na existência física de Céu, nem tão pouco de inferno.. O espírito devedor, sofre quer encarnado (no Mundo físico), quer no mundo espiritual, e pelas penalidades rélatadas, pode ele próprio, aquilatar o grau e natureza das faltas cometidas. Nem sempre uma falta é resgatada identicamente, ou seja de forma igual, mas o grau ou valor será sempre igual. Só a prática do bem, exime o Homem dos sofrimentos porquanto só se paga o que se deve. O Pai só pune o mal praticado pelo filho, enquanto ele existir. A necessidade de reparação é um princípio de rigorosa Justiça, é a verdadeira Lei de reabilitação moral dos Espíritos. A responsabilidade das faltas é intransferível, pois constitue um engano o antigo adágio em que se julgava, os filhos pagarem pelos erros dos Pais. O suicidio é sempre punido bem assim aquele que por qualquer meio ou circunstância o impele de comete-lo, pois que o castigo ainda será maior. A maior punição - segundo os instrutores do Plano Superior - é o tempo gasto no desprendimento do Espírito, naquelas fases de angustia, cujas pertubações podem demorar até meses... No caso de um criminoso, a presença do espírito da vítima e o pensamento dos atos praticados para atingir o intento, constituem cruel suplício.
Muitos não tem consentimento de visitarem os que continuam na matéria (ou encarnados), até o total arrependimento e as necessárias reparações. Os Homens são imperfeitos, porém assim não foram criados, pois a Justiça Divina evidencia-se na igualdade absoluta que preside na Criação dos Espíritos.
O caminho da felicidade é aberto a todos com liberdade de ação, afim de que, cada um tenha o seu próprio mérito.
Por essas considerações, pode todo o Ser humano, distanciar-se dos males por efeito da própria vontade, e assegurando-lhe a futura bemaventurança, integrar-se á Lei de Deus.

serviço

CANAL 4
TV SERGIPE

PROGRAMAÇÃO

15:30 – Abertura
15:35 – TV Educativa
16:15 – Hoje
16:30 – Vila Sésamo
17:30 – T.R.E.
18:00 – Che Mirim
18:45 – Jornal Quatro
18:50 – Supermanoela
19:37 – Bola Quatro
19:44 – Jornal Nacional - Via Embratel - A cores
20:15 – O Semideus
21:00 T.R.E.
21:30 – Moacyr Franco Show
22:25 – Jornal Quatro
22:30 – O Espigão – A Cores
23:05 – Sessão Suspense
01:00 – Encerramento

FILMES DO DIA

ARACAJU– Com: Clen Lee, Carla Romanelli e Gordon Michell "MEU NOME É XANGAI JOE"– Censura 14 anos – Sessões: 14, 16, 19 e 21 horas.

PALACE– Estrelando John Phillip Law, Caroline Munro e Tom Baker "A NOVA VIAGEM DE SIMBAD" – Censura 10 anos – Sessões: 15, 17, 19 e 21 horas.

PLAZA– "MEU NOME É XANGAI JOE" e "SEMEANDO A MORTE NO TEXAS". Sessões – 19 e 21 horas.

RIO BRANCO– Com: Jorge Soares, Enoque Batista, Marcos Miranda e Sergio Hingst /"AS CANCACEIRAS ERÓTICAS". Censura 18 anos – Sessões: 14, 16, 19 e 21 horas.

VITÓRIA– Com: Paola Tadesco " OS FAMILIARES DA VÍTIMA NÃO SERÃO AVISADOS" – Censura 18 anos – Sessões: 15, 17, 19 e 21 horas.

HORÓSCOPO

AQUÁRIO – Seja cordial com as pessoas ligadas a voce. Não julgue com precipitação para não ser injusto. Algumas surpresas amorosas poderão surgir.

AIRES – O amor continua estável. Algumas surpresas poderão surgir no setor profissional. Cuide mais de sua saúde evitando abusos alimentares.

TOURO – As alegrias continuam pelo propiciat no setor material. Seja mais sincero com os amigos, eles poderão ser úteis. Bandeira branca no amor.

GÊMEOS – A vida é boa apesar de tudo! Os problemas sempre têm soluções. Evite o nervosismo e parta para realizar No ambiente familiar tudo vai bem.

CANCER – Dedique-se mais à pessoa amada. Não confie muito em informações precipitadas. Conserve as amizades e faça novas se for possível. Estabilidade no setor profissional.

LEÃO – Não se precipite nas resoluções de pequenos problemas. A prudência é boa conselheira. Em sua vida sentimental pode surgir algo de novo.

VIRGEM – Os abusos alimentares continuam ameaçando sua saúde. Evite intrigas no setor sentimental, onde voce terá surpresas. Ambiente familiar estável.

LIBRA – Sendo otimista voce alcançará vitórias há muito esperadas. Cautela, entretanto, nos seus pronunciamentos. Ative suas relações sociais.

ESCORPIÃO– Se você não se sair bem dessa vez não será motivo para desânimo. A vida dá muitas oportunidades. Evite tristezas e parta para melhorar.

SAGITÁRIO – O fluxo continua favorável as diversões. Não se exceda em atividades físicas. No amor tudo continua bom. Alguns problemas poderão surgir no ambiente familiar.

CAPRICÓRNIO – Boas oportunidades para negócios de um modo geral. Haja com cautela e ponderação no amor.

PEIXES – Lamentar oportunidades perdidas de nada adianta. Vamos para a frente..No amor tudo pode acontecer. Seja compreensivo com os familiares.

Anexo 06: Texto Memorialístico de Beatriz Góis Dantas, sobre Mãe Bilina, publicado no Jornal da Cidade. Jornal da Cidade, n. 767. Aracaju – SE: 06 e 07. 10.1974. IHGSE/Hemeroteca da UFS.

BILINA DE LARANJEIRAS

Beatriz G. Dantas.

De boca em boca, a notícia da morte de BILINA, ocorrida em Laranjeiras na madrugada do dia 27 do mês passado, espalhou-se pela cidade e seus arredores. De Aracaju, através das emissoras de rádio difundiu-se rapidamente por regioes mais distantes, levando tristeza para centens de pessoas, ,muitas das quais acorreram de diferentes cidades para prestar as últimas homenagens à velha MÃE DE SANTO , dirigente de um dos mais afamados centros de culto afro-brasileiro de Sergipe.

Eram filhos de fé dominados pela insegurança da sua orfandade espiritual; consulentes inquietos quanto ao futuro e resolução de seus problemas; negros velhos e jovens afilhados agora preocupados com o pão de cada dia;

amigos entristecidos pela ausência do objeto de sua amizade.

Procedentes de Aracaju. S. Cristóvão, Riachuelo, Socorro, Maruim, Divina Pastora, Itabaiana, Lagarto e outros municípios juntaram-se aos residentes em Laranjeiras para formar o imenso cortejo fúnebre que conduziu o seu corpo à sepultura.

As ruas estreitas e tortuosas da velha cidade foram palmilhadas pela multidão silenciosa que vagarosamente seguia os integrantes do "GRUPO DE XANGÔ", que trajando as vestes brancas e rituais do culto, ladeavam o caixão mortuário.

Quebrando o silêncio os sons metálicos e fortes dos sinos da Matriz que plangiam em sinal de luto, quase abafava os sons mais fracos dos sinos da Igreja de S. Benedito, templo humilde, construído no século passado para abrigar as irmandades dos negros e escravos, e onde anualmente, no dia 6 de janeiro se apresentavam as TAIEIRAS, lideradas por Bilina, para homenagear os santos com a Coroação das Rainhas de N.Sra. do Rosário, oferta de flôres e apresentação de cantos, músicas e danças no interior do templo.

Com o mesmo fervor com que cultuava os orixás, divindades trazidas da África pelos seus ancestrais, cultuava os santos da Igreja católica e participava das festas por ela promovidas, resultado de um longo processo de interpretação de elementos cultuais iniciado há mais de quatro séculos, quando os navios negreiros começaram a despejar no Brasil milhares africanos com suas culturas próprias.

Nessas levas de escravos apresados na Africa figuravam os quatro avôs de Bilina, ascendência de que ela muito se orgulhava. Filha de crioulos, antigos escravos, nasceu em Laranjeiras quando já se findara a escravidão.

Mas, sua personalidade foi profundamente marcada pelo sistema de relações sociais engendrado na ordem escravocrata e persistente na ordem emergente. A sua mãe a negra Calu, escrava, ama de leite, depois de livre continuou morando na casa do antigo senhor que estendeu aos filhos da ex-cativa o seu sobrenome. Assim se assinava Umbelina Araújo e chamava-o de "papai branco" pois efetivamente foi o pai que conheceu, uma vez que o pai biológico, o negro Bastião, quase nenhuma influência exerceu em sua vida. Ao contrário, a avó materna, a Nagô Birunquê teve importância

Fazendo vênia diante do altar após a oferta das flores.

destacada na sua formação. Sabendo-a predestinada para a chefia do grupo, cuidou de transmitir-lhe as tradições religiosas, o apego a fidelidade aos costumes e à terra dos seus ancestrais. No fim da vida lamentava-se Bilina de não ter conhecido a África, que no seu modo de

Dança das taieiras. À esquerda: Bilina, a organizadora do festejo.

ver era uma terra muito rica, em ouro, pérola e diamante.

Mas , suas andanças mais distantes levaram-na ao Rio de Janeiro onde ainda jovem vai empregar-se como ama de menino, daí retornando para dar continuidade ao festejo das Taieiras e assumir a liderança do grupo de Xangô.

Por exigência dos deuses permaneceu virgem e dedicou a sua vida ao culto dos orixás, esforçando-se por guardar fidelidade à sua gente e às tradições recebidas dos seus ancestrais, festejando anualmente as divindades de conformidade com um calendário, que é cópia dos calendários africanos do Golfo da Guiné, centrado no cultivo ao inhame e a observância de ritos primitivos. Chamava o seu culto de "Irmandade de Santa Bárba Virgem". e era por todos respeitada e tratada carinhosamente por ALOCHA, forma simpleslificada da expressão africana Ialorixá, que quer dizer mãe de santo.

Por mais de meio século foi uma presença marcante na cidade de Laranjeiras , com suas Taieiras e seu "festejo de Nagô".

Com a sua morte muitas dúvidas se levantam.

Qual será o destino do terreiro fundado pelos africanos em Laranjeiras no século XIX? Até que ponto este conservará a feição tradicional que o caracteriza, ou se renderá às inovações ritualísticas e doutrinárias mais recentes, por que proliferam no segmento afro-brasileiro? Quem assumirá a chefia do grupo de culto? Este se conservará unido ou se desagregará integrando-se os seus participantes em outros grupos?

Que destino terá a Taieira? Conseguirá conservar por algum tempo ainda, o sentido religioso que lhe marca a existência e a caracteriza como uma dança para louvar santo, ou logo se transformará num grupo de dança profana?

Embora saibamos que as visões prospectivas a respeito dos fenômenos sócio-culturais são temerárias pelo número elevado de variáveis e a que está sujeito o processo, julgamos que a Taieira não deixará de ser dançada, pelo menos enquanto durar esse interesse que hoje existe em torno do Folclore, sobretudo utilizado como atrativo turístico. Mas essa brecha que se apresenta para sua sobrevivência, acelerará decerto a sua modificação e a perda do seu sentido religioso. Reconhecemos que a mudança atinge os fatos folclóricos pela sua própria natureza de fato cultural , mas, queira Deus que a Taieira possa encontrar por si mesma, os seus rumos de modificação.

Quanto ao grupo de xangô as perspectivas são mais sombrias. Enquanto viveu, Bilina guardou muito zelosamente, quase com ciúme, os conhecimentos acerca do culto. Transmitiu apenas uma pequena parte do legado cultural recebido dos velhos nagôs. Não preparou efetivamente uma pessoa para substituí-la , no momento, a sucessão é um dos pontos cruciais no destino do grupo de culto

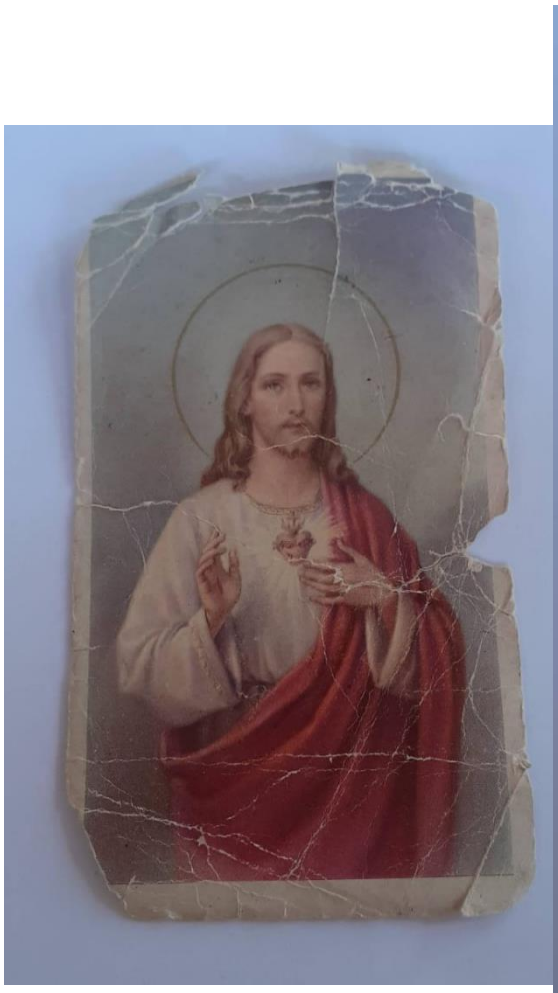
As dissensões internas, antes controladas pela liderança da velha sacerdotiza, emergem e ameaçam a unidade do grupo.

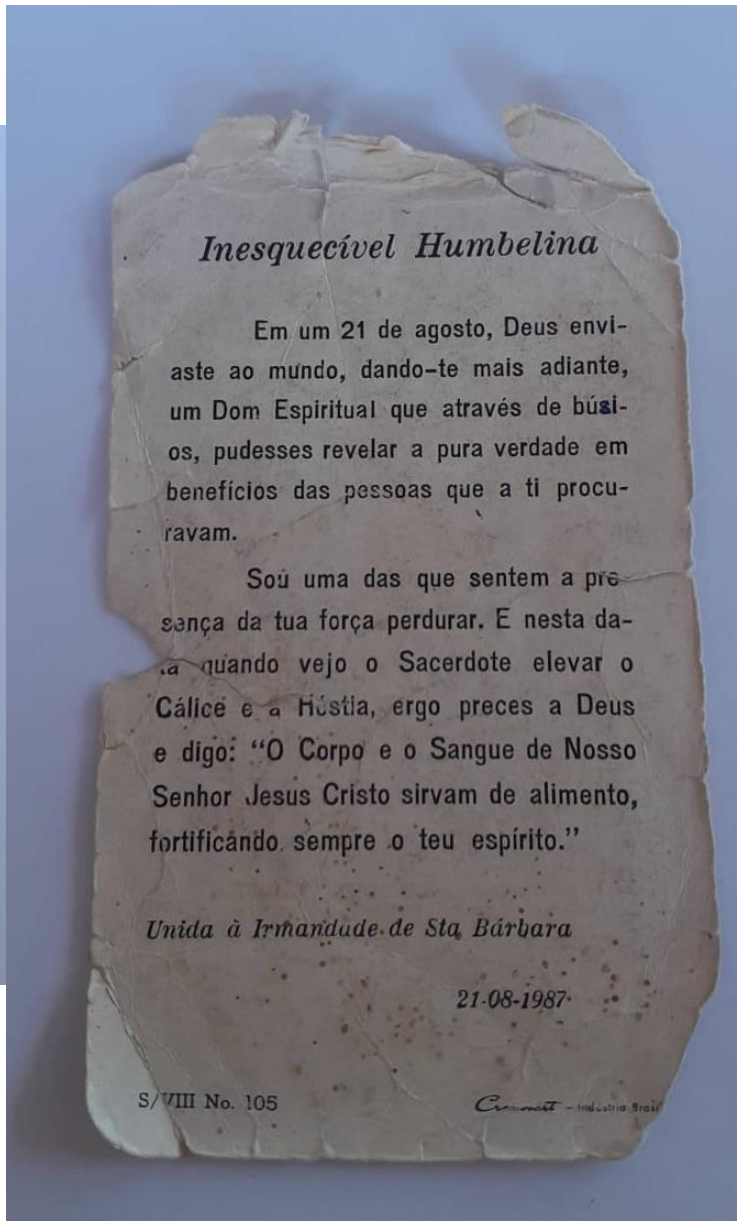
Apesar de todas as adversidades é provável que o grupo tenha continuidade pois é uma fonte de renda e prestígio, e candidatos à sucessão não lhe faltam.

Está forma de dúvida porém, que mesmo que estas formas culturais persistam, muito se esvaziarão no conteúdo religioso que Bilina soube preservar, apoiada no conhecimento, apego e fidelidade que tinha em relação às tradições dos seus ancestrais.

Anexo 07: Imagens do túmulo de Umbelina Araújo em Laranjeiras, no cemitério da Misericórdia e m 18 de março de 2023.Fonte: Acervo próprio.

Anexo 08: Fotografia de santinho entregue em missa em Ação de Graças pelo nascimento de Mãe Bilina em 21 de agosto de 1987. Foto: Acervo próprio.





Inesquecível Humbelina

Em um 21 de agosto, Deus enviaste ao mundo, dando-te mais adiante, um Dom Espiritual que através de búsios, pudesses revelar a pura verdade em benefícios das pessoas que a ti procuravam.

Sou uma das que sentem a presença da tua força perdurar. E nesta data quando vejo o Sacerdote elevar o Cálice e a Hóstia, ergo preces a Deus e digo: "O Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo sirvam de alimento, fortificando sempre o teu espírito."

Unida à Irmandade de Sta Bárbara

21-08-1987

S/VIII No. 105

Anexo 09 – Transcrições das Entrevistas

Transcrição da Entrevista com Dona Bárbara Cristina dos Santos e Maria do Espírito Santo

Realizada em 15 de novembro de 2021, na casa da lôxa em Laranjeiras. Entrevista contém 28 minutos e 41 segundos.

Maria da Conceição: Dona Bárbara, né? E Dona Ciza... as senhoras permitem que eu grave essa nossa conversa, nossa entrevista?

Bárbara e Ciza: Sim.

Maria da Conceição: Então eu gostaria, né, primeiro saber os nomes das senhoras completos, como é que as senhoras se chamam...

Dona Bárbara: Eu me chamo Bárbara Cristina dos Santos e sou a atual lôxa da Irmandade de Santa Bárbara Virgem,

Dona Ciza: Eu sou Maria do Espírito Santo, todo mundo me conhece como Ciza, sou iaquequerê da Irmandade de Santa Bárbara Virgem, o que quer dizer mãe pequena.

Maria da Conceição: o que uma mãe pequena faz?

Dona Ciza: Tudo!

Maria da Conceição, Dona Ciza: risos.

Dona Ciza: Faz de tudo. Ela é que auxilia a lôxa, nos trabalho, na arrumação do santo né? No seguimento da casa, assim... É quem ajuda a orientar os filhos da casa, é o que a iaquequerê faz, é isso. Sobre a Bilina, eu fiquei aqui muito pouco tempo, porque eu fiquei aqui até oito anos, dos meus 8 anos ou mais, que eu não me lembro bem a data, eu fui embora para o Rio de Janeiro, né? Nessa ida para o Rio de Janeiro, eu perdi muita coisa, eu só vim vinte anos depois, né? Mas a minha convivência, eu vivi aqui, a minha família toda, são nagôs, avós, bisavós, todos são nagô. Sou uma descendente de Ti Herculano, que foi quem fundou essa irmandade, né? E, eu não cheguei a conviver com ele claro, porque ele era dos anos 80, né? 1980, por aí...

Dona Bárbara: 1800

Dona Ciza: Não, 1840! Tô eu me atrapalhando, que ele faleceu em 1992, né?

Dona Bárbara: Não...

Dona Ciza: Não é assim?

Dona Bárbara: 1892, 92 é agora, atual.

Maria da Conceição: 1892, risos... Olhe essa história de número, eu sou toda atrapalhada com data, também...

Dona Ciza: Data pra mim...

Maria da Conceição: É, eu digo sempre, olhe eu sou historiadora, mas não me pergunte data que eu não consigo lembrar.

Dona Ciza: Eu. Então nesse meio tempo, o que eu sei é o que minha avó contava, é o que o meu avô contava, meu pai, né? Porque o meu pai, mesmo sendo descendente de frente, ele frequentava o nagô, mas não se fardava. Ele vinha pro festejo, no tempo de Dona Bilina, ela permitia que ele entrasse, tocasse tambor, fizesse tudo aqui. Mas ele não se fardava, né? Quem fardava-se era minhas tias, né? Por parte de pai, minhas avós, meus avós, mas na minha geração pra cá, ninguém se fardava. Só no tempo que eu voltei do Rio de Janeiro, foi que eu assumi a casa, lá de Ti Herculano que é na Comendaroba, não sei se cê sabe...

Maria da Conceição: Hunrum.

Dona Ciza: É lá na Comendaroba, que eu assumi a casa, comecei a tomar conta da casa, tinha uma senhora lá, que morava lá, que era Julia, pertencia à irmandade, né? E ela morava, lá. Tomava conta da casa, então esse é o meu saber... Sobre Bilina, eu sei o quê? Ela comandou essa irmandade, que era uma pessoa muito sábia, né? E no meu tempo, que eu me lembre, é só isso mesmo, né?

Maria da Conceição: Obrigada. O que significa é... Esse fardava?

Dona Ciza: Se vestir de branco. Se vestir de branco e participar de todas as etapas do festejo. Entendeu? Da irmandade. Porque o festejo é uma etapa, né? É uma etapa no sábado, no domingo são todas as etapas até amanhecer o dia de segunda, né? Quando amanhece o dia de segunda, para, aí vai, tem a obrigação na terça-feira, depois recomeça no sábado. Termina no domingo à noite, né? Então são por etapas, e a gente não participava dessas etapas. Entendeu? Vinha, só quando abria a segunda roda e vamo tocar e vamo dançar e tudo. E eu como sabida, dançava na primeira roda pra ganhar o dinheiro e pronto.

Maria da Conceição, Dona Bárbara e Dona Ciza: risos.

Dona Ciza: é isso que eu sei do festejo, é isso que eu sei. E como ela comandava o nagô, comandava as taeiras. Eu dancei taieira muito, quando eu era pequena... só, só o que eu sei, é isso.

Maria da Conceição: mas a senhora e Dona Bárbara nasceram aqui em Laranjeiras?

Dona Ciza e Dona Bárbara: Nasci.

Dona Ciza: Nasci, eu fiquei aqui até certa idade, depois eu fui embora pro Rio de Janeiro. Lá casei, tive meus filho depois voltei. Quando eu voltei, me assumi de verdade.

Maria da Conceição: se assumiu de verdade.

Dona Ciza: foi, me assumi de verdade, e com o tempo Dona Lourdes adoeceu, que é a mãe de Bárbara. Mãe adotiva, adoeceu, e mandou me chamar pra que eu cuidasse de Bárbara. Negócio de escola, reuniões, essas coisa. Eu ia, até o tempo que ela adoeceu demais, mesmo. Aí eu passei a vim ficar aqui e cuidar dela. Fiquei aqui, cuidei dela, até o falecimento dela. Antes dela falecer, me deu a tutela de Bárbara, né? Tudo era eu que resolvia. Quando ela faleceu, aí fomos pra juiz, essas coisa, ele me deu a tutela dela, e eu fiquei com ela, aqui, até hoje. Isso vai fazer 20 anos.

Eu: 20 anos já, né?

Dona Ciza: É.

Maria da Conceição (para Dona Bárbara): A senhora assumiu a liderança da irmandade com quantos anos?

Dona Bárbara: eu?

Maria da Conceição: Sim.

Dona Bárbara: Quando minha mãe faleceu eu tinha 15. Mas eu fui lôxa, aos 16.

Maria da Conceição: Mas Dona Lourdes e Mãe Bilina tinham alguma relação de proximidade? Eram da mesma família?

Dona Bárbara: Era madrinha dela.

Maria da Conceição: Dona Bilina, né? Era madrinha?

Dona Bárbara: Isso.

Maria da Conceição: Vamos ver aqui... Vocês acham que Mãe Bilina , tem alguma importância, assim... É histórica, para a cidade de Laranjeiras?

Dona Ciza: Com certeza.

Maria da Conceição: Por quê?

Dona Ciza: o nome da rua...

Dona Bárbara: Porque ela era uma pessoa muito conhecida. Não somente em Laranjeira, acho que no Brasil, em si. Pela força que ela tinha. Pelo trabalho que ela exercia dentro da irmandade, com a comunidade. Então isso tudo traz uma representatividade. Acho que ela como uma lôxa, era bem vista, não somente dentro da cidade de Laranjeiras, como em todo Sergipe.

Maria da Conceição: E qual a importância dela pra irmandade?

Dona Bárbara: Muito grande. Por ela ter sido a primeira figura feminina a ter o comando da religião. E exercer esse cargo com muita honra, com muita dignidade, com muito zelo, com muita competência, dentro da irmandade. Então fica o legado, não só pra nós, mas pra comunidade em geral.

Maria da Conceição: ela (mãe Bilina) tem algum parente que faz parte da irmandade?

Dona Ciza: Não.

Maria da Conceição: Eu li que vocês, dentro da irmandade, quando... no caso, Ti Herculano, ele morreu... aí os descendentes dele tiveram que cuidar dos santos dele, né? Era guardião, como a senhora disse...

Dona Ciza: isso.

Maria da Conceição: É... no caso, de Mãe Bilina... Ela também tem que ter uma pessoa pra cuidar dos santos dela, não é isso?

Dona Bárbara: Não. No caso de Mãe Bilina, ela como sendo a lôxa, ela é escolhida pelo orixá maior, o nosso Pai da Costa. É, quando ela morre, o orixá indica outra pessoa que venha assumir

esse cargo. E essa pessoa cuida dos orixás. Não somente do orixá que ela cuidava, que era o orixá de Ti Henrique, que se encontra dentro desta casa, como das outras colônias, pertencentes à irmandade. Que hoje são cinco, dentro da cidade de Laranjeiras. Tem aqui, a casa dela. Tem a casa da Iansã. Tem a casa do finado patrão, Seu José Maria, tem a casa de Ti Herculano, que pertence a madrinha e tem a casa da finada Tercila. Antes haviam casas, nas outras regiões sergipanas, porém essas casas foram desaparecendo. Esses orixás foram desaparecendo. Alguns Bilina recolheu, e colocou na casa da Iansã. Estão lá até hoje. Mas outros se perderam com o tempo. Então, aí o orixá escolhe a pessoa, e essa pessoa tem a liderança da irmandade. No caso foi a minha mãe Lourdes, após a sucessão, após a morte de Bilina... Era Alaíde, só que Alaíde não aceitou, então pediu ao nosso Pai orientação, nosso Pai, indicou minha mãe Lourdes. Quando ela faleceu, eu fui escolhida, através de sonhos, mensagens, até o próprio orixá me entregar o cargo da religião.

Maria da Conceição: mas no caso, Dona Bilina ela cuidava dos santos de Ti Henrique, mas ela também fazia parte da família dele?

Dona Bárbara: Não. Ti Henrique, foi o primeiro beg da religião nagô e trouxe consigo os seus orixás e cultuava seus orixás. Depois dele vem Ti Herculano. Com a morte de Ti Herculano, ou com a morte de Ti Henrique, Ti Herculano funda a irmandade de Santa Bárbara Virgem, aí engloba...

Dona Ciza: Bárbara

Dona Bárbara: Oi

Dona Ciza: Não foi assim...

Dona Bárbara: Então conte...

Maria da Conceição: risos.

Dona Ciza: Assim, Ti Herculano quando chegou aqui, Ti Henrique tinha ainda a casa nagô dele...

Dona Bárbara: Não é isso que eu tô dizendo:

Dona Ciza: não... Ainda festejava a casa dele...

Dona Bárbara: Quando Ti Henrique...

Dona Ciza: Ti Herculano aí, fez, fundou a irmandade de Santa Bárbara Virgem e ficou os dois. Ti Henrique com o nagô dele e Ti Herculano com a Irmandade de Santa Bárbara Virgem. Ti Henrique veio a falecer, alguns de Ti Henrique foi pra Irmandade de Santa Bárbara Virgem outros saíram pra outras religiões e o santo de Ti Henrique ficou sem ter quem tomasse conta. Ninguém quis tomar conta. Família, essas coisa que às vezes toma conta, deixou lá. Então Dona Bilina foi lá, depois da morte de Ti Herculano e tudo, Dona Bilina foi lá e pegou também o Santo de Ti Henrique e trouxe pra casa dela. Entendeu? Mas a irmandade continuou lá e Dona Bilina continuou aqui com o Santo. Só que era ela a lôxa de todas as casa. Era ela quem fazia o festejo, era ela quem cuidava do Santo e passou também a cuidar dos santos de Ti Henrique. Todas as obrigações que faz, hoje aqui, pro santo, era feita lá na Comendaroba. Houve um desentendimento de Dona Bilina com a minha avó, então fechou a casa lá por um tempo. E as obrigações que fazia lá passou a fazer aqui, né? Então a irmandade continuou fazendo aqui,

mas minha casa lá, a casa de Ti Herculano ficou parada. Até depois, que houve de novo um entendimento, foi que passou a fazer o festejo lá. Então a irmandade voltou. Aí fazia o festejo lá e fazia o festejo aqui, também. Entendeu?

Maria da Conceição: Entendi. É, como é o nome da sua avó? Da avó da senhora?

Dona Ciza: Da minha avó, Maria do Espírito Santo.

Maria da Conceição: Também, risos. E a senhora falou da casa de uma antiga, né? Tarcila. Quem era Tarcila?

Dona Bárbara: Era da família de meu padinho, seu Aluizio. Era uma descendente de africano.

Maria da Conceição: Aí no caso, Dona Lourdes passou a cuidar dos santos de Ti Henrique...

Dona Bárbara e Dona Ciza: e de todas as colônias.

Maria da Conceição: e agora é a senhora que tem essa responsabilidade.

Dona Bárbara: Isso.

Maria da Conceição: muito bem. Então, as minhas perguntas por aqui, elas se encerraram. Agradeço. Eu, quero saber, se, se surgirem mais perguntas, mais questionamentos, se eu posso, retornar, pra conversar com as senhoras novamente?

Dona Ciza: pode, marcando assim, né? Tem que saber, quando cê vem, que horas você vem. Se a gente pode ou não, atender, né? Porque tem isso também, né?

Maria da Conceição: Eu marco direitinho.

Dona Ciza: Viu? Aí cê pode vim.

Maria da Conceição: Eu quero agradecer de coração, por essa abertura, porque, nós dois, conhecemos, né? A irmandade de Santa Bárbara Virgem, a gente tava na metade, ainda do curso de História. A gente conheceu, veio aqui na cidade, você conheceu antes, né?

Hiago: Hunrum.

Maria da Conceição: Mas eu vim aqui na cidade, em 2018, é... no dia da coroação, da rainha das Taieiras. E aquilo pra mim, foi de uma lindeza, porque eu disse, nossa, eu vivi 20 anos da minha vida sem saber, que em Sergipe, na cidade de Laranjeiras, existiam pessoas, que até hoje é, conservam os costumes dos africanos, né? E mantem viva essa nossa cultura, é e aquilo pra mim foi uma lindeza e de coração, mudou minha vida. Eu enquanto uma pessoa negra, eu fiquei tão feliz e orgulhosa, é que naquele dia, assim, minha vida, mudou e eu comecei até a enxergar o mundo de uma forma diferente, né. Porque, a gente que, nós que somos pessoas negras a vida muitas vezes pra gente é difícil, né?

Dona Bárbara: É verdade.

Maria da Conceição: É difícil a gente assumir nossa cultura, A herança que a gente recebeu, né? É... e se orgulhar, e naquele dia, assim, é ver as senhoras, ver a irmandade, ali, me orgulhou muito. Me deu força, pra eu me orgulhar também, né. E seguir em frente na vida. Então, esse momento pra mim é muito importante, risos, pessoalmente. Pesquisar Mãe Bilina, pra mim é muito importante, porque, é... estudando, né... pesquisando sobre... é... não tem ninguém que

fale só dela, né... da trajetória da vida dela, especialmente. Tem falando sobre a irmandade, falando até sobre a questão, do matriarcado, né? A questão das mulheres na liderança do nagô, tem os livros da professora Beatriz Góis Dantas, mas não tem ninguém falando somente sobre Mãe Bilina em si... (inaudível)... poxa eu quero escrever sobre ela...

Dona Ciza: E ela, ela foi escolhida, ela não tava nem aqui. Ela tava no Rio de Janeiro. Era muito jovem. Quando o Santo chamou ela, e tava uma epidemia de varíola, né? O Santo chamou ela pra vim assumir as colônias de Santa Bárbara. Aí ela veio, era noiva, nessa época, ela veio e assumiu, o cargo de lôxa, né? Ficou. E o noivo dela, como ela não podia casar, né? Ficou, terminou, mas ele ficou insistindo. Falava muito do santo, falava muito mal, e depois sumiu. Sumiu, mesmo. Que ela não podia se casar, ela tinha que se manter virgem, né? Pra assumir a irmandade. E nessa trajetória, desse noivado, ele sumiu, e ela botou a cabeça só no Santo. Só na Irmandade. Foi quando o nosso Pai da Costa, deu a ela o poder de acabar com a varíola, aí ela fez as obrigações e acabou com a varíola, aqui, que tava matando todo mundo. Os negros, a maioria, negros, que tinha aqui. A professora Beatriz, fez uma pesquisa na época, que tinha, quase dois mil negro aqui dentro de Laranjeiras, escravo. E morreu muitos, com essa varíola. Muito, muito mesmo. Foi quando nosso Pai chamou ela, pra assumir, que ela veio, deu a ela a sabedoria, de fazer essa obrigação, e ela acabou com a varíola. Mas nesse tempo Ti Herculano já tinha falecido?

Dona Bárbara e Dona Ciza: Já!

Após, a partir do minuto 19:06, conversa sobre as fotos na parede da sala de estar.

Fim da Entrevista.

Transcrição da Entrevista com Severo D'Acelino
Realizada em sua casa, na rua Goiás, em Aracaju, em 18/01/2022.

Severo: [...] Então quando eu falo a respeito de Dona Umbelina, quando ela ficava irritada, ela era dominadora. Umbelina foi extremamente dominadora, para ter exatamente essa fama, para ter o controle, para ter exatamente o poder de disciplinar o pessoal dela que até hoje tá aí. Porque é a mais importante organização, a mais importante irmandade que se tem notícia aqui em Sergipe. Que eu refuto. Porque ela colocou o pessoal dela de uma disciplina tão ferrenha, eu não conheço nenhuma é... nenhuma entidade, nenhum grupo religioso que tenha a sua relação com a... como é que se diz? Essa mesma relação que tem com a Igreja, desse claustro, desse negócio das freiras de se manter virgem, tá entendendo? A religião de matriz africana eu não conheço nenhuma. E no entanto, aí Umbelina, cravou isso. As lôxas – "Aqui a sucessão tem que ser mulher" – Na casa dela não tem patrão, quem manda é lôxa tá? Você vai no Bugio tem um menino que é Tonho, o pai de santo lá... mas me parece que o fato dele ser o pai de santo, sei lá, o que esteja na frente, deve ter a lôxa, e que é a menina que está substituindo, a sucessora de Dona Lourde. Então ela é lôxa de todas as casas. Me parece que são cinco casa da irmandade, tá? E os demais podem ter os patrões que estão por ali, comandar pelo olho. Mas quem dá a última palavra é a menina, que eu esqueci o nome dela agora.
Maria da Conceição: Barbara.
Severo: Barbara! Antes era Dona Lourde, né? Então Dona Lourde criou Barbara, tá? Dentro dessa, desse pensamento da pureza. Então quando, eu acredito que quando Beatriz Góis Dantas escreveu aquele livro, sobre a pureza racial, a pureza nagô, tá? Eu acho que ela está se referindo a parte sexual, à parte do corpo [...] Então quando diz "Copacabana, ainda não morreu. Na rua

da palha[1], quem manda sou eu". Era o brado de Umbelina! Lá em Laranjeiras, ela batia o pé na terra, e ai daquele que dissesse não. Olhe, eu vi, conheci Dona Lourde e Zé Sobral. Bastava um olhar de Dona Lourde pra Zé Sobral encolher.
Maria da Conceição: Quem era Zé Sobral?
Severo: O prefeito de Laranjeira. E dona Lourde trabalhava lá, na prefeitura. Aonde? Fazendo cafezinho. Ela falava com os olhos e com os lábios. Quando ela tossia, com a boca com o canto, já sabia o que vinha por ali. Era temida por todo mundo que entrava ali na prefeitura. E Dona Lourde é a cópia de Umbelina. E então, eu passei muito tempo lá em Laranjeiras para que Dona Lourdes abrisse a fala pra mim. Tá?
Maria da Conceição: Reservada?
Severo: Muito reservada. Mas não era que se escondia, não. Era simplesmente que ela não lhe via, não dava pela sua presença. Você aqui, ela aqui. Mas você não existia. Ela lhe isolava. Umbelina era isso, pra manter, o grupo de homens e mulheres. Pra manter toda a irmandade, tá? [...] Então ela era a grande matriarca. Então quando ela dizia "boca de forno", olhe.. já tava todo mundo ali. Então não é pra qualquer mulher, não. Porque ela tinha a consciência política, mas ela também tinha a consciência política dela. Tá entendendo? Tá entendendo? Ela tinha consciência da responsabilidade política, social e sobretudo cultural dentro da irmandade, dentro dos preceitos, dentro de tudo. Então eu acredito que no fim da sua vida, ela deva ter escolhido essa menina Beatriz, tá? E que ela abriu a fala pra Beatriz. Então Beatriz conhece o lado perverso e o lado bonachão, o lado profano e o lado bonachão de Umbelina. Então, o tempo que ela passou no Rio de Janeiro, quem era lá, Umbelina no Rio de Janeiro? Ninguém aqui sabe? Porque só simplesmente sabe que ela passou lá no Rio de Janeiro. Mas o que ela fez lá no Rio? Os contatos dela, o que ela aprontou, o que ela sofreu no Rio de Janeiro, ninguém sabe. Então Tinha a Dona Alaíde, aí... que era muito chegada a ela. Que era uma das sacerdotisas lá do culto, era lá junto com Dona Lourde. E mantinha, Dona Alaíde era professora e ela mantinha essa articulação, mantinha esse diálogo. Porque era uma das sacerdotisas uma das filhas de santo de lá do nagô.
Maria da Conceição: Alaíde morava por aqui?
Severo: Alaíde morava lá em Laranjeiras, depois se mudou pra Socorro. Você chegar ali em Socorro, ali... perto da prefeitura, então ao lado esquerdo, tem uma casa de andar que era de Alaíde.
Maria da Conceição: Era professora de quê?
Severo: Era professora, professora do estado, tá?
Maria da Conceição: Mas o senhor sabe a disciplina?
Severo: Não, não, não. Mas acho que era ligado a Português, alguma coisa assim. Sabe? Ela mantinha então essas mulheres, e não... sabe moça donzela. Como é o nome que chamava, meu Deus?
Maria da Conceição: Moça-velha?
Severo: Sim, moça velha. Mas tinha um nome, tem um nome que dava, tá? Esqueci. Pronto, depois coloca. Então, moça-velha era dada, eram muito dadas à doação de crianças. Então Alaíde eu tenho um amigo, que fez esse, esse coisa de João Mulungu que tem aqui, Alcoza e Alcoza é casado com uma menina que foi, filha adotiva de Dona Alaíde. Também professora, e também aposentada da Secretaria de Educação, tá entendendo? Quer dizer, é... A relação de Dona Alaíde com Umbelina, era uma relação é, ritualística. Era uma relação sacra. Não era uma relação doméstica, nem uma relação coisa. Era uma relação, de... cheia de mistérios. Dona Lourde, a mesma coisa. Então quando passou tá, o cargo, então foi Dona Lourde. Porque Dona Lourde é a que estava mais disponível. Não tinha emprego, não tinha outra responsabilidade a não ser estar ali cuidando das coisas da irmandade. Então eu acredito que deva ser isso. Como a professora Alaíde, outras, mais já tinham as suas ações em articulações com o estado, o município. Então sei lá... Então não tinha disponibilidade, para estar ali acompanhando os

passos tá, da lôxa. Porque Dona Umbelina não ficava ali somente naquela área doméstica ali, da rua da palha e de dentro de casa, não. O negócio dela era estar ói, andando, investigando e atendendo as comunidades, atendendo as coisa, tá entendo? Era procurada, então de repente alguém ia lá pra reclamar ou pra fazer uma consulta, ou pra pedir um conselho, e de repente ela estava em outros locais e era assim. Não era uma mulher apática não, era uma mulher guerreira, que dava porrada mesmo. Tá entendendo? Não era a toa que as pessoas respeitavam. Não é um respeito sacro, não. É um respeito de temor. Percebe? Então é isso. [...] Mulher de brio, mulher que enfrenta. Tinha o enfrentamento diário dela, 24 horas por dia e se tivesse mais, mais dia, mais horário, ela estaria lá. Porque era uma mulher que não tinha esse negócio de "Ah eu tô cansada. Agora vou me deitar aqui, vou descansar". Não tinha com ela não. Ela participou dos Filhos de Obá, de lá de cima do terreiro de Alexandre e depois houve um cisma. O cisma foi, isso conta-se você vê em Beatriz, tá? Não com essas palavras que eu tô usando. Mas houve um cisma entre ela e Alexandre. Ora veja bem, Alexandre a potência e a separação dele, não foi uma separação assim, gentil não. Foi realmente dessa de, bater fogo. Eles se peitaram. E ela pegou o bastão de Herculano e se mandou pra rua da palha. Tá? Não sei se de lá ela foi pro Rio de Janeiro. Ou se foi, não qual foi o enredo. Mas ela era, da casa de Alexandre, depois saiu, tá? [2]Do tempo de Tia Lira, não sei se ele alcançou (incognoscível) Taquetê, Kelebé. Mas a relação que ela tenha com Ti Herculano... Hoje Ti Herculano é conhecido e memorado, por conta de Umbelina. Então aquela coisa, diz que ela roubou o bastão de Ti Herculano, tá? Essa coisa toda. E Ti Herculano tem um abaixamento lá no terreiro dela, e a gente tem que observar "mas porque não o que, ah nagô". Não o abaixamento, tá, que Ti Herculano é uma entidade, Umbelina é uma entidade, eu considero Umbelina uma entidade, tá entendendo? Então se amanhã ou depois alguém disser que Umbelina tá aí baixando nos terreiros ou tá baixando na cabeça de alguém. Pra mim, não é novidade não[...] Eu fui ter conhecimento, que eu pensava antes que o terreiro Filhos de Obá fosse consagrado a Xangô, mas não é não. É consagrado a Iansã, é uma Iansã tutu. É uma Iansã que não tem, como é que se diz? A orelha. Que chama-se Obá. E o, como meu padrinho era de, é... de Xapanã, que é um orixá Obaluaiê, então eu suponho que ele fosse realmente o dono dali. Depois foi que eu fui saber que aquele terreiro, ói ali antiquíssimo, ali foi a origem do Candomblé em Sergipe. A Ta Inácia, Keledé, Ta Ketê, foram essas mulheres que fundaram o terreiro aqui em Sergipe. Lá em Laranjeiras, inclusive aquele terreiro foi o primeiro...

Maria da Conceição: Mas antes no caso, era uma das colônias dos nagôs?

Severo: Sim. E ali foi o Ti Herculano, foi um dos embaixadores do culto... dos mulçumanos aqui em Sergipe. Laranjeiras foi palco do mulçumanos aqui em Sergipe e tão pouco se fala nisso. Mas a verdade é que há, esse entrelaçamento [...]

Maria da Conceição: Então o senhor, é... conviveu mais com Dona Lourdes. Mas o senhor chegou a conhecer Dona Bilina?

Severo: Conheci, mas nunca cheguei perto dela.

Maria da Conceição: Nunca chegou perto, né? Só via de longe?

Severo: Só via e sentia exatamente o baque que ela provocava, tá?

Maria da Conceição: Tinha uma energia muito forte?

Severo: Muito forte um distanciamento. A gente ficava distanciado das pessoas, e com medo e essa coisa mostrava exatamente a expectativa que a gente tinha sobre essa pessoa estava naquele poder. Um poder, muito forte que provocava aquele distanciamento.

Maria da Conceição: O senhor tinha mais ou menos quantos anos na época?

Severo: Olha, eu saia do jardim de infância. Tinha uns trem que a gente saia daqui ia pra Laranjeiras, as festa lá em Laranjeiras. E aqui em Aracaju a gente ouvia, tá? As conversas dos mais velho essa coisa toda. E sempre quando tinha festa lá em Laranjeira chegava aqui em Aracaju se falava em Umbelina. Lá na casa de Alexandre, ninguém falava, né?

Maria da Conceição: O senhor frequentava mais a casa de...

Severo: De Alexandre. Mas a gente saia, ia andar na cidade. Ia ali pelas ruas se falava isso. A gente olhava, a gente via a casa de Umbelina, a gente passava por lá, pra ver. E sentia... a gente avistava ela na rua e se escondia. Se escondia, não. Baixava a cabeça então aquela coisa que você faz para usar um capuz invisível. Então você encontra, vê pessoa assim que você não quer falar, que você não quer que a pessoa perceba você, você usa... você se encolhe, para que aquela pessoa não fale com você ... você passou desapercebido da pessoa.

Fim da Entrevista.

Entrevista de Dona Maria Aparecida Siqueira
Realizada em 03 de março de 2022

Observações: Maria Aparecida, professora aposentada.

Maria da Conceição: A senhora permite, senhora Maria Aparecida, que eu grave a nossa entrevista?
Dona Aparecida: Espero que eu não fique nervosa pra responder.
Maria da Conceição: Não, não. A gente vai conversar. O que a senhora souber, a senhora diz. Tanto do que a senhora viveu, quanto do que a senhora ouviu sobre ela. Tanto sobre ela, quanto sobre a sua história. Porque a senhora parte do que a senhora viveu, pra falar sobre ela. A gente vai conversar sobre a sua vida. E a partir da sua vida, sobre Mãe Bilina. Então pode ficar descansada, que eu já tô feliz demais de tá hoje aqui com a senhora, viu?
Dona Aparecida: Eu fico nervosa. Nunca dei entrevista assim, né? [...]
Maria da Conceição: Quem era Umbelina Araujo?
Dona Aparecida: Umbelina Araujo era a loxa do nagô, a conheci, tive acesso a ela quando criança, por minha mãe de criação fui a ela doada, dada para que ela pudesse me consagrar à Nossa Senhora de Lourdes, sendo ela a segunda pessoa após a senhora de Lourdes, minha madrinha. Isso aconteceu na gruta de Nossa Senhora de Lourdes aqui na cidade de Laranjeiras, aonde eu nasci. A partir daí, foi criada entre ela e eu um vínculo onde todas as vezes que eu a encontrava e pedia a benção, é como se tivesse recebido dela as bênçãos de Nossa Senhora, além das bençãos que ela como líder espiritual aqui em Laranjeiras, é.
Maria da Conceição: Como era o nome da sua mãe de criação?
Dona Aparecida: A minha mãe de criação chamava-se Livia Sales Monteiro. A minha mãe verdadeira chamava-se Maria Merentina Teles. Falecera me deixando com quatro meses de idade e entregue a Dona Livia Sales Monteiro, que se de certa forma me entregou a Bilina para que ela fosse a minha madrinha de consagração, porque alguma afinidade tinha. Embora eu não possa lhe afirmar que as taieiras ou que a minha mãe tivesse acesso a casa de Bilina, mas ainda criança, em alguns festejos eu podia dar, dava algumas escapuladinhas lá [...] pra poder ver o que é que tava acontecendo. Não que permanecesse por muito tempo, pelo tempo que lá chegava, era por ela acolhida que no momento da celebração, como você pôde ver, me recebia, me abençoava e eu voltava pra o meu canto. A minha convivência com ela só foi essa, não era frequente não. Era lá uma vez ou outra, quando tinha festa e também porque eu não entendia de nada, né? Do festejo [...]
Maria da Conceição: Mas a senhora foi pro velório? Pro enterro?
Dona Aparecida: Não, não, não. Porque eu saí daqui de Laranjeiras, com dezesseis anos. Fui pra Aracaju, onde fiz o curso normal. Ingressei na fé religiosa, fui freira.
Maria da Conceição: A senhora tem mesmo [...]
Dona Aparecida: E depois que eu entrei para o convento, você sabe é... eu não tinha assim... pouco vinha à Laranjeiras, por causa do trabalho, né? Missionário da congregação. Mas eu quero te dizer o seguinte, que em nenhum momento eu esqueci, de ela existia na minha vida. Passaram-se os anos, passaram-se os anos. Até que em 2014 ela já não existia mais, quando ela

faleceu eu não estava aqui, eu perguntando as meninas sobre a Irmandade, quem era que continuava sucedendo ela. Foi quando fora indicada Bárbara e eu pude me aproximar de Bárbara. Chegar lá, dizer quem eu sou, quem eu fui na vida de Bilina, quem era Bilina na minha vida. Embora eu não estava lá todo dia, mas na minha vida ela estava. E aí eu comecei a sempre vir, sempre vir aqui em Laranjeiras, com Barbara né? E todas as vezes que eu vinha, eu ia lá. E coincidiu que todas as vezes que eu vinha e tinha festa eu ia, até que vesti o branco né? E quando foi em 2018 eu fui confirmada, filha de santo de Barbara e membro da irmandade onde você me encontrou naquele dia. Não lhe digo que tenha muita coisa porque houve esse, esse laço. Eu segui a minha vida em Aracaju, Rio de Janeiro, depois eu vim ensinar na Bahia e morar de onde eu saí de lá aposentada [...]
Maria da Conceição: Ela se tornou madrinha da senhora mais ou menos com quantos anos assim?
Dona Aparecida: Mais ou menos uns 6 pra 7 anos. Era mais ou menos isso.
Maria da Conceição: E ela era muito ativa na igreja, Mãe Bilina?
Dona Aparecida: Ela era uma Católica fidelíssima... frequentava a igreja, obedecia e seguia os preceitos que manda a igreja, ela nunca deixou de ir.
Maria da Conceição: Mas era assim, de ir pra missa todo domingo?
Dona Aparecida: Eu não posso dizer a você que ela ia todos os domingos à missa. Mas que ia pra missa e guardava os preceitos da igreja. Sempre fiel.
Maria da Conceição: Sempre fiel? Mas a senhora sabe se ela se confessava, essas coisas toda assim?
Dona Aparecida: Eu não sei. Eu sei que ela era amicíssima do padre. A quem o padre lhe devia uma reverência imensurável. E diante dela se curvava para a benção pedir.
Maria da Conceição: O padre pedia a benção a ela?!
Dona Aparecida: Assim, se curvava para reverenciá-la. Uma sacerdotisa de uma entidade cujo legado foram dos ancestrais nagôs.
Maria da Conceição: Mas qual padre?
Dona Aparecida: Philadelpho Jonatas de Oliveira. Inclusive lá na casa de Barbara, tem um quadro recente, onde você vai encontrar, datilografado, a benção que um dos sacerdotes da época dera a ela, por ser vamos dizer ... Você vai ver o quadro, vai explicar melhor. É como se dissesse aqui você tem toda a abertura de bençãos e graças que Deus nos concede. Através do Deus que está aqui o mesmo Deus que está contigo.
Maria da Conceição: Oia que bonito [...] Como é que era Dona Bilina como madrinha?
Dona Aparecida: Como madrinha?
Maria da Conceição: É como é que ela acolhia a senhora, como é que ela se comportava.
Dona Aparecida: Afetuosamente, afetuosamente. Com um abraço (emocionada). Afetuosamente, com um abraço bem de mãe (com voz embargada). Certo?
Maria da Conceição: Bonito.
Dona Maria Aparecida: E todas as vezes que eu a encontrava, eu me dirigia a ela pra pedir a benção e ela me abraçava e acolhia. Com certeza para me fazer ver que mesmo já sem o segundo laço materno, desfeito, porque a minha mãe morreu, a segunda. Porque madrinha é mãe né? A segunda mãe. Mas eu nunca fui de chegar, de muito. Mas como eu disse a você, porque eu saí daqui também, né? Mas uma pessoa de alma generosa, de qualidades, de bondade, de hospitalidade, de caridade. De tudo o que você possa imaginar, ela era receptora de tudo isso. De dons, que Deus já tinha dado a ela. E ela pelo legado que recebeu, continuou distribuindo.
Maria da Conceição: Mas ela também era uma pessoa que chamava atenção? Repreendia, assim...
Dona Aparecida: A repreensão que eu cheguei a receber, era por causa de coisa de criança, de danação de criança. Mas eu creio que... como uma mãe né?
Maria da Conceição: Como é que ela falava?

Dona Aparecida: “Menina, vá estudar viu?” (Risos)
Maria da Conceição: Vá estudar?
Dona Aparecida? É porque eu gostava de filar aula, sabe? “Vá estudar vá pra casa!” Eu gostava de ficar rodando pela rua correndo. Essas coisas assim, sabe? Mãezona né?
Maria da Conceição: A senhora acha assim, que ela influenciou de alguma forma a sua entrada na irmandade?
Dona Aparecida: Eu creio porque sempre que eu vinha aqui a Laranjeiras, eu tinha vontade de procurar. Mas deixava pra lá, deixava pra lá. Até que um dia, por intermédio de uma outra pessoa que queria ver Barbara, porque tinha sido orientada por Dona Alaíde, que foi a sucessora praticamente de Bilina, ficou no lugar até que se consolidasse quem era que ia ficar. Essa pessoa era Dona Alaíde eu só não sei dizer o nome dela todo. Essa pessoa queria conhecer Barbara. Eu com essa pessoa recorri a uma das meninas aqui, que é amicíssima de Barbara aqui e fui até lá. Perguntei quando era que tinha festejo e que dia que eu podia ir. O próximo festejo que tivesse, que eu fosse. Aí eu comecei a ir na época dos festejos, sabe? E lá eu senti, que... é como é que se diz? Senti as benesses e recebi as benesses.
Maria da Conceição: Dona Alaíde ficou um tempo depois de mãe Bilina?
Dona Aparecida: Junto com uma outra senhora, Dona Lourdes que era a mãe de Barbara.
Maria da Conceição: Certo. Mas geralmente assim no nagô, sempre fica duas pessoas?
Dona Aparecida: Não, acho que porque tinha... Essa parte aí eu não sei... Fica um período vacante, para que aos poucos lá, o processo que é somente da irmandade, né? Venha acontecer segundo determinação superior, quem é a que pode suceder. No caso, a sucessora seria, se aceitasse, a Dona Alaíde. Mas a dona Alaíde, por questões que eu não sei explicar. Junto com ela tinha essa Dona Lourdes que é a Mãe de Barbara que aceitou, a comandar a irmandade. Aí a partir daí começou a se tornar a lôxa, transferindo depois, após o falecimento, pra Barbara Cristina.
Maria da Conceição: Mas Dona Lourdes também era afilhada de Mãe Bilina?
Dona Aparecida: Era. De lá da casa (inaudível).
Maria da Conceição: Aí elas viveram juntas por algum tempo ou não?
Dona Aparecida: Não. Dona Lourdes morava eu não bem lhe dizer assim, com precisão. Mas nos festejos, filha de santo, presença presente.
Maria da Conceição: Quando mãe Bilina era viva, quem era a pessoa mais próxima dela?
Dona Aparecida: Tinha Dona Pastora, que era... porque tem a lôxa e tem a... tem um nome próprio para...
Maria da Conceição: Iaquequerê, é? Que é a função de Dona Cisa. Mãe Pequena, né?
Dona Aparecida: Que era no caso Pastora, na época de Bilina. É da minha infância. Depois que Bilina faleceu, aí eu creio que veio, é... como é o nome dela? [...] Aí veio Dona Lourdes, veio a Alaíde, agora eu não sei quem foi a Iaquequerê de Dona Lourdes não.
Maria da Conceição: Mas e a Pastora, o que aconteceu com ela? Como era a Pastora?
Dona Aparecida: Pastora era a segunda pessoa de Bilina, assim... Iaquequerê, vamos dizer assim né? Que zelava que conduzia junto com ela os festejos e as taieiras e tudo.
Maria da Conceição: Mas sabe dizer se a família dela era descendente de nagô?
Dona Aparecida: Não sei informar não. Sei que conviveu um bom tempo com ela, né? Com Bilina. Até acho que, eu não sei se ela saiu da casa de Bilina antes dela morrer... Eu não sei dizer com precisão.
Maria da Conceição: Ela saiu da casa?
Dona Aparecida: É, eu não sei dizer. Se ela ficou com Bilina. Se ela ficou na casa. Após Bilina, ou se foi logo depois ela saiu. Hoje ela já é falecida, né? No caso a pessoa mais próxima de Bilina na irmandade, era Pastora, e logo depois Dona Alaíde, né?
Maria da Conceição: Que ficou não, foi? Até falecer?

Dona Aparecida: Sim, que continuou. Bilina antes de morrer e depois de morrer a Dona Alaíde ficou, junto com Dona... com a mãe de Barbara né?
Maria da Conceição: Aí Dona Alaíde ela é descendente de Nagô?
Dona Aparecida: Dona Alaíde os ancestrais dela é do nagô. Não sei muita coisa sobre ela não. Só sei que ela é sobrinha de uma das pessoas... ela parece que é parente daquelas meninas, de Deolinda e de... quem sabe falar sobre Alaíde, é Deolinda e Marizete.
Maria da Conceição: Ah, que elas são da mesma família?
Dona Aparecida: Isso a mesma família. O principal é Seu Zé Maria, o dono. Vai haver festejo agora em maio, lá na casa de Seu Zé Maria. Na avenida que passa os carro. Então lá é outra casa.
Maria da Conceição: Lá tem santo, é?
Dona Aparecida: Tem santo também, que é ligado à irmandade de Santa Barbara Virgem. Porque as casas da irmandade de Santa Bárbara Virgem, são Ti Herculano, que é a origem; depois vem a casa de Iansã, que é ali em frente ao clube Augusto Franco, o clube recreativo que tem aqui; e tem a outra casa que é aqui na casa de Seu Zé Maria, tá vacante porque ele faleceu. Mas já tem sucessor, pra zelar a casa. Zelar a casa não, pra ser o responsável pela casa.
Maria da Conceição: No caso, não vai ser aquele menino não, né? Que tá agora como patrão?
Dona Aparecida: Na casa de Barbara?
Maria da Conceição: Aquele menino que é neto de Dona Cisa, não é ele que vai cuidar dessa casa não, né?
Dona Aparecida: Não, ele cuida da irmandade como um todo, né? Onde abrange essas casas. Só que na casa de Seu Zé Maria, tem o zelador.
Maria da Conceição: Era ele, também?
Dona Aparecida: Era ele. Seu Zé Maria faleceu, já foi indicado um sucessor. Uma sucessora, as duas filhas dele. Mais uma outra pessoa que é ligada à família. Família consanguínea. Agora a festa vai ser dia 1 de maio. O que eu posso lhe dizer sobre Bilina, é sobre todo esse carisma, esse dom, que Deus concedera a ela, de ser aquela mãezona. Que mesmo que, não falasse nada pra você, a sua, a receptividade, a acolhida, a vinda, já era considerada uma benção, pra você. Sempre em função do bem. Do bem querer, do bem ser, do bem ter. De tudo quanto é sagrado, de bençãos. Pra vida da pessoa.
Maria da Conceição: Mas ela andava muito pela cidade? Tava sempre na rua ou ficava mais dentro de casa?
Dona Aparecida: Muito reservada. Saia assim, né? Mas era muito de ficar em casa.
Maria da Conceição: Aí na casa dela tem os santos de Ti Henrique?
Dona Aparecida: Ti Henrique fica na Comendaroba, que é a festa que você foi em janeiro. Ali é a casa de Ti Herculano. Bilina, Santa Bárbara Virgem. A outra que fica... é de Iansã. A outra de Seu Zé Maria, que vai ter festejo em maio, é Papai Ojô ou é Xangô. E tem outra ainda no Quitalé, que eu não sei dizer o nome da casa. Esses detalhes, assim mais é... somente Barbara. Aqueles livros de Dijina e de Luiz Antonio Barreto, escreveu. Deve explicar alguma coisa assim sobre Bilina [...]
Maria da Conceição: Ela tinha muitas afilhadas, Mãe Bilina?
Dona Aparecida: Sim. Assim, eu não posso nem contar, porque todo mundo a tinha assim como uma mãezona, né? Embora ela permanecesse...
Maria da Conceição: reservada, né?
Dona Aparecida: Claro. Até hoje é lacuna impreenchível. Porque o que ela foi, o que ela é, era...
Maria da Conceição: Mas Dona Barbara parece de alguma forma assim, com Mãe Bilina, na postura?
Dona Aparecida: No jeito de desenvolver o cargo? Sim. Porque ela cumpre religiosamente, tudo o quanto o legado que lhe foi confiado.

Maria da Conceição: Ela cumpre à risca?
Dona Aparecida: Exatamente.
Maria da Conceição: Mas assim no comportamento, na reserva, parece com Mãe Bilina?
Dona Aparecida: Sim, sim, sim. Eu particularmente acho.
Maria da Conceição: Acha?
Dona Aparecida: Acho. Bilina não era expansiva. "Uuuuu", não. Ela era muito reservada.
Maria da Conceição: Falava baixo?
Dona Aparecida: Também.
Maria da Conceição: Assim como Barbara fala baixo, né? Dona Barbara fala baixo, né? É muito educada. Mas ao mesmo tempo muito carinhosa.
Dona Aparecida: Finésima. Ela é finésima.
Maria da Conceição: Dona Bilina também?
Dona Aparecida: Também, também. [...]
Maria da Conceição: Mas a senhora é filha de Zé Candunga e esqueceu de me dizer?
Dona Aparecida: Pois é. Mas a preocupação tava centrada em Bilina, né?
Maria da Conceição: Mas falei aí...
Amiga de Dona Aparecida: Zé Candunga era uma pessoa que movimentava a cidade sem ter dinheiro nenhum de ajuda de prefeitura, né? Antigamente, né? A não ser na roupa de Cacumbí, Cacumbí, não. Na Chegança, porque tinha aqueles terno e tudo. Mas assim, movimento São João, ele movimentava aquela coisa assim. Fazia movimento na rua, né? Como é que se diz, o lambe-sujo, o lambe-sujo, era ele que fazia aquela coisa toda. Muito interessante.
Dona Aparecida: São João na roça.
Amiga de Dona Aparecida: São João na roça. Ele movimentava tudo assim. Tudo, tudo, tudo. Depois então, começou o povo, né? A fazer. Mas quem primeiro, realmente, movimentava, antigamente na década de 60 era ele.
Maria da Conceição: Zé Candunga, né? Aí morava aqui?
Dona Aparecida: Na rua da Poeira.
Amiga de Dona Aparecida: Morava cá, na rua Pereira Lobo.
Maria da Conceição: Mas ele era indígena, era? Eu já ouvi uma conversa dessa...
Dona Aparecida: Não, ele lidava com uma parte do candomblé voltada para a Umbanda, certo?
Maria da Conceição: Ah sim.
Dona Aparecida: Por sinal, eu convivi com ele, depois que a minha mãe de criação morreu, eu fui pra companhia dele. Mas também, foi por pouco tempo. E lá envolvida, com toré, como diz o outro, né? Mas nunca fui de ter, assim, atuante como sou na casa de Bilina, entendeu?
Maria da Conceição: Aí ele era...
Dona Aparecida: Babalorixá?
Maria da Conceição: Não, ele era casado no caso com a sua mãe biológica?
Dona Aparecida: Não, não era casado com minha mãe biológica, eu fui...
Maria da Conceição: Mas era seu pai biológico, no caso?
Dona Aparecida: Era meu pai biológico [...]
Maria da Conceição: E Zé Candunga organizava tudo? Mas ele era liderança do lambe-sujo?
Dona Aparecida: Ele ficava a frente de tudo.
Maria da Conceição: Era mais ou menos como Mestre Zé Rolinha hoje? Que lidera a Chegança, lidera os Lambe-sujos?
Dona Aparecida: Sim, era. Ele era como se fosse a liderança, mas tinha os coordenadores de cada grupo folclórico [...]
Amiga de Dona Aparecida: No lambe-sujo era ele e Raminho. Na Chegança era ele e Oscar.
Dona Aparecida: São João na roça, ele mais outras pessoas. Ele tinha um conjuntozinho chamado banda de Pífano, vamos dizer assim, a caceteira ou zabumba. Aí começava a bater assim o tambor dentro de casa, as pessoas se aproximava ele começava a sair pelas ruas.

Organizava quermesse, organizava leilão. Sempre em Laranjeiras tinha alguma coisa que ele comandava pra poder alegrar. Sem título financeiro, sem título, vamos dizer... ganhou depois, né? Que é o título que foi dado da Casa do Folclore Zé Candunga. Agora pra você ver, eu como filha dele, morando dentro da casa dele, com ele, com a parte de toré da Umbanda, nunca jamais na minha vida. Eu estava presente, mas não me sentia bem.
Maria da Conceição: Não se sentia bem?
Dona Aparecida: Assim, nem me despertava interesse de querer ficar. Meu pensamento tava voltado pro nagô.
Maria da Conceição: Mas ele e Mãe Bilina tinha ligação? Se davam bem, como é que era?
Dona Aparecida: Sim, sim, sim.
Amiga de Dona Aparecida: Dona Bilina era a madrinha dela!
Dona Aparecida: Aí, tá vendo? Se davam muito bem. Ele sempre foi de paz. Só tinha um líder religioso aqui, que era o Alexandre, da casa dos Filhos de Obá, que era liderança dos Filhos de Obá, que tinha assim uma certa, não sei com ele sabe? Coisa de... aquela parte humana de competição, vamos dizer assim. Sabe? Mas em relação à Bilina, sempre em comunhão. Só que ele, da parte dele, sem misturar. Porque lá, é nagô puro. Certo? Sem, contudo, desmerecer o lado dele que faz parte da matriz africana, mas voltado pro candomblé, né? [...]
Maria da Conceição: Mas dentro de casa ele falava muito sobre cultura?
Dona Aparecida: Meu pai? Meu pai era pura alegria. Ele não permitia que nenhum final de semana aqui em Laranjeiras não tivesse alguma coisa que fosse alegrar as pessoas.
Maria da Conceição: Todo final de semana?
Dona Aparecida: De vez em quando ele fazia.
Maria da Conceição: Ele era descendente de africano, como era?
Dona Aparecida e sua amiga: Não!
Maria da Conceição: Branco era?
Dona Aparecida: branco. Aí saia, juntava as pessoas e saia pela rua. E o som tocando e pronto. Ele tinha as festas religiosas, quando eu criança, na casa da minha mãe era ele mandava me buscar, pra ir ficar com ele né? Era meu pai. "Tem festejo na casa de seu pai, seu pai vai mandar lhe buscar", pronto. Maior tristeza da minha vida, eu não gostava de ir.
Maria da Conceição: E era?
Dona Aparecida: "Eu não gosto de ir pra lá".
Amiga de Dona Aparecida: Olhe, ele descia de canoa.
Dona Aparecida: De saveiro. Você sabe o que é saveiro, não sabe?
Amiga de Dona Aparecida: Descia. Quando ele vinha...
Dona Aparecida: Pelo rio. Rio Cotinguiba acima.
Amiga de Dona Aparecida: A rua aí tudo ficava cheio, esperando ele com a equipe, com as pessoas batendo e cantando. Era tudo negro. Gente...
Dona Aparecida: Era irmandade dele, vamos dizer assim...
Amiga de Dona Aparecida: Com aquelas coisas assim, as lâmpadas tudo acesa.
Dona Aparecida: Sabe umas lanternas? Que tem de papel de seda, que dentro bota uma vela?
Maria da Conceição: Sim.
Dona Aparecida: Então os saveiros nera Marielze?
Marielze: Sim, era bonito viu?
Dona Aparecida: Tinha dois saveiros. Em um desses saveiros vinha os filhos de santo com as lanternas de velas, uma estrela enorme e tocando de lá, depois daquela ponte que a gente vai pra Aracaju, de lá pra cá, vinham. E iam até uma ponte que tem aqui, chamada ponte dos caianos, fazia a volta e voltavam pra casa dele onde tinha um barracão das festas, sabe?
Marielze: Mas o que enchia de gente nas margens. A ponte ficava... só pra ver. Porque era bonito, né?
Dona Aparecida: Era.

Fim da Entrevista

Entrevista com Dona Maria Deolinda de Jesus
Entrevista realizada em 11 de março de 2022, em Aracaju.

Maria da Conceição: Dona Deolinda a senhora permite que eu faça a gravação, da nossa entrevista?
Dona Deolinda: Grave, mas como é? Vai entregar a quem?
Maria da Conceição: A quem?
Dona Deolinda: Você vai entregar a quem, ao professor, é?
Maria da Conceição: também, risos.
Dona Deolinda: Vije Nossa Senhora...
Maria da Conceição: pode ser que eu bote alguma parte no trabalho, entendeu?
Dona Deolinda: Ah, entendi. Eu pensei que era pra botar tudo, né?
Eu: Não, alguma parte, né?
Dona Deolinda: Certo. O que cê achar melhor, né?
Maria da Conceição: É. Mas pode gravar, né? Pode, pode gravar. Não me comprometendo (risos). Eu digo que é mentira.
Maria da Conceição: A senhora diz que é mentira, é? (risos). Tá certo. Primeiro eu gostaria de saber assim, qual a relação da sua família com a irmandade de Santa Bárbara Virgem.
Dona Deolinda: Essa aí tá difícil, hein... A relação, é... é uma irmandade né?
Maria da Conceição: Qual a história da sua família, com a irmandade? Como é que foi assim...
Dona Deolinda: Não sei, quando eu nasci meu pai já era da irmandade, ele foi... essa casa que tá lá em casa, na minha casa né? Da irmandade, era em Jesus, Maria José. Onde minha avó, era escrava, Jesus, Maria José, lá em Laranjeiras, né. Então o pessoal foi morrendo, foi morrendo, aí ficou a minha avó, que era Deolinda Maria de Jesus, que é o meu nome. Minha avó, né. Como o povoado, Jesus Maria e José, que era entre Laranjeiras e Riachuelo, a divisa, né? O povo foi, saindo, né? Aí pronto, ela teve que tirar a casa do Santo, como meu tio comprou, Tio Henrique, comprou a casa, comprou a casa em Divina Pastora. Só que antes de ir pra Divina Pastora, minha avó bateu os búzios. Como ela batia os búzios, mas ela não entendia muito, ela entendia alguma coisa, mas os búzios lá disse que... ela não entendeu, aí foi pra casa da finada Bilina. Antigamente chamava de prima, né? Ô minha prima, ói, eu bati o búzio, (incompreensível). Bilina bateu o búzio lá e disse, é que o santo não quer ir pra Divina Pastora. Aí ela disse, mas meu fio comprou a casa lá, aí foi, tá bom. Quando ela levou pra lá, quando levou, porque antigamente só ia de burro, né? De carroça, o carneiro se entortou, deu, como é, uma, como é que diz? Quando um carneiro bate em uma pessoa? Não sei o nome não, deixa pra lá (risos). Bateu na minha bisavó, assim papai conta né? Bateu na minha bisavó, (incompreensível)ela ficou aleijada. Ela dançava o nagô se arrastando. Mas nunca perdeu a fé. Agora foi pra lá, só que lá, não tinha rio. E o nagô, precisa de rio, pra despachar, porque tudo vai nas água. Todo o resto das coisas do nagô, tudo é na água, despacha na água. E lá em Divina Pastora não tinha nenhum rio. Aí tá certo, aí passou um tempinho, aí teve um festejo na casa de Bilina, nessa época, nesse festejo, minha avó, faleceu. Entendeu? Ele não queria ir, mas ela teimou. Aí o que aconteceu? Meu pai veio avisar mais os outros irmãos, aí ela disse, chegou na casa de Bilina aí ela disse, "é, eu já sabia". Pronto, fez o enterro, passou, passou, aí meu tio, meu tio José Joaquim, que era um dos mais velho, levou de novo pra Laranjeiras, na Comendaroba, até 2 mil... até deixe eu ver, viu? Meu tio já morreu em 95... Acho que até o ano 2000. Quando meu tio José morreu, meu pai assumiu, antes de se batizar. Assumiu... como meu tio já tinha uma

mulher, não era casada com ele, mas ela disse, “Ah, eu tenho parte nessa casa”. Aí meu pai pediu ao santo, que se ele arranjasse uma casa pra tirar o santo de lá e deixar a casa pra família né? Ele tirava. Foi quando o santo consentiu aí ele tirou. Em 2000 foi para o quitalé, até hoje, graças a Deus.
Maria da Conceição: Quitalé, né?
Dona Deolinda: É.
Maria da Conceição: Como era mesmo o nome da sua avó?
Dona Deolinda: Deolinda Maria de Jesus.
Maria da Conceição: Ah... tá certo.
Dona Deolinda: A avó do meu pai. Ou, a mãe do meu pai.
Maria da Conceição: A mãe do seu pai.
Dona Deolinda: É.
Maria da Conceição: Ela era sua avó, ou era bisavó?
Dona Deolinda: vó. Minha bisavó, não conheci, não. Ele nunca me disse, não.
Maria da Conceição: Ah, tá certo.
Dona Deolinda: Minha bisavó, eu me esqueci o nome. Deolinda Maria de Jesus era o nome da minha avó, por isso que meu pai, em homenagem a ela, botou o meu nome.
Maria da Conceição: Ah, tá certo. Aí ela foi escravizada, foi?
Dona Deolinda: Não, ela já veio, sem ser escrava, minha bisavó, parece que uma época já veio como escrava, que morava lá na fazenda, Jesus, Maria, José, que era fazenda do... tinha igreja, tinha a fazenda do feitor, né? Ela morava lá. Como escrava. Minha bisavó!
Maria da Conceição: a senhora não lembra o nome não, né?
Dona Deolinda: Não sei o nome, não. Tá no registro do meu pai mais (risos), eu acho que tá no registro. De hoje que eu peguei ele, ói. Aí guardei, que eu sou curiosa, mas eu sempre guardei. Mas assim, eu vou ver. Quando eu arrumar lá, certo? E eu vou ver se tem o nome dela, da minha bisavó.
Maria da Conceição: tá certo.
Dona Deolinda: A minha avó é Deolinda Maria de Jesus. É bonita a história.
Maria da Conceição: E é?
Dona Deolinda: Eu acho, né?
Maria da Conceição: Fale mais, sobre a história.
Dona Deolinda: Óia pra ela. (risos). Sim, aí pronto. Veio, pra brincamo muito lá. Eu era pequena. Brincamo muito lá na Comendaroba. Entendeu? Como eu lhe disse, né. Aí veio, pronto. Tá certo, meu pai fez a casa. Não mudou logo o santo, né? Aí dizia assim, “tão cedo eu não mudo o santo”. Porque já tava tudo feito, mas ele não queria mudar logo né? Porque não tinha ninguém pra morar lá. Aí tá certo, né? Certa feita, no Tamandraí, no antigo Tamandraí, que é outra casa do nagô. Que era do finado Chico Louceiro e Tercila, os dono, cabeça. Que ficava lá no Tamandraí, lá na fábrica. Hoje, a fábrica comprou tudo. Saíram de lá. Tá eu lá né, tocando cabaça, numa boa. Aí uma pessoa, da família de Chico Louceiro, né, pegou Herculano, aí me chamou pro quarto do santo. Eu, papai e Helena. Faleceu, Helena, pra perguntar a mim, quando era que eu mudava o santo.
Maria da Conceição: Perguntar à senhora?
Dona Deolinda: Foi, quando era que eu mudava o santo. Invés de perguntar a papai, perguntou foi a mim. Não. Pra dizer, que podia mudar o santo. Tá bom. Aí eu perguntei a ele, como é que queria o pegê, do mesmo jeito que tinha lá na Comendaroba? Aí disse que eu fazia como eu quisesse, né? Mas eu fiz do mesmo jeito de lá. Aí disse que tinha que pegar, comprar o cesto, forrar o pano no cesto, forrar o cesto pra botar o santo e vir a pé. Da Comendaroba, pra o Quitalé.
Maria da Conceição: A pé? É longe, é?
Dona Deolinda: Não é muito perto... Você não foi lá?

Maria da Conceição: Fui.
Dona Deolinda: Mas bem mais pra cá, você não sabe não? Você passou pelo cemitério?
Maria da Conceição: Passei não.
Dona Deolinda: Não, pela entrada do cemitério. Ah, você veio de ônibus, não foi? De carro?
Maria da Conceição: Fui de carro.
Dona Deolinda: Foi de carro?
Maria da Conceição: Foi.
Dona Deolinda: Ah, (incognoscível). Pela rua, pela pista, cê ia ver, onde era mais ou menos, a casa. Entendeu? Era quase perto da casa de Papai Ojô. Um pouquinho só né? Mas bem quase perto. Ah pronto. Aí ele disse, "vamo lá", aí eu "tá bom". Aí Zé Maria fez todo o pegêzinho, "tão cedo não mudo o santo". Aí quando foi um festejo, eu não sei, um festejo... aí Maria Augusta, aí eu disse "como é?", aí ele disse "faça a seu critério". Agora, tudo no cesto, quando tirar o santo de lá, quebre o pegê, de lá e sacuda na maré. Porque na Comendaroba, onde o santo tava, era, o quintal aqui e o rio passava perto, entendeu? Aí botou lá, tudo. O resto que tinha no pegê. O rapaz foi no outro dia lá, e quebrou e botou lá no rio. Aí quando, tá certo. Aí quando foi, parece que foi o santo de Marcelo, que eu não me lembro... santo de Marcelo... foi o santo de Marcelo. Ou foi o santo de Maria Gomes, um dos dois. Que a gente fica apavorada, né? Eu mesma não esperava, né? Aí veio pra cima de mim. Quando é que você muda o santo? Eu fiquei quieta. Porque papai não tava lá né? E não foi ele que ofereceu? Não era ele o dono né?
Maria da Conceição: Hum.
Dona Deolinda: Eu só era a filha, né? Aí eu disse, "ói, no dia 30, não, antes do festejo da In, eu mudo". E mudei. A finada Lourdes Arão, a mãe de Barbara era viva ainda. Aí eu sei que veio um monte de pessoas, tudo de... assim, de branco, não. Tudo com os cesto na cabeça. O povo, quando veio pela rua, o povo achava tão bonito, que parecia uma procissão. Eu fiquei lá em casa, no Quitalé, pra esperar, né? Pra abrir a porta, pra esperar, o pessoal vir. Aí botou o santo no pegê, rezaram, tudo direitinho, né? Pronto. Cada qual foi pra sua casa. Quem de Aracaju, que Tia Lourdes morava aqui, ficou lá, no outro dia veio pra casa. Foi bonito, a... o... como é? O cortejo. Muito bonito. O povo achou muito bonito. Meu pai veio na frente, com Ogum na mão, entendeu? Todo coberto de pano branco. E o pessoal, foram onze cesto. Tudo com santo na cabeça. Que não podia vir de carro. Tinha que vir na mão mesmo.
Maria da Conceição: Porque ele não deixa não, né? O santo?
Dona Deolinda: Não. Só se viesse lá de Divina Pastora. Aí também, né? Tinha que vir de carro. Na época, agora né? Dois mil e pouco. Aí pronto, vieram tudo de, a pé. E quando festeja assim, que Barbara sai da casa dela, pra ir festejar, vão a pé. Não vem de carro. Vão a pé. Só os velho que não pode, né. Coitado, né? Aí, é de carro. Mas o resto, todo mundo vem a pé. Que ela leva tambor, ela leva um monte de coisa. Entendeu? E assim vai vivendo. Muito bonita a história. Jesus, Maria e José. Onde Zé Maria morava. Eu fui lá uma vez. Minha prima sonhou, lá em São Paulo, que ela nem sabia disso do nagô. Assim diz ela, né?
Maria da Conceição: Humrum.
Dona Deolinda: Ela sonhou, aí veio aqui e perguntou a meu tio José, que morava na Comendaroba. Aí um dia, "Deolinda, vamo lá?" Aí fui eu, minha sobrinha Quize, que era deste tamanho. Fomos a pé, ói. Da Comendaroba. Não, da rodoviária de Laranjeiras, até Jesus, Maria, José. Depois, sabe onde é a Usina Pinheiro?
Maria da Conceição: Não.
Dona Deolinda: Ô (Risos)
Dona Deolinda: Pra cá era uma pontinha pra Riachuelo, a gente foi a pé, ói. De 11h, por aí, um sol quente e a gente a pé, papo. Chegamos lá, ói lá a igreja. De Jesus, Maria e José. Só tem ela. Até hoje.
Maria da Conceição: Até hoje, né?
Dona Deolinda: Ainda não caiu. Foi fundada em mil novecentos... ou 1769.

Maria da Conceição: Olha...
Dona Deolinda: Passou, aí depois passou uma reportagem, que o patrimônio histórico tombou, mas como não tinha ninguém mais, todo mundo tinha saído de lá, ficou só a Igreja só. Entendeu? Aí eu conhecia um colega meu, tá gravando é?
Maria da Conceição: Tá.
Dona Deolinda: Eita. (risos). Eu conhecia um colega meu, trabalhava comigo e conhecia um tal de Lincon, que trabalhava na Tv Sergipe, né? Aí eu pedi a ele "rapaz, você peça essa, como é, essa reportagem, ele pediu mas, antigamente, naquela época era fita cassete, né?
Maria da Conceição: Hanram.
Dona Deolinda: Perdi, pronto. Aí quando tinha o coisa, eu botava, via né? Aí eu memorizei, 1769, a igreja foi feita pelos escravos.
Maria da Conceição: Pelos escravos.
Dona Deolinda: Pelos escravos. Realmente é bonita tinha aqueles ladrilhos, mas linda. Eu me emocionei. Pra passar pra ela, tinha que passar pelo rio. Eu, minha amiga, ô minha prima, uma amiga e Quize, passamos pelo rio e fomos até lá. Só tinha aranha caranguejeira. Tinha um taxo desse tamanho, de antigo né? Do tempo da escravidão. Um taxo, aí a gente foi, foi, entramo na igreja. Aí meu pai disse, "ói, quando vocês forem, vocês não entre pelo lado esquerdo, ou direito. Porque lá tinha um cemitério, como é? Enterrava o pessoal, né.
Maria da Conceição: Humrum.
Dona Deolinda: Então disse que não é pra entrar por esse lado, a gente vai entrar por aqui. Mas muito bonita a igreja. Era pintada de ouro, eu ainda tirei um pouquinho do ouro. Mas perdi.
Maria da Conceição: Tirou um pouquinho do ouro, foi?
Dona Deolinda: Foi. Que era a igreja toda era pintada a ouro, sabe?
Maria da Conceição: Hanram.
Dona Deolinda: Aí eu tirei, botei, mas guardei, guardei, depois perdi. Aí tinha uma pedra deste tamanho de Santa Barbara, aí minha prima tirou, de lá do altar, que o povo ia lá, acendia vela, entendeu? Nessa igreja. Acendia muita vela, aí ela tirou o altar, o altar, tá sabe aonde? Nessa igreja, na igreja de Laranjeiras, no Bomfim.
Maria da Conceição: Ah sim.
Dona Deolinda: Uma igreja bem grande, lá no Bomfim, tá lá o altar, de Jesus, Maria e José. Levaram pra lá, porque não tinha mais ninguém, né? Aí nesse andar, minha prima (incognoscível), aí quando eu vi que eu tropecei, eu achei uma pedrinha, bonitinha, deste tamanho, deste tamaninho, linda, olhei assim, parece que ela disse "me pegue", aí peguei. Aí mostrei a meu tio, aí meu tio disse, "ah, não sei". Passou um tempo aí eu amostrei pra minha prima, aí ela disse "é Obatalá, guarde essa pedra, Deolinda. Bote lá em sua casa e acenda vela". Acendi, depois botei no pegê. Que bonito, é o santo da família também. Pronto, a gente veio, nunca mais a gente foi lá né, também. De vez em quando, quando eu passo pra Areia Branca, ia por lá, só tem a igreja, de vez em quando eu olhava assim "Meu Deus do céu". Eu queria voltar lá ainda, pra ver aquela igreja. Eu fiquei encantada. Emocionada, sabia?
Maria da Conceição: E foi, não foi?
Dona Deolinda: É. Muito bonita. Aí na igreja, aquelas pedras, catacumba, né? De mármore, tudo branquinha. Mil oitocentos e pouco, mil oitocentos e pouco, e eu curiosa, né? Comecei a ler, a ler, ler ... Eu li tanto, fiquei tonta (risos). Fiquei tonta, "por que cê leu?" Ah, eu sou curiosa, queria saber quem tava enterrado ali. Nisso ainda tinha uma escada pra gente subir. Eu digo, quem vai subir lá, depois eu vejo o que eu não quero, né? Eu... Mas eu tinha curiosidade de subir. Mas muito bonito, viu. Até hoje eu não me conformo. Se eu pudesse eu mandava rezar uma missa, lá. Mas quem é que vai pra lá? Ninguém.
Maria da Conceição: Verdade. A senhora não se conforma com o quê?
Dona Deolinda: Com a igreja sem estar povoado. Entendeu?
Eu: entendi.

Dona Deolinda: Sem tá povoado. Na época eu fui lá do outro lado, tinha um parente meu, que morava lá. Só tinha essas duas casas, mas depois ele saiu de lá, saíram de lá, porque não tava mais povoado, agora é canavial de Augusto Franco.
Maria da Conceição: Só de Augusto Franco, né?
Dona Deolinda: É. Aí pronto. Jesus... É muito bonita, eu gosto das minhas origem africana, gosto, gosto, gosto, gosto... muito. Se eu pudesse eu ia na África. Eu sou apaixonada pela África.
Maria da Conceição: E é? (ri).
Dona Deolinda: Gosto muito das minhas origens, do sangue nagô africano. Eu, a família toda, né? Descendente... Diga mais...
Maria da Conceição: muito bem. Então a senhora, é... falou de Helena, quem era Helena?
Dona Deolinda: Helena era uma baixinha, ô... Helena era que brincava com a gente, entendeu?
Maria da Conceição: Ah sim. Mas é da sua família?
Dona Deolinda: Não, não, não é de outra família, né. Entendeu? De outra família. Que brincava com a gente.
Maria da Conceição: Ah...
Dona Deolinda: Já morreu, Helena. Entendeu?
Maria da Conceição: Entendi.
Dona Deolinda: Maria Augusta também, de outra família de nagô que tinha um pegê, a família tinha um pegê também, no Quitalé, agora lá em cima. Entendeu?
Maria da Conceição: Hanram.
Dona Deolinda: Vai brincar paroano. A gente brinca dois mil... ano par e elas brinca dois mil... ímpar, né? Porque é de dois em dois anos...
Maria da Conceição: Hanram.
Dona Deolinda: Se tivesse dinheiro, fazia todo ano. Mas também é muito puxado pra Barbara, né? Muito puxado, aí de dois em dois anos, a família de Chico Louceiro. É muito bonito, também.
Maria da Conceição: Tá certo.
Dona Deolinda: Diga mais...
Maria da Conceição: Aí tinha seu pai... Seu Zé Maria, né? E seu tio, qual era o nome dele, mesmo?
Dona Deolinda: Meu tio era José Joaquim, que era patrão, Xangô Idê. Ô, Xangô Deí. E meu pai foi patrão, Xangô Idê, seu Zé Maria. Tinha outro, tinha também... Thales dos Santos que também brincava, que era meu tio.
Maria da Conceição: todos filhos de... sua avó...
Dona Deolinda: Da minha avó, Deolinda. É José Joaquim, Thales dos Santos, que brincava. E José Maria de Jesus. Tinha outro, Tio Messias. Mas tio Messias não brincava, entendeu?
Maria da Conceição: Humrum.
Dona Deolinda: Era assim. Tinha uns que o santo queria, tinha outros que o santo...
Maria da Conceição: Não queria, né?
Dona Deolinda: É, não quer. Como tem na minha família. Uns o santo quer, e outros o santo... é da família mas ele não quer aquele compromisso, né. Não tá nem aí.
Maria da Conceição: Mas tem outros que tem que ir?
Dona Deolinda: Tem que ir, é... É eu, é minhas irmã (risos). É, que tem que tá lá. Principalmente eu né? Porque eu fiquei agora como cargo.
Maria da Conceição: Mas sua irmã, suas irmãs Marizete e qual?
Dona Deolinda: Ana.
Maria da Conceição: Porque no dia...
Dona Deolinda: Ana e José. José não quer não. José disse que é evangélico (risos).
Maria da Conceição: Ele disse que é evangélico, é? (ri)

Dona Deolinda: “Eu, sou evangélico” (com um tom de deboche na voz).Hum, fiquei aí. Mas também leva uma surra danada.
Maria da Conceição: E o que é levar surra?
Dona Deolinda: Quando uma pessoa... quando o santo quer a pessoa e a pessoa não quer. Não quer assumir. Tem que ir pro festejo. Ele não quer ir pro festejo.
Maria da Conceição: Ah, tá certo.
Dona Deolinda: Aí levou um pau da pêga. Só anda doente... com as perna inchada. Não quer? Pelo menos só... Se não quer festejar nas outras casa, festeje... Como é? Frequente só lá em casa, quando for festejar de dois em dois anos...
Maria da Conceição: Hanram.
Dona Deolinda: Entendeu? Mas nem assim ele vai. Ele diz que contribui e tudo mas brincar, não. Que ele abria a roda comigo com a finada Bilina, quando eu era pequena. Depois ficou grande, não quis mais.
Maria da Conceição: Ah, tá certo... E a senhora falou de uma prima, que teve um sonho... Que sonho foi esse que sua prima teve? De São Paulo, foi? Ela mora em São Paulo?
Dona Deolinda: Ela morava, tá aqui agora. Bem, diz ela, né? Eu não tava lá (risos). Ela teve um sonho, que ela ficou cega. Assim, tinha problema de saúde... Ela via uns aguidá com as pedra, entendeu? Ela disse oxe, mas o que é isso? Não sabia o que era. Porque os pai dela, era Angelino, brincava o nagô, mas também nunca disse. Como ela foi nova pra São Paulo, nunca disse a elas, que tinha essa brincadeira, né?
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Papai chamava brincadeira, né? Que é o nagô né? Nunca disse a ela. Ela começou a sonhar... a sonhar... e veio pra cá perguntou a meu tio José Joaquim, que era o patrão na época. Ele disse, “Ah minha fia, é o nagô”. E via uma igreja, e parece que via uma freira que saia limpando, assim... tirando casa de aranha, sabe?
Maria da Conceição: hunrum.
Dona Deolinda: Depois ela disse que via a igreja e essa igreja era Jesus, Maria e José que a gente foi. Vamo lá? Então fui com ela, entendeu?
Maria da Conceição: Hanram.
Dona Deolinda: Aí pronto. Aí a partir disso ela veio, brincar o nagô. Mas ela é muito da sabida, né? (inaudível) ela tá afastada um pouquinho. Tá pra lá. Tá pra lá, né? É assim, o povo, o nagô é... Não é uma religião... É o quê? Uma tradição africana, muito, muito positiva, entendeu?
Maria da Conceição: Hum.
Dona Deolinda: Tem muita luz. Os orixá, os africano tem muita sabedoria. Só que eles não passa pra ninguém. Só tem uma pessoa escolhida, quando ele quer, e diz isso, isso e isso. Tem que fazer! Não é todo mundo não. “Ah! Eu sou isso”, quem vê tá mentindo. Que ele é muito fechado. Ele só vem dizer na hora certa. E o nó que ele dá, ninguém tira. Então ela queria ser mais sabida que a outra prima que morreu e... tá praí, tá por aí. Aí se afastou um pouco da família, entendeu? E taí. Mas o africano é muito bom. Eu mesmo gosto, tenho muita fé, muita, muita, muita, fé nele. Entendeu? Muita fé mesmo. Panhei uma vez. Mas, é assim mesmo (risos). Panhei por causa de uma coisa que é do meu pai, então...
Maria da Conceição: por causa de quê?
Dona Deolinda: Assim do meu pai, né? Porque ele, na época da finada Bilina, tinha uma pessoa, que cê sabe, né? O ciúme, né? Aí queria fazer, sempre em toda religião, tem uma pessoa que gosta de futucar.
Maria da Conceição: É.
Dona Deolinda: Ele aí se afastou um pouco do nagô. Eita.
Maria da Conceição: Seu pai?
Dona Deolinda: Foi. Se afastou um pouco do nagô. Ele se afastou um pouco do nagô. Mil novecentos e sessenta e nove, sessenta e oito. Por aí. Ele se afastou. Aí... Foi 1968. Daí eu era

pequena, também não ia mais. Eu ia sair daqui, pequena, né? Pra ir onde era Laranjeiras. Que antigamente era trem, primeiro trem depois carro. Aí quando ele um desentendimento com a finada Bilina, aí se afastou de lá, entendeu?
Maria da Conceição: Entendi.
Dona Deolinda: Meu tio quando tinha o festejo, era que ficava lá, que ele era o patrão. Aí foi me afastei. Aí quando foi um dia..., mas nunca me esqueci, nunca na vida. Nem eu nem meu irmão. A gente chegava aqui, minha mãe tava cortando a galinha a gente fazia a matança (risos). Como tava lá fazendo né? A gente via e fazia "menino não faz não". A gente pequeno, né? Fazia. Aí ele se afastou, pronto. Aí quando foi mil novecentos e oitenta e cinco, ói 1968 foi quando ele se afastou 1986, foi quando ele voltou.
Maria da Conceição: e foi, foi?
Dona Deolinda: E sabe por quê?
Maria da Conceição: Por quê?
Dona Deolinda: Vou te contar. Em 1995... tudo tem um por quê. 1985, ele comeu um peixe. Mas não foi o peixe não. Aaa... A doença, né? Aí desse peixe ele começou a soluçar e continuando, a soluçar, a soluçar... com a barriga alta. A soluçar, soluçar, soluçando e nada. Aí quando foi dia 31 de dezembro de 1985, o ano novo ele passou no IPES, internado no IPES. Começou, ficou, ficou, aí teve, quando foi janeiro ele veio pra casa. Aí o médico disse "ói, vai ter que operar ele, quando operar (que era o esôfago) quando operar vai fazer cocô (vai abrir a barriga pra fazer, pra ficar assim né?)
Maria da Conceição: Hanram.
Dona Deolinda: pra ficar defecando, como tem gente que fica assim, né? E a minha, a família de meu pai era muito unida, e é né? E meu pai, era uma pessoa, um tio, que os sobrinho gostava muito dele. Todos os sobrinho, não tinha um que não gostava dele. Aí tava com a minha prima Alaíde dos Santos, ficou no lugar de Bilina, era ela que ia ser a lôxa, mas ela não quis né? Mas todos os santos todos os orixá, o que tinha de fazer e o que não tinha de fazer, entendeu? Vinha a ela, o nosso Pai da Costa, o nosso orixá maior vinha a ela, pra dizer o que tinha de fazer e o que não tinha. Depois que Bilina morreu.
Maria da Conceição: Certo.
Dona Deolinda: Porque ela... Bilina gostava muito dela. Tudo dela era com ela não chamava Alaíde, chamava Anaíde. Entendeu? Era Anaíde. Chamou, tá certo.
Maria da Conceição: Bilina chamava ela de Anaíde.
Dona Deolinda: Anaíde, era. Não era, como é? Alaíde não (risos). Anaíde, era. Tá bom. Aí meu pai ficou doente... Aí meu primo, Alaíde trabalhava na secretaria de educação. Era muito conhecida, muito. Conhecida mesmo. O nome dela, professora Alaíde dos Santos. Ela fazia, como é? Palestras, em todo o interior de Sergipe.
Maria da Conceição: Hanram.
Dona Deolinda: Muito conhecida na educação. Aí meu primo, faleceu. - "ói Alaíde, Zé mago (chamava ele de Zé Mago), tá muito doente, bem assim."
Maria da Conceição: Alaíde era sobrinha do seu pai?
Dona Deolinda: sobrinha do meu pai.
Maria da Conceição: Ah, certo.
Dona Deolinda: ...tá muito doente, ela "tá, tá, tá bom". Aí ela foi pra casa, que ela morava em Socorro. Foi pra casa. Chegou lá, fez um jogo né, com os orixá. Aí quem veio pra dizer o recado foi Omolu "pergunte a Zé Maria e a Angelino se eles esqueceram de mim". Há muito tempo que não iam, foram. "Se eles esqueceram de mim". Tá bom, aí passou (inaudível) que eu não vou dizer o que eu não vi, né? Quem ficou aí no quarto foi minha mãe. Passou um monte de obrigação pra ele fazer, uns remédio, tudo que os orixá sabe, né? Tudo direitinho. Passou, ela veio, quando foi meio-dia, aí ela veio aqui em plena meio-dia. Veio, "minha cumade, cadê meu

tio?" Ela chamava meu tio e de meu cumpade, às vezes, sabe? Que ela também era cumpade, ou ela era madrinha da minha irmã Marizete, essa que saiu agora.
Maria da Conceição: Ah sim.
Dona Deolinda: E minha mãe também gostava muito dela. Aí, "tá aqui", ele tava nesse quarto, "oi meu cumpade, como é que o senhor tá?", "tá aqui, ói" e soluçando. Soluçando, soluçando e a barriga crescendo. "Meu cumpade, ói, o santo mandou que eu fizesse isso e isso o senhor aceita?" Aí minha mãe "oxente, minha cumade! Pode fazer!" Aí fez tudo direitinho, depois mandou minha mãe despachar, e disse "meu cumpade, volte é pro senhor voltar". Mas ele tinha vergonha, porque saiu muito tempo, pra depois voltar e dizer "ói Zé Maria voltou". Mas quando o santo disse que era pra ele voltar ele voltou, até o dia que ele faleceu. Teve um pouco doente de novo, entendeu? Ói de dois mil... dois mil... em dois mil ele teve um problema, teve um câncer na próstata, ficou sem andar. Sei que ele passou 10 anos, passou... aí ficou. De 86 aí continuou. Aí quando foi 1995, meu tio faleceu. Mas meu tio já não tava fazendo mais nada, ele fazia as vezes de meu tio, entendeu? Como patrão.
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Mas ele não era patrão. Ele fazia as vezes de meu tio, que meu tio não podia mais. Tá bom, tá certo. Quando meu tio morreu em 95. Aí quando foi em 96, aí o santo deu aval pra ele ser patrão. Mas só que só podia fazer esse batizado dele quando fosse carneiro.
Maria da Conceição: Quando fosse o quê?
Dona Deolinda: Quando fosse festejo de carneiro.
Maria da Conceição: Ah, certo.
Dona Deolinda: Mas era carnaval, na Inçã. Chama domingo de entrudo, no nagô né? No carnaval só fazia só, de galinha. Tá bom tá certo, né? Eu conversando com Alaíde, Alaíde disse isso, né? Ela disse assim "poxa, sinto... (ela já sabia que ia embora) sinto não poder fazer meu tio. Meu Deus do céu!". Aí eu entendi, fiquei calada. Aí eu cheguei na casa de Dona Lourde Aarão, que era a lôxa, "Dona Lourde, a senhora aceita um carneiro?" aí ela, "minha fia é promessa" eu digo "é". – "Tá bom! Ói que bom, minha fia. Desde que a finada Bilina morreu, 197, que não tem um carneiro, na Inçã". 1996, ói... 84 ô, 74... né?
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Pra 96... é muitos anos né?
Maria da Conceição: É.
Dona Deolinda: - "Você vai dar?" – Eu disse – "Eu dou". Pra fazer a feitura dele. Então ele se fez em fevereiro, domingo de carnaval, na Inçã. Entendeu? Aí passou quantos anos? Não sei quantos anos. Até o dia que ele morreu, como patrão. Ele foi patrão, a digina dele foi Xangô Idê. Pronto, aí esse tempo todo, graças a Deus. Pronto, ficou doente, ficou de cadeira de rodas, mas o santo mandou que ele fosse pra o festejo assim mesmo.
Maria da Conceição: E foi?
Dona Deolinda: foi.
Maria da Conceição: E ele foi?
Dona Deolinda: Foi, foi até um festejo de difícil acesso. Porque era no Tramandaí como eu lhe disse, né? Lá na casa de Maria Augusta. O carro não passava porque era linha de trem e era (inaudível) e a rua era bem estreitinha não podia passar não. Pra passar de carro, tinha que ir pelo Machado, era uma fazenda, tinha que abrir a porteira, o dono, pedir permissão, pra o carro passar, pra gente chegar até lá. Muito difícil.
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Mas graças a Deus, a gente falou com o rapaz o rapaz abriu. Aí ele foi, de cadeira de roda. Teve muita ajuda de João, quando ele queria fazer xixi, João vinha com (inaudível) na cadeira de rodas. Ele ficava lá dançando, balançando os pé, na cadeira de roda. Eu pedi um remédio ao Santo, o Santo deu, pra eu faze. Um, Ti Herculano mandou a senhora que pegava ele vim fazer aqui, ela fez. Na segunda-feira, quando ela saiu de noite, ela veio

fazer. E o outro, eu que fazia. Que eu morava aqui ainda, né? Eu fazia. Aí ele foi melhorando, até que se levantou. Que ele tinha o quê? Sabe o quê?
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Muita fé! Muita fé, muita fé, muita fé nos orixá. E sabe? Muita fé mesmo. Ele não deixava se abater por nada. Não deixava se abater por nada. Não gostava de fofoca, não gostava de nada. Sempre tava lá ó, tudo dele era pro quê? Pros orixá. Tudo dele. Graças a Deus. Tanto que morreu, sofreu tanto, mas nunca ouvi ele dizer - "Ai meu Deus, vixe!" – Não. – "Deolinda minha fia, tenha paciência comigo, minha fia". Aí câncer da próstata já tava subindo pra cabeça.
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: - "Dê cá uma massagem." – Eu dava, mas não adiantava. E eu ficava doidinha. Porque sem poder, fazer né? Tá bom, tá certo, né? Depois você bota tudo direitinho, viu? Que eu tô me lembrando e tô falando.
Maria da Conceição: Não, pode falar. Fique à vontade.
Dona Deolinda: Tá certo. Aí teve um festejo, na casa da falecida Nine. Essa Nine, Maria da Glória Nascimento. Maria da Glória Nascimento, sei lá. Maria Nascimento Glória. Apelidada por Dona Nine. E ela, como é? Que brincava o nagô, que foi a única lôxa, feita por Bilina, foi essa. Maria da Gloria Nascimento. Que ela brincava candomblé, mas ela não queria, lá na casa do finado Alexandre.
Maria da Conceição: Hanram.
Dona Deolinda: Mas ela não queria, entendeu? Tinha uma senhorinha que morava com ela, ela era doida pelo nagô. Aí insistia tanto com a finada Bilina, que a finada Bilina – "Mas eu vou fazer." – Aí fez ela. Aí ela brincava, como é? Outro festejo. Era no Boquim, todo novembro tinha esse festejo, e tinha as obrigação, que era de São João, e Ogum, depois Obaluaiê, que ela faz (inaudível) que de uma senhora que tinha uma neta, que era toda cheia de ferida, fedia. Aí Nine fez a obrigação, se curasse ela, todo dia 6 de agosto ela fazia uma obrigação. Uma pipoca no tabuleiro, pipoca passava no corpo... não, primeiro o cachorro comia, a obrigação pros cachorro, depois o tabuleiro pra passar a pipoca em quem quiser, né? Quem quisesse ia lá e... pronto. Até a data de hoje, como ela morreu, meu ex-marido faz, que ficou lá na casa, né? Foi eu, deu a casa pra eu e pro meu marido. Só que como ele mora lá, né? Eu faço só ajudar.
Maria da Conceição: Certo.
Dona Deolinda: Entendeu? Aí tá certo. Aí um dia, ela tinha uma nagô que já era aportuguesada. Ta Justa.
Maria da Conceição: Ta Justa.
Dona Deolinda: Ta Justa, era do Maruim. Já era uma nagô aportuguesada. Ela fala, entendeu? Os africano não fala. Quando eles chega eles vão...
Maria da Conceição: Ah sim.
Dona Deolinda: Entendeu? Mas como ela já era aportuguesada, ela falava. Aí eu perguntei "Ta Justa, me dê um remédio pra papai". – "Não, (isso tem uns três anos atrás, bem antes) que o dia dele já está chegando". - Eu ia fazer o que, né? Tá bom, tá certo. Aí passou mesmo e o dia dele chegou. Foi embora. E como é? E ele aguentou muito, ói. Passou dez anos com um câncer na próstata. E o câncer aliviou sarou que ele não precisava mais tomar remédio. Entendeu? Dona Deolinda: Voltou, né? Voltou na cabeça. Assim, doía muito. Doía a cabeça e o meu pai era todo dolorido. As perna era inchada. Mas por que as perna era inchada? Porque quando ele era novo, ele era jogador do Sergipe.
Maria da Conceição: Hunrum, (risos).
Dona Deolinda: Era jogador do Sergipe, entendeu? Ele tinha muita pancada nas perna, uma vez caiu do cavalo lá em Divina Pastora, quebrou a mão... aí tudo quando veio, veio com tudo. Era a mão doendo, era a perna doendo e manquejando. E foi a vida e ele foi esse... Todo mundo gostava dele. Tinha pessoas que ia lá pro nagô, ver ele dançar. Ele dançava muito bonito. Muito

bonito mesmo, entendeu? Ver ele dançar, seu Zé Maria de Jesus. E todo mundo graças a Deus, gostava. De sobrinho, a tudo. E Bilina gostava muito dele, muito dele mesmo.
Maria da Conceição: gostava, né?
Dona Deolinda: Gostava. (conversa interrompida com a chegada o esposo da sobrinha de Dona Deolinda).
Maria da Conceição: A senhora participa da irmandade desde pequena?
Dona Deolinda: Desde pequena eu abria a roda com a finada Bilina. Quando papai se afastou, eu me afastei. Quando eu voltei já foi grandona, não abria mais roda (risos). Entendeu? Mas sempre, nunca esqueci. Me lembrava das pessoa que era antiga, finada Amália, finada Adé, Mirina, Corina, Risoleta. Tudo já morreu. É...Zé Mãozão. Que eu digo Zé Mãozão, porque é o apelido dele.
Maria da Conceição: Certo.
Dona Deolinda: Que era pai, eu não se você conheceu. Cê conheceu Laurça, um que foi candidato a... ele mora aqui, lá perto da rua dos estudante, por aí.
Maria da Conceição: Conheci não.
Dona Deolinda: Corina, Risoleta já disse... quem mais? Mirina que era mãe da finada Risoleta, a finada das Dores. Conheci muita gente. Me lembro das tia de Cisa, Mercê e do Carmo. As tia de Cisa. Mercê e do Carmo, quando era pequena. Finado Zé Luís, que brincava, que era primo do meu pai.
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: (Inaudível) minha tia Lourde, que era casada com meu tio Tales que brincava também. Só um que eu não conheci, que eu não era nascida, era o finado tio Domingues, que brincava, entendeu? Eu até pedi a minha prima uma foto, não tinha. Naquele tempo não tinha foto, né? O único que eu não conheci. Tinha o meu primo Vanderlei, também, não conheci, brincava, era filho do finado tio Tales. Tinha colchão, era apelido, era uma senhora.
Maria da Conceição Colchão (risos)
Dona Deolinda: Era colchão, era uma senhora. A finada Maria cozinheira, que era cozinheira de lá do nagô, também conheci. Morreu um tempo desse. Finado Zé do Camarão, já morreu. Finado Zé do Serrão e sua filha Carmelita. Finado Zé do Serrão, e era um velho branco, né? Ele tinha tanta fé em Santa Bárbara que ele dizia – "Eu quero morrer nos pé de Santa Bárbara". – Ele sempre dizia isso. E não é que ele morreu mesmo?
Maria da Conceição: Morreu foi?
Dona Deolinda: No pé de Santa Barbara. Foi lá no, teve um festejo da minha casa lá na Comandaroba, eu era pequena. Eu fiquei com tanto do medo, só Deus sabe. Quando ele foi dançar, que ele dançou que fez assim, pá... ele caiu com tudo.
Maria da Conceição: Meu Deus...
Dona Deolinda: Foi, mas ele disse que queria morrer no pé de Santa Barbara. E ele morreu no pé de Santa Bárbara. Aí Bilina veio, a finada Bilina veio... se fosse agora, né? Aí tinha que chamar a polícia – "Foi o santo" – Que santo? Cadê o santo? – Se fosse agora era, fazia isso. Aí veio, chamou a família, a família retirou o corpo e a gente continuou brincando. Porque o nagô, quando morre, não tem de parar, não. Continua brincando. A gente cultua o quê? São os mortos, né? Continua brincando, o nagô. Pronto, depois só parou quando tinha de parar mesmo. Aí eu não me esqueço disso, que ele disse que queria morrer nos pé de Santa Bárbara e morreu nos pé de Santa Bárbara, lá em casa.
Maria da Conceição: E a senhora era pequena, era?
Dona Deolinda: Era pequena e me lembro. Nunca esqueci, não. (risos)
Maria da Conceição: E como era Mãe Bilina, a senhora lembra como ela era?
Dona Deolinda: Ela era uma africana, era descendente de africana, né? Ela era bem preta, entendeu? Não era nem alta e nem baixa. Nem alta e nem baixa. Você não tem foto dela não, é?

Maria da Conceição: Já vi já, foto...
Dona Deolinda: Então...
Maria da Conceição: Eu tô perguntando como ela era, o jeito dela...
Dona Deolinda: Eu não tinha assim, aquela intimidade com ela não. Naquela época mil novecentos e sessenta e pouco, era a pessoa tinha que ter o quê? Respeito com os mais velho.
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Chegava dava a benção a ela, tudo direitinho né? Ia ficar no meu cantinho com meu irmão e minha mãe, entendeu? Mas era uma pessoa excelente, maravilhosamente. Recebia o povo bem, todo mundo respeitava ela, de padre tudo. Teve uma época que papai disse, e minha mãe, que os candomblé, né? Na época de Getúlio, não foi Getúlio? Foi, como é? Não podia tocar em canto nenhum né? Foi na época do tenente Maynard, lá em Laranjeiras. O único candomblé, candomblé nagô que tocava era o de Bilina. Mais ninguém. Os outro tava tocando quando via – "Ôpa, vem polícia!" – Aí batiam palma, mas ele, ele nunca empatou Bilina, como é? Festejar.
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Tinha que parece o padre Philadelpho que gostava muito, todas as pessoa que conheceram Bilina, amava. Se você quiser saber assim, de alguma coisa, você conhece a professora Beatriz Gois Santos?
Maria da Conceição: Conheço.
Dona Deolinda: Então. Ela fez um livro da finada Bilina. Vovó Nagô e Papai Branco. Cê tem, né?
Maria da Conceição: Já tenho.
Dona Deolinda: Cê vê lá tudo as coisa que ela botou. Como eu lhe disse, tinha até Mirinda, não... Corina, na linguagem delas ela não queria mais Corina, me esqueci o nome da que morava aqui. Não queria mais ela, que ela saiu, ficar no nagô. E assim foi vendo. Todo mundo gostava dela, era uma pessoa queridíssima. Uma vez ela veio aqui pra exposição, minha fia, foi gente, gente na exposição, pra ver Bilina cantar, tocar. Foram três tambor e três cabaça. Mas foi gente, viu. Assim, ói... toda vez que eu passo na exposição eu me lembro. Mamãe me botou... –"Chega mamãe!" – Mamãe fazia as minhas vontade, né? Me botou no braço e eu olhando. Gente, viu. Gente, mesmo. Eu nunca esqueci de Bilina, e muita gente que, como é? Que na época, conheceu ela, fala muito bem dela. Nunca ouvi ninguém dizer "Ah", não. Se você chegasse, se fosse lá, quando você chegasse na porta, ela já sabia o que você tinha. Ela tinha um quarto das ervas, aí ela pegava as ervas pra dar a você. Nunca, nunca eu esqueci dela. Ajudava muita gente. Mesmo depois de morta, ajudava muita gente. E ajuda ainda. A catatumba dela tá lá, ninguém mexe. Não é pra abrir de jeito nenhum. Tá do mesmo jeito. Se ela fosse católica, né? Ia até canonizar, mas como era macumbeira, né? (RISOS). Né não, é? Né não? Aí Irmã Dulce. Como ela era macumbeira, então tá lá. De vez em quando... agora não, que eu deixei mais depois que minha mãe morreu. Minha mãe morreu, eu saí mais do cemitério, mas de vez em quando eu ia lá na cova dela.
Maria da Conceição: Aonde é?
Dona Deolinda: Lá em Laranjeira.
Maria da Conceição: Qual o cemitério?
Dona Deolinda: Da misericórdia.
Maria da Conceição: Da misericórdia, né?
Dona Deolinda: Não é aquele lá em cima não, da coisa. É um que vai pra Comendaroba.
Maria da Conceição: Hum. E a senhora sabe o número?
Dona Deolinda: O quê?
Maria da Conceição: Da cova?
Dona Deolinda: O número não, eu... eu sei chegar. Quando a gente chega logo, entra, do lado... ai! Cheguei no cemitério aí quando eu chego, no lado esquerdo. Acho que é a primeira ou é a

segunda, não... A segunda. Toda de mármore branco. Não sei se Cisa disse que vai coisar... porque tá muito... Assim... depredada, né? Pra fazer... pra limpar tudo e botar mármore. Tá lá. Toda vez que eu chego lá, eu aprendi isso com a minha prima, Alaíde, né? Chego lá, vou lá, salvo a cova dela. No cemitério. Tá lá, mil oitocentos e pouco. Nascida em mil oitocentos e pouco... Tá lá, que Alaíde botou. Mas agora...
Maria da Conceição: Foi Alaíde que botou, foi?
Dona Deolinda: As... como é, as letras né? O negoço dá...
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Como é o nome? Tava até na no chão, né? Não sei se já tiraram. Porque era pregado, mas como é mármore né? Cê sabe com o passar do tempo vai caindo, né?
Maria da Conceição: Verdade.
Dona Deolinda: mil oitocentos e pouco, tá lá.
Maria da Conceição: Mas ela era muito de dar bronca?
Dona Deolinda: Quem?
Maria da Conceição: Dona Bilina?
Dona Deolinda: Que eu saiba, não.
Maria da Conceição: Nunca levou uma bronca dela, não?
Dona Deolinda: Não. Nunca, nunca, nunca. De jeito nenhum. Antigamente o pessoal tinha respeito, né? Dos mais velhos. Hoje...
Maria da Conceição: Mas ela falava a senhora obedecia?
Dona Deolinda: É mas quando eu chegava lá eu ficava com minha mãe, sabe? Não era menina de tá pra lá e pra cá, não. Entendeu? Ficava quietinha, que as menina antigamente era tudo comportada. Né, não é? (RISOS) Mas tinha respeito por ela, entendeu?
Maria da Conceição: Mas foi ela que ensinou a senhora a abrir a roda?
Dona Deolinda: Não, ninguém ensina a abrir a roda. Quando tava, como é? Abrir a toda é assim, você não viu, não? No domingo? Tinha a senhora... fica uma menina no meio, né?
Maria da Conceição: hunrum.
Dona Deolinda: Essa menina chama Omadê, é uma senhora. Já morreu também. Ela era descendente de africano também, a Omadê. Era aquela que abria a toda. No livro tem, você não tem não? As criança e uma senhora que era Omadê.
Maria da Conceição: Hum.
Dona Deolinda: Aí a gente abria a roda, pegava as criança toda, toda vestidinha de branco, e aí ia abrindo a roda, depois vinha sentar. Na hora da gente dançar, a gente dançava. Era assim. E eu ficava só escutando, só ouvindo, né? Aí nunca esqueci, uma toada que a gente jamais esquece, é a Bacemiceuá (não sei se escrevi corretamente). É a primeira toada que tem a Bacemiceuá, que é acordando todos os orixá. Ela não pode ser cantada assim, sabe?
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Acordando todos os orixás. Muito forte, essa toada.
Maria da Conceição: Mas o que é que seus pais diziam sobre Mãe Bilina? Seu pai Zé Maria, sua mãe... como era o nome dela, da mãe da senhora?
Dona Deolinda: Maria da Conceição.
Maria da Conceição: Maria da Conceição, né?
Dona Deolinda: Mamãe gostava muito, muito, muito dela. Conversava... quando tava no nagô, conversava muito com ela. E ela era assim, ela era um aloxa, a finada Bilina, que ela sempre, me lembro como hoje, ela tinha um xale. Esse xale, até algum tempo eu vi, mas já acabou, né? De muitos anos. Ela botava nas costas, e vinha fazer as visita, aqui ao pessoal...
Maria da Conceição: Ela vinha aqui, nessa rua?!
Dona Deolinda: Vinha fazer visita aqui a papai...
Maria da Conceição: hum...

Dona Deolinda: E passando essa casa, na outra casa, ela do meu tio, meu tio Tales. E ela também fazia visita. Sempre, sempre fazia. De vez em quando ela vinha. Vinha com o xale, toda coisa. Era meio forte, meio forte, né? Sempre vinha fazer a visita. Fazer visita aqui, ia lá pra também lá... na casa do meu tio Domingos, mas meu tio Domingos já era falecido. Mas tinha a minha tia Sinhá. Visitava, na rua de Nossa Senhora das Dores, lá perto da caixa d'água, também fazia visita. Ela nunca deixou, abandonou ninguém não. Nunca.
Maria da Conceição: Nunca abandonou?
Dona Deolinda: Nunca. Minha mãe, tinha um problema de saúde, que tinha varizes nas pernas, aí ficou internada no Hospital Cirurgia, só que minha mãe era muito apegada a gente. Então teve uma criança, quase da minha idade na época, que se apegou à mamãe, aí ficou – "ói Dona Conceição, eu vou morrer, Dona Conceição" – Pronto. E nisso mesmo a menina morreu. Ficou tão impressionada, pronto. Deolinda vai morrer também. Aí os medicamento, que as veze as enfermeira, pegava dava tudo misturado, né? Ela com a impressão, endoidou, ficou doida. Aí teve que tirar ela, me lembro como hoje, botou pra aqui. Aí papai foi lá na casa da finada Bilina, aí ela disse – "ói Zé Maria, não é feitiço nem nada não. É doença, pode internar ela." – Ele internou ela, também foi a última vez, a primeira e última vez. Era doença mesmo. Já era descendência das complicação que ela tinha com a família dela.
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Entendeu? Com a família do pai dela. Pronto, mamãe conversava muito com ela. Aí, ela dizia – "ói cumadinha" – chamava mamãe de cumadinha. – "Eu cuido de Zé Maria e seu pai que era macumbeiro, também, cuida de você" – Era assim. Mamãe falava muito bem dela. Muito, muito mesmo. Quem não gosta da finada Bilina? Só quem tem inveja dela. Quem não gostava da finada Bilina, quem era? Que tinha meio coisa... quando tinha nagô, ninguém saia, e nem podia comer nada fora de, como é? Da casa. Porque ela e Alexandre, né? Alexandre (inaudível) então ela tinha medo, do pessoal de Alexandre botar alguma coisa, né? E o pessoal do nagô comer, então ninguém saia, ficava lá. Só isso. Mas dizer que ela assim... só o finado Alexandre, né? Que era... porque cê sabe, macumbeiro, com macumbeiro né? Ele também era descendente de africano ele gostava de fazer malê, né? Depois ele saiu do malê, né? Só isso. Muito boa, mesmo. Ave Maria, me lembro dela, Ave Maria, como uma santa.
Maria da Conceição: Uma santa, né?
Dona Deolinda: Minha mãe, todo mundo. Pessoal que, da minha família que brincava e depois se afastou, também. Muito boa. Meu tio Manezinho, a esposa dele, meu primo... todo mundo era da finada, como é? Brincava tudo na época da finada Bilina. Tinha gente que era espírita e ia ver o nagô dela, sabia? Tinha uma, me esqueci o nome, uma macumbeira por aqui, que ia pro nagô dela. Tinha gente que não brincava, mas tava lá. A finada Margarida que morava pra cá. Ia pro nagô, não brincava, mas tava lá assistindo o nagô. As prima, não, as sobrinha da minha tia Lourde, elas não brincava, mas tava lá no nagô, assistia o nagô. Tinha muita gente. Tinha uma africana também, não sei o nome dela, me esqueci. Que morava aqui, da época do, acho que era avó, não, bisavó do finado, já morreu, Coronel Dão e da Professora Eunice também que morreu. Ela era bem magrona. Era alta e magra. Ela usava aquela roupa de africano por aqui, aquele vestido bem cumprido, aquela saia. Ela não brincava, mas todo nagô ela tava lá. Todos os nagô. Tinha muita gente. Gente que não brincava e ia assistir. De Aracaju e ficava lá.
Maria da Conceição: O que é roupa de africano?
Dona Deolinda: Ah, porque antigamente não tinha aquela roupa grandona, né? Aquela saia cumprida? Com a roupa, com aqueles casaco diferente da gente? (risos) Não é? Aí ela vestia, vestia por aqui... eu não sei dizer assim... a roupa... Você não vê na novela, aquela novela que passou?
Maria da Conceição: Qual novela?
Dona Deolinda: Agora recente... No tempo do imperador
Maria da Conceição: Ah...

Dona Deolinda: Dom Pedro segundo? Sei lá. Dom Pedro segundo por aí...
Maria da Conceição: É...
Dona Deolinda: O tempo dos escravos. Ela vestia assim, essa senhora. Me esqueci o nome dela. Não sei o nome dela de jeito nenhum, que eu era menina. Eu observava todo mundo, mas não sabia os nome (risos). Aí era cumpridona, mas eu gosto, olhava assim pra ela... era descendente de africano, não sei o nome. Brincava lá, brincava não, ia assistir. Não brincava. Tinha muita gente que ia só assistir o nagô. Saia daqui de Aracaju pra ir. Muito bonito. Muito, muito mesmo. A gente tinha fé nela, entendeu? Doutora, o falecido Hercílio Cruz, que tinha aquela casa Santa Maria, ali... Era muito querido dela, gostava muito dela. Ele e a esposa, da finada Bilina.
Maria da Conceição: Era médico, era? Doutor...
Dona Deolinda: Era psiquiatra. O hospital Santa Maria, de doido.
Maria da Conceição: Ah sim.
Dona Deolinda: Aqui na rua de... Tá desativado. Ele já morreu. Ele e Dona Iolanda. Hercílio Cruz. Era muito famoso, ele. O hospital dele, Hospital Santa Maria. Hospital Santa Maria, na rua do Espírito Santo, pra cá pro Siqueira, entendeu? Na descida... Muita gente, muita gente mesmo. Gostava muito mesmo de Bilina. Não tinha uma pessoa que dizia assim... todo mundo gostava de Bilina. Todos.
Maria da Conceição: Mas ela vinha aqui antes do seu pai se afastar, nera? Ou quando ele tava afastado ela vinha mesmo assim?
Dona Deolinda: Eu não me lembro. Ela morreu em 74 (Inaudível). Mas ela veio aqui depois que papai se afastou, ela veio ainda.
Maria da Conceição: Veio ainda?
Dona Deolinda: Foi. Depois ela começou a ficar doente... aí ficava em casa.
Maria da Conceição:E a senhora sabe do que ela ficou doente?
Dona Deolinda: Não, como é? Alguém sempre dizia... mas ela de mil oitocentos e pouco, pra 1974.
Maria da Conceição: É né?
Dona Deolinda: Não é muitos anos, não é?
Maria da Conceição: É...
Dona Deolinda: mil oitocentos e setenta e pouco, ela era. Assim tá no registro, né? Que a mãe dela era escrava, a finada Calu. Que chamava Carolina. O apelido era Calu.
Maria da Conceição: Mas os irmãos dela, a senhora sabe se ela teve? Teve irmão, teve sobrinho?
Dona Deolinda: ói, irmã, teve. Morava até em Laranjeiras, não sei se já morreu. Não brincava não, entendeu? Eu não sei se já morreu, mas tinha irmã. Era até professora.
Maria da Conceição: Era professora, era?
Dona Deolinda: Era. Agora não sei se ela já morreu. Não sei nem, chô ver... se tinha algum mais velho... Eu vou perguntar a Laudiceia se ela ainda, se.... que também Laudiceia se afastou do nagô, sabe?
Maria da Conceição: Quem é Laudiceia?
Dona Deolinda: É uma que brincava. Ela agora é católica. (risos) Que brincava, entendeu? Foi batizada por ela.
Maria da Conceição: Ah...
Dona Deolinda: Mas ela tem muita fé.
Maria da Conceição: Mas ela era parente de Bilina, era?
Dona Deolinda: Ela não. Ela é casada com um primo meu.
Maria da Conceição: Ah, tá bom.
Dona Deolinda: Entendeu? Aí ele levou ela pra brincar, ela gostou muito. Aí se batizou lá, com Bilina. Ela se afastou agora. Depois que o irmão dela morreu, em dois mil e pouco. Aí que ela se afastou. Mas ela não esquece, ela tem as obrigação, ela só come inhame depois do corte do

inhame, ela só come milho verde depois das obrigação, e feijão verde, que são as obrigação que os santo faz lá, entendeu? Depois que faz a obrigação, lá. Quando Barbara faz a obrigação, aí manda dizer a todo mundo. – "Pode comer milho verde! Pode comer feijão!" – Pode comer o que mais? É, milho verde, feijão e amendoim.
Maria da Conceição: Ah...
Dona Deolinda: Entendeu? Agora o inhame a gente só pode comer em setembro, depois do corte do inhame.
Maria da Conceição: a senhora passa o ano sem comer inhame, é?
Dona Deolinda: ói, nós vamos comer... até agora, não é... mais ou menos dia 30 de abril, por aí... Come inhame, aí pronto. Só agora no corte de inhame em setembro, quando Barbara fizer a obrigação lá na casa dela. Cê sabe onde é a casa de Barbara?
Maria da Conceição: Sei.
Dona Deolinda: Então. Aí não pode comer inhame, não.
Maria da Conceição: E a senhora gosta de comer inhame?
Dona Deolinda: Gosto muito de inhame, gosto mesmo. Aí na... é, fim de setembro. Ou, de... vai ter obrigação, lá na minha casa com inhame. Mas só vai só fazer a obrigação. Porque o nagô, só pode festejar até o dia 15 de maio. Depois que passar o dia 15 não pode, porque tá o inhame, já tá ramando. Ele realmente já tá ramando. Uma menina me deu lá – "Tome, tome esse inhame" – mas quando eu vi tava ramando, eu nem comi. Deus me livre, pra passar mal? É. É. A gente tem, né? Essa ciência, né? Então. Aí eu não como. Só depois de setembro. Ave Maria, eu gosto muito de inhame. E o milho verde, amendoim a gente pode comer. Depois vai parar.
Maria da Conceição: A festa do inhame, é a festa mais importante de vocês, é?
Dona Deolinda: É o corte do Inhame. Que esse corte do inhame não era na casa de Barbara, era lá na Comendaroba. Mas como Ti Herculano morreu, Bilina assumiu, aí botou pra cá. Era lá no terreiro mor. Que ali é o terreiro mor. Entendeu? Terreiro mor.
Maria da Conceição: Tá certo. Aí no caso, não tem mais ninguém da família de Mãe Bilina?
Dona Deolinda: Que eu saiba não. Da família dela, que eu saiba não.
Maria da Conceição: Não né?
Dona Deolinda: É porque...
Maria da Conceição: E Dona Lourdes era da família de quem?
Dona Deolinda: ói Dona Lourde eu não sei de quem era a família, meu Deus...
Maria da Conceição: Ela também é de família, né? Do nagô, Dona Lourdes?
Dona Deolinda: Era, é. É da família de quê? Não sei se tem, ela tinha uma irmã que morava aqui no Bairro América, não sei se já morreu. Mas a família dela, a família dela é enorme. Tias e tios, sobrinhos... enorme. Mas já morreram tudo.
Maria da Conceição: mas são do nagô, também?
Dona Deolinda: Brincava o nagô.
Maria da Conceição: mas ainda são?
Dona Deolinda: Desde pequeno. São... tem é, a família de Dona Lourde Aarão, já morreu Zé Aarão... Pedro Aarão, Ciro Aarão.
Maria da Conceição: Ah o sobrenome é Aarão, né?
Dona Deolinda: Aarão, é. Aarão. Tem sobrinha, é... Não brinca não, no nagô. Me esqueci o nome dela, me esqueci o nome dela. Tem outra sobrinha dela, Rosa mora lá em Laranjeiras, é professora. Não brinca, não. Ela é evangélica, Rosa. Entendeu? Tem muitos sobrinhos, muitos. Em São Paulo, tem...
Maria da Conceição: os evangélicos não gostam, não né?
Dona Deolinda: Não, não. São evangélico, né? Eram do nagô. Nascido e criado no nagô. Mas depois, né? Tem prima, ainda tem um primo. Seu Zé como é, papai chamava de Zé de Ossan, morava aqui em Aracaju, no Bugio.
Maria da Conceição: Ele brinca?

Dona Deolinda: De vez em quando ele vai brincar. De vez em quando. Ele não vai todos os festejo, não. De vez em quando ele vai, entendeu?
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Ele teve lá no enterro de papai. Moacir. Moacir. Tem, ela tem prima, também agora deixou de ir, Neguinha, morreu duas, sobrinha morreu. Tem um monte de primo, é... Hernesto. Jacirema que brinca, que é parente dela. Entendeu? Que é (inaudível) da tia dela, que é filha de Moacir, entendeu? Jacirema brinca. Tá brincando. Nunca deixou. Ela abria a roda, Jacirema. Casou, não abriu mais não. Mas ela brinca, todos festejo ela tá. Tem muita gente que deixou, mas que brincava tudo no nagô.
Maria da Conceição: Ah, tá certo.
Dona Deolinda: Da família de Lourde Aarão.
Maria da Conceição: mas da família de Dona Bilina não tem mais não, né?
Dona Deolinda: Tem não.
Maria da Conceição: Nem de Ti Henrique também, né?
Dona Deolinda: Não, de Ti Henrique, primeiro beg, ninguém ouviu falar. Só sabe de Ti Henrique. Agora, quem descendente, não sabe. É difícil, né? Porque antigamente o pessoal não, entendeu? os mais velho não falava essas coisa né?
Maria da Conceição: Entendi. Se teve uma briga, uma coisa, ninguém sabe, né?
Dona Deolinda: Ninguém sabe. Ti Henrique ninguém... eu mesma tenho parentes lá em Laranjeiras que eu não conheço (risos).
Maria da Conceição: É né (risos)
Dona Deolinda: Conheci umas duas, que disse – "Ói você é minha prima" – Eu disse – "E é?" – "É!". Filha da irmã do meu pai, por parte de pai, entendeu?
Maria da Conceição: Humrum.
Dona Deolinda: Tem muita gente lá em Laranjeiras que eu não conheço, não.
Maria da Conceição: Tá certo.
Dona Deolinda: Que não brincava. Que nunca brincou. Entendeu? Mas sim, lá, como eu lhe disse, papai disse também, ele dizia, que na Jurema, ou... em Jesus, Maria e José tinha esse povoado... e tinha um povoado mais pra cá, na Jurema, também, que tinha outra casa de santo. Mas de tanta intriga, tanta coisa, que a casa do santo pegou fogo, mas não sabe quem era o descendente.
Maria da Conceição: Eita.
Dona Deolinda: É, é. Também a finada Bilina uma vez foi, no cinema, foi festejar em Japaratuba, entendeu?
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Tinha casa de santo, também. Pessoal descendente do nagô. A finada Bilina foi lá... Ah, muitas casa! Tinha também no... me esqueci o nome, é em Laranjeira, na mata do Cabaú. Tinha aqui, na rua Laranjeira, com... aqui, Gararu. Lá... há muitos anos. Que era o finado Zé Boa Noite. Ela vinha festejar aqui na casa do santo. Bem na esquina, entendeu? Ela vinha festejar aqui, era muita casa que tinha. Aí, os santos que esse pessoal já morreram que a família não quis cultuar, ela fez a casa da Inçã, que eu digo, da Inçã. São três pegê. Três quarto. Um que Barbara festeja, e os outros são de duas família, que tem vários santo, de várias família que a família não tá nem aí. Uns já morreram e outro (inaudível). Só tem um único santo que não veio, mas foi recentemente. Foi o santo de Riachuelo. Um dos dono morreu, e os filho pegaram aterraram, não sei onde foi que botaram o santo.
Maria da Conceição: ô...
Dona Deolinda: Ou aterrou, botou a casa por cima, tá por aí o santo de Riachuelo. Que Bilina festejou, também. É coisa, né?
Maria da Conceição: É, é coisa. Mas os de Ti Henrique ficam onde?
Dona Deolinda: Ninguém sabe.

Maria da Conceição: Ninguém sabe?
Dona Deolinda: Papai disse, que acha que o santo que tem na casa da finada Bilina deve ser de Ti Henrique. Mas ninguém sabe. Ele disse que era, ele era menino ele não brincava assim, não. Ele gostava mais de se divertir, essas coisa sabe? Entendeu o que ele disse, né? Gostava de tá pulando de galho em galho, criança, né? Depois foi que ele foi tomando prumo de gente. Entendeu?
Maria da Conceição: Tá certo.
Dona Deolinda: Mas eu acho que, aqueles que tá no pegê diz que é de Ti Henrique. Primeiro beg, né? Que chegou aqui. No Brasil, né? Em Laranjeiras. Ti Henrique, Ti Herculano e Bilina. Entendeu?
Eu: Hunrum.
Dona Deolinda: Tem outro descendente da nossa família, que é Ti Oxó. Tem muitos, é porque não...
Maria da Conceição: Ti Oxó era da sua família?
Dona Deolinda: Era da minha família.
Maria da Conceição: Era o que do seu pai?
Dona Deolinda: É parente né? Ele não sabia também dizer, que era...
Maria da Conceição: muito velho, nera?
Dona Deolinda: Muito antigo...
Maria da Conceição: Mas era da sua família?
Dona Deolinda: Da família. Ele sempre chega pra dar um puxão de orelha na gente.
Maria da Conceição: Ti Oxó?
Dona Deolinda: É...
Maria da Conceição: Ele vem?
Dona Deolinda: Vem... Incorpora, né? Num rapaz que tem lá...
Maria da Conceição: E diz o que pra vocês, já disse o que pra vocês?
Dona Deolinda: Ah, mandou um recado terrível, pra gente. Pra gente, não. Pra mim, não. Pras minhas irmã. Que era pra gente se unir, quando papai falasse, papai tava vivo, ainda. Muito vivo ainda, nem se lembrava de tá doente. Quando papai falasse, pra todo mundo ói... abaixar a cabeça, que ele estava acima da gente. Papai. Bem assim. Quem interpretou foi Quize. (Inaudível) ... fico nervosa né? Ele não fala como a gente, ele fala com gestos, né? O africano não fala como a gente. Eles não falava, brasileiro. A única que falava era Ta Justa. Que ela já era aportuguesada, entendeu?
Maria da Conceição: Ah então quem, o africano que veio da África sem saber falar, ele fala... não fala não?
Dona Deolinda: É com mímica, mimica assim, se entenda. Como mudo, né? Ô...
Maria da Conceição: Hummm.
Dona Deolinda: Aí a gente vai, eles mesmo vai botando na cabeça da gente. Se a gente entender, entendeu. Senão, paciência. Entendeu? Fala assim né? Dizendo isso, isso, isso mais aquilo. Entendeu? Agora pra falar, "ói isso, isso e isso". De jeito nenhum. Quem falar tá mentindo, não é africano não. No nagô! No nagô! Entendeu?
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: No nagô. Então ele disse, que Zé Maria estava acima da gente. Quando ele falava... eu queria até responder lá em casa quando... tinha horas que eu ficava irritada, né? Da minha doença de tudo! Aí, "Ô Deolinda não sei o quê!" Eu digo, eu me lembrei de Ti Henrique, ficava calada! (risos). Que ele tava acima da gente.
Maria da Conceição: Ti Henrique ou Ti Herculano?
Dona Deolinda: Ti Oxó. E também, outra coisa que ele disse, que era pra todo mundo tá no nagô. Eu, minha irmã que tá aqui, minha sobrinha que mora em Salvador, todo mundo. E mandou um recado pra ela, já tem bem uns quatro ou cinco anos, pra Ana e pra minha sobrinha

que mora em Salvador, que quando elas quisesse o nagô, viesse atrás deles, (faz gesto com as mãos) sabe o que é isso?
Maria da Conceição: Não.
Dona Deolinda: As porta estava fechada pra ela. Foi o recado que ele mandou. Elas não tão nem aí. As porta tava fechada pra quando elas quisessem. Venha cá e diga que tá sofrendo alguma coisa "chega meu santo, queira me ajudar", as porta ói, tava fechada pra elas. É mole? Eu disse a elas, elas não tão nem aí. Tão nem aí, então... Seja feita a vontade delas.
Maria da Conceição: É...
Dona Deolinda: Porque o nagô, ele é muito... Ele não gosta que ninguém bota a mão. Deixe que ele vem. Diz como fazer. Não é "ah, tô com raiva de você, pere aí vou pedir ao santo!" Nem faça que ele não faz. Ele não gosta disso. Ele não gosta (inaudível). Ele É que faz as coisa. Nem venha pra... nem venha dizer "ói, eu quero isso, eu quero aquilo". Se ele vê que a pessoa merece, ele faz. Se ele vê que a pessoa não merece... Ele é justo! Justo, justo, justo. Muito justo, entendeu? Às vezes a pessoa fica com raiva, "vije, o santo não faz isso..." mas se o santo (inaudível) vai fazer o quê? Vai mentir? A finada Alaíde ela recebia, sabia de tudo do santo, ela disse – "ói Deolinda, tem gente que chega... Vije fedor de gás, tá sentindo fedor de gás?
Maria da Conceição: Tô.
Dona Deolinda: às vezes as pessoa, fica até com raiva de mim, porque vem me pedir uma coisa, eu falo com o santo, o santo não diz nada, eu vou mentir? Ela tá certa, né? Vai mentir? Eu só faço o que o santo manda, o que o santo não mandar, minha fia... Ela tava certa. Ela não queria assumir, entendeu?
Maria da Conceição: Hanram.
Dona Deolinda: Porque Bilina deixou como lôxa, era ela. Não era Lourde Arão. Era ela. Lourde Arão era pra ser omadê.
Maria da Conceição: Omadê é o quê?
Dona Deolinda: Que abria a roda, que fazia como é? Com Bilina no quarto do santo. Que fazia entendeu? A segunda mãe, né? Mãe pequena, né? Depois de Bilina era a omadê. Mas só que, Alaíde não quis, ser lôxa. Que na época, ela disse que não queria não. Porque pelejar com gente... na época ela estudava... estudava não, trabalhava. Estudava e tudo, né? Ela disse que nunca quis. Nunca quis mesmo.
Maria da Conceição: ela era formada em quê? Professora de quê?
Dona Deolinda: Não sei... ela é professora. De quê, minha filha... (risos)
Maria da Conceição: Aí o santo é da família, né? Todo mundo de uma...
Dona Deolinda: é tem o santo da minha família e tem o santo da família, de outra família, entendeu?
Maria da Conceição: mas o de Dona Alaíde era o mesmo da sua?
Dona Deolinda: da minha família é, da minha família. Entendeu? Ela quem pegava o nosso pai maior, que é o nosso Pai da Costa.
Maria da Conceição: ela pegava?
Dona Deolinda: É. Nosso Pai da Costa, que vinha dizer tudo o que era pra fazer. Obrigação, essas coisa.
Maria da Conceição: ele falava por meio dela?
Dona Deolinda: Vinha falar com ela, entendeu?
Maria da Conceição: Ah, vinha falar com ela.
Dona Deolinda: É, na cabeça dela. Ela disse que tinha lugar do corpo dela, que ela sabia quando o nosso pai ia chegar, que ele dava o sinal. Entendeu? Ela nunca me disse o lugar. Também não podia dizer mesmo, né?
Interrupção.
Maria da Conceição: A senhora já ouviu falar sobre, é... um nagô chamado Biruni?
Dona Deolinda: Não. Nunca ouvi, não. É de onde?

Maria da Conceição: Diz que ele entregou o bastão a Dona Bilina, quando ela assumiu.
Dona Deolinda: Como é o nome?
Maria da Conceição: Biruní, Biruni. Não sei. É assim.
Dona Deolinda: Nunca ouvi falar não.
Maria da Conceição: nunca ouviu falar... E Pastora?
Dona Deolinda: Agora sei. Mas, me diga uma coisa, você leu o livro que tem isso no livro? Porque me parece que no livro tem dizendo assim, quando foi pra entregar o bastão, né? Que ela sonhou, ela, não tava aqui, Bilina. Ela tava no Rio de Janeiro.
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Empregada, né? Sonhou com Omolu entregando o cordão de São Francisco. Antigamente não tinha esse cordão de São Francisco quem era moça, não era?
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Entregando pra ela... – "Ou você vai, pra Laranjeiras, assumir seu posto, ou então você morre." Ela veio.
Maria da Conceição: se ela não viesse, será que ela morria mesmo?
Dona Deolinda: Morria. Porque o santo... quando ele diz uma coisa, mulher é tiro e queda, viu. Não brinque não.
Maria da Conceição: aí ela veio...
Dona Deolinda: Quando o santo diz uma coisa, é tiro e queda. Ele vai, ói... Um nó que o nagô dá, ninguém desmancha. Só Deus.
Maria da Conceição: Mas dá um medo, né não?
Dona Deolinda: E eu quero brincar com africano? O nagô africano rum! Deus me livre. Castiga cada gente. Cada pessoa... Deus que me livre! Castiga não, né? Não fazer o que ele quer. Porque tudo o que ele quer, é o bem da pessoa. A pessoa acha que não, mas é o bem da pessoa. Depois a pessoa vai vendo – "realmente era meu bem"... Então , foi assim, ela veio, pra entregar esse bastão a ela, ela dizendo no livro, no livro! Foi uma briga danada...
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Que tinha Ta Lucrécia e Ta Luiza, por aí né? Tem um homem também chamado, agora não sei esse nome, me esqueci o nome do homem, também que tinha no meio. Pra entregar realmente foi uma briga, mas ela conseguiu. Até a data que ela morreu.
Maria da Conceição: Ta Lucrécia, essa senhora mais antiga, a senhora sabe não né?
Dona Deolinda: Não. Só sei o que eu ouvi falar. Ta Lucrécia, Ta Luiza.
Maria da Conceição: Mas quando chama assim, uma pessoa de "Ta", é porque ela é o que, dentro do terreiro?
Dona Deolinda: Não sei. Aí é uma coisa que eu não sei...
Maria da Conceição: Mas hoje em dia não chama mais não, né? Ninguém chama mais de Ta nem de...
Dona Deolinda: Não, não. Nada mais. Como é? Os valores, minha fia, do nagô, muitos se perderam. Que era muita coisa que tinha.
Maria da Conceição: hunrum.
Dona Deolinda: Com o passar do tempo, a pessoa não zelou aí foi se perdendo. Tem muitas toadas e de mil novecentos e antigamente, que nunca mais cantaram. Nunca mais cantaram. Nunca mais, se perderam. Entendeu?
Maria da Conceição: A senhora cantava antigamente, hoje não canta mais, né?
Dona Deolinda: Era que cantava antigamente. É difícil... porque não foi da minha época. Entendeu? Tem as toada de antigamente, mas tinha muito mais.
Maria da Conceição: Humrum.
Dona Deolinda: Não canta. Só as toada que o pessoal vai... pega o santo né? Aí o santo vem dizer. São as toada mais... entendeu? Mas de antigamente, não canta. Não canta. Tá cantando

agora, de hoje que não cantava, pra Ti Oxó de Olina. Que ele veio da cidade de Olina, na África né?
Maria da Conceição: Humrum.
Dona Deolinda: Ti Oxó de Olina (cantando). Ò tem tempo... que ele tá chegando agora, só que já existia. Mas só que não tinha um médium, pra incorporar, né?
Maria da Conceição: hunrum.
Dona Deolinda: Aí pronto. Se perderam, se perderam! Muita coisa, muita coisa, muita coisa. Que de vez em quando é que eu me lembro de umas toada, entendeu?
Maria da Conceição: Humrum.
Dona Deolinda: Assim, da época de Lourde Arão, umas pessoa dançava com essa, que já morreram. A outra, não quis mais, que dançava com ela. De vez em quando eu tô tirando, de vez em quando eu tô tirando, entendeu? É muita coisa se perdeu. Muito, muito mesmo. Quem tinha essas toada tudo, era a finada Alaíde. Mas Alaíde foi embora. Tio José também tirava, foi embora. Papai tirava, o pessoal ficava, como é? Sem saber tirar nem nada. Fica difícil né?
Maria da Conceição: É.
Dona Deolinda: Fica difícil. Mas no nagô tinha muita coisa. Tinha não, tem muita coisa. E muita ciência. Muita, muita, muita mesmo. De obrigações, muito forte. Tudo isso. Que tem que fazer com a irmandade toda. Tem obrigações, que não faz há muitos anos.
Maria da Conceição: e por que que não faz?
Dona Deolinda: Porque às vezes não chegou na época, e também, tem que como fazer, tem que o santo vim dizer. Não é pra pessoa chegar e fazer.
Maria da Conceição: O santo que tem que dizer...
Dona Deolinda: Ele vem dizer na época. Faça isso, isso e isso.
Eu: Hanram.
Dona Deolinda: Aí a pessoa tem que fazer.
Maria da Conceição: Mas quando ele não vem dizer, significa o quê? O que quer dizer isso?
Dona Deolinda: Significa ou não tá no tempo, ou então tem muita coisa errada. Entendeu? E ele o quê? Fica sem força. Fica com raiva, né? Que não tá fazendo, tudo a sua sequência direitinho. Só isso […] É, ele tem que gostar da pessoa. Ele tem que gostar da pessoa, entendeu? Ver a índole da pessoa, entendeu? Se você tem um coração ruim, o santo não vem tá dizendo um monte de coisa. Não vem não.
Maria da Conceição: Não vem não, né?
Dona Deolinda: Não, não. Se você tem um coração duro, você não tá com o pensamento em Deus, só fazendo maldade, maldade.
Maria da Conceição: Verdade.
Dona Deolinda: Tem alguém que se aproxime? Não. De jeito nenhum. De jeito nenhum. Eu mesma quando vou pro festejo, vou pra lá, graças a Deus, eu vou de coração limpo, vou de corpo limpo, também nunca mais tive homem. Como é? Canto para os orixá. Não sei cantar, não. Não tenho voz boa. Mas quando eu canto, eu canto pra eles. Tô cantando pra eles, não é pra ninguém, não. Pra ele ói, com o coração bem... entendeu?
Maria da Conceição: hanram.
Dona Deolinda: Eu canto de corpo e alma. Me esqueço de tudo, só pra cantar pra ele. De corpo e alma. Entendeu?
Maria da Conceição: entendi.
Dona Deolinda: Por isso que ele gosta um pouquinho de mim (risos). Um pouquinho de mim (cantando). E muito bom, graças a Deus. Me lembro das pessoas que já se foram. De lá, de quando Bilina era viva. E nunca esqueci. Todo ano, eu não mando celebrar uma missa pra ela, não. De vez em quando... Mas todo ano, no dia 27 de setembro, de 1974, eu acendo vela pra ela. Nunca esqueci.
Maria da Conceição: acende vela, é?

Dona Deolinda: É. Foi o ano que ela morreu. E 21 de agosto, é o ano que ela nasceu. Só sei isso. A finada Alaíde me dizia. 21 de agosto era o ano que nasceu. Agora não sei... de mil novecentos... a data, né!? Agora de mil oitocentos e pouco, não sei...Entendeu? mil oitocentos e setenta, por aí, que tem lá no coisa. Pronto. Aí eu não esqueço, nem de 21, nem de 27. 27 é... até, foi até meu tio Tales, de manhã cedinho, ói... aí passou antigamente o rádio falava, né? Na época de Silva Lima...
Maria da Conceição: hanram
Dona Deolinda: "ói morreu, Umbelina de Araújo, da cidade de Laranjeiras" – aí meu tio Tales ouviu – "Chega Zé Maria!" – papai já tinha até saído, ia pro DETRAN, já tinha ido pro DETRAN. – "O que foi?" – "Bilina morreu" – "Vije, meu Deus!". -Pronto. – "O enterro é 4 horas da tarde" - Antigamente, não tinha ônibus, né? Aí papai fretou um carro, que era amigo dele que morava em Laranjeiras, foi eu, minha mãe e um menino que a gente criava, com dois anos, sabe? Que era a paixão... é a paixão da gente, ainda... pra Laranjeiras. Chegou lá no enterro, tinha muita gente. Foi onde eu conheci a finada Nanã. Sabe quem é Nanã, né? Aqui do Bairro América?
Maria da Conceição: Sim.
Dona Deolinda: Nanã e o nome da filha dela?
Maria da Conceição: Marizete não?
Dona Deolinda: Marizete, é! Marizete! Marizete novinha, entendeu?
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Conheci. Aí mamãe "ói Nanã ali, Deolinda" eu digo "ói, tá bom". A finada Marizete, ô, Marizete, viu... porque no nagô, tem flores, mas as erva do nagô que a gente leva, que a pessoa leva pra botar dentro do caixão, é vassourinha sem cabeça, sabe? ô sem botão.
Maria da Conceição: Hanram.
Dona Deolinda: Sem cabeça, o quê? Sem botão. Aí – "Ô mãe, - Eu ouvi como ela disse, né? Que eu sou muito curiosa, desde pequena (risos) – Mãe, que é que é aquilo? – Menina (ela nem sabia pra que era, não sei, de outra nação, né?) Não sei, depois eu explico. – E eu só escutando. Ela foi pro enterro da finada Bilina. Muita gente. Muita gente, mesmo. Só isso que eu me lembro do enterro dela, entendeu?
Maria da Conceição: Alguém disse alguma coisa, falou alguma coisa, não né?
Dona Deolinda: Se falou, eu não me lembro.
Maria da Conceição: Só o padre rezando mesmo, né?
Dona Deolinda: É, não sei se fez o ritual... não sei se fez o ritual, não. Não me lembro, não. Isso aí eu não me lembro.
Maria da Conceição: Quem era o padre de lá, na época?
Dona Deolinda: Não sei, também. Eu não andava na igreja. Eu só ia lá quando papai ia. Quando papai tava festejando. Depois disso eu não fui mais, só fui no enterro. Só voltei, pro enterro dela. Em 1974. Que papai foi.
Maria da Conceição: mesmo afastado, né?
Dona Deolinda: Mesmo afastado. Agora, fui morar lá em 1993. Quando eu me casei, e fui morar lá. Entendeu?
Maria da Conceição: humrum.
Dona Deolinda: Depois descasei, vim pra cá. Depois descasei, vim pra cá. Depois papai comprou uma casa, aí eu fui pra lá. 2003 eu fui morar definitivo, definitivamente lá. Peguei minhas coisinha, que o santo tava me ói, me cutucando...
Maria da Conceição: e era?
Dona Deolinda: Ave Maria. Ói o Santo me, eu recebia dinheiro e ele xiu... vivia apavorada. Foi tanto que, eu fiquei tão apavorada que eu cheguei na casa da finada Alaíde, me ajoelhei nos pé dela e disse "Alaíde pelo amor de Deus, o que é que o santo quer comigo?! Eu não aguento mais". Eu fiquei apavorada. Primeira coisa, pegou no meu dinheiro. Ela nem me deu a resposta.

Começou a rezar, e eu, melhorei né? Aí quando foi em 2003, depois da morte dela, né? Aí ele começou de novo a pegar, eu fiquei coisa. Aí minha irmã disse, minha irmã que tá fora de casa, "ah, eu vou praí, que eu não posso pagar aluguel". Eu digo "ei, mamãe. Eu e Ana aqui, não dá certo, não. Peraí". O santo já tinha mandado eu ir mesmo, pra lá né? Eu que não quis. Ficar com tudo. Aí eu peguei, sabe de uma coisa? Peguei os meus cachorro, botei tudo no caminhão. As minhas coisinha, Laranjeira. Até o dia de hoje. Só vou sair de lá se eles não me quiser dentro da casa. – Não quero você aqui, não. – Aí eu saio, né? Não vou ficar lá na casa deles, né? Porque a casa é dele, a casa não é minha. Eu moro lá, mas a casa é deles. Aí pronto, eu fiquei lá até hoje. Antigamente eu tinha muito medo, depois passou o medo, entendeu? Passou o medo de tudo. Graças a Deus. Tô lá, e só saio de lá no caixão.
Maria da Conceição: e a senhora tinha medo do quê?
Dona Deolinda: Eu nunca dormi sozinha, na minha vida. (risos)
Maria da Conceição: Aí tinha que dormir só lá?
Dona Deolinda: Quem ia pra lá? Minha irmã, não ia. Meus irmão... minha irmã não ia, sobrinha já tava grande, não ia. Eu fiquei lá sozinha. Até papai ir pra lá.
Maria da Conceição: mas e antes da senhora ir pra lá, ele ficava sozinho era, na casa?
Dona Deolinda: Não, antes dele sim... 96 quando meu tio morreu, ficava com meu tio. Depois, a mulher, a senhora que morava com meu tio, ficou lá. Ele só veio pra cá em 2000, quando eu mudei, entendeu?
Maria da Conceição: Ah...
Dona Deolinda: Papai fez a casa, aí ele me perguntou, veio como eu lhe disse, né? Pra dizer pra mudar o santo, pra isso, ele disse que ia fazer. Depois papai relaxou um pouquinho. A palavra que ele disse "tão cedo não mudo o santo". Pronto. Tão cedo não mudo o santo, aí o santo veio pra mim e disse, me perguntou quando era que eu mudava o santo. Aí eu dei a palavra, antes do festejo da Inçã, em 2000, eu mudo. Quando foi em 2000, em abril, no fim de abril, a gente festejou o primeiro festejo lá. Entendeu? O primeiro festejo. Agora deixava lá, e eu vinha pra cá, morava aqui, né? Mas de vez em quando, quase toda tarde ia assim, ia hoje, amanhã não ia. Tava lá. Vinha de noite, fechava tudo, vinha de noite. Mas depois pegou mesmo, "o negócio é ir pra lá", aí eu fui. Até hoje.
Maria da Conceição: E pronto.
Dona Deolinda: Graças a Deus eu tô lá.
Maria da Conceição: Tá certo.
Dona Deolinda: Ele faz que a gente não tenha medo. Medo de como é? De dormir sozinha. Interessante, ói. Em 1995, a gente tava festejando. Ia ter festejo, 1995. Fim de abril, bem fim, pra maio. Ou foi maio pra abril, ou... Abril pra maio. Teve lá o festejo, da minha casa, lá na Comandaroba, na minha casa. Meu tio José estava lá. Aí ia festejar, o meu tio José começou a ficar assim, começou a ficar doente, doente, doente. Aí quando foi numa sexta-feira, antes do festejo, primeiro tem que dar o banho de sol, né? Pra depois festejar, né? Aí eu fui lá, cheguei lá, a moça a senhora que morava com ele, - "já fui três vezes com Zé pro hospital, ele só se cagando." Calada tava, calada fiquei. Não era marido dela, quem tinha que ir era ela, né? Aí ficou, isso na sexta-feira. Sábado, doente. Festejamo no domingo, ele tava, quem tava tomando conta, já era meu pai, né? Fazendo as obrigação dele, né? Como patrão. Ele doente, aí Ti Herculano chegou... e Ti Herculano é muito forte, né? Um africano, né? Que ele veio da cidade de obá, né? Ti Herculano. Ti Herculano chegou, aí foi visitar, vê ele né? Falar com ele. Ele deitado na cama, botou a mão assim... Diga quem estava, arrudiando ele? A borboleta. Arrudiando ele, arrudiou (inaudível).Teve uma obrigação na terça-feira, ele doente, né? Quando foi na sexta, meio-dia. Eu não vim nem trabalhar, eu tava casada com Tonhô, né? "Vou ficar aqui, não vou trabalhar". Meio-dia, mais ou menos essa hora, por aí. Chega a mãe de Elizabete, "ô Dió", eu digo "que é, Maria Preta?", - "Ói, Xangô, morreu". Tomei um susto danado. "Foi mesmo?" Aí, peguei, disse ao meu marido que estava trabalhando, Ele chegou aí disse, "Vamo

lá!". A gente foi, chegamo lá na Comandaroba, tava lá. Ele morto, a mulher tinha coberto ele com um pano branco, né? Ele tava, já morto. Aí fui avisar a todo mundo, né? E tava festejando, era o segundo festejo. Tava festejando. Aí foi. No domingo, todo mundo de branco e tudo. Fez o ritual dele, por sinal muito bonito. Cantou as toada que ele dançava. E levamo pro cemitério. Quando foi no sábado de noite a gente não podia parar, tinha que tocar. E nem parecia que ele tinha morrido. Teve que tocar até no domingo de tarde. Pra acabar. Nem, impressionante o santo tira tudo. Nem parecia que tio (inaudível). Foi no dia 13 de maio, caiu no dia 13 de maio, quando ele faleceu. Que foi até, como é? Tinha até uma festa, né? Lá em Laranjeiras. Minha irmã ao invés de ir pro nagô, foi ver não sei quem, era um cantor famoso que veio, né? 13 de maio, no dia de sábado. Que ele foi enterrado. (Inaudível) Não tem que parar, tem que continuar.
Maria da Conceição: É né?
Dona Deolinda: É. Tem que continuar. Acho bonito isso, tem que continuar, e ele mesmo tira da mente da gente. Nem parece. Porque a gente cultua um morto. Então o morto é uma festa, né?
Maria da Conceição: É.
Dona Deolinda: É uma festa. Que mais, diga aí.
Maria da Conceição: O que é que a senhora quer dizer assim, quando a senhora diz assim "a gente cultua um morto"?
Dona Deolinda: Não, porque, como é? Porque o... eu não sei explicar.
Maria da Conceição: Fale do jeito que a senhora entende.
Dona Deolinda: Porque o candomblé você sabe que é gente vivo, não é isso? A gente cultua os nossos ancestrais. Que já morreram, que vieram da África, e trouxe o nagô, né? Que chama nagô, né? Não sei da onde veio, vieram da África, como escravo e cultuamos o nagô. Antigamente você sabe que, bem, não sei se você sabe... já ouviu falar que... os africano não falava. Aí tinha o trovão, eles botava o nome de quê? Botava o nome de Ogum, né?
Maria da Conceição: Eu não sei.
Dona Deolinda: Eu já ouvi falar nisso, eles, assim, cultuava o trovão, aí o africano pegava os escravo, adquiria aquela pedra como Ogum.
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Tinha os santo católico, só que os dono de engenho, não, não deixava ele cultuar... era escondido. Então, eles tinha os santo católico, então o que é que eles faziam? Pegava, as pedra, né, dos africano. Os africano é mais é de pedra, pegava as pedra, associava aquele orixá, e botava por detrás da foto de Santa Bárbara. A pedra é Santa Bárbara. Os africano sabia que era Santa Bárbara, botava o retrato de Santa Bárbara na frente, pro dono de engenho não ver. Mas deixe que ele tava cultuando, as origem dele. Diz que na África era assim, não sei da onde era da Nigéria, do Congo. Sei lá. É por aí.
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Eu ouvi falar nisso. Uma pessoa me falou isso. Os africano cultuava assim. Botava a imagem de Santa Bárbara, que era conhecida no catolicismo, né? E botava a pedra. Cultuava, eles cultuava era isso. Por isso que eu tô dizendo. Era ancestrais, de muito, tempo que vinha da África, que eles cultuavam lá. Ói Ti Herculano, não tem a toada? Ele veio de Obá. Onde era Obá? Uma cidade africana. Ele era rei, o pessoal diz que ele era rei de Obá, não. Ele veio de Obá. Ti Oxó, ele veio da cidade, Ti Oxó de Olina. Ele veio da cidade de Olina, África. Agora não sei onde é, né?
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Ainda tem, será? A cidade de Olina? Agora não sei, só pesquisando. Vou pesquisara no Youtube. (Risos)
Dona Deolinda: É. Ele veio da cidade de Olina. É porque o africano, a religião africana é muita coisa, né? Não é só (inaudível), não. É Ogum não sei de quê, tem Ogum megê, Ogum tá é lá,

Ogum não sei de quê. São tudo muito, né? Oyá, é Santa Bárbara. Pode ser a Inçã. Né não? Muita coisa. Vai, como é? Cada um tem sua característica, né?
Maria da Conceição: É verdade.
Dona Deolinda: Por que cultua o quê? Os ancestrais, né? Vem de longe, de anos e anos. Ti Oxó, Ti Henrique, Ti Herculano. Tudo isso. A gente cultua o quê? Os que já morreram. Eles são, vem de muito longe, né? E vieram cultuar aqui no Brasil. Em Sergipe, né? Sei lá, cultuar no Brasil, Sergipe. Porque o único nagô que eu saiba, é de Laranjeiras. Não tem outro igual, não tem outro igual. Pode ser, assim... como é que diz? Miscigenação, que se fala? Sei lá. Assim, diferente, como canta as toada. Pronto, na casa do meu padinho, Zé de Abacossô, conheceu ele?
Maria da Conceição: Conheci não, mas já ouvi falar.
Dona Deolinda: Zé de Abacossô, ele tinha um terreiro, tem um terreiro, que quem tá tomando conta agora é o filho. Lá no Eduardo Gomes, é Obá Famidê. É Oxossí, me esqueci o nome dele.
Maria da Conceição: qual?
Dona Deolinda: Do meu padinho. Ele cantava, ele era lá de Riachuelo, minha mãe conhecia ele. Ele era da época de Bilina, da época de Alexandre. Entendeu? Meu padinho. Não tinha nagô? E tem o candomblé, né? Candomblé, cê sabe? Você entende. Tinha época, no mês de setembro, agosto, ele fazia a festa de Obaluaiê que ele chamava Olubagê. E no nagô logo no início de setembro, ele gostava de festejar. Porque o nagô, tem que ser logo n início, nos primeiros dias de setembro. Deixe pra lá, deixe pra lá, deixe pra lá. Porque quem tem que fazer o corte do inhame. Porque meu padrinho, fazia o nagô, assim, lá pro dia 4, eu sempre ia, e ele sempre tava cantando, ele sempre cantava, umas toadas de Laranjeiras, que entendeu? Com um tom diferente. Mas era, cantava pra Ti Herculano, cantava pra outros, pra Oloku, entendeu? Tudo isso. E quem é do nagô, de Bilina, se tiver um santo e chegar em qualquer candomblé de nagô, cantar cai. O santo cai. Sabia? Não tem Magna, sabe onde é Magna?
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: O raio do sol, né? Tem raio do sol?
Maria da Conceição: não sei.
Dona Deolinda: Ogum Raio do Sol, lá na Piabeta? É na Piabeta? Você não sabe não quem é irmã Joelma?
Maria da Conceição: Não.
Dona Deolinda: Oxem.
Maria da Conceição: Conheço não.
Dona Deolinda: Cê conhece Paulinho?
Maria da Conceição: Conheço não.
Dona Deolinda: Eita pega. Paulinho, agora tá no Ogum Raio do Sol. Ogum Raio do Sol, sei lá o nome, que tem. É lá na Piabeta, era do falecido Magno, ele e a esposa dele, Mãe Joelma. Entendeu? Ela canta alguma coisa, entendeu? Na casa desse que a gente vai, frequenta, de Tonhô, também. Que é um nagô, descendente de Bilina. Que Bilina fez lá, Nine. Também canta. Ela cantava do terreiro dela, como era misturado, depois ela passou pra nagô, entendeu?
Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Ficou algumas toada que ela canta, entendeu?
Maria da Conceição: entendi.
Dona Deolinda: Mas é mais, a maioria é da casa de Bilina.
Maria da Conceição: Tonhô era aquele que tava lá naquele dia que eu fui, ou não?
Dona Deolinda: Era! Aquele que pegou o santo. Ele não pegou o santo? É ele que tá lá na casa de Nine, entendeu? É ele que recebe, quase tudo do santo, quem coisa é ele. O santo fala com ele (Interrompeu para conversar com a sobrinha). Então é isso, quem cultua os ancestrais é isso. São os ancestrais antigos, que eles sempre vem incorpora no médium, canta a toada e vem dizer alguma coisa. Se merecer, ele diz. Se não... Entendeu?

Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: O santo vem e fala. Muita coisa que o santo fala. Tem segurança pra todo mundo. Assim, algumas pessoas, tem segurança. Tudo, que você imaginar o santo sabe. Tudo o que você imaginar. O que você imaginar e precisar. E você merecer. Tem tudo, tudo, tudo, tudo, tudo. Só é você merecer. E ter fé nele, que se você não tem fé, cê não tem nada. E é muito bonito, eu acho. Eu gosto do nagô, gosto mesmo. Só as veste, que é branco, pra mim, o branco tá dizendo tudo. Paz.
Maria da Conceição: Paz, né? (risos)
Dona Deolinda: É. Você vestida de branco, você é outra pessoa sabia? Toda de branco. Não pode, quem é do nagô, tá vestindo tudo escuro, não. Eu tô vestindo porque não achei uma blusa branca, que eu queria. Mas tem que ser uma coisa preta, e outra blusa branca.
Maria da Conceição: Outra branca, né?
Dona Deolinda: É. Ou preta com outra cor. Não pode tá, escuro demais não.
Maria da Conceição: E Pastora, a senhora conheceu?
Dona Deolinda: Conheci, brincava lá. Ela morava com Bilina. Entendeu? Era o braço direito de Bilina, Pastora. Morava lá com ela, fazia tudo pra ela. Até quando ela morreu, Pastora foi pra casa dela. Brincava, tudo. Tudo quem fazia era Pastora. Mas depois teve um... depois que ela morreu, Lourde Arão, quando foi ser lôxa, não se deu muito com ela, né? Então, Pastora se afastou. Até o dia que ela morreu.
Maria da Conceição: Já morreu, não foi?
Dona Deolinda: Já, de hoje... De hoje que ela morreu.
Maria da Conceição: Mas os parente, também não ficaram no nagô não, né?
Dona Deolinda: Não, as cria, as filha Leide, brincou, depois saiu do nagô. Entendeu? Não ficou ninguém.
Maria da Conceição: Mas Pastora então não era de família não, é?
Dona Deolinda: De família de nagô? Que eu saiba, não.
Maria da Conceição: Não era não, né?
Dona Deolinda: Não. Da família nagô, Pastora, não.
Maria da Conceição: E Alaíde, era sua prima, nera?
Dona Deolinda: Minha prima, era. Desde pequena que ela já pegava o Santo. Maria da Conceição u: Ela pegava o santo de pequena, era?
Dona Deolinda: De pequena. E ela não gostava. Ela ficava, Ave Maria. Ela dizia “Deolinda, ói. Eu tava num lugar, quando fui ver eu tava no quarto do Santo”. Aí perguntava à minha prima Marizete, “Marizete, o que foi que aconteceu?”, aí Marizete “deixe pra lá, deixe pra lá”. – “Deixe pra lá, o quê?” – Era assim. Ela sempre dizia. Pegava o santo, quando eu via, ela na latada, quando via já tava com o santo. Todo mundo gostava dela, desde pequena. Ela até o povo tinha a maior alegria com Alaíde, entendeu? A maior alegria com ela. Mas ela disse que não queria assumir, e não assumiu mesmo não. Não assumiu mesmo.
Maria da Conceição: Mas ela faleceu de quê?
Dona Deolinda: Diabete, tá gravando não?
Maria da Conceição: Tô, ainda.
Dona Deolinda: Diabete. Teve retinopatia diabética, depois teve os rim. Entendeu?
Maria da Conceição: Entendi.
Dona Deolinda: Ela ficou cega, cega.
Maria da Conceição: Ficou cega, foi?
Dona Deolinda: Foi.
Maria da Conceição: Mas foi nova, não foi?
Dona Deolinda: Ela morreu com sessenta e poucos anos.
Maria da Conceição: Ah... Sessenta, né?
Dona Deolinda: Foi. Ela é de 1934. Morreu nova. Ela não tinha um cabelo branco.

Maria da Conceição: Não tinha não, né?
Dona Deolinda: Morreu nova, nova.
Maria da Conceição: Faz muito tempo?
Dona Deolinda: Hã?!
Maria da Conceição: Faz muito tempo?
Dona Deolinda: Faz! Ela morreu em mil novecentos e... depois que tio José morreu em 95, ela morreu em 1996. Ô, é 1996. Parece que foi 20 de novembro de 1996.
Maria da Conceição: Tá certo.
Dona Deolinda: Faleceu com todo corpo. Era forte. Faleceu com toda força. Ô, ela não queria assumir. Que era dela de direito. Aí o Santo, né. Castigou. E foi um castigo (inaudível). Foi um castigo. Que ela não queria. Porque como é, como é que o santo vem, diz tudo a você, tudo isso. Faça isso, faça aquilo, a pessoa não quer? Aí, né? Quando eles querem, eles querem. Quando eles não quer, tá nem aí. Foi isso que aconteceu com Alaíde. Se você quiser saber mais, sobre Bilina, a professora... me esqueci o nome...
Maria da Conceição: Beatriz?
Dona Deolinda: Gois Dantas. Esse livro, foi ela que fez. Aquela, todo aquele negócio ali foi gravado. De Bilina, foi tudo gravado. Entendeu? E outra coisa, ela tem muita foto. Que eu pedi umas fotos a ela, ela me deu. Mas eu queria... Ela morava aqui, ói, na rua de Maruim. Se mudou, mas eu não sei, até quem me arranjou o endereço dela foi Paulinho. Entendeu? Você sabe onde ela mora?
Maria da Conceição: Sei não. Mas ela disse que não tá recebendo ninguém em casa, não. Por causa da covid.
Dona Deolinda: Pois. Por isso. Não tenho nem o telefone dela. Eu tinha, depois...
Maria da Conceição: Eu tenho o número dela.
Dona Deolinda: Ói me dê.
Maria da Conceição: O WhatsApp.
Dona Deolinda: ótimo.
Maria da Conceição: Eu posso passar depois, quando terminar a gravação?
Dona Deolinda: Pronto. Ah, é mesmo! Eu quero, eu quero falar pra ela que meu faleceu, quero mandar umas foto pra ela ver, do nagô sabe? Depois quero dizer que eu perdi o contato com ela, ela não me conhece muito não, sabe? Conhece é Barbara, Dona Lourde. Uma vez ela foi lá, levou um retrato. – "Ói Lourde, essa aqui é Nossa Senhora da Vitória, tem mais de 100 anos. Tenha cuidado". – Entendeu? Era amicíssima de Alaíde.
Maria da Conceição: Ela teve, teve filho? Dona Alaíde?
Dona Deolinda: Não. Era moça-véia. Pra receber o Santo, tem que ser moça-véia.
Maria da Conceição: Mas adotou?
Dona Deolinda: Não.
Maria da Conceição: Adotou não, né?
Dona Deolinda: Não, nunca adotou ninguém, Alaíde. Agora, Lourde Arão que adotou Barbara. Aloxa.
Dona Deolinda: E mãe Bilina também, não tinha adotado ninguém não, né?
Dona Deolinda: Não. Também não.
Maria da Conceição: mas era madrinha de muita gente?
Dona Deolinda: Ave Maria, demais. Só via "Minha madinha Bilina, minha madinha Bilina". Tanto de santo, quanto normal. Ela tinha ói, mais de duzentos, afilhado. (risos) Era, em Socorro? Ave Maria. Muita gente, muita gente mesmo. Eu tinha até, um pouqinho da biografia dela. Procurei, procurei, de Alaíde... um pouquinho só.
Maria da Conceição: E Dona Lourdes, como é que era o jeito dela?
Dona Deolinda: Ah, uma pessoa muito, coisada né? Firme. De sim, sim. Não, não. Ela não era, de muito tá, com os dente aberto, entendeu?

Maria da Conceição: Hunrum.
Dona Deolinda: Quando ela gostava da pessoa, ela gostava. Quando ela não gostava, deixava lá. Entendeu?
Maria da Conceição: Entendi.
Dona Deolinda: Era uma pessoa muito boa. Gostava muito dela, muito, muito, muito. Muito, muito mesmo, Dona Lourde. Sempre ia pra lá. Passava o dia lá, dia de domingo, com ela. Entendeu? Às vezes dia de domingo, como era? Ia eu e Elizabete, eu passava na roupa dela e de Barbara e Elizabete passava nas roupa dos homem, sabe?
Maria da Conceição: Ferro, é?
Dona Deolinda: Ferro, é. Tinha que ter, como é? Tinha que passar naquelas roupas, nos avental.
Maria da Conceição: Ah, sim.
Dona Deolinda: Na roupa que ela vestia, quem passava era eu (Momento de Silêncio).
Maria da Conceição: E Dona Lourdes falava muito de Mãe Bilina?
Dona Deolinda: Não, fechada, entendeu? Era muito fechada. Todos os ensinamento que ela sabia, foi que ela vivia muito com Bilina, lá na casa de Bilina, sabe? Muito mesmo, sabe? A finada Lourde. Era uma pessoa boa, foi Alaíde que fez ela.

Fim da entrevista.

Entrevista com Maria Adelaide Ferreira Ribeiro Vieira
Filha de Mestre Oscar Ribeiro
No Museu de Artes Sacras de Laranjeiras, em 16/11/2022.

Maria da Conceição: Dona Adelaide a senhora permite que eu faça a gravação dessa nossa entrevista?
Dona Adelaide: Com certeza!
Maria da Conceição: Muito obrigada! Então, primeiramente assim, eu gostaria de perguntar a senhora, quem foi seu pai, mestre Oscar Ribeiro?
Dona Adelaide: Meu grande pai, mestre Oscar Ribeiro, foi assim, um carpinteiro, a primeira profissão dele na vida foi carpinteiro. Que era considerado em Laranjeiras um dos melhores carpinteiro. Era muito difícil ele ficar parado. Pra... sem ter emprego, porque ele era tão bom, que as pessoas faziam questão que ele fizesse o telhado da casa deles. E ele tinha uma coisa muito importante, que eu achava bonito mesmo. Ele não era aquele carpinteiro que passava uma semana pra poder fazer o seu telhado. Ele poderia ficar sem trabalhar, mas em três dias sua casa tava pronta. Ele sentia orgulho disso. E ele tinha muito amor ao que fazia. Ele também foi um grande corredor de atletismo. Eu só tenho uma foto dele, que está com a minha irmã, não está comigo, dele vestido para a corrida. Ele gostava muito de correr, de dançar o micareme de Laranjeiras, como balisa, e também gostava das rodas juninas. E a Chegança, era a felicidade dele. Ele saiu pra essa Chegança, como calafatinho, primeiro, pra depois passar a ser o grande mestre, o piloto da Chegança. Meu pai tinha muito amor a tudo o que ele fazia. Ele não se desgrudava de jeito nenhum. A felicidade dele era sair nessa Chegança. Ele ensaiava essa Chegança, na casa dos pais dele. A casa era tão pequena, mas enchia de felicidade. E das filhas, quem acompanhava ele para ir pra esses ensaio, era eu. Agora, quem mais imitava ele era a que já faleceu, Margarida. A que mais parecia com ele. Mas assim, ele era assim, impecável. Eu ainda não vi ninguém ter uma elegância tão grande para se apresentar igual ao meu pai. Eu tenho colegas que dizem bem assim, "a coisa mais linda que eu achava era ver seu pai passar pelas ruas, todo impecável". Ele parecia um general. Ele parecia uma pessoa da Marinha! Ele se empolgava, é... desfilando. Ele tinha muita vontade de sair na Chegança, ele chorou muito quando não conseguiu mais sair. E uma coisa linda, ele acompanhava as procissões de

Laranjeiras. Eu acho que não teve tanta gente em Laranjeiras que acompanhasse as procissões, todas as procissões. Se ele não pegasse em um andor, né? Não era ele. E na Semana Santa, o andor principal dele se chamava, Senhor dos Passos. Que eu tenho até aqui, ainda, no Museu de Arte Sacra, este santo era o amor dele. Ele sem guentar, já, quando ele começou a ter problemas nos joelhos, mas ele tinha que por obrigação, carregar o andor de Senhor dos Passos. Oscar Ribeiro era vida, Oscar Ribeiro era cultura, Oscar Ribeiro era um pai amoroso, Oscar Ribeiro passeava todos os domingos com as três filhas, que a gente chamava as três Maria. Maria Luiza, Margarida Maria e Maria Adelaide. A nossa mãe fazia as roupas, parecia que era trigêmeas, mas na verdade não era trigêmeas, cada uma com sua idade, mas ela costurava, uma ótima costureira, também por sinal, e fazia as roupas dos mesmos modelo. Agora cada uma a sua cor, verde, rosa e amarelo. E ele nos domingos, ela não gostava de sair, mas ele todos os domingos saia pra passear com a gente. Ele impecável, roupa gomada, que ele adorava estar arrumado. E saia com as três Marias. Então Oscar era vida. Oscar pra mim hoje, me deixou muito, gostando muito da cultura. Quem me dera ter menas idade (risos) e ter vivido mais, ter vivido não, querer viver mais pra contar a história dele. Tenho muita vontade de que alguém escrevesse sobre o meu pai, muita, muita mesmo. Eu poderia não saber contar tanta coisa, mas o pouco que eu sei, daria uma boa história (risos meus).

Maria da Conceição: Muito bom. Qual a importância do mestre Oscar pra cultura popular de Laranjeiras?

Dona Adelaide: A importância do meu pai era a maior, porque assim, uma coisa linda. Ele era tão importante na cultura de Laranjeiras, que quando ele imaginasse que ia chegar final do ano, e a Chegança não fosse sair, o que ele fazia? Ele pegava o livro de ouro, coisa que não se faz mais, tão fazendo hoje com o Micareme, mas ele saia de porta em porta, daqueles amigos maiores, pra colher, angariar verbas para fazer indumentária, que era muito difícil ganhar indumentária naquela época, de prefeitura. Hoje se ganha, e eu acho que não dão valor. Talvez se desse valor, se essas roupas que ganhasse, pudesse até passar mais de um ano, dois anos. Eu sei que aperta, que é... não dá pra esse, mas dá pra aquele. Mas ele confeccionava as roupas, pedia dinheiro, e pagava costureiras e tudo a fim da Chegança sair. Infelizmente esse livro de ouro nós não temos. Mas muitas assinaturas, pessoas que dava o que pudesse, mas ele botava. E botava a Chegança na rua, com a maior importância. Porque ele inspirava cultura. E outra, é dos folclores mais difíceis de serem montado. Porque hoje existe Chegança, mas ainda ela não tá, não mostra realmente aquelas partes principais, e ele fazia. O louvor à Nossa Senhora do Rosário, a chegada no porto. Pelas ruas da cidade, a reverência na casa das pessoas que o chamavam, ele nunca dizia um não. E aí foi quando ele criou uma nova farda. Essa nova farda que hoje é azul, foi criada por ele.

Maria da Conceição: Hunrum. Antes era qual cor?

Dona Adelaide: Branca. Continua sendo a principal, branca. Só que assim, quando a Chegança saia pelas ruas da cidade, eles entrava em muitas casas, branco suja muito. Então ele criou a azul pra sair de manhã, e à tarde, ou então nas parte, nas festas principais, sair com a branca. Mas primeiro usava azul e de tarde eles estavam impecáveis para louvar Nossa Senhora, pra sair na procissão, pra depois se apresentarem na porta da Igreja da Matriz. Não precisava de palco. O palco era o chão da porta da matriz. E as pessoas ficavam nas escadas assistindo o combate que é uma das partes mais importantes da Chegança.

Maria da Conceição: Esse combate ele é realizado no dia de Reis, né? À tarde?

Dona Adelaide: À tarde, após a procissão. Mas quando a Chegança se apresenta em outras procissões de Bom Jesus de Navegante, também acontece de vir parar na porta da igreja da matriz. E eles se apresentavam. Toda vez que a Chegança saia, que era convidado pra algum lugar, ele fazia o combate. Porque no combate, é onde você mostra o que é a Chegança. Que era a briga entre os mouros e os cristãos. Então, quando ele dizia assim "tá na época de sair a Chegança", e outra, ele era tão apaixonado, que a Chegança ensaiava todos os domingos do

mês de novembro, outubro pra novembro ele ensaiava. E tinha o ensaio geral, no dia 1º de janeiro à noite.
Maria da Conceição: Hum!
Dona Adelaide: E tinha uma coisa muito importante, ele não saia sem buscar as taieira. Pra ele era primordial era que a Taieira saísse, mulher, na frente. Ele sempre protegia, a mulher. Que a Taieira só tem praticamente um homem, que é o menino que toca, né?
Maria da Conceição: Sim.
Dona Adelaide: Eles saiam pelas ruas e iam buscar a Taieira onde hoje é o terreiro de Umbelina. Que hoje é Barbara. Bilina, Lourdes, Barbara, né? As três gerações. Ele ia buscar, até no ensaio. Dia 31de janeiro. 1º não, 31 de janeiro (Interrupção, pois uma funcionária do museu chegou para tratar de assuntos administrativos).
Maria da Conceição: A senhora tava falando que ele ia buscar as taieiras até mesmo no ensaio.
Dona Adelaide: Ensaiava na casa dos pais dele. Essa casa existe o local, mas não é mais. É outra casa. Derrubaram, entendeu? Derrubaram e fizeram. Teve que ser vendida. Coisa de herança. Nós precisamos, vendemos e a pessoa que comprou, fez outro modelo de casa. Mas era uma casa tão interessante. Mas que ele conseguia, ali dentro, ensaiar. Porque a Chegança, tem muitos componentes. Era quase 36, quase 40 componentes.
Maria da Conceição: Com ele?
Dona Adelaide: Com ele. Entendeu? Então, ele ensaiava lá todo domingo de tarde, e eu sempre acompanhava, sempre acompanhava... A Chegança era convidada pra Maruim, pra Riachuelo, pra Itabaiana. A Chegança não ficava reduzida em Laranjeiras. Como hoje, elas vão pros lugares.
Maria da Conceição: Ele ia pra Aracaju?
Dona Adelaide: Ia pra Aracaju, ia pra Aracaju, sim. Se apresentava em Aracaju. Ele ainda conseguiu se apresentar, eu lembro ainda que ele se apresentou na orla (risos meus). Ele se apresentou na Orla. Ele se apresentou em vários lugares. Ele era muito convidado. E ele era assim, muito correto, muito correto. O que eu achava bonito era a obediência, que os componentes tinham com ele. Ele tinha assim, um certo domínio. Entendeu? Que sei lá, todo mundo não perdia um ensaio. Nem nada. Não perdia ensaio. Hoje Chegança é até mudada. Porque as roupas dos mouros não é como hoje. Não sei quem mudou, mas mudaram. A roupa que, a única roupa certa, que hoje a Chegança tem, pelo menos a Chegança de Laranjeiras é a roupa das rainhas, que eram vestidos, só são três mulheres. E o rei principal. Mas os mouros, não era roupa não capas, não. Era totalmente diferente. Eu tenho a prova (risos).
Maria da Conceição: as fotos, né?
Dona Adelaide: As fotos, eu tenho as fotos. Entendeu? Aí depois foi mudando, mudando, mudando, entendeu? Pra gente identificar quem é o rei, todos de capa, qualquer um poderia ser. Aí mudaram, não sei bem em que ano foi mudado. Eu sei que no mesmo ano que ele fez a roupa azul, tem muito tempo. Porque quando era de tarde eles tavam muito sujo. Em tudo que tocava, passava a mão, o branco você sabe, basta um instantinho vestir, né?
Maria da Conceição: É, suja.
Dona Adelaide: Aí quando era na hora da procissão, eles estavam lindos. Aquele alvo... e outra, roupas bem-feitas, roupas impecáveis. Ele tinha uma senhora, eu tenho as três coroas, você acredita, da época dele. (risos meus) Eu tenho na minha casa. Eu vou apresentar lá, as três coroas, que foi feita por Dona Isauda, só ela. Eu aprendi a cortar, mas assim, eu não sei que papelão é aquele que as coroas é dura. E elas estão como, você vai usar hoje. E eu guardo bem guardadazinha. Eu tinha vários quepes dele, que ele fazia um quepe novo todo ano.
Maria da Conceição: Todo ano tinha que fazer um quepe novo?
Dona Adelaide: A roupa branca, e o quepe era todo ano. Infelizmente eu só tenho dele a roupa azul. Porque eu emprestei a uma pessoa. A pessoa emprestou pra Aracaju e a roupa sumiu... Ele (mestre Oscar) tocava cabaça com Bilina.

Maria da Conceição: tocava cabaça lá no...
Dona Adelaide: Não como membro da entidade. Ele nunca quis ser. E segundo, diz que precisa se manifestar, eu não entendo muito dessa parte. Diz que tem que ter um santo, que pega, né? Ele sempre viveu lá, mas nunca aconteceu. Ele ia de camisa de manga cumprida branca e calça normal. Aí pegava a cabaça, pra tocar. Eu já peguei também. Eu já peguei, eu já fui pra ela me dar passes, entendeu? Dona Lourde, com Barbara. Entendeu? A amizade dele com Umbelina, era uma amizade muito bonita. Ele não tinha uma vez, que o nagô não tivesse, era o nagô e a Taieira. Eles criaram um vínculo irmão.
Maria da Conceição: Irmãos, eles tinham a proximidade de irmãos, Mestre Oscar e...
Dona Adelaide: E Umbelina. E depois passou para é... Dona Lourdes. É tanto que aqui ói com Umbelina eu não consegui, mas essa foto é com Lourdes. Entendeu? É uma fotozinha que eu tenho aqui pequenininha...
Maria da Conceição: Mestre Oscar falava sobre Mãe Bilina?
Dona Adelaide: Falava, assim...
Maria da Conceição: O que é que ele dizia sobre ela, que a senhora lembra?
Dona Adelaide: Eu sei que às vezes ele dizia assim – "Mas Bilina, tem um jeito de dançar, que vai ser difícil alguém imitar". – Mas era mesmo, Dona Lourde, é... pra mim, Dona Lourde, mostrou um pouco, que imitou ela... Mas não chegou aos pés. Umbelina dançava muito lindo. Eu às vezes ia mais ele, mas assim...
Maria da Conceição: Dançava onde, na taieira? É lá no nagô?
Dona Adelaide: Ela saia nos dois. Ela saia na Taieira e saia no nagô. O nagô era na porta. Não era ali dentro, não. Por isso que diz que não pode nem calçar aquela rua. A parte do pedaço, que é tombado. Só que assim, se é tombado, porque não continuou ali na frente? Agora ficou mais seguro lá. Ficou mais seguro onde é hoje. Entendeu?

Fim da entrevista.

Anexo 10 – Tabela com indicações de obras audiovisuais sobre Laranjeiras, os afro-laranjeirenses e Umbelina Araujo.

Indicações de Obras Audiovisuais		
Nome	**Direção**	**Disponível em:**
Uma Lufada de Ar Fresco: a antropologia de Beatriz Góis Dantas (2019).	Maria Laura Cavalcanti/ UFRJ	Indisponível.
A Taieira (1973)	Beatriz Góis Dantas/UFS	https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1snNB9phMPQNtBWX0YMHIoWnGJULeXo0f . Acessado em 10/02/2023.
Terreiro de Bilina (1973)	Beatriz Góis Dantas/UFS	https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1snNB9phMPQNtBWX0YMHIoWnGJULeXo0f. Acessado em 10/02/2023.
Brasil Legal – Laranjeiras (1997)	Tv Globo	https://www.youtube.com/watch?v=DcxLO6oHGLA&t=42s. Acessado em 10/02/2023.
Lambe Sujo, uma ópera dos quilombos (2004)	Gabriela Greeb, Mariana Monteiro e Paulo Dias/Homemade Filmes e Associação Cultural Cachuêra.	

Anexo 11 – Carta para Mãe Bilina. Acervo próprio.
"Mãe Bilina" [191]

Querida Mãe Bilina, essa é uma carta de pedido de licença. Te conheci aos 20 anos, quando conheci também a sua cidade, a cidade de Laranjeiras. Por meio da escrita dela, te nos encontramos. Nós sabemos que somente nós podemos guardar a memória do nossos. Te escrevo, te pedindo licença, minha mãe. Somos nascidas no dia do vento, somos nascidas do vento. Filhas da tempestade. Quero gravar o seu nome para sempre no coração da História de Sergipe. Sua benção, minha mãe. Sua benção da terra de Aruanda, do Orun.

Vou escrever sobre ti, dá-me a tua luz, minha mãe. Quero, que a senhora apareça. Ilumina-me. Sou tua descendente? Se sim, sou a tua vitória. Qual o seu passado? Me conte. Luta comigo, me ajude a vencer.

Te vi dizer que os búzios lá na África eram dinheiro... mas não é por dinheiro. É por uma memória positiva da África. É por uma forma de se amar, na luta pela vida dos mais velhos, pela manutenção de si mesmo. Henrique, Herculano, Isméria. Malungos. Cangaleixo, Cacimba, Tramandaí. Vovó Birunqué. Uma vez Obaluiaê apareceu em seus sonhos e te ensinou a curar Laranjeiras. A senhora é a cuidadora de Laranjeiras. Nenhum dos nossos pode ser esquecido.

Te amo.

De algum lugar na diáspora africana, Conceição.

[191] Escrita em 28/06/2021.